

2  
1973

GUILHERMINA DE AZEREDO

# O MATO



editora pax  
braga

*Opiniões da crítica sobre livros  
do Autor:*

É decididamente a revelação  
de uma verdadeira vocação lite-  
rária a que esta senhora nos dá  
com este seu livro tirado da rea-  
lidade observada. Tem incontes-  
tável valor.

De «O Diabo»

Como narradora Guilhermina  
de Azeredo faz reportagem e obra  
de arte. Nasceu, assim, a escri-  
tora, cheia de recursos, prenden-  
do, encantando, deleitando o leitor.

ANTONIO CRUZ  
do «Diário de Coimbra»

No género não conheço nada  
de melhor. É que feitiços é real-  
mente uma jóia literária, um es-  
tudo psicológico da alma do negro,  
recortado no mais fino cristal da  
observação do europeu culto.

MARIA ARCHER  
*Diário da Tarde* - Luanda

O caso de Guilhermina de Aze-  
redo que consagrou um livro de  
contos exclusivamente à vida,  
costumes, e à alma dos negros,  
é, seção único, muito raro em  
Portugal. É uma obra excepcio-



- LIBRIS

8  
B 15166

40 - 10.000 ex. - 9-954

455-  
Coleção Metrópole e Ultramar

75

B 15166

O MATO

COU 869.0-3 Agenc. +

A ANA DE CASTRO OSÓRIO,

*alma profundamente humana, que me estendeu as mãos e me encorajou com vivo interesse. Se consegui dominar o desânimo e a dúvida, a ela o devo em primeiro lugar: ao seu altruísmo, à sua bondade cheia de compreensão e às suas palavras de incitamento.*

*Ontem como hoje, sinto a presença dessa grande e inesquecível amiga.*

*E foi ainda para cumprir a jura feita, enquanto viva, que «Feitiços» apareceu, depois «Branços e Negros» e, agora, «O Mato».*

A JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA,

*que de sua mãe herdara o espírito.*



*É no após-guerra — da Grande Guerra — que «O Mato» se situa, década marcante e agitada de arranque nacional ultramarino.*

*Angola, terra vulcânica, mas de um vulcanismo activo, engrandeceu-se e alindou-se de lés a lés, tomando novos rumos.*

*No seu mar de milho, não ergueu ilhas fantásticas ao alto para, de repente, as fazer mergulhar em fundos abismais?*

*E, com o desequilíbrio financeiro, veio a inflação. Pelo que custava hoje dez pediam amanhã vinte ou quarenta. Um mundo de ideias novas, convulsas, noutro, parado, renitente e velho! Daí choques tremendos ...*

*Nos sobados, também sopravam ventos contrários. Ninguém queria ser escravo ...*

*Este entrecho é, pois, um conjunto de realidades e ficção. Mas não procurem personalizar. Não é, de forma alguma, autobiografia.*

*Certo que nas figuras que pomos a andar, agir e falar, alguma coisa de nós próprios existe. E porque não?*

*Enfronhámo-nos primeiro nas personagens; sentimos, sofremos e rimos com elas ... Por fim, apresentámo-las com o desejo de dar ao leitor a sensação de vida vivida.*

*Era o que desejava Ana de Castro Osório.*

*Tê-lo-ei conseguido?*



Noite ainda, como os gritos de socorro continuassem cada vez mais aflitivos, Constantino saltou abaixo do catre, pegou na espingarda e abriu de repelão a porta da cubata.

— Rais parta a vida! Para onde se sumiriam os guardas? Ei! Capusso! ... Eh! Catumbela! ...

O catarro engasgou-o. Parou uns momentos encostado à ombreira tosca de paus. Depois, sempre de ouvido à escuta, as suas pupilas buscaram os dois guardas perto da fogueira, no alpendre. Mas nem viva alma se enxergava; só aquela luz, ora cintilante ora sumida como os olhos dos chacaís, atravessava o denso cacimbo.

— Corja de malandros! Deixai estar ...

Então, impaciente com a fúria dos cães e aquele «aiué» desesperado que vinha da horta, ergueu a «mauser» ao nível do rosto e disparou mato dentro ...

— Tomai lá disto!

Seguiu-se um silêncio pesado e profundo.

— Dão comigo em doido estes patifes! E logo havia de ser hoje que o patrão veio de baixo, da cidade! Nem de propósito!

Estava mesmo danado! ...

As apalpadelas, acendeu um coto e vestiu-se à pressa para logo desaparecer no escuro, batendo as solas cardadas terreiro em fora.

— Que tal o taró, hein? É de cortar, safal!

De cá para lá, ia e vinha como um autómató, curvado, as mãos nos bolsos ou cuspinhando para a direita e para a esquerda a cada praguejo mais violento. Parecia um fantasma com aquele seu chapéu de aba larga enterrado até às orelhas e o capote alentejano, negro como piche, abrindo as asas ao vento ...

Quanto mais andava mais a sua fúria subia de grau, fazendo-lhe dar berros e rilhar os dentes sem querer.

Seria daquele ventinho do Calaari?

Soprava-lhe pelos olhos, pelas ventas e pelas canelas e ainda por cima a humidade peganhenta se entranhava nele até à medula dos ossos.

— Quê rai! Quê rai!

No seu destempero, fervia de indignação contra os outros empregados e voltou à cabana.

A vela bruxuleava em cima do caixote que servia de mesinha de cabeceira e as mantas convidavam-no, mas nem viu. Entalou as calças nos canos das botas, acendeu novo cigarro e, soprando a chama, tornou a sair.

— Diabos levem esta vida! Pode-se matar à vontade nestes cerros que ninguém acode. Boa gente, sim senhor! Boa gente!

Tinha ganas de os esmurrar a todos e pôs-se a gritar pelo Águas, empreiteiro das obras, e por Manuel Capataz. Em seguida, deu um pontapé na porta do Lopes, seu subordinado.

— Grandes safardanas! Vocês não ouvem esta algazarra? Câ diabo! Saltem cá para fora, andem! Todos temos obrigação!

— Lá vamos! Lá vamos!! ...

— Bolas! Já cá deviam estar há muito!

A algazarra, naquele momento, era ele só que a fazia toda com os seus berros aflautados em contínuos impropérios, porque os tiros tinham tido o condão de aquietar homens e bichos. Só os valentes cães alentejanos, cansados de tanto latir, tropeavam já de volta sobre a estrada do governo.

— Não querem lá ver? Faço-os sair da toca num instante!

Foi direito ao carril, um bocado de aço pendurado numa arvoreta ao lado da cerca, e contra ele, de martelo em punho, atirou toda a sua bília.

— Se não fosse eu ... desgraçado do patrão! Ficava sem camisa ...

Entretanto, do nascente batiam os primeiros assomos de luz sobre as baixas do Cunhungâmua e do seu afluente, o Curimahala.

Espessa névoa cobria a perder de vista não só as águas dos dois rios como também os vales com suas lagoas e pantanais.

Eram fantásticos aqueles cosmos! Pareciam parados, mas latentes, à espera de forças sobre-humanas que deles tirassem novos mundos cheios de vida.

Fora dessa luminosidade no horizonte e da esteira clara e leitosa a cobrir as depressões, tudo era negrume com protuberâncias a sul e sueste.

Que lhe importava a ele, Constantino, a grandiosidade daquela bacia hidrográfica?

Tinha dentro da alma um frenesim diabólico.

Trabalho e mais trabalho! Só trabalho!

Podia lá apreciar o alvor daquela manhã tão diferente do nascer do dia na Metrópole!

Nem tão-pouco a paisagem lhe interessava ... E no entanto, a serra do Sumi, encrespada até ao cimo e maciça, era imponente, logo seguida de perto pelos dois morros do Catenguenha

erguidos mais a norte como dois selos túmidos quase estrangulados pela floresta.

Naquele momento, os seus olhos perfuravam a meia-treva como os do lince, no intuito de lobrigar homem ou animal em movimento ...

— Qual quê! Nem sombra! ... — disse alto cheio de raiva. É tudo mato! Mato! <sup>1</sup> Só mato! <sup>2</sup> Sempre mato!

E no meio dele, os colmos, acachapados em volta do vasto terreiro, pareciam-lhe cogumelos monstruosos.

Mas o dia nos trópicos surge rapidamente e, passado pouco, o empregado-chefe pôde ver as casas e a cerca inundadas brandamente pela luz daquele fim de cacimbo.

O terreiro estava deserto àquela hora. Pareceu-lhe muito maior, talvez até demasiado grande, com o carro boer <sup>3</sup> e as carroças alinhadas à frente da oficina, já de correntes esticadas, prontas a receberem as espanes <sup>4</sup>.

O terreiro!!!

Era um reduto imprescindível, à beira da estrada e da água, e estendia-se num rectângulo alongado onde tudo se recolhia, guardava, consertava e resolvia a bem ou a mal. Os animais patinhavam-no diàriamente e o sol endurecia-o, tornando-o de tal maneira careca que só as chuvas grandes conseguiam romper-lhe a crusta. E mesmo assim, passada meia hora, transformava-se numa eira.

A loja, com dois quartos para empregados, ainda em esqueleto, e o improvisado silo de paredes achiqueladas e telhados de zinco pintados a zarcão, cercavam-no por um lado; à direita, ficavam as oficinas, cabaneiros e alpendres; em frente, currais e armazéns e fechava-o de topo a residên-

<sup>1</sup> Mato — interior de Angola.

<sup>2</sup> mato — vegetação da selva.

<sup>3</sup> Carro boer — carro usado antigamente pelos Boeres.

<sup>4</sup> Espanes — juntas de bois.

cia provisória, isolada das outras construções por grandes espaços vazios.

Só as sanzalas, a uns 20 ou 30 metros de distância, na lombeira a caminho do riacho — o Sanhanha — faziam vida à parte, espalhando-se em grupos conforme as raças e as categorias.

Era aquilo a Fazenda!

Cubatas <sup>5</sup>, a cerca, pau-a-pique, colmo e terra barrenta!... Um pequeno mundo encrustado noutro mundo imenso — a selva!

Constantino abarcou num relance esse núcleo humano ainda meio adormecido e, de relógio em punho, começou a dar o segundo toque em repeniques autoritários.

— Até que enfim!

Nas sanzalas lavrava grosso burburinho.

— Que malandrage! — gritava Manuel Capataz, já de cajado em punho, sacudindo o capim das coberturas para fazer sair das tocas os mais calaceiros.

— Saltai cá pr'a fora, pr'ó serviço! Andem! Já tocou duas vezes!

Alguns escapuliam-se, rastejando, outros voltavam atrás à procura da ração, das bicuatas <sup>6</sup> e do tabaco.

— Grandes cães!

— «Acá!» E que és tu, Capataz? O cão do branco!

E logo outro muito diplomata ergueu a voz para que só Manuel se aquietasse.

— Ele tem razão. Siríviço estar pirderi ... hómi!

E como o capataz corresse atrás do atrevido:

— Deixa lá êli! É brincadeira!

<sup>5</sup> Cubatas — casas de um só compartimento a pau-a-pique.

<sup>6</sup> Bicuatas — utensílios caseiros.

— Hás-de pagar-mas, patife! Hás-de pagar-mas!

Entretanto, a fazenda acordava numa actividade febril. Misturavam-se mugidos de vacas aos assoblos e gritos do pessoal; alguns serviçais, injuriando a sorte na escolha dos sêculos<sup>7</sup>, desciam pela encosta directamente dos quimbos<sup>8</sup>; outros largavam a sanzala em correria doida para não chegarem tarde. Porém, o primeiro a entrar na cerca foi Manuel Capataz.

— Sô cum passou? — disse achegando-se todo risonho. São horas, hein?

Parou a dois metros do branco, lançando à frente o enorme cajado. Depois, pôs-se a rir e a baloiçar o corpo de gigante sobre as pernas escanchadas. Seguiu os movimentos do empreiteiro Águas e de Lopes — o branco novo — que tiravam a ferramenta do armazém e dispunham as enxadas, pás e picaretas em semi-círculo.

— Lá anda o carga-de-ossos! Já viu, Sô Constantino? Sô Lópi não lava a cara! Eli é mesmo chimbundo! Ora veja! Veja mesmo! E o patrão deu-lhe um fato novo! ...

Riu-se a bom rir, todo ele gingador nas calças afuniladas de ganga.

O empregado, porém, não arranchou apesar de ter certo ciúme do companheiro. Estava de má catadura e franziu a testa.

— São horas! Forma!

Depois, virou costas.

Pouco a pouco, duas fileiras de homens estenderam-se à sua frente. Dum lado os serviçais, do outro os artífices.

Manuel Capataz começou a distribuir palmadas a torto e a direito.

<sup>7</sup> *Sêculo* — velho chefe de família.

<sup>8</sup> *Quimbo* — aldeia nativa do Mato.

— Que é lá isso?

— Vá! Vá! Toca! ... Toca! ... É entrar no forma! No forma, hómi!

Mas primeiro que se acomodassem, levou tempo.

A indumentária, de simples tangas<sup>9</sup> e camisa ou peles nas costas, pouco os resguardava. Batiam os pés com força para sacudir o frio.

Por fim o 3.º toque, a chamar os relapsos, aquietou-os e a voz do empreiteiro ergueu-se chamando pelos nomes.

— Canivete?

— Poronto!

— Sacachiranda?

— Poronto!

Nesse mesmo instante, Dr. Paulo de Brito apareceu à porta do quarto.

— O patrão!

Brancos e pretos correram a cumprimentá-lo e os da forma bateram palmas.

— Bom dia, Senhor Doutor!

— Bô dia! Bô dia!

— Bom dia a todos — respondeu o Doutor bem disposto.

Riu-se da cara de lua-cheia de Manuel, que continuava a fazer vénias fundas a distância.

— Olá, meu rapaz! Tu não dizes nada mal da terra, não senhor!

Em seguida, virando-se para Constantino e Lopes, perguntou:

— E vocês, desde ontem? Que me dizem dos serviços cá pela Fazenda? Famosos, ahn?

<sup>9</sup> *Tanga* — pano até aos joelhos que envolve as ancas dos pretos e que estes seguram com um cinto.

— Assim-assim, Senhor Doutor! — Assim-assim! Tudo muito devagar ... mesmo muito devagar ...

— Devagar se vai ao longe! ...

— Pois é, mas ...

E após silêncio embaraçoso:

— V. Ex.<sup>a</sup> dormiu bem? A Senhora mais a Menina?

— Menos mal! Menos mal! Vamos indo!

Manuel, do lado, acrescentou ainda referindo-se às senhoras e aos trabalhos:

— É o que se quer! É o que se quer!! Vai indo pouco no pouco!

Depois, às voltas com o boné, como se ele tivesse culpa da sua atrapalhão:

— E o patrão a rir-se! Isto do gordo ser do bom vento. Bom vento, mesmo. Patrão não acredita? Eh! Eh! Eh! Pois se me dá licença ...

E afastou-se num cascalhar de riso feliz.

Também os chefes de oficina e pedreiros moçamedes acudiram pressurosos: o Miguel, Catongo, Mestre Henrique ... Todos eles queriam saber se o «Doutoro» chegara de boa saúde e se as senhoras também tinham vindo.

Henrique arvorou-se logo em chefe e botou fala. Era muito habilidoso, falando o português com desembaraço. Ninguém o suplantava a fazer ladrilhos de cimento. Bom «messena», mesmo!

Expôs a sua ideia. A obra avançava a olhos vistos e, se o patrão desse licença ... quando o telhado estivesse lançado, haviam de embandeirar ...

Pediú vinho e conhaque para o ramo.

— Se ainda se não vê nada! — exclamou Dr. Brito com espanto, esboçando um gesto vago ao afirmar-se na encosta.

A chamada, porém, seguia agora mais emperrada do que nunca, arrastando-se penosamente através de nomes arrevesados e do «poronto» das respostas.

Alguns esqueciam-se daquele que tinham dado para a «carta» de serviço, outros estavam doentes e eram os companheiros que respondiam com um «òlunte» frouxo e arrasado. Havia também os que fugiam, os mangonheiros e vadios correndo pelos quimbos «à lebre» ...

— Faltarem assim e com tanto que fazer ao mesmo tempo! — disse Constantino mais alto para que Dr. Brito ouvisse.

Seguiu-se a distribuição dos homens. Quinze para as obras, dez para os carros e seis às zorras. Depois os pastores, pessoal das charruas, ajudantes de carpinteiro, ferreiro e tijoleiro ...

A fila diminuía assustadoramente.

— Ouviu, Constantino! — gritou mestre Águas. Mais quatro para as obras! São três à pedra e um ao barro. Senão ... os pedreiros param.

— Vê, Senhor Doutor? Vê? É sempre o mesmo!

Constantino amarrou as mãos na cabeça.

— Não sabia pedir antes? Talvez arranjasse melhor as coisas ... Assim ... Mais quatro homens! E onde os vou eu buscar, não me diz? Será melhor levá-los todos!

— Ó homem, que me dizes! Sem pessoal nan faço tijolo<sup>10</sup> e quem perde é o patrão! ...

Cumprimentou o Dr. ainda com as folhas na mão, mas Constantino tinha os olhos esbugalhados e avançou de novo.

— Isto não pode continuar assim ... — exclamou — Dou em doido com este homem. As obras levam tudo. Sem V. Ex.<sup>a</sup> acabar com esta malandrage, não se faz nada. Pois como quer o patrão que vá desbravar mato sem gente?

Ficou-se a olhar a floresta que o obcecava, ali tão perquinho das casas ...

— Até parece mal e é vergonha ... Uma fazenda com tão pouca terra cavada! Ainda agora, são só as baixas, mas, em

<sup>10</sup> Mangonha — preguiça; não fazer tijolo — não fazer nada.



vindo as chuvas, teremos de atacar os altos com força. Se o patrão me desse cem homens! Em pouco tempo, apresentava-lhe cem hectares destroncados!

Era a sua mania. Homens, homens, muitos homens!

Nesse instante, porém, Dr. Brito percorria a paisagem com o binóculo. Levou tempo a responder. Depois, já um tanto agastado com a lenga-lenga, exclamou:

— Sempre você tem uma cantiga! Então e as máquinas? Para que servem as máquinas, não me diz? É pôr tudo a mexer!

As máquinas! As máquinas! Havia lá nada como o braço humano! Essa era a verdadeira, a única máquina, a mais perfeita máquina!

E quem arrancaria o ungote?<sup>11</sup> Derrubaria nochas<sup>12</sup>, sambas e paus-ferro?

As charruas? Os semeadores? As grades de disco?

Uma beleza!

De resto, não se entendia com tanto farrancho. Nos livros e nas revistas que o Doutor lia é que ficavam bem. Na prática, era aquilo mesmo: o braço do homem. Máquinas?! ... Sempre tudo escangalhado; quebra peça, compõe peça, tira peça, coloca peça ...

Dessem-lhes homens! Dessem-lhe homens valentes!

E atirando cheio de entusiasmo:

— Senhor Doutor, é cá por coisas, mas V. Ex.<sup>a</sup> verá. Temos de inundar Benguela com feijão e batata! Fica aí tudo arrasado! Tudo arrasado!

<sup>11</sup> *Ungote* — caules subterrâneos muito grossos, que apresentam à superfície vegetação rasteira.

<sup>12</sup> *Nochas, sambas, paus-ferro* — árvores do mato.

Enquanto Dr. Brito foi tomar uns goles de café, Constantino deu volta aos animais.

Ouvia-se a sua voz de trovão, dando ordens sobre ordens e sobrepondo-se ao coínchar irritante dos porcos e balidos das ovelhas.

Na residência reinava paz ...

Era uma cabana de pau-a-pique, com dois quartos pequenos de chão batido a bosta de boi, ao uso boer, e coberta a capim.

Num dos compartimentos, dormira o Doutor e sua mulher; no outro, comeriam e receberiam as raras visitas de passagem para Caconda e Huíla ou, vindas de lá e torneando a serra do Sumi, a caminho da Caála e do Huambo. A menina dormira num torreão forrado de caniços, restos do acampamento da estrada, pomposamente intitulado o chalé.

Tudo tosco e primitivo; até os painéis gentílicos, à frente da casa, cheios de cravos vermelhos muito grandes e uma lata de gasolina cortada pelo meio e carregadinha de manjericos.

Havia também, por trás da moradia, um chingue<sup>1</sup> amplo onde reinava Mestre João cozinheiro, servindo café a toda a hora. Fumegava pelo cocuruto em rolos brancos, o que açu-

<sup>1</sup> *Chingue* — habitação feita de paus forquilhados ao alto e varas para segurar o capim da cobertura.

lava o apetite, e mestre João, naquele momento, de saco em punho, coava a deliciosa bebida ao ar livre para os ternos alinhados sobre a mesa ripada do acampamento, fazendo acenos sobre acenos aos empregados.

Meia hora mais tarde, Constantino apareceu à entrada da porta com o chapéu na mão e um raminho verde na orelha.

— Espero por V. Ex.<sup>a</sup> lá no campo ...

— Não, não! Mande chamar os pastores! Quero ver os animais e mostrá-los às senhoras. Está tudo a postos?

— Tudo a postos, Senhor Doutor!

Encaminharam-se para fora e, abertos os currais, foi um fervilhar doido pelo terreiro.

Saíram à frente as 10 ovelhas mondobes, enormes e com rabos monstruosos.

Fora um capricho do Dr. Brito, que as descobrira nas terras quentes do Coporolo.

Seguiram-se, depois, só três quartos de sangue, cordeiros quase puros, brancos e fofos como um tapetinho movediço. Os surrobecos e gentios de pêlo cabrum ficaram para trás a lamber os gamelões do sal e, finalmente, surgiu o sementão agigantado, vindo do Cabo à conta de boas libras. Apresentava velo longo e sedoso, chifres retorcidos e focinho negro afilado.

O Doutor, que seguia o pequeno rebanho com olhos de dono, logo se mostrou indignado.

— Então que é isto, Constantino? Você não vê nada? As melhores reses carregadas de sarna e cobertas de carraças!!

Quando chegou a vez dos porcos, irritou-se a valer.

— Não está certo, não senhor! Que faz então aqui? Valha-o Deus! Não sabia dizer? Como os pobres animais andam tratados! Parecem cabalísticos! E gasto eu tanto dinheiro!

Constantino estava positivamente em maré de má sorte.

Ante a justa indignação do dono, calava-se. Não cabia no seu espírito, um pouco tacanho, a vantagem de tanta boca a comer.

— V. Ex.<sup>a</sup> tem toda a razão ... Mas também as criações se não sustentam de ar e vento e os nativos, agora, pouco trazem e pouco vendem por causa da seca. Que é feito das abóboras a troco de sal e das puas<sup>2</sup> de milho a pataco? Foi tempo, Senhor Doutor! Foi tempo! E quanto a carraças ... eu lhe digo ...

Parou com as mãos nos bolsos e olhos arregalados.

— Outro dia dei uma volta ... Torneei os morros do Caten-guenha a ver se podia trazer água à farta para as casas novas e vim de lá carregadinho delas! Cheguei a contar até quatrocentas na aba do casaco ... Desisti aterrado e meti-me numa tina de água com «cooper» ... Quatrocentas, Senhor Doutor! Quatrocentas contadas com estes que a terra há-de comer! Seria preciso dar banho às ovelhas todos os dias!

— Pois que se lhes dê banho, homem!

— E valerá a pena, com o preço da droga?

Dr. Brito não respondeu e, momentos depois, Constantino continuou, insistindo:

— Para que deseja V. Ex.<sup>a</sup> tanto bicho? Os carneiros mondobes não se dão lá muito bem nestas paragens frias e de pastos pobrinhos e os porcos querem bom trato e boas instalações. Com pocilgas más, que leitoadas se podem esperar? Não é? E ainda havemos de ver que tudo quanto plantarmos na fazenda há-de ser pouco para os manter.

— Lérias! — interrompeu o Doutor já irritado. — Lérias! Dessas cantatas ouço eu muitas. O que é preciso, são obras!

Constantino continuou a insistir, fingindo não entender as recriminações:

— A terra é que dá, Senhor Doutor! Essa sim! Cem ou duzentos hectares produzirão o bastante para se acabarem todas as aflições ...

---

<sup>2</sup> Pua — lata grande, onde vinha acondicionado o petróleo. Levava uma arroba de milho.

A atenção de Dr. Brito foi depois atraída por Cambilhete, carreiro do carro boer, que amarrava estropos nas nove cangas e distribuía piarças<sup>3</sup> pelo frente<sup>4</sup> e pelo brique<sup>5</sup> em altos berros, enquanto o velho ferreiro passava a revista diária aos carros para que não surgissem percalços nas viagens.

— Toma bem conta nas rodas, Cambilhete! Os raios estão fracos e as chapas pedem reforço!

O carreiro, sem responder, continuou a chamar pelos bois um a um e a engatá-los.

— Eu sábi do carro! — disse entre dentes. Num pricisa você ensiná eu!

E, mesmo de cara para o velho, cuspinhou no chão e esfregou as sandálias por cima, o que era uma grande ofensa.

— Sabes tudo, mas toma conta! — disse Dr. Brito, ao aproximar-se a cortar. Quero muito respeito dentro da fazenda, ouviste? Nada de abusos!

Era um Muhumbe avantajado e orgulhoso, que todos temiam ...

\*

Entretanto, as senhoras surgiram do lado das cabanas e foi um alívio para os empregados.

Helena vinha à frente, toda risonha e esbelta no seu casaco comprido de malha escarlata. Tinha as tranças enroladas à moda alemã, sem artifícios, e toda ela respirava alegria.

D. Maria formava vivo contraste com a enteada. As suas pupilas acinzentadas vagueavam ao acaso. Era mais baixa e loira, muito branca, ao passo que Lena tinha olhos negros profundos e a tez quente das meridionais.

<sup>3</sup> *Piarças* — cordas de couro torcidas e enebadas.

<sup>4</sup> *Frente* — rapaz que vai à frente dos bois.

<sup>5</sup> *Brique* — homem que maneja os travões.

— Ora vivam, suas dorminhocas! — exclamou Dr. Brito alegremente. Bem dispostas, não? E que me dizem a isto? Que me dizem?

— Ainda não vimos nada, pai! — ripostou Lena. Mas a disposição é ótima!

Ria-se às gargalhadas daquela primeira noite no Mato em que todos os ruídos se lhe tinham afigurado uivos de feras e a salalé, rilhando o caniçado, lembrava seres informes e rastejantes.

— Nem imaginam! ... Acendi a vela mais de vinte vezes. Então, quando ouvi gritos e dispararam um tiro, tive vontade de saltar cá fora com a minha francote ...

— Eia! O que aí vai, menina! ... O que aí vai!

— Teria sido uma aventurazita, pai! Constantino a vociferar ... escuridão ... tiros ... gritos ... Quer que lhe diga? Gosto disto a valer! Até se respira melhor aqui. Só este ar leve e fresco que nos enche os pulmões! Pois não achas, Maria? Antes a liberdade do Mato que o luxo da cidade. Mil vezes!

D. Maria ficou calada e a enteada, com o seu temperamento moço e entusiasta, continuou a fazer encómios à vida sertaneja.

— Cá por mim, se ficasse mais tempo no litoral, apodrecia de inércia. Ufa! Só aquele calor, os dias sempre iguais! Quando me levantava, já sabia de antemão que ia fazer precisamente o que tinha feito na véspera e o dia seguinte seria sempre igual; sempre a mesma monotonia pela frente!

— Ora! Ora! Lá por isso! ... E aqui que tens? — perguntou D. Maria. — Nada!

— Nada? Não, que o Mato é grande!

Apontou para o horizonte:

— Está tudo por explorar, tudo por fazer ... querida! Olhe, pai, sabe? Serei mais útil nestas terras ... E depois, a nossa vida terá outra finalidade. Criaremos qualquer coisa do nada ... Não é?

Calaram-se um momento, fixando o pequeno rebanho que se afastava.

— Eis a minha grande paixão, Lena! — respondeu Dr. Brito pausadamente. Tens razão. Tua mãe não quer compreender, mas a fazenda parece-me quase um filho.

— Oh! Pai! Lá isso! ... Protesto! Protesto enèrgicamente!

— Não te admires. Salvo as devidas proporções, o sentimento é o mesmo.

A voz fresca de Lena entoava pelo terreiro.

— Tanto não! Que ideia! Tanto não! — e enfiou o braço no de D. Maria, que se mantinha silenciosa.

— Mãezinha querida, não ajudas? Estou muito contente hoje, muito contente!

D. Maria olhou para ela espantada. Depois riu-se e encolheu os ombros.

— Haverá alguém que vos perceba? Anda tudo às avessas no mundo: o médico quer ser juiz, o advogado lavrador e o comerciante ...

— Oh! Esse contenta-se com o lucro — juntou Lena rindo.

D. Maria pareceu não gostar muito do aparte e continuou:

— Agora és tu, Lena, uma rapariga inteligente e viajada, que te deixas contaminar pela mesma obcecação? ... Aceitas o baixo nível de vida a que o Mato<sup>6</sup> obriga, com a alegria de quem entra num paraíso? ... Só de visionários! Pois não vês que daqui em diante teremos por todos os lados unicamente paus e pretos? É simplesmente horrível! ...

Lena não teve tempo para responder, pois o pai, um pouco afastado, chamou a atenção das senhoras para as vacas que vinham saindo, uma a uma, do estábulo.

— Isto sim! Já merece a pena ver-se! — exclamou Lena.

Alguns cruzamentos pareciam estampas; verdadeiros exemplares de exposição. E que úberes! Que ancas!

<sup>6</sup> Mato — ver pág. 16.

— Não vês como as hastes pequeninas da turina fazem contraste flagrante no meio dos chifres descomunais e pernas de cavalo das vacas do Genge? — perguntou Dr. Brito.

— Há também algumas quimbundas menos corpulentas — tornou ele — e as de pescoço de zebu como o touro que mandei vir da Hanha ... Aí estão elas!

— E aquela vitelinha com estrela branca na testa? — perguntou D. Maria. É a turina chapada!

— Foi bem bom o Sr. Leiro ter-me dado esta vaquinha, Maria! Bem bom! Já tem duas crias ...

O touro, todo negro, investiu como um mastodonte, escarvando o solo e soltando mugidos aterradores.

— Levem-no! Levem-no!

Passado o pânico das senhoras e de novo metido à manada, lá seguiu aos urros. Mansas, as vacas retouçavam os raros capins ressequidos em volta do terreiro; outras, juntando as testeiras, lambiam os comedoiros de troncos escavados onde as esperava uma ração de sal, enquanto as crias espinoteavam ou procuravam sacar leite das tetas maternas.

Por fim e sempre lentamente, a manada desapareceu numa dobra do terreno a caminho do riacho — o Sanhanha — também afluente do Cunhungâmua. Eram ao todo vinte e cinco cabeças.

Constantino livrara-se de boa! Arrastava-se agora de orelha murcha atrás dos patrões.

Helena não perdia uma única palavra do pai. Tudo a interessava, tudo queria saber, as mais pequeninas coisas ...

Quantos mundos novos se não abriam diante dos seus olhos! Plantas e bichos tão diferentes dos que vira até ali; flores estranhas; os próprios homens com seus usos e costumes que, por serem primitivos e diversos dos seus, nem por isso deixavam de ser muito interessantes ...

Seria maravilhoso!

— E aquelas clareiras o que são, pai?

— Arimos<sup>7</sup> abandonados, que aguardam a próxima faina das sementeiras em vindo as chuvas — respondeu Dr. Brito.

Lena calou-se por momentos, mas o seu cérebro trabalhava.

Sim, o Mato era tão diferente da cidade! Lá, o seu mundo cabia no jardim, aquele famoso jardim, fechado por três muros de adobe como se fosse uma prisão. Embora cheio das mais lindas flores e plantas exuberantes, como se sentia asfixiada dentro dele!

Dr. Brito ia explicando:

— Quase tudo isto é provisório, como vêem ... Mas lá em cima há-de ficar a residência definitiva ... Vão ver que linda casa! O plano é meu ...

O terreiro tinha-se enchido de movimento e barulho.

Chegava da forja o marroar contínuo de mestre Jorge arqueando barras de ferro para os carros novos. Serradores encarapitados nos cavaletes ritmavam os movimentos ao desfiar tábuas, barrotes e ripado com serras leirianas, ao passo que outros, armados de serrões, em grandes lances espectaculares, faziam asnas e vigas. Mais além, o garrano relinchava amarrado ao tronco.

E já Dr. Brito, relanceando um último olhar pelo casario, se dispunha a seguir, subindo a encosta, quando Capusso, antigo criado de D. Maria e guarda da fazenda, surgiu da sanzala, trazendo um homem manietado pelos pulsos.

— Hás-de ir ao patrão, bicho sem virgonha! O patrão é qui ti vai ensiná! ...

Helena correu para eles.

— Não sejas mau, Capusso! Deixa lá o pobre diabo!

Mas o guarda teimava fora de si.

— Minino tem bô fala! Queri deixá comê tudo ao sinhô seu papai? Si quéri ... Capusso deixa mêmô!

<sup>7</sup> *Arimo ou arimbo* — terra dos altos, em redondo, cultivada pelas pretas.

Helena afastou-se, arrastando consigo D. Maria e, já distantes, ainda o ouviam requerer castigo severo para o ratoneiro.

— Não tem virgonha, patalão. Eli rouba sempri; precisa chicote mêmô!

Dr. Brito calmou-o.

Que não; o primeiro dia das senhoras na fazenda devia começar por um acto de bondade ... De resto, isso do chicote era léria. Ignorava, por acaso, que o branco não tinha moleques? Um homem livre não levava chicotadas, só lá na terra dele com o soba ...

— Solta-o imediatamente! O que ele tem, é fome! ...

E a um gesto espantado do guarda:

— Para a outra vez, mando-o direito ao Posto. Explica-lhe bem as razões do perdão: por ser a primeira falta e a pedido das senhoras ...

— Patrão, «chimuno»<sup>8</sup> não sábi fala do branco ... Ladrão rouba mêmô! Seu coração manda roubá ... Até leva o filho do seu irmão e vai vendê ... Ele memo ...

— Quero assim, pronto!

Capusso inclinou a cabeça descontente. Conhecia bem Dr. Brito, desde novo, quando viera do «Puto»<sup>9</sup>. Em dizendo não, era não mesmo. Mas a presença de Constantino humilhava-o, além de que, em seu entender, o patrão fazia uma grande asneira, e o ladrão ficava-se a rir dele ... e daquelas falas das senhoras ... Que percebiam as mulheres brancas das leis dos pretos?

Tentou ainda convencer ...

— Doutor, tu és branco grande; eu sou preto, mas tu pérdis forrôça! Pérdis forrôça memo!

— Não faças das tuas! — tornou-lhe Dr. Brito secamente. O resto, deixa cá comigo!

<sup>8</sup> *Chimuno* — ladrão.

<sup>9</sup> *Puto* — Metrópole.

— Tá lá! Capusso num fá memo nenhum!

Em breve, Dr. Brito e Constantino alcançaram D. Maria e Lena que interrogavam aflitas com o olhar.

— Estejam descansadas. Quero lá saber de justiças! Era o que me faltava!

— Pobre homem! Por causa de meia-dúzia de espigas não vale a pena mandá-lo ao Posto. Tem as costelas tão vincadas! ... E que olhos! Capusso é vingativo ...

— Pois será ... mas por este andar não escapa nada nos campos ... Até nos assaltam a nós. E estás enganada, filha. Capusso é que tem razão. O homem do mato não conhece falas civilizadas. Para ele existe tão somente o cacete ou andaca<sup>10</sup>. Desde que o ladrão pague, as coisas consideram-se arrumadas. Portanto, meia-dúzia de socos aplicados a tempo e horas são melhor recebidos e produzem mais efeito do que muitos dias de prisão.

— A cadeia — acudiu Constantino — é para o preto a melhor invenção do branco ... Comida garantida, descanso contínuo ... Que mais quer quem não conta as horas?

— Esquece que a liberdade é o melhor bem da selva? — perguntou Dr. Brito. Depois, voltando-se para a filha, continuou:

— O nativo, por vezes, parece uma criança grande ...

— Este já comeu uma boa razão de lombala<sup>11</sup> ... tornou o empregado a rir. V. Ex.<sup>a</sup> não ouviu gritar esta noite?

— Pudera não ouvir!

— Pois aquilo foi até tocar a rachado ...

— Tocou, tocou ... e vocês deixaram correr ... Bom processo, não haja dúvida!

— Que haveria eu de fazer? Ainda joguei um tiritito ... para as árvores ...

<sup>10</sup> Andaca — questão entre pretos.

<sup>11</sup> Lombala — vara flexível mas grossa.

Calaram-se.

De um lado e outro da estrada, as mimosas formavam dois renques graciosos.

Dr. Brito recordou as da sua terra, no Alto Minho, cobertas de oiro pela primavera, e via também aquelas já nas mesmas proporções, fechando a estrada em túnel.

— Este trecho vai ficar um encanto. Verás ..., Lena ... há por aí terras bem boas!

— Olhe, paizinho, as acácias estão cheias de botões ... Já viu?

— É verdade!!!

Ficaram-se a admirar os dois traços verde-cinzentos que se estendiam até ao alto do Atena.

— Eu não disse a V. Ex.<sup>a</sup>? — lançou mais uma vez Constantino. As terras são ótimas e arrasaremos Benguela com feijão e batata! Vai ser um assombro!

D. Maria, porém, cortou-lhe bruscamente o entusiasmo.

— Tudo isso será muito bonito, mas eu é que tenho saudades da minha terra ... E até de mim própria, sabem? Catorze anos de África já chegam!

Súbito, todos se entreolharam numa pausa confrangedora e depois ela prosseguiu:

— Preciso de voltar à Metrópole, de arejar um pouco o meu espírito ... Senão ...

E, fixando a monotonia daquela natureza com a fronte levemente vincada, rematou:

— Não posso mais! Não ... não posso!

— Sim senhor! — atalhou Dr. Brito, conciliador — Em Junho do ano que vem, as senhoras darão um giro pela Europa. De mais a mais, com a ajuda das colheitas, será fácil. E, se os cálculos me não falharem ... Hão-de ver, que diabo! Tenham fé no futuro! Fé como eu ...

A ideia da fazenda empolgava Dr. Brito. Dia e noite, toda a sua imaginação trabalhava à volta dela. Sonhava com as



árvores já grandes e frondosas; via os campos lavrados e produzindo toneladas de cereais; dezenas, centenas de lares felizes instalados ali pela sua vontade forte. Ele os tiraria da miséria das aldeias serranas da Metrópole para os instalar na terra africana de ninguém. Sim ... haviam de ser minhotos, autênticos minhotos. Todos os seus empregados, quer pretos, quer brancos, seriam proprietários.

No fim de contas, abençoá-lo-iam e poderia morrer sossegado como um venerando patriarca, pois deixaria atrás de si uma obra e um exemplo, qualquer coisa de imorredouro na memória dos homens ...

Nestes êxtases, nada mais existia para a sua alma do que aquela argila seca e virgem da enxada, quase toda ela comida de sambas<sup>12</sup> e estendida diante dos seus olhos a perder de vista.

— Repara, minha filha, que a terra parece esperar serenamente ... E que espera ela? Sim, que espera de mim, diz? Que a liberte das raízes selvagens, não é?

E virando-se de frente para a mulher e a filha;

— Pelo poder da minha vontade, posso fazer milagres. Posso transformar esta paisagem monótona em beleza e esta paz triste em orgulhosa fecundidade.

Depois, como as senhoras o escutassem caladas, prosseguiu:

— É só esventrar a terra com as charruas, acordar este solo e sacudi-lo para que se desentranhe em frutos e pão. Lançando os germes de uma vida nova mais útil à humanidade, não aproveitarão todos do nosso trabalho e do nosso sacrifício? A Pátria, os pretos, mulatos e brancos? Ora digam?

— Oh! Pai! Como fala bem! Quem dera que as suas palavras fossem escutadas pelos do Governo!

<sup>12</sup> Sambas — árvore acacia do planalto, de pouco valor quanto à madeira por ser atacada pelo caruncho.

Chegados à baixazinha da horta, onde vinte homens cavavam uma nesga turfosa intercalada com nateiros, Dr. Brito ficou parado e embevecido, contemplando aquele fervilhar de braços a revolverem os torrões.

Para trás via-se um pequeno troço já limpo; mais longe ainda, verdejavam as leiras do batatal e alguns tabuleiros de couves e alfaces, tudo em experiência.

Os «mina-mina», pequenos pássaros considerados sagrados, saltitavam guinchando de toiceira em toiceira. Ouvia-se também a voz de Manuel, misturada à de Constantino, que arrancava sobre o campo:

— Vai ou não vai? Eu quero ver! ... Eu quero ver!

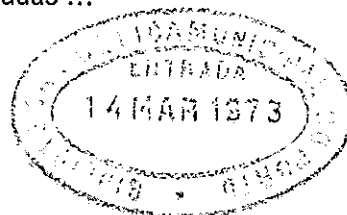
E, de enxada em punho, ensinava:

— Assim, homem! Assim é que é!

As senhoras, sentadas num altozinho pedregoso, assistiam à faina e, ao ver cavar, Lena sentiu pela primeira vez o valor do homem e do seu esforço à face da terra.

Quanto é preciso suar para colher pão! — pensou.

— Digam — perguntou Dr. Brito — não vos parece quase um oásis, mesmo só este bocadinho de terra limpa, no meio do capizal? Por aqui podemos avaliar do efeito futuro, quando por sua vez os altos forem arroteados, os talhões limpos e as avenidas arborizadas ...



Do meio dos homens ergueu-se uma voz entusiasmada a comandar:

— Ei!

E toda a fila ergueu as enxadas ao alto retesando a espinha.

— Ei! — soou de novo.

E elas aí vieram em curva, cadenciadas, enterrando de uma só vez, bem fundo, o aço polido das folhas.

Depois seguiu-se o destorrear moroso e enervante, por causa do raizame entrançado e dos morros da salalé, duros como ferro e negros como tições.

Milhares de seres ínfimos fervilhavam à flor do solo, tirados de chofre da sua quietude secular.

Dr. Brito não se conteve; dinamizava-o aquele trabalho rude e barulhento.

— Assim — disse — é que entrará a civilização em Angola, quando em cada quimbo houver uma escola e o português, branco ou preto, se agarrar à terra como deve ser e der exemplo. Até lá, Angola será sempre o Eldorado, onde meia-dúzia de homens, por assim dizer, buscam a celeberrima árvore das patacas ...

E depois de uma pausa:

— O pior é que já muitos a abanaram ... Mas vão lá convencer alguém, dos que podem, da necessidade de proteger e auxiliar os pequenos fazendeiros nas suas tentativas!

— O pai não tem defendido essa orientação junto dos poderes públicos? — interrogou Lena.

— Se tenho! — tornou ele. Se tenho! Sabes com o que atalham? Que é preciso muito cuidado ... muita política indígena ... a Sociedade das Nações ... os outros países ... Todavia, estes argumentos, tão pesados após a Grande Guerra, cedem ante o peso ainda maior da necessidade de todos os povos comerem.

— Sim, disse do lado D. Maria; «primo vivere», dopo ...»

Dr. Brito indignava-se com a desgraçada situação dos que, como ele, punham na terra o seu coração e por ela faziam os maiores sacrifícios.

— Isto vai de jeito que nada se ensina e nada leva o nativo ao trabalho regular e progressivo de todo o mundo, deixando as gentes no seu atraso milenário, para que disso nos venham a acusar mais tarde ...

— Sabem? — exclamou após breve silêncio. É sempre a mesma coisa e a mesma pouca vergonha. Porque não dizê-lo abertamente? A burocracia entrava tudo. Depois de muitos pedidos, muitas alcavalas, muitos empenhos, dinheiro gasto, meses e meses à espera, lá vêm vinte ou trinta homens! A boas horas! Quando já está passada a época das sementeiras ... ou no período morto dos trabalhos ...

E explicava pormenorizadamente: requerimentos sobre requerimentos, papel selado e mais papel selado, entrevistas e canseiras sem fim, cambiquites e camisas, rações e sabões, tabaco e medicamentos ... tudo muito certo e a que o trabalhador humanamente tem direito. Depois passo eu, então, a magicar serviços extra para ocupar os contratados, na certeza de que, dias após, nem já metade acode à chamada ... Isto quando não fazem o favor de fugir levando a ferramenta ... e as mantas ... Nestes contratos, aí do europeu se lhe falha o sabão! Ao preto só competem direitos ... a partir de receber e não pagar ...

— Como a terra fumega, pai! — apontou Lena desviando a conversa. Toda ela estremece debaixo dos nossos pés! Parece que respira ...

Dobrados, os trabalhadores avançavam vagarosamente na pequena fila que, ora se estendia, ora se recurvava ao través da baixa. Nem os berros do capataz, nem as pragas de Constantino conseguiam electrizar por muito tempo aqueles seres humanos, para quem o trabalho era o pior dos castigos.

— Não estão habituados a cavar, coitados, e ainda faz frio ... — acudiu de novo D. Maria.

— Qual quê! A culpa é da mãe preta que sustenta o homem. A ideia de que o trabalho agrícola pertence à mulher e ao escravo faz do nativo um ser geralmente avesso ao progresso.

— Tem razão, pai! Sem trabalho não há civilização possível. Nem nível de vida melhor ...

A voz do capataz continuava a incitar:

— Depressa! Depressa! «Tambula» ó conta! <sup>1</sup> Puxa pela enxada, Irunga! Não deixes ficar para trás!

Porém, só quando o sol abriu, com todo o seu esplendor, leques de luz fulgurante sobre o capinzal extenso, é que o trabalho adquiriu intensidade.

Irunga, velho santomista, levantou a voz cantando e saudando o fazendeiro.

*— Cá está o patrão ... grande!*

*Trabalha, trabalha, serviçal!*

*Minina, enxada pesa; preto estar cansado!*

*Trabalha, trabalha, serviçal!*

Dezenas de saltões estalidavam as asas em voos curvos e rápidos e, de repente, a forma desfez-se num berreiro infernal, todos correndo atrás dum mísero rato fugitivo.

Constantino, apoplético, ameaçava de punhos fechados:

— Má raça de ... Má raça!

E logo eles, agarrando-se à enxada e ferindo rijamente a terra, numa toada mordente, improvisaram nova cantiga:

*«O branco está zangado!*

*Trabalha, trabalha, serviçal!*

*Anda como o cágado e berra como o leão ...*

*Trabalha, trabalha, serviçal!*

<sup>1</sup> *Tambula* ó conta — toma conta.

No meio de poeirada densa, os troncos nus reluziam. Um cheiro acre a catinga<sup>2</sup> espalhou-se pelo ar e a melopeia subiu encosta arriba, como um grito de guerra contra a floresta, senhora quase absoluta de toda a região.

D. Maria e Helena afastaram-se lentamente. Depois meteram pela picada<sup>3</sup> que subia para as obras da futura residência e, um pouco atrás, Dr. Brito expunha os seus projectos. Era sincero no seu entusiasmo! E voltou-se cheio de alegria sorvendo a largos haustos o ar fresco da manhã.

Lena fazia perguntas sobre perguntas.

— E aquele rio, como se chama? São tão lindas as vertentes! Tão verdinhas! ...

— Estás quase como o célebre jornalista que andou por aí a cem à hora! — disse Dr. Brito, trocista. Afirmava a toda a gente ter visto encostas intermináveis de pradarias maravilhosas ... Aquilo são anharas, menina! Só lá vegeta ungote<sup>4</sup> venenoso. Em geral, os altos, riachos e rios pequenos é que têm préstimo para as culturas. O mesmo se não dá nas regiões pré-planálticas onde vive teu irmão.

— O António diz que as couves galegas atingem, naquelas paragens, proporções descomunais como em «Port-Tarascon»... — aventurou Lena a rir.

— O pior é o clima e a tsé-tsé, filha. Aí é que está ... E para morrer ...

Contornaram, enfim, as obras. O empreiteiro aproximou-se sorridente e, logo à vista do patrão, toda a malta quis mostrar serviço.

Os pedreiros atafulhavam alicerces com pedregulhos que os serviçais conduziam nas zorras a uma junta e Mestre Henrique berrava atirando pàzadas de argamassa para as fendas:

<sup>2</sup> *Catinga* — suor.

<sup>3</sup> *Picada* — avenida marcada e destroncada.

<sup>4</sup> *Ungote* — ver página 22.

— Barro! Mais barro! É andárrri! ... Venha barro!

Para as bandas do morro, ouviam-se os brados dos careiros excitando os bois e alavancas atacando massas de granito. Foi então que Dr. Brito desenrolou a planta das duas casas novas.

Nada fora esquecido, nem mesmo os muros do jardim, com dois portões de ferro à frente.

— Vejam! Uniremos as dependências por meio de um passadiço coberto. Estás a ver, não? — disse para D. Maria — o que será este corredor ao ar livre com cortinas de roseiras a todo o comprimento? Porque é indispensável não esquecer que as minhas fadas se devem sentir melhor aqui do que no litoral ...

— O meu quarto onde fica, paizinho?

D. Maria também exigia uma sala de leitura.

— Aqui! Aqui! Venham ver!

Puseram-se a percorrer todas as divisões.

Saltaram muros, desceram escadas, investigaram recantos. Depois, sentados sobre as paredes erguidas a um metro e meio do solo, contemplaram a paisagem com o binóculo.

— Que vasto horizonte, Maria! Como o mato nos dá a sensação do que é imenso! Não achas? Estás tão calada! ...

A perder de vista e fechada ao longe por serras azuladas, a terra estendia-se em ondulações suaves.

Aqui e além brilhavam águas fugidias e os espelhos das lagoas e, do lado de lá, o Curimahala vinha unir-se ao Cunhugâmua disfarçado entre caniçais extensos. Ambos com o Sanhã, afluente da margem direita, serpenteavam no vale que se desenvolvia lentamente, ora apertado, ora alargado, até desembocar lá longe nos plainos alagadiços do Cunene.

De um lado e outro, estrangulando a baixa, subiam anharas<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Anharas — encostas que sobem dos vales com vegetação rasteira principalmente ungote, pág. 22.

desoladoramente nuas e só muito acima começava o mato, primeiro pobre e raquítico, logo a seguir em frondes espessas e copados unidos. Era um mar imenso de verde, imutável à primeira vista, mas sob cujas ondas palpitava vida intensa, com seus trabalhos, lutas, amores e tragédias! E ninguém diria, ninguém, ao avistar o mato, mirrado, triste e claro, quantas riquezas ele escondia e quantos seres alimentava e abrigava.

Lena avistou ao longe, no sopé de um morro, um ponto branco e foi como se tivesse descoberto água no deserto.

— Olhem! Olhem! Acolá, no sopé daquela serra ... parece uma casa e ... também tem plantações ... Quem iria lá parar?

Dr. Brito não sabia. Durante algum tempo, Lena fixou essa mancha branca, que se perdia aninhada na floresta. Seria como uma esperança na sua vida de sertaneja; não se sentiria tão isolada do Mundo ...

Em baixo, na horta, os homens cavavam. Coros tristonhos chegavam até eles já amortecidos e da oficina subiam sons metálicos como badaladas longínquas e compassadas de sinos.

Quem seria que tão longe levantara a sua tenda?

Um sonhador?

Aventureiro?

Ou doido?

Se pudesse transpor a distância a perder de vista como a abrangia com o pensamento e saber quem era e porque buscara assim a solidão!

E a cismar, os seus olhos penetrantes poisaram sobre esse verde infinito, essas manchas de claro e escuro em acidentadas correrias pelas lombeiras, ainda com traços de nevoeiro esfarripado nas quebradas ou saindo dos vales e lambendo as encostas, aqui e além, ao longo dos rios, córregos e ribeiros.

De fraga em fraga e de munda em munda<sup>6</sup>, as suas pupilas encontraram, por fim, terra cavada.

<sup>6</sup> Munda — pequena elevação.

Era aquilo a fazenda, ponto pequenino e negro como uma nódoa de tinta!

Mas as pedras do alemão atraíram mais fortemente a sua alma. Estivera lá na véspera quando da passagem pelo Huambo. Aquela mole informe de granito não diria aos vindouros de uma grande tragédia desenrolada na selva?

Certa manhã, aparecera no sítio um desconhecido, nómada, misantropo e rodeado de mistério.

Acampou. Os caçadores diziam-no «arimão» ...

Militar, sábio ou criminoso?

Sabia-se lá! Ele não disse a ninguém quem era, de onde vinha ou para onde ia. E, sem dar tempo a que a curiosidade maledicente e coscuvilhadeira pudesse desvendar o seu segredo, num momento de alucinação fatal, pegou na arma e matou-se.

Algo de invisível se apegara ali, sobre os monólitos, para sempre, na eternidade ...

Ah! Seria daquela paisagem imensa, daquele mato seguido e daquele eterno verde cinzento das sambas, que fazia nascer no coração o maior de todos os males humanos?

Para não ficar transtornado, o homem canta, fala, berra e ri sozinho; caça, pesca e pastoreia, escava troncos, amolda o ferro e talha cepos; procura mesmo outros seres como companheiros — cães, cabras, galinhas e até feras — mas, muitas vezes, torna-se louco.

— É verdade, pai, que podemos enlouquecer de neurastenia e mesmo suicidar-nos?

— É verdade! — respondeu Dr. Brito com tristeza.

Quantas, quantas almas lutavam assim contra esse desespero que as minava, essa ânsia aniquiladora de toda a vontade, de toda a saúde e de toda a vida! E perdiam-se! ... Sim, perdiam-se ...

Não sentira ela já em Benguela o terrível «cafard»?

E era então ali, naquele planalto silencioso, que os seus vinte e dois anos vinham sepultar-se?

Com vinte e dois anos!

Quando pelo coração não passara ainda a vida, queimando-o e desiludindo-o! ...

E para quê, para quê ter martirizado tanto a juventude numa ambição desmedida de saber e triunfo? Para quê?

Alcançara, enfim, o «canudo», essa cúpula brilhante de um edifício imperfeito que o homem architecta quase desde a chegada à idade da razão.

De que lhe servira? A vida era tão diferente na realidade! ...

Ainda há pouco uma antiga colega lhe escrevera que tinha posto de parte os livros.

Varria a casa, limpava o pó, esfregava o chão e cozinava ...

«Sinto-me feliz» — escrevera-lhe com entusiasmo.

E era doutorada pela Academia de Friburgo em Alemão e Direito.

Então, realmente, não valia a pena estudar? Estaria doida a Maria Locher?

Ao evocá-la, sentia enorme ternura. Querida, querida amiga! Tão boa e tão inteligente! O seu drama anónimo atingia-a também a ela ali no Mato. E seria drama? Que sabem os outros do que as almas sentem e sofrem?

Os lábios entreabriram-se-lhe num sorriso amargo ... Depois, olhando à sua volta, exclamou baixinho:

— Doida! Doida!

Mas ... que reservara Deus para si própria?

Um cantinho humilde do sertão, círculo fechado onde a sua mocidade se estiolaria, talvez inútilmente, quando a razão pedia impossíveis e a fantasia corria mundos ...

Deixá-lo! Saberá adaptar-se às circunstâncias e viveria interiormente do passado.

De resto, que importava?

— Em Julho do ano que vem, iremos à Metrópole e à Itália! — balbuciou a meia-voz.

A Metrópole! Só essa palavra a enchia de comoção. No Mato ou em Benguela, era o mesmo... Preferia até o Mato completamente selvagem, mas livre da mesquinhez dos meios pequenos, dos bailaricos do clube e da impertinência dos apaixonados que viam nela, talvez, um bom partido, sem nunca chegarem a compreender os voos do seu espírito...

Amarrar-se a Angola? Não! Nunca! Nunca! Por mais que o polvo africano lançasse os seus tentáculos e neles a quisesse estrangular...

E que alegria tornar a ver Lisboa, frequentar bons teatros e cinemas, ouvir boa música, dar uma saltada ao estrangeiro... gozar, enfim, a vida como os seus verdes anos a imaginavam: intelectual, risonha e divertida...

Ali? ... Aquilo não era viver! À sua volta, toda a gente vegetava, atordoando-se numa actividade febril. Uma ânsia desmedida de ganhar dinheiro invadia as almas, para esquecer as saudades e calcar bem fundo a voz do coração...

E o coração... que dizia?

Ai, o coração! Como era implacável! A todo o momento insistia atormentando. : «Foge! Foge! O teu Mato não é este Mato! A tua terra não é esta terra! Só a Metrópole te pode dar o que anseias. Nenhuma como ela tão bonita e mais risonha. Que tens aqui? Lá nasceste e nasceram os teus pais e os teus avós... Porque esperas? Ela abre-te os braços para te fazer feliz... Foge! Foge!»

Lena sentiu naquele momento um não sei quê de angustioso. O sol refulgia com esplendor, num abrasamento de toda a natureza. Ao som dos martelos que espontavam a pedra, dos dichotes que cortavam o ar e das canções tão tristes — «À edra!»<sup>7</sup> —, sentia-se amolecer, numa grande saudade de si própria, do que fora e do que sonhara...

<sup>7</sup> A edra! — à pedra.

Uma sensação de infinita e indefinida tristeza invadiu-a pouco a pouco. Nem ela mesma poderia explicar o que lhe avassalava assim tão poderosamente o cérebro.

Todo o seu ser se revoltava e, durante momentos, uma visão louca encheu-lhe as pupilas.

Os troncos cerrados puseram-se em movimento; todos aqueles braços até ao horizonte se deram as mãos formando cadeia e as copas unidas ergueram-se como muralha gigantesca e intransponível. Sentiu-se sufocar até às lágrimas.

— Ah!

— Que é? — perguntou Dr. Brito.

— Nada, nada... Ia caindo. Não é nada!

E desceu do muro.

Tudo desaparecera como por encanto. Ao ouvir a voz forte e tranquila do pai, sentia-se outra, dinamizada e cheia de coragem para vencer os maiores obstáculos.

Porquê tantos receios tolos?

Não era fraqueza quase pusilânime e uma covardia, mesmo, que lhe custava a confessar?

Pois o destino proporcionava-lhe, enfim, campo vasto e inédito de acção, tirava-a do marasmo e do calor do litoral e já se lhe afigurava que uma grande desgraça viria a cair em cima dela?

Velha pecha dos que não querem vencer, dos que hesitam diante da mais pequena contrariedade.

Bom?

Mau?

Logo se veria, em todo o caso!

Entretanto, puseram-se a caminho para o almoço.

Dr. Brito, um pouco à frente, trauteava o Rigoletto afuroando o ar com o indicador da mão direita quando a voz lhe não chegava às notas altas.

Ia satisfeitíssimo.

«La donna é mobile, qual pium'al vento...»



— Que tal? Que tal vos parece agora a nossa Fazenda?

Mas D. Maria não respondeu e, pela primeira vez, também Helena, que os seguia um pouco afastada, ficou muda, ainda em luta com os demónios que avolumam sombras e escurecem horizontes. Não pôde, porém, deixar de sorrir daquela ária atirada aos quatro ventos, no meio do mato ...

Correu a apanhá-los. O pai parecia transfigurado. Da fronte alta irradiava alegria intensa e das pupilas, fulgentes de entusiasmo, desprendiam-se mil sonhos grandiosos ...

Uma bomba rebentando em pleno centro da cidade não teria causado maior sensação do que a fantástica ida de Dr. Brito e da família para o interior.

A notícia correu célere.

— Vocês não sabem? O Doutor levou a Lena para o meio do Mato! Para o Mato!!! ... Ouviram bem?

— Pode lá ser semelhante disparate!

— Pode! Pode! ... E é! ...

— Então está doido! Positivamente doido!

— Varrido!

— Que sacrificasse dinheiro à paixão pela terra ... vá que não vá, com mil diabos! Mas o seu nome, a mulher e o futuro da própria filha ... É demais!

— E para quê? Ainda se precisasse! Mas não. Ninguém como o Doutor poderia levar vidinha regalada e juntar centenas de contos ...

— Centenas? Milhares, milhares ...

O círculo dos amigos apertava-se cada vez mais nas críticas cerradas, quando à noite, depois do jantar, jogavam pacatamente o bridge ou apostavam chinchins aos dados, no Suíço.

— Outro visionário! ...

— O Dr. «Charrua», esse, até anda de noite agachado no meio das plantações ...

— Sim, sim! Dizem que mede a palmas o crescimento dos algodoeiros ...

E a risota chegou aos empregados de balcão que ouviam à mesa a conversa dos patrões.

Dando-se ares de grande intimidade com a família, que mal conheciam de vista, entre um copo de vinho vendido ao preto do outro lado da loja e uma jarda de seda da mais fina do Oriente medida na parte rica para brancos e assimilados, lá vinha sempre à baila o escândalo do dia.

Um escândalo, realmente!

— Vocês estão a ver, ahn? A pobre Lena enterrada numa fazenda!!! ...

Dr. Brito, porém, não cedia a pressões estranhas. Se alguém se atrevia a fazer insinuações, cortava bruscamente a conversa.

— Que têm com a nossa vida? — disse na volta do litoral às duas senhoras, quando, à tardinha, se sentaram em frente da cabana. Nada, absolutamente nada. Nem mesmo o direito das grandes amizades.

— E o pai a incomodar-se com isso!

— Pudera! Nem aqui, a mais de 1000 metros de altitude e a quatrocentos quilômetros do litoral, nos deixam em paz!

— Oh! Ninguém pode tapar a boca ao mundo ... pai! É deixá-los falar! ... Em se cansando ... calam-se! Não é, mãezita?

D. Maria ergueu as pupilas do bordado que tinha entre os dedos, depois tornou a baixá-las puxando a agulha lentamente.

— Tens razão ... Em se cansando, calam-se!

E assim sucedeu; outros personagens apareceram em cena; outras preocupações empolgaram os espíritos. Até Lena, a imprescindível Lena, alegria dos bailaricos e organizadora de todas as festas de caridade, tinha sido substituída rapidamente.

— Rei morto, rei posto! É dos mestres! Pois então! — exclamou ela. Não há ninguém indispensável neste mundo ...

No Huambo e na Caála, porém, a curiosidade ainda era grande. Estavam mais perto e viam passar, todas as semanas, os carros boeres carregados com material para as obras. Além disso, nenhuma família da alta, até então, se tinha afastado do caminho de ferro. Só funantes ou aviados, gente ousada, vivendo muitas vezes no maior desconforto, com o fito único de fazer negócio ambulante e de largar na primeira oportunidade.

Alguns aglomerados de habitações com cunho europeu formavam como que ilhotas, em Caconda, Bailundo e Quilengues ... onde a vida administrativa dava alma e coesão.

Mas esses aglomerados estavam a distâncias tão grandes que se poderia dizer ser a linha do Caminho de Ferro de Benguela o eixo da actividade europeia em tão dilatado Distrito. Havia ainda os postos com a casa do chefe, algumas dependências e um quarto isolado a servir de cadeia, mas, em geral, quase não faziam diferença das demais construções de pau-a-pique espalhadas pelo sertão.

Na fazenda de Dr. Brito era diferente. Tudo parecia tomar foros definitivos: fundações e paredes de pedra e cal; janelas e portas europeias; arcos de tijolo e armações e forros de Riga, vindos das desmanteladas casas ricas da Catumbela, ex-empório da borracha; estuques e cimentos coloridos e, enfim, nada com aspecto de acampamento ou de temporário ...

De vez em quando, ao domingo, algum mais curioso descia do Huambo até à ponte do Cunhugâmbua. Depois, com a bicicleta à mão, subia para o Gumbe e de lá largava-se em corrida vertiginosa, desembocando na fazenda ao entrar da curva, a ver como as coisas iam.

Regressava contando das grandezas que surgiam do seio da terra, como por milagre.

No hotel da D. Rosinha e no café do Peairo, discutia-se, então, à falta de outro assunto, a vida particular do doutor e a sua grande liruzice ...

— Fazem lá ideia! Estão a construir um verdadeiro palácio! E as casas dos empregados? Os currais? As avenidas? Daqui a pouco estoiram! ... Ele sempre há cada maduro neste mundo! Dá Deus as nozes a quem não tem dentes! ...

Numa das suas idas a Benguela, um grupo mais afoito entendeu dever prevenir Dr. Brito dos perigos que corria a sua empresa. Foi quase por acaso e em conversa de negócios. O escritório estava apinhado de gente e o doutor, dominando o seu carácter impulsivo, respondeu-lhes serenamente, mas com firmeza:

— Não posso, nem devo, nem quero recuar. A batalha está travada; ou a ganho, ou a perco. Agradeço, no entanto, o vosso zelo e interesse pelas minhas coisas. De resto, todos os que falam, podem crer, é de inveja.

Alteou a voz; queria que o ouvissem lá fora, na sala dos empregados.

— Sim, inveja e tão somente inveja, porque são incapazes de qualquer iniciativa. Nem fazem nada, nem deixam fazer aos outros. Querem que meta a filha e a mulher nalgum chavascal, como é costume por aí?

E depois de um curto silêncio:

— Se ninguém tivesse a coragem de enterrar dinheiro na lavoura, ainda agora estaríamos a mandar vir os grelos e as batatas da Metrópole ... A horta na prateleira! Muito cómodo e lucrativo para vocês ... Não haja dúvida! Lá isso! ...

Ergueu-se e deu algumas passadas. Em seguida, virando-se bruscamente, acrescentou:

— Desta forma é que eu entendo fazer o decantado Portugal Maior! Trabalhando este solo, dando exemplo a brancos e pretos e ensinando-os ...

Depois, ante a confusão dos presentes, Dr. Brito cresceu

para eles orgulhosa e altivamente. Parecia ter mais dois palmos de estatura, tal o entusiasmo com que falava. E, de cabeça bem erguida, ainda disse:

— Haveis de morrer enforcados com o milho mofento da «Mãe Preta» e chorar por este punhado de malucos que, numa boa visão do futuro, querem que Angola produza mais e melhor ... E já nem isso basta. Será preciso produzir mais, melhor e mais barato. Como obtê-lo senão à força de sacrifícios? Impossível, não é? Ou terão vocês um elixir milagroso que faça dar milho e feijão a rodos sem cavar a terra e sem grande esforço?

Tornou a sentar-se, já dominado e risonho, batendo palmas nas costas dos que se encontravam perto.

— E vocês o que fazem, ahn? Digam lá? Chupais como a sanguessuga, não é? Depois ... ides esmoer os fartos provenientes para a Metrópole ... Olha os finórios! Lá estão os Estoris, as teatradas, os clubes, as belas mulheres ... Foi assim com a borracha, com a aguardente e é agora com o milho ... Que ficou em Angola do tempo das vacas gordas? Respondam, andem! Nada, ou quase nada! É ver essas ruas lamacentas, essas casas e muros a caírem ... a falta de luz, água e higiene ... Isto para não falar no hospital que nem bons ferros tem para assistir a uma parturiente ...

Riu-se, trocista, piscando os olhos para os assistentes e rematou:

— Cada qual segue o caminho que quer e julga mais acertado ... Ora aí está! ... Eu ganho aqui ... para enterrar na fazenda em pleno mato ... E com muito gosto!

Achais loucura? Talvez seja ... Afigura-se-me maior a vossa ... um logro feito à gente rude e humilde do sertão e aos fazendeiros ...

No último domingo de Julho, os jornais trouxeram notícias alarmantes a respeito de uma doença nova que viera da Rússia logo após a primeira Grande Guerra.

Grassava impunemente em toda a Europa e tanto bastou para que vozes misteriosas corressem pela selva levando a intranquilidade e o medo aos copados silenciosos.

— O patrão não sabe? — perguntou duas semanas depois Manuel Capataz, ao entregar as folhas do serviço e a sondar ... Vem aí uma coisa ... uma coisa ... uma coisa ...

Dr. Brito fez-se de novas; ergueu os olhos e fitou a cara preocupada do bom servidor.

— Já anda no Luanda, patrão! Anda mesmo! Está a virar prá nossa cubata ...

— Quem te disse essa patranha, rapaz?

— Patrão, não ri! Não é patranha, não senhor. A «melola» sabe tudo. Sabe do branco e sabe do preto ...

Dr. Brito já ouvira falar daquela transmissão de notícias, de boca em boca, até aos mais altos píncaros.

— E não descobrem que doença é? — insistiu D. Maria.

Mas logo Manuel Capataz explicou que o feitiço era muito grande e muito poderoso. Quem tivesse o coração sujo, morria.

— Não digas disparates! «Abafe-se, avinhe-se e abife-se» é a ordem do dia. Nada mau, como vêm ...

— Cá de mim, sou alérgica às doenças — exclamou, ainda rindo, D. Maria. — Não querem nada comigo!

— E comigo também não! — acrescentou Lena. De resto, para quê ter medo? Se tivermos de morrer, morreremos mesmo!

— O que não vejo — disse Dr. Brito em francês para que Manuel não percebesse — é a vantagem de descrever ao vivo cenas horripilantes de cadáveres amontoados e dias e dias insepultos, de casas escancaradas de onde famílias inteiras desapareceram na voragem macabra e dos carroções limpando as vielas com seu rolar lúgubre sobre as calçadas ... Para quê tanto palanfrório, se lhe não podem dar remédio?

— De facto, não vale a pena assustarmo-nos, Paulo. Tens toda a razão. Mas ... crismaram-na de «Espanhola» e, de Espanha, «nem bom vento nem bom casamento» ...

— Também do Cabo chegam notícias pouco tranquilizadoras ... Ora vejam! — e Lena apontava para os títulos dos jornais a letras grossas. Teriam até sido mobilizados a tropa, a polícia e escuteiros para enterrar os mortos!

— O mal é que os recursos são minguados e a assistência nestas paragens muito difícil. Na melhor das hipóteses e em caso de urgência, um médico nunca poderá chegar cá antes de 4 a 6 horas.

Dr. Brito voltou-se para Manuel, que o olhava perplexo.

— És capataz e tens obrigação de acalmar os outros. Se a doença vier, ... aguentaremos! De nada vale fugir, ela vai atrás de nós como o vento.

— Patrão, coração tem medo! Tem medo, mesmo!

— Ora! Ora! Quem tem medo, morre mais depressa ... Compra um cão!

Porém, mal ele se foi, consultou as senhoras. Tinha os maxilares apertados e a cara fechada.

— Querem voltar para Benguela?

— E o pai?

— Eu fico! Como queres que abandone esta gente?

— Então também nós ficamos! — afirmaram as duas senhoras, quase ao mesmo tempo.

— Há-de ser o que Deus quiser! ... Tanto se morre aqui como ali.

— Tens razão! — acudiu Lena, carinhosa. Na contingência de desastre próximo, devemos estar juntos. Seria uma grande crueldade abandonar o pessoal a si próprio. Nós, embora ignorantes das coisas de medicina e pouco práticos, sempre temos mais cultura, o que nos valerá de alguma coisa ... Em caso de emergência, aguçaremos o engenho!

Ergueu-se lentamente ...

— E ... se cairmos, cairemos no nosso posto!

Ficou resolvido consultar em Benguela o Dr. Ribeiro para os primeiros socorros a prestar em caso de ataque repentino. Depois, Dr. Brito, numa das suas idas ao litoral, comprou vários livros de medicina prática e trouxe apontamentos e indicações preciosas para combater a «Bailarina» com eficácia. Além dos remédios que já havia, encheu-se um armário de drogas novas, feito especialmente pelo carpinteiro.

— Agora, coração ao largo! — disse Dr. Brito, uma tarde, quando estavam sentados a tomar ar.

— É mesmo! Coração ao largo!

No entanto, embora o trabalho na fazenda continuasse como se nada estivesse para acontecer, entre os nativos cochichavam-se coisas terríveis. Vinha aí um cazumbi tão poderoso que matava os homens sem distinção: brancos, pretos e mulatos, velhos e novos, crianças, homens e mulheres.

Manuel Capataz perdeu o riso de lua cheia e olhava para D. Maria e para Lena, sempre impassíveis, a ver se descortinava nos seus semblantes qualquer indício da aproximação do perigo. Acabou por se acalmar.

— Se o patrão está contente, dizia para os serviçais, é porque não há nada ...

— Sim ... Sim ...! Fia-te nessas! Eles vêm aí! ...

— Eles quem?

— Os cazumbis! E são maus!

D. Maria, mirando as prateleiras cheias de frascos e caixinhas de todos os tamanhos e feitios e que não acreditava na eficiência dos sortilégios farmacopeicos, punha-se a troçar do marido e da enteada.

— Muito me queria eu rir se os vossos temores espantassem a gripe!

— Oxalá assim fosse, Maria! E estás enganada, não tenho receio, mas desta vez manda a prudência que me ponha mais ao lado do pai. É melhor prevenir que remediar. Não achas?

Na semana seguinte, os jornais da Metrópole, chegados no rápido ao Lobito, traziam notícias cada vez mais alarmantes.

— E se adoecermos todos ao mesmo tempo? Como iremos curar os empregados? E os serviços e habitantes desta região? Que há-de ser deles sem nós?

Cada qual, em seu foro íntimo, fazia estas e outras perguntas angustiantes, mas não dava parte de fraco.

Parecia como nos dias de grande tempestade. Já se viam ao longe as nuvens, depois relâmpagos, vento ... e aquela angústia opressora ...

— Se teu pai adoecer em Benguela, irei tratá-lo — aventurou uma noite D. Maria, sem poder conter-se por mais tempo. Como há-de tu ficar aqui? Não imaginas como ando apreensiva ...

— Tenhamos confiança em Deus, Maria! Ele nunca abandona os seus filhos, nem mesmo neste mato, onde raros o invocam ...

Realmente, a ansiedade era muito grande, tanto mais que,

no Congo, os casos se apontavam aos milhares e em Luanda desconfiavam que já houvera alguns.

Ninguém sabia nada ao certo e era justamente essa incerteza que trazia os espíritos acabrunhados.

Nas regiões de clima quente poderia a doença ser benigna, mas ali, com geadas cascudas e vento agreste, além das diferenças de temperatura entre o dia e a noite e até do nascer do sol ao seu ocaso, muitos organismos não resistiriam. Acrescia ainda a falta de remédios para acudir a tanta gente e a rudimentar indumentária de muitos nativos.

Certa manhã, Lopes deixou-se ficar na palhota e declarou terminantemente que estava com «ELA».

Foi uma pavorosa.

Os serviços, embora nada se dissesse até então, prevenidos, repetiam o «slogan».

«Se tiveres o coração sujo, morres!»

«Se tiveres o coração sujo, morres!»

Mas ele curou-se rapidamente da ligeira constipação que tinha e o pessoal voluntário voltou ao trabalho.

Já quase tinham esquecido o flagelo, quando apareceu o primeiro homem a escarrar sangue.

Então, o terror apoderou-se daquelas almas e não houve forças humanas que os detivessem na sua loucura. Fugiram em massa para o mato, como se lá a pestilência os não perseguisse!

— Sabem que abandonaram os doentes no quimbo do soba Sacoíota? São os nossos melhores trabalhadores e temos de lá ir tratá-los, a eles, às mulheres e aos filhos, — disse Dr. Brito para os empregados.

— Pois temos! — concordou logo Constantino. Já cá vieram trazer hoje um régulo importante e, para o não pôr junto dos outros, aquartelei-o no armazém. É mais um!

Foi necessário transformar quatro grandes chingues em enfermarias. As senhoras tomaram à sua conta os contagia-



dos. Mandaram vir molhos de capim e distribuíram cambriquetes<sup>1</sup>. O pior era o vento e o cacimbo que entravam por todos os lados, fazendo estragos inevitáveis naqueles pobres peitos ripados e violentemente sacudidos pela tosse.

— Deus nos acuda, Maria! Deus nos acuda! — exclamou Lena.

— Há-de acudir! — foi a resposta.

E lá continuaram a pincelar as costas dos doentes, a aplicar ventosas com pontas de bambi e cálices e a dar caldos de galinha, hóstias, xaropes e chás bem quentes, com garapa e conhaque...

Era a bebida o mais eficaz. Quando viam quatro pés em vez de dois... estavam meio-curados...

Uns atrás dos outros, os serviçais foram tombando. Além disso, convalescentes, mal se apanhavam sem febre, eles aí iam desarvorados durante a noite para fugirem às dietas e «milogadas»<sup>2</sup>.

— E agora? Que vamos fazer, Lena? — perguntou D. Maria, É desesperador!...

Foi necessário recomeçar.

Organizaram então a enfermaria num dos armazéns e Constantino e Dr. Brito deram uma batida pelo mato recuperando sessenta homens. De noite, ficavam fechados à chave.

— Nestas terras, até para fazer bem é preciso violência... Nem vocês imaginam o trabalho que tivemos para os trazer! — contou o Doutor ao jantar.

— E o médico sem vir! — murmurou Lena. É uma tristeza estarmos para aqui abandonados...

— Dêmos muitas graças, porque ainda ninguém morreu! — acrescentou D. Maria.

<sup>1</sup> Cambriquetes — cobertores de algodão que os pretos usavam.

<sup>2</sup> Milogadas — remédios.

— É porque não têm mesmo de morrer! — respondeu Lena —. Já estão cem homens acamados.

— Por este pano de amostra... que cansa não deve ser a dos médicos! Como há-de o Dr. Meireles poder vir aqui e chegar para tudo? E os outros? Como estarão?

— A tragédia corre mundo! Viram as notícias do Rio de Janeiro? Enterram os vivos e os mortos ao mesmo tempo porque as próprias famílias, enlouquecidas, põem os doentes fora da porta.

— Que tristeza, minha filha! Estamos bem melhor aqui no Mato!...

Mas o maior terror foi quando os brancos também caíram à cama.

Só Dr. Brito, Manuel Capataz e João Cozinheiro continuaram a pé, desafiando a morte com mil imprudências.

Enquanto puderam, D. Maria e Lena foram incansáveis. Iam pelos quimbo e davam remédios, animando os mais assustados. Até de noite assistiam e vigiavam os doentes perigosos. Revezavam-se nas vigílias, para não sacrificarem tanto os empregados. Mas, amarradas à cama, que podiam fazer?

Dr. Brito tinha a seu cargo mais de duzentos gripados e não podia também abandonar a direcção da fazenda, muito embora os serviços estivessem quase paralisados.

E o pior de tudo era o desconforto das habitações. Por mais que calafetassem os postigos com jornais entalados nas frinchas, o vento passava sempre e a humidade do cacimbo em nada concorria para que o mal fosse debelado.

Numa das camas da cabana, D. Maria delirava. Tinha sempre a mesma ideia fixa. Queria sair dali... Que o Mato era a terra mais miserável que tinha conhecido! E chorava, chorava sempre... A sua voz rouca metia impressão.

Dr. Brito, acabrunhado, passeava de um lado para o outro.

— Tenho mandado portador após portador e nada de vir um médico!!

— Sabe-se lá se eles ainda estarão vivos, pail! Tenhamos paciência e coragem! Olhe! A Maria está mais calma. Vá descansar um bocadinho. Chamarei se for necessário.

Nessa noite, porém, a crise foi tremenda. D. Maria tinha perdido a razão. Queria saltar fora da cama e fugir, completamente alucinada... Lena só conseguiu serená-la de madrugada.

De que valeria chamar Dr. Brito? De nada! Não podia deixá-la sôzinha...

No dia seguinte, foi ela própria que se sentiu invadir da cabeça aos pés por uma grande lassidão. Quase não tinha temperatura, mas estava abúlica, sem vontade para nada...

Nessa apatia foi enfraquecendo e a doença arrastou-se por semanas. Já D. Maria andava a pé e ajudava Dr. Brito e ainda ela jazia ali, estendida num cadeirão de verga.

Passava as tardes debaixo da samba, a olhar para os campos abandonados...

Dos que haviam fugido nada se sabia. Mas esses não eram a maior preocupação das senhoras. Se tinham pernas, é porque estavam mais fortes. A sua bondade estendera-se até aos quimbos... Como estariam eles por lá? Um nativo fora encontrado perto do rio, deitado ao sol, meio morto. Mesmo assim, salvara-se...

Outros, porém, morriam no mato, diziam, completamente ao abandono ou eram comidos pelas feras... Casos houvera bem tristes... Mas que fazer?!? Nada! E o Doutor multiplicava-se para atender a tudo e a todos, tanto mais que os criados ainda válidos não queriam chegar-se aos doentes.

— Estes diabos, com os seus feitiços, são terríveis! — disse Dr. Brito, uma manhã, ao entrar no quarto. Ninguém os convence de que estão doentes. Tudo é feitiçaria e contra ela eu não tenho poder porque sou branco! Já me vieram oferecer bois para ensinar a minha fórmula de quimbanda... Mas só de quimbanda... Nem mesmo Manuel Capataz se convence do

contrário. Diz que, em estando bom, vai tirar os cazumbis e oferecer um porco ao feiticeiro! Imaginem! E a mim, que ando esfalfado, ninguém se lembra de dar uma reles penosa...

— Pobre pail! Até me rio, hoje que está passado o maior perigo. Um homem de leis metido nestas andanças!

— Se as coisas se tivessem complicado mais, não sei o que teria sido... Felizmente, a gripe não foi muito maligna... Imaginem que os três médicos adoeceram gravemente e ao mesmo tempo, mandaram-me dizer ontem. O Dr. Meireles ainda não está livre de perigo e aquela gente do Huambo tratou-se como nós, conforme cada um sabia e podia...

— Ainda assim, tivemos muita sorte! — disse D. Maria. Estava admirada com o marido.

Em Benguela nem sequer tirava um lenço da gaveta sem a chamar e para qualquer incómodo, mesmo ligeiro, logo vinha um esculápio.

Agora, sôzinho, tinha tratado de todos, esquecendo-se de si próprio... Só andava enervado por tamanha ausência do escritório... Logo que apanhou as senhoras com forças, partiu para o litoral.

Em fins de Setembro, formaram-se no horizonte, do lado norte, grossos novelos de nuvens. A tardinha, porém, desapareceram e no dia seguinte o céu mostrou-se limpo e metálico.

— A chuva há-de vir, descansem! — disse Dr. Brito, para as senhoras que perscrutavam o horizonte antes do almoço. — Ainda se hão-de faltar de água!

— Quem dera, pai! Este vento seco é desesperador. Sinto na minha cara a sede das plantas!

Pegou-lhe na mão e fê-la passar pelas faces.

— Tisnadas, não? E os olhos ardem-me ...

— Até os animais andam enfernizados ... — acrescentou D. Maria. Parece que pressentem alguma coisa ... Quando vier a chuva, vai ser quase uma festa!...

— Se vai!

Nessa tarde, os castelos foram maiores, mas só passados mais oito dias, num domingo e sem contarem, ela chegou.

Primeiro surgiu no horizonte uma extensa faixa luminosa.

— Deve ser pó, como nos últimos dias — afirmou Dr. Brito tranquilamente, pousando o binóculo.

Mas o céu tornou-se rapidamente cor de chumbo e um rumor surdo soava ao longe.

Os pastores, assustados, chegaram com o gado numa

correria desabalada. Todos gritavam e gesticulavam ao mesmo tempo.

— Pelo sim, pelo não, fechem as portas e janelas e recolham os animais!

Constantino, plantado no meio do terreiro, berrava como possesso:

— Vá! Vá! Toca! Toca! É andar depressa! Depressa!...

Travavam-se tremendas batalhas no labirinto das ramagens; o mato era mar encapelado; o barulho aterrador e os nervos mantinham-se em constante vibração.

Lena e Dr. Brito espreitavam pelo postigo e, por fim, o tufão passou qual tromba sugadora...

Colmos inteiros foram arrancados e levados pelo ar; também braços de árvores e molhos de capim, tábuas, zínco, turbilhões e turbilhões de detritos e folhas vindas dos confins da selva, no meio de rugidos e poeira infernal. Depois, pó, folhas e detritos ficaram a esvoaçar no ar durante algum tempo, batendo violentamente contra as frágeis paredes para continuarem, logo a seguir, agarrados por outra tromba, na sua louca debandada.

Nenhum habitante da fazenda ousava pôr o nariz fora das exíguas habitações.

A cada momento, o receio de que a cabana fosse também pelo ar apertava os seus corações.

Lena sentou-se na cama ao lado de D. Maria.

— Reza, querida! Reza! Não há-de ser nada!

Mas só passado um quarto de hora começaram a cair as primeiras pingas.

O capim da cobertura, apesar de bem amarrado com lomboes, fora erguido ou arrancado nalguns sítios e deixava passar água.

Chovia tanto e em tantos lugares que até os pratos em que comiam, a saboneteira e os copos de lavar os dentes foram utilizados para apagar.

Dr. Brito fumava cigarros sobre cigarros enquanto Lena e D. Maria andavam numa dobadoira. Puseram-se depois a olhar a chuva através do postigo aberto. O vento amainara e um cheiro forte a ozônio penetrou no quarto, fazendo dilatar as narinas sem querer...

— Que bom cheirinho a terra molhada, Maria! Amanhã vou já tratar das minhas flores. Quando acabarem a casa nova, o nosso jardim há-de ter lindas roseiras. Pegaram muitas estacas, sabes?

Não obteve resposta e continuou a falar porque se sentia eletrizada.

— Como se terão aguentado os empregados? E os animais? Haverá inundações? Tudo é de esperar...

Saíram para a varanda quando ouviram a voz de Constantino, que, de capéu de chuva aberto, chapinhava entre cerradas cortinas de água.

— Que grande maluqueira, homem! Venha para aqui! Espere que passe a chuva!... — gritou Dr. Brito.

Ele, porém, nem ouvia e correu a acudir aos currais.

— Dizem que depois das primeiras chuvas as flores brotam como por encanto. Será verdade? — perguntou Lena.

— Sei lá! Sem ver, não acredito!

— Amanhã irei mato fora!... Compreendo agora por que é que as minhas companheiras andavam léguas e léguas para verem um prado de gencianas ou uma encosta de rododendros e arriscavam a vida em escaladas perigosas para colherem, elas próprias, o célebre «Edelweiss». Hoje não posso passar sem flores. Ainda que tenha de as cultivar eu mesma com as minhas mãos.

D. Maria continuava calada. A tempestade, ao contrário de Lena, dera-lhe a sensação de cansaço. Sentia cada vez mais o peso do isolamento e a tristeza daquela vida primitiva de limitados horizontes. E, ainda por cima, a litanía da chuva que lhe enchia o coração de intensa melancolia!...

— Vê como a terra já parece outra, Maria! Até a folhagem perdeu o ar desbotado que tinha ...

Constantino continuava a correr de um lado para o outro, com o guarda-chuva aberto e capote às costas. Verificava os prejuízos.

— Uma assim! — disse, achegando-se aos patrões. A tromba pegou no coberto do Águas e levou-o inteirinho pelo ar até ao riacho!... O mestre aguentou a tormenta encostado a uma das paredes, cheio de medo e sempre à espera de ser também levado ... Fui dar com ele a tiritar ... Agora está na minha cama e emborrachei-o ...

Riu-se.

— Nas sanzalas não houve nada, Sr. Doutor, mas o cabaneiro foi derrubado em parte e o capim das obras, que tanto tempo levou a arranjar, desapareceu! Até parece impossível! Quinze molhos de carregar e vergar! Só para compor as casas serão precisas umas semanas bem puxadas ... E o resto?

— Deixe lá, homem! Estamos todos vivos, não é? Que mais quer?

— E veio a chuva! — exclamou Lena rindo. Ao menos isso!

— Pois sim, é verdade. Serão seis longos meses de água ...

— Estou a ver que nos vamos cansar ... Olha! Olha! Chove na tua cama!

No chalé de Lena, o leito estava numa sopa e o chão às poças. Nem um palmo enxuto.

— Como vamos dormir esta noite? — perguntou D. Maria visivelmente aflita.

Mas tudo se remediou. Vieram os oleados dos carros, mudaram-se as roupas e os empregados acomodaram-se uns com os outros conforme puderam. D. Maria, Lena e Dr. Brito dormiram vestidos, todos três no mesmo compartimento.

— Isto é o que se chama uma agradável peripécia! Safa! — disse, no dia seguinte, o doutor, ao acordar.

Mas, daí em diante, todas as tardes, mais hora à frente, mais hora atrás, a chuva caía em bátegas fortes, lavando a floresta e cobrindo-a de maciezas nunca vistas.

— É preciso alargar a área, para que as charruas tenham campo!

— Lá isso é, não resta dúvida! O pior é que o tempo não deixa trabalhar muito e depois a terra, após tantos meses de seca, bebe que nem uma esponja e toda ela está empapada. Um inferno! Desentranha-se em rebentões, o que dificulta ainda mais o avanço das máquinas.

Realmente, uma espécie de loucura invadia a Natureza desde os píncaros rochosos aos fundões de lodo nos rios. Até os homens se sentiam rejuvenescer; havia qualquer coisa de alvoroçante nas almas.

— Repararam na floresta? — observou Lena uma tarde. Parece louca. Ah! querido Pai, é espantoso! Os ramos crescem à vista desarmada!

Já antes os copados se tinham incendiado do roxo, vermelho, amarelo e verde-claro das folhinhas novas que encobriam as cinzentas, queimadas pelas geadas e pela seca. E, logo após as primeiras chuvas, já nem se reconheciam os lugares.

Onde estivera um deserto pedregoso com raros capins hirsutos, irrompiam lírios e crocos cor-de-rosa e as candelábricas<sup>1</sup>, enegrecidas desde as queimadas, em breve se encheram de tufos verdes luzentes. Certas plantas, então, tinham ardis ingênuos. Torciam-se e furavam, atirando-se em lances patéticos de ramo para ramo e de toiceira a toiceira.

De dia, as seivas pululavam à babuge; de noite, eram lançadas no espaço folhas espalmadas e lábios grossos de cores sensuais. E nas clareiras ou pelas bordas dos caminhos, estrelas brancas grandes e pequeninas de cheiro doce eston-

<sup>1</sup> Candelábricas — plantas com pé alto, (mais de metro) género agave cuja floração vermelha nos parece um candelabro.

teante atapetavam o solo de um dia para o outro. Algumas trepavam depois pelas bissapas<sup>2</sup> e arbustos, enchendo o ar de perfumes. Quando essas desapareciam, outras irrompiam do solo aos magotes, em 24 horas, como que tocadas por varinha mágica.

Tudo isso Lena ia observando durante os seus passeios e caçadas aos patos, perdizes e rolas.

Eram núcleos vegetais embrionários, alegres e buliçosos, que ansiavam por viver rapidamente. Surgiam diante dos seus olhos numa luxuriante orgia de seivas e com tais paroxismos de fecundação como se o tempo urgisse e a hora da vida estivesse prestes a terminar!

Que lindas as mutatas carregadas de cachos lilazes debruando as clareiras! E as gardénias brancas picotadas? Os amarílis cor-de-carne com laivos escarlata e as «mirábilis» dos altos, vermelho gritante, de unhas cor-de-açafrão salpicando o mato de alacridade? E tantas, tantas outras flores ignoradas e sem nome que apetecia colher às braçadas: umbelíferas, rosáceas em cruz ...

Lena trazia do mato molhadas sobre molhadas, que logo murchavam no dia seguinte sem as poder crismar. Não era pena?

As árvores, noiteiras<sup>3</sup>, sambas, paus-ferro<sup>4</sup> de manchas esbranquiçadas pelos troncos, estavam todas empenachadas ou cobertinhas de penugens macias pelos cimos.

Vagalhões de verdura, cobriam a podridão. Mas mesmo o verde se tornava maluco; escuro e claro, todo marchetado ou borratado. Derramava-se em cataratas ... Eram verdes os morros, as montanhas, as baixas e as anharas.

— O mato é bom, agora! — dissera Lena, uma tarde.

<sup>2</sup> Bissapas — arbustos ou vegetações rasteiras.

<sup>3</sup> Noiteiras, sambas — árvores do mato.

<sup>4</sup> Pau-ferro — árvore de madeira muito dura.

Por toda a parte jorra água. Nos fojos, os pássaros batem asas e fazem ninhos. E tudo se põe em movimento febril, tudo! Os animais na selva e as aves no céu. Como é alegre e feliz este tempo!

D. Maria ria-se da enteada.

— Tens uma tal fantasia!...

Mas Lena tinha razão. Era boa observadora; até aos mais pequeninos cambiantes. Com os sentidos alvoroçados, via tudo.

Milhares, milhões de insectos irrompiam do seio da terra doidejando à toa, como se estivessem borrachos ...

Enxames de abelhas e nuvens de borboletas amarelas e brancas passavam à desfilada como pétalas impelidas pelo vento. E já uma nuvem se perdia e outra vinha, outra e outra ...

De uma vez, na estrada, quando ia a cavalo, levantaram-se de uma poça centenas e centenas de borboletas de todas as cores, que a envolveram. Fora maravilhoso!

E que zumbidos, que trilos, que estalidar constante!

Escaravelhos agigantados rolavam bolas monstruosas como titãs e montes de formigas brancas poisavam aqui e além, largando as asas, onde a madeira e o capim davam pasto; e tantos insectos novos, envernizados de fresco, com cores berrantes e metálicas, desde as cantáridas aos carregadores e das cochinilhas de veludo escarlata aos unicórnios e longicórnios gigantes de asas quitinadas!

Por mais pequenina que fosse a folha e por trás de cada ramo, lá estavam dois olhitos vivos a espreitar: louva-a-Deus, lagartas, camaleões, passarinhos ... e até a cobra mimetada e pequenina das copas.

Se eram antílopes e voltavam dos pastos privilegiados, espalhavam-se em correrias loucas pela terra adiante, sem rumo certo. Não raro, pelo entardecer ou de madrugada, se surpreendiam em brincadeiras e saltos sobre a estrada. E o sol punha jóias cintilantes nas folhagens, no capim, nos peque-



ninos arroios, nas poças. Flutuava por toda a parte uma luz maravilhosa e criadora; a terra ressumava, cheirando a musgos e renovos.

Lena ficava-se especada, a olhar e a ouvir aqueles baques surdos do mato e o bater rumoroso das asas dos patos nas lagoas. Sentia a alegria dos visgos escorrendo pelos troncos em cáldio mistério, das seivas estoirando cascas e botões.

Como era bom aquele tempo quentinho e aconchegador!

— E os opomumos? — perguntou um dia D. Maria, ao chegar à cabana de um dos seus giros. Quem é que vê esses pássaros bisnaus antes da vinda das chuvas?

— Chamem-lhes tolos! — acrescentou Dr. Brito. Agora, aquele par de maraus anda lá por cima dos morros, saracoteando a cauda negra. — Esta noite nem me deixaram dormir com os seus «hu! hu!» de contra baixo. E ninguém se atreve a matá-los ...

— Se são feiticeiros e têm olhos de gente, pai! Manuel Capataz afirma que eles se riem dos homens que nesta época sofrem fome de rabo. Vêm de propósito, mais inchados que nunca, matraqueando os bicos só para fazer arrelhar.

— Tem razão, — disse ainda D. Maria — porque os olhos deles são humanos e cheios de malícia ... Fazem impressão as longas pestanas ...

— Se fazem! E é justamente pelo seu aspecto que lhes atribuem malefícios tolos. E, a propósito, repararam na fúria de Constantino contra a passarada? Até fala sózinho ... Que não deixam escapar nada ... que são precisos espantalhos e garotos a tocar latas ... Dá em doido! Cada vez admite mais cambongas<sup>5</sup> ao serviço ...

— Os pássaros sentem como nós a alegria das seivas novas ... Só quem já sofreu o martírio de seis meses de seca e queimadas e assiste à chegada das primeiras chuvas é que

<sup>5</sup> Cambongas — rapazes de 8 a 10 anos e que já trabalham.

percebe o que anda no ar. Tudo canta, tudo ri, tudo palpita. Não vos parece?

— Por aí anda chusma de biquinhos-de-lacre e de biquinhos-de-prata à procura de sementes e as perdizes e rolas dão cabo dos ervilhões. — Acrescentou Dr. Brito.

— E viuvinhas? E pica-peixes? Que caudas, que cores! São tão bonitos, pai!

D. Maria silenciou ...

Oh! Aquela mania do marido e da enteada!

\*

Entretanto, a luta contra a selva tornou-se titânica.

Passada uma semana, o empregado-chefe dispôs os serviços em grupos de dois e quatro homens à volta das árvores, ali mesmo em frente das construções novas. Logo se seguiu o extermínio com as jabitadas<sup>6</sup> frenéticas dos lenhadores.

Cada derruba era quase uma orgia.

Depois de porfiadas canseiras no manejo da ferramenta nativa — quem os podia obrigar a pegar nos machados? — os homens afastavam-se lestos e, de longe, puxavam a corda de landobe amarrada antes do corte a uma pernada alta. Viam subir o estremeção até às pontinhas dos ramos e berravam como loucos:

— Zunga<sup>7</sup>! Zunga! Conguzo<sup>8</sup>, muene! Zunga!

E, de repente, com as raízes laterais já decepadas a um metro de profundidade, e a raiz mestra fendida até mais de meio, num grande estrondo e grande grito, a samba, olumué ou nocha aí vinha desamparada, de braços abertos como um ser humano

<sup>6</sup> Jabitadas — pancadas com o jabite, machado usado pelos autóctones.

<sup>7</sup> Zunga — puxa.

<sup>8</sup> Conguzo — com força.

e esmagava-se contra aquela terra que lhe dera o ser e tremia de comoção.

Após segundos, inerte como um cadáver, e os mesmos jabites atiravam-se a destroçá-la. Se era tacula ou girasone, tingia as mãos dos lenhadores.

— Porque te ris? — perguntou um deles. É sangue! As árvores também têm sangue ...

A alegria e os pinotes era só por terem, enfim, vencido!

— Faz-me tanta pena ver cair uma árvore, pai! Peço-lhe clemência para aquela noiteira gigante!

— Não, filha, aqui à frente da casa quero amplidão ...

— Olhe bem para a majestade do tronco! Por cada árvore que cai, destruímos uma vida ... E que vida!

— Se não dá nada?!...

— Dá beleza!

— Não digo que não. Mas onde entram máquinas podem lá existir raízes deste calibre?

— Deixe ficar aquela! A mim afigura-se-me que a civilização para atingir os seus fins não precisava de destruir tudo o que encontra no seu caminho. Tem os alicerces tingidos de sangue como as mãos dos pretos. Ora veja! Até impressiona ...

— Que queres? Nada se faz neste mundo sem grandes sacrifícios de vidas e dinheiro ... e nada aparece ao homem sem primeiro o forçar a duras experiências.

— Eu sei, pai! Mas há ilogismos que abalam o cérebro.

— Ora! Ora! Já pensaste, por acaso, no suor que se verteu por estes matos para que Angola seja o que é? E não falo só dos brancos, mas também dos pretos ... Vocês próprias, não vos sacrificais também? E eu?! ...

— Este planalto está bem regado pelas lágrimas da nossa gente ... — disse Lena.

— Entretanto, minha filha, a clareira irá aumentando dia a dia e semana a semana de trabalho ...

Lena andava radiante com a ideia de mudarem em breve para as casas novas. Já não podiam viver mais tempo daquela maneira miserável, sem conforto de espécie alguma ...

Assim, na manhã em que mestre Águas deu as dependências como prontas, ambas saíram da cabana provisória já meio desmantelada.

— Vamos! Findaram os nossos tormentos! Tens uma linda casa, e bem situada ...

Como a madrastra não respondesse, pôs-se a olhar a moradia branquejando no sopé dos morros com certa imponência.

— Não gostas da tua vivenda? Diz? É bem engraçada! Com a chaminé alta e telhado vermelho a morrer sobre a varanda ... não faria má figura na Europa ... E quando estiver completamente acabada ...

D. Maria fixou demoradamente a enteada. Depois, como esta esperasse que ela dissesse alguma coisa, encolheu os ombros e afirmou já meio risonha:

— Como vocês perdem a noção das realidades! Então tu, deveras, achas que esta casa é uma maravilha? Tu, Lena? Não digo que seja inabitável, mas está longe de ser um lar bonito como tantos que viste no continente. Positivamente, não te compreendo ...

— Tudo é relativo nesta vida, tornou-lhe Lena. Mesmo

assim, gosto dela, porque foi idealizada pelo pai. É o caso! E não terei eu também um pouco de mim própria amarrado a estas paredes? O Águas é um molencão. Se não fosse vir aqui todos os dias, estaria quase pronta? Ele, com o seu «Ó homem, que me dizes?» deita-se no forro a ressonar e deixa correr. E afirmo-te: para o Mato, até se me afigura um palácio!

Mais tarde, Helena e D. Maria, já instaladas nos dois quartos maiores das dependências, trouxeram logo a nota feminina àquele ermo. Puseram cortinas de chita nas janelas e forraram as cadeiras de verga com cretones vindos de Benguela. Quando se entrava em casa, as cores alegres davam uma sensação de alívio e os vasos de cravos enormes, à mistura com selhas de cardeais cor-de-fogo e sobretudo uma roseira do Huambo, toda empenachada de lindas flores amarelas, convidavam a descansar.

— Que dizem a isto, meninas? — perguntou-lhes uma tarde Dr. Brito. Já não são só chingues<sup>1</sup> e cabanas...

— Chingues é o que há mais por aqui e não devia haver nenhum, pai!

Ele sentia a alegria dos vestidos claros das senhoras e de todo aquele conjunto simples e de bom gosto que o rodeava. Mas não podia deixar de dar razão a Lena.

— Os chingues desaparecerão um dia, até dos quimbos<sup>2</sup> quanto mais da fazenda. Quando, é que não sei...

— Como vão longe os meses na casa provisória tão falha de tudo! Enquanto lá estivemos, não me pareceu tão má... mas agora... Ó paizinho, olhe que era uma autêntica cabana. Pior, talvez, que a do «Pai Tomás». Nem sei como lá pudemos resistir à Espanhola!

— E os oficiais da aviação quando chegaram de Sá da

<sup>1</sup> Chingues — ver pág. 23.

<sup>2</sup> Quimbos — ver pág. 18.

Bandeira? Não fizeram as casas dos caixotes em que vieram os camiões da América? Estão todas cobertas a capim e são bem engraçadas, não? E olha que ainda lá viverão por muitos meses e talvez anos... Não é tão cedo que as outras ficam prontas...

— Mesmo com recursos... custa tanto fazer qualquer coisa!... Veja o que vai pelos campos! — exclamou Lena, passando-lhe o binóculo.

O pessoal, espalhado pela encosta e no vale, abria valas, revolvía entulhos e traçava talhões largos de cultura, pondo sobre a terra a serenidade da ordem.

— Nada há mais bonito do que um campo trabalhado e arrumado. Mas, antes disso, quanta energia não é preciso dispende! — exclamou Dr. Brito.

D. Maria observava as voltas e revoltas do pessoal e o arranque insano da maquinaria, com os bois arquejando, de pernas esticadas, os carreiros aos berros.

Charruas iam e vinham. Lavravam grandes sulcos em courelas de cem e duzentos metros de comprimento e a terra, assim levantada, tinha o aspecto das águas arrepiadas e batidas pelo vento, com ondas pequeninas que se perdiam ao longe convergindo para um ponto imaginário, além do mato...

— Custou! Constantino agora convenceu-se da vantagem das máquinas. Já mandou, até, fazer três arados à moda da terra dele, na Beira Alta. Vamos lá ver, querem?

— Não é mau homem, pai! Parece mesmo bastante inteligente e, com a prática, aprende...

— Não digo que não! Tudo leva seu tempo e muita paciência... até para convencer as mulheres...

Desde as charruas «brabant», puxadas a duas juntas, aos charruecos tramagal e arados de sulco, os engenhos corriam plainos extensos à beira da estrada governamental. O frente puxava a soga, atrás o charruador tocava a campainha que trazia à cinta e animava o gado.

— Ei! Eh! Hô! Bromferri! Estiliferri! ... Aierr!

E o solo virava em leivas direitinhas e luzidias, todas paralelas e polidas pelo aço das aivecas.

Quando algum boi, ainda mal ensinado, saía do rego, então os chicotes estalavam por cima das cornaduras como tiros de pistola e os berros tornavam-se mais selvagens.

— Ei! Ahô! Bromferri! Bromferri!!! Ferri, ferri!!

Mais lestos devido à prática, os serviçais deitavam mãos à tarefa com segurança e limpavam o terreno à frente das máquinas para que estas avançassem. Era uma lufa-lufa contínua, dos molhos atados à pressa para as fogueiras marginais e destas outra vez para os molhos e troncos destinados à serração. Quando as máquinas podiam avançar, descansavam.

Grossos rolos de fumo subiam para o ar e as andorinhas cortavam o azul desmaiado do céu num vertiginoso ziguezaguear de grandes caçadoras.

Entre os impropérios dos capatazes e risotas dos serviçais, a voz de Constantino chegava até Dr. Brito e às senhoras, muito estranha, e, acima de tudo, as dos carreiros, que incitavam as juntas! Não havia maneira de as fazer andar depressa. Arfavam, de caverna cavada, sempre no mesmo andamento, queimadas pelo sol infernal da tarde, os cachacos esmagados debaixo da canga ...

— «Ombruto! Corre! Tu não vês o patrão? Tambula ó conta! Eh! Onguari! Onça! ... Anda Ombruto! Olha qui patrão quéri vê serviço!

Dr. Brito, D. Maria e Lena pararam perto de um charruador. Ia dar a volta para recomeçar novo rego.

De cabeças bem esticadas, os animais puxavam a enorme aiveca, vagarosa mas continuamente, enquanto pelas costas do timoneiro o suor escorria até espelhar a pele.

— Que tal vai isso, hein? Tens uns belos bois. E bem ensinados! Bravo!

Constantino gritava ordens para todos os lados.

— Como ele berra, meu Deus! Já sabe comandar. Parece outro! Ora oiçam!

Num tom imperativo, o empregado recomendava:

— Deixem descansar o gado nas voltas! Junjam bem o boi da mão para não cair no rego aberto! Vai! Vai!

E quando Dr. Brito entrou no campo, foi um nunca mais acabar de lamentações:

— É desesperador! Matam o gado estes malandros. Não têm a mínima noção do serviço ... Homens batidos meses e meses consecutivos no trabalho e sempre a mesma corja ... Charruas e parafusos partidos, as alavancas presas com terra, rodas cambalhotadas, relhas roídas, ou então nunca mudam a sola. E V. Ex.<sup>a</sup> está a ver o resultado ... mau aproveitamento e má distribuição de forças ...

— Bravo! Bravo! Onde diabo foi você aprender isso?

— Foi o uso, Senhor Doutor! Foi o uso! O uso é que abre os olhos à gente!

Ria-se, envaidecido com a satisfação do patrão. Não parecia o mesmo homem, de espírito labrego. E, sem responder directamente, continuou:

— Ainda ontem apareceu um apo torcido. Imagine o Senhor! Um apo! Mas há mais! A cada passo os destorreadores estão entalados, as sogas soltas, uma abaixo outra acima, os dentes amolgados, o teiró estourado ... E até, Santo Deus, até uma rabiça vergaram como vime. Eu não percebo como estas almas do diabo conseguem torcer e quebrar peças forjadas de boa resistência! É para desesperar! Está sempre tudo escangalhado ...

— Sim ... Sim ... a mão do preto ... bem sei ... Ela é má, mas havê-la mesmo assim! É preciso ter paciência, homem! Sem muita paciência, nada se consegue. E persistência também. Você queixa-se ... E se não tivesse pretos? Olhe que eles são os nossos melhores colaboradores. Sem a sua ajuda, que teríamos feito? Sim, diga lá? Quase nada ...

— Lá isso é verdade!...

— Pois então já você vê. Ninguém nasce ensinado ... nem pretos nem brancos ...

— Tem razão, Senhor Doutor; mas, às vezes, a paciência esgota-se. Chegamos à noite esfalfados de tanto berrar.

— E porque berra? Já se não lembra do que passou em novo ... Não era a mesma coisa na sua aldeia? Primeiro que uma criatura aprenda a fazer os serviços bem feitos tem que gastar muitas solas, comer muita broa e levar muito cachação ... Agora mesmo, não é com o uso, como você diz, que está a aperfeiçoar-se? Ensinando, você abre os olhos ...

No dia imediato entraram as grades ao serviço e foi outro inferno de berraria.

Manuel Capataz correndo de um lado para o outro ajudava Constantino.

— Cambilhete! Olha essa corrente que prende os pés dos bois! Não vê os dentes da grade todos virados? Você julga que é roda do seu carro? Não vê qu'está fazendo? Chimburro!!...

— Chimburro é você! Bô fala, si sinhô. Porque anda na bô vida! Pega aqui no rabiça, mesmo, hómi! Anda seu Capataz! Espirimenta! ...

Depois, virando-se para Constantino:

— É qui máquina não estar bom; eu sábi mesmo, sinhô. Preto estar no carreiro muito tempo, grandí mesmo. Preto carreiro bom, mesmo.

E por aí fora um nunca mais acabar de argumentos que tiveram o condão de obrigar Constantino a dar saltos de corça e ir mais longe desabafar a fúria que o consumia sobre os demais empregados.

— Oh! Vocês não vêem nada; não olham por nada! Uma coisa destas! ... Grade nova e já em fanicos! Que diabo fazem que não vigiam as alfaias?

Avistou logo os cavadores parados, em observação atenta da sarilhada dos carreiros:

— Eh! Capataz! Que tens tu com eles? Puxa essa malta! Não deixes ninguém ao alto!

Ante a fúria que varria o campo como um tufão, os serviçais encostavam-se uns aos outros, rindo e batendo com as patas das enxadas à toa no terreno, ou corriam assarapantados para os molhos da lenha.

Um mais animoso elevou a voz e os coros responderam, sonorosos e cheios, abafando toda a cólera.

Quanto mais Constantino berrava, mais se ria Dr. Brito, satisfeito por aquele entusiasmo. O berrar era feitio. Já ninguém lhe ligava.

Em relativamente poucos meses, cinquenta hectares ficaram semeados. Não era tanto quanto o empregado desejava, mas, mesmo assim, vamos indo! Então, o espanto foi grande de ver surgir do nada impreciso aquela bela e risonha propriedade. Fora uma realização rápida, mas para isso Dr. Brito e todos os empregados, brancos e pretos, e até as senhoras, redobram de esforços.

— Não se erguem mundos novos com oito horas de trabalho — disse uma manhã Dr. Brito para os europeus.

— Nem com pouco dinheiro, Senhor Doutor — confirmou Constantino. Estes campos estão a peso de oiro! Só em salários! ...

\*

Desde o amanhecer ao pôr-do-sol e pela noite adiante, todos deitavam mão indiscriminadamente ao que calhava. Eram serralheiros, carpinteiros e mestres de obras; batiam o ferro e tratavam do gado amansando-o com piarças<sup>3</sup> e troncos impro-

<sup>3</sup> Piarças — ver pág. 26.

visados; semeavam pão e plantavam café e árvores de fruto; mediam terras, marcavam valas e calculavam desníveis quase sem instrumentos.

Era preciso um pontão? Fazia-se o pontão. Necessária uma estrada? Picava-se o mato, rompia-se o trainel e ela surgia. As coisas mais simples tornavam-se complicadas pela exiguidade dos recursos e falta de aptidão dos trabalhadores.

— O engenho do homem tem que superar as falhas! ... — dizia Dr. Brito.

Mas quantos dias para ensinar a pegar numa enxada sem ferir os pés! Quantos meses para calhar a mão na bigorna e na rabiça! Era sempre um problema, o grande problema da África: ensinar ... ensinar ... ensinar ...

As duas senhoras apareciam na forma à chamada. Depois D. Maria voltava para a residência e Lena ia de campo em campo e de obra em obra verificar o andamento dos serviços.

Dava ordens; corrigia o que estava mal feito; mandava pôr tudo a postos. E respeitavam-na. Mal se aproximava, brancos e pretos desbarretavam-se, escutando-a com interesse e acatando as suas ideias. Tinha sempre o cuidado de mandar pedindo parecer e convenciam-se logo de que a ideia tinha partido deles próprios.

«Pois não lhes parece que seria melhor assim? — perguntava aos chefes. Que pensam vocês? Gostava tanto de ter isto pronto à chegada de meu pai! Seria uma bela surpresa, não acham? Que dizem?»

Eles achavam tudo muito bem. Constantino, então, tomava as coisas a peito e, pouco tempo depois, era ele que afirmava:

— Quero ter isto pronto quando chegar o Senhor seu pai, menina!

Lena não poupava elogios.

Pois não era um verdadeiro milagre de boa vontade e dedicação o que já estava feito e à vista? Àqueles homens esforçados, a quem só era dado ver pela frente o trabalho, como

teria ela coragem de pedir sem elogiar? E todos, brancos e pretos, mereciam os maiores louvores.

— Isto vai, menina! Isto vai! — dizia Manuel Capataz a rir.

Os empregados ficavam muitas vezes assarapantados quando ela lhes estendia a mão sorrindo naturalmente.

— Muito, muito obrigada! Foi mesmo assim que meu pai sonhou esta obra; ele vai ficar contentíssimo

Pelo meio-dia, o sino dava sinal de descanso e logo em toda a fazenda o trabalho paralisava. A natureza parecia dormir e até os pássaros, que de manhã enxameavam nos capinzais com as suas chilreadas, desapareciam por completo.

E era debaixo daquela torreira do meio-dia que Lena recolhia a casa para o almoço, com um grande chapéu de palha descambado sobre os olhos, as pálpebras vermelhas semi-cerradas, cansada de tanto calcorrear, mas feliz por aquela actividade de que os seus nervos tanto careciam.

Constantino procurava uma árvore mais copada e deitava-se a dormir, à espera que Irunga, o Santomista, viesse com o terno do almoço.

Lopes, do outro lado das piteiras, fazia o mesmo, fugindo também daquele inferno enquanto os serviçais, aos grupos, se juntavam em redor das panelas onde o feijão, de tanto cozer toda a manhã, estava chisnado. A água do pirão já borbulhava e o infunje<sup>4</sup> com muito gindungo e «amatis», as lagartas estripadas ou a tira de carne seca ao sol com dendem, ferviam em cachão.

Três paus achegados pelos topos, as panelas de barro preto por cima, um brasido vivo, fumo e moscas e toca a esperar, de cócoras ou sentados numa pedra, com a barriga voltada para o fogo, a cabeça descoberta debaixo daquele sol inclemente que estonteava os europeus ...

<sup>4</sup> Infunje — espécie de esparregado com gindungo e tomates.



Felizes e galhofando, chupavam cachimbos ...

Havia quem se entretivesse a passar sardinha seca no brasume. Alguns também traziam dos quimbos chissângua<sup>5</sup> para beber e batata doce ou mandioca assada; outros ordenavam majestosamente aos garotos que fossem pela água e enchessem as cabaças no riacho da horta, pois corria ali a dois passos.

E logo Irunga, um quimbar repatriado de S. Tomé, encetou conversa. Chegara naquele momento de levar a comida aos empregados.

— O branco, sim, é que come bem! — disse em quimbundo. Por isso dá tanto trabalho ao preto. Não é para brincadeiras ... e é muito duro quando aperta o sol. A esta hora, no quimbo, os parentes estendem-se nas esteiras e dormem ou fazem cortiços à sombra ...

— Depois, ele — disse do outro lado um frente de guias achinesadas, torna-se insuportável. Quer sempre mais terra, mais terra. P'ra quê? A barriga dele não é como a nossa?... Tem mas é grande «chipurulo»<sup>6</sup>. Nem dorme a pensar no castigo do preto. Perguntem ao Ventura, o criado dele ... Diz que o patrão escreve no papel os serviços com que nos há-de moer no dia seguinte ... P'ra não esquecer!...

— Que queres? — disse outro — Agora a terra é deles ...

— Está bem. A terra é deles e é nossa. Patrão não tira terra do arimo; patrão cava o mato. E quando tira o arimo, se você não quer ficar no meio das terras dele, paga ou dá outra terra bem arranjada. Não rouba nada você.

— Pois sim, mas o preto precisa de descanso. Precisa de comandar as mulheres e os filhos nas lavras; de caçar, de fumar e de pôr os cortiços, se não quiser morrer com sede.

<sup>5</sup> Chissângua — cerveja de milho.

<sup>6</sup> Chipurulo — ambição.

— Você estar a cantar muito, mas espera que o branco ensina-te mesmo a conversa ...

— Preto não tem no escravo — resmungou outro. O branco no terra dêli cava o chão. Não tem comida, porque o terra é próbi. Eu viu mesmo, no Puto; eu sábi mesmo. E é por isso qui vem obrigar o preto a trabalhar. Tudo só siriviço! Só siriviço!

— Mas antão que quer você? Trabalho não é escravo. Pra que veio? Não foi p'ra ganhar dinheiro? E o patrão num paga bem? Se não quer, vai embora, homem! Embora, homem!

— É só falar! Falar sai do boca, mesmo!

Desataram a rir uns com os outros.

Do solo elevavam-se ondas de fofalha e o ar tremia à frente das pupilas. Pouco a pouco foram deitando a fuba na água fervente, aos punhados, mexendo com um pau em espátula. De grupo para grupo, a conversa generalizou-se. Todos se irmanavam na censura aos empregados e aos capatazes e a cada chacota batiam palmas.

— Branco aquilo? Só o patrão é branco; os outros são «Cangundos» ...<sup>7</sup> Cangundos mesmo! Oh! O branco! Tem muito esperto ... Depois arranja uma caixa cheia de dinheiro e vai para a terra dele gozar e beber ... Não quer saber da terra do preto pr'a nada ...

Irunga indignou-se.

— És mesmo matunto!<sup>8</sup> Então não vês que o patrão está a enterrar o dinheiro na terra? Que fazes ao que ganhas?

— Mas tu disseste que o mato é do branco e o mato é nosso. Nós já cá estávamos quando o branco veio.

— Não sábis nada, hómi! Nós viemos no terra, eles vieram no mar. São «Calunga». E esta terra também não era a nossa. Quem julga você qui pôs o nome Gandalacaué na pedra grande? Os Quimbundos ou os Gandos? Os sêculos dizem que foram

<sup>7</sup> Cangundo — branco ordinário.

<sup>8</sup> Matunto — estúpido.

os Gandos. E o branco tem mais força. Sábis porquê? Está sempre a trabalhar e tu só tens muito conversa no jango, só quéris dormir...

Foi uma galhofa pegada. Depois Irunga continuou em quimbundo para que todos percebessem bem:

— O branco junta milho e compra bois; tu compras conhaque, fazes quimbombo e bebes o milho todo. Nem tens uma cabra. Não é verdade? E passas fome ... Que queres? A culpa é tua. Olha os Gandos ... Têm muitos bois ...

— Mas o patrão manda só cavar ... cavar ... cavar ... Cava milho! Cava batata! Cava café! Cava laranja! E a enxada é para as mulheres e para as crianças e os escravos. Homem não quer enxada, mesmo. Só quéri qui deixa ele no quimbo sossegado, a apanhar cera e a tratar dos bois ... Não tens pena do quimbo, Irunga?

— Aqui não há bois, hómil! Bois, é só no Ganda. Você ser munganda?

Calaram-se. Um cachimbo enorme passou de mão em mão. Depois o das guias achinesadas ergueu os olhos da fogueira e fixou-os no companheiro mais próximo dizendo:

— Daqui a dez luas há garapa! Vai ser uma festa na minha terra! E não faltam mulheres, Irunga ...

E como Dr. Brito, nesse dia, também recolhesse à residência logo atrás de Lena, capacete enterrado até aos olhos e mãos atrás das costas e notasse aquela conversa animada, interrogou o chefe do grupo:

— Então, Irunga, que dizem? Estão satisfeitos com a ração? Chega? Querem mais alguma coisa? Que posso fazer por eles?

E logo o «santomista» num riso largo explicou:

— Dizem que a fazenda é um inferno de trabalho e que os brancos só querem dinheiro para irem pr'o «Puto!»

— Essa agora! Então não vêem que o dinheiro lhes vai parar todo às mãos?

— Não faz caso, patrão Doutor! São bichos, mesmo!

— Bichos? Chamas bichos aos teus irmãos?

— Não, patrão, eu não é irmão dêli. Eu ser «santomé». Santomé é gênti mesmo. Santomé sabe ... Bicho não sabe nada.

Ao cair da tarde, já a voz do capataz não conseguia tanta diligência. Os braços rebeldes apoiavam-se ao cabo da enxada e do machado e as conversas desencontravam-se com o vaivém da ferramenta.

— Eu quero ver! Eu quero ver! — gritava Manuel em vão. Mas os trabalhadores riam-se nas suas bochechas e, à socapa, chamavam-lhe nomes sem conta.

Foi então que Constantino deu a ordem em voz seca:

— É largar! Largar!

Dr. Brito estava a seu lado.

— Ai daquele que me faltar ao respeito, senhor doutor! Ai dele! Escacho-o! Um homem, no Mato, só vale pela sua força.

Dr. Brito reagiu.

— Ora! Ora! Nem sempre!... A força incute medo e não respeito. Este adquire-se pela justiça.

O subordinado calou-se, mas o homem ficou na sua.

— Cá de mim, por onde meto a cabeça, hão-de passar os ombros!

— Reconheço que você é um bom empregado, mas nem tudo se consegue com teimosia. E olhe, ser temido é bom, mas a estima dos que estão abaixo de nós é a melhor ajuda no trabalho. E também uma recompensa, pode crer. As coisas

da Fazenda correrão sempre melhor se você tiver cada vez mais paciência com o pessoal, quer branco, quer preto.

Constantino, realmente, era temido. O seu corpo atarracado e membrudo impunha-se, tanto mais que via tudo e não admitia desleixos ou preguiça. Franzia a testa voluntariosa à mais leve falta.

Pôs-se a olhar os homens que corriam para o armazém.

— Ah! Que se eu pudesse, senhor doutor! Nenhum outro branco poria pé na fazenda; nenhum! Ainda que rebentasse ... Mas saí das berças para o Mato e nunca aprendi a ler ... Estou a depender do Águas ... Isso mais que tudo me irrita. É um basófia, senhor doutor, um fala-barato! E tenho que lhe pedir para fazer a forma e ler as cartas que o senhor me manda de Benguela ...

— Todos nós dependemos uns dos outros. E não é tarde para aprender, que diabo! Atire-se! Porque não? Sente-se inferiorizado perante tantos pretos que lêem e escrevem? Pudera! Olhe Manuel Capataz, Capusso e João Cozinheiro ...

— O meu nervoso não vem só disso — continuou Constantino que acompanhou Dr. Brito até à residência nova. O que me desespera mais são estes matos por desbravar ... Afinal, estamos para aqui há perto de três anos e nem uma baixa lavrámos completamente, nem uma horta em termos possuímos ... Que são 50 hectares dos altos? Nada! É preciso fazer mais terra. Mas como? O senhor doutor tem tantas obras em andamento! ... E o pior é que o mato vai assaltando a terra cavada ... Até no terreiro as árvores derrubadas entoicaram logo nas primeiras chuvadas grandes com centenas de rebentões atrevidos. Espezi-nho-os com raiva, mas, daí a poucas semanas, tornam a arrebitar ou nascem outros ainda mais fortes. Debaixo da minha cama até se ergueu um olumué! Imagine!

— Custa a crer, mas é verdade — disse Dr. Brito apoiando-o, O mato avança como a tropa e arremete com fúria. Não há maneira de o vencer!

— Dominar o mato? Hum! — exclamou Constantino.

Dr. Brito ergueu as mãos ao alto.

— É mais fácil amansar feras!

— Veja, senhor doutor, calculava três ou quatro dias para a limpeza destes talhões à frente das casas novas ... Ao começar o trabalho, deparou-se-me logo uma enorme extensão de ungote<sup>1</sup> Quem havia de dizer? De mais a mais em terras longe dos rios ... Julguei que só o havia nas anharas. E aqui estamos parados há tanto tempo em volta deste bocado. Quer ver, senhor doutor?

— Pois sim!

Dirigiram-se para o lugar indicado, um campo de batalha coberto de lenhos mais grossos que uma coxa.

— Veja, senhor doutor, que precisámos de cortar esta rede de troncos bocado a bocado e o pior é que são duros como o ferro ... Vá lá uma criatura meter mãos a um campo sem primeiro ver bem, explicou. E estes troncos subterrâneos apresentam à vista só bissapas miseráveis ... É um verdadeiro martírio!

— Lá isso é! — confirmou Dr. Brito.

Olhando para o outro lado da avenida, Constantino acrescentou:

— O Lopes teve mais sorte do que eu. Paciência! Vai quase ao pé das obras ...

Dr. Brito caminhou direito aos homens sentados a comer.

— Então, isto vai ou não vai?

— Vai, sim senhor! — respondeu o capataz.

— Devagar, mas há-de ir — acrescentou Constantino. Lá acompanhar os do outro lado, não acompanho ... Ontem foi uma risota por cima das piteiras. Quando o senhor doutor passou, os homens do Lopes puseram-se a cacarejar que nós éramos

<sup>1</sup> Ungote — ver pág. 22.

galinhas, que já não podíamos nada e estávamos podres! Miseráveis!

E Constantino justificava-se perante Dr. Brito:

— Aquele matunto do Lopes ainda por cima anda com uma vaidade! É ele que incita os homens ...

— Você não está bom! ... Não percebi nada do que os pretos disseram, nem isso me preocupa. O que é preciso é avançar para ter tudo limpo aqui à frente da casa quando vier o nosso governador.

Realmente, o desbravamento emperrava naquele sítio e as charruas largavam o serviço mais cedo, ou trabalhavam meio-dia ou até só um quarto de dia. Seria preciso um destroncador. Mas onde estava dinheiro para o mandar vir?

Pudesse ele! Ou houvesse um banco agrícola sem a obrigatoriedade dos trinta, sessenta ou noventa dias! ...

Olhava a baixazinha da horta, com uma rua de nespereiras do lado de lá do riacho, fazendo divisória entre as terras negras de aluvião e as terras amarelas dos plainos mais altos com declives suaves que, já amanhados, aguardavam as sementeiras.

O verde era mimoso. Alguns talhões de linho nacional e de Riga, em experiência, ondulavam o azul lindíssimo das flores.

Virou-se depois para o empregado:

— Faz-se tarde, Constantino! O resto da baixa está à sua espera ...

— Se está!

— Mas, primeiro, é preciso desafrontar a casa como já disse. Quero uma vista ampla para que as visitas possam admirar melhor o nosso esforço. Trazendo aqui as autoridades e fazendo-lhes ver o que fizemos, espero que me ajudem ...

Bem diziam os pretos! ...

Dr. Brito fazia projectos sobre projectos. Ainda um trabalho não estava concluído, já outro lhe ocorria. Mas logo vinha à baila o grave problema do pessoal. Tivesse ele bons trabalhadores e boas máquinas! Aí é que todo o fazendeiro

esbarrava ... e o progresso da Província se ia estancando ...

— Sem braços nada se faz, mas sem máquinas, pior, porque qualquer cultura, sendo feita à mão, não dará resultado quando os preços baixarem. Num empate desta natureza — disse para as senhoras que chegavam também da residência e apontando para as construções e campos desbravados — só uma produção grande equilibra. Não se pode comparar a lavoura da Metrópole com a lavoura angolana ...

— Tem razão! — confirmou Lena. Em toda a parte, quando se compra uma propriedade, as terras estão feitas, as casas e anexos construídos, os calços levantados, com muros e valas de regadio, minas e poços. E aqui o que há? Nada, absolutamente nada, a não ser material primário: terra, pedras, paus, barro e cordas de londobe ...

— Conseguisse eu mandar vir mais máquinas! Ao menos um destroncador e um tractor.

Despediram-se de Constantino e voltaram para a varanda, desabafando o Dr. com as duas senhoras.

Disse da sua preocupação constante por aqueles problemas vitais.

— A própria terra, prosseguiu, é um mito quanto à sua decantada riqueza ... Nunca se sabe o que o solo e o sub-solo nos reservam ... E devemos convencer-nos de que só o esforço e o trabalho do homem faz a grandeza das Nações ... Tudo o mais são utopias ... lérias ... sempre lérias e mais lérias ...

— Tens razão, Paulo, não é possível comércio e indústria avançada sem grande produção do solo e do sub-solo. O comércio não cria riqueza, faz a distribuição dela.

— E neste esforço, a que todos somos obrigados, terá o preto encontrado posição que o liberte da obrigatoriedade do trabalho que pesa sobre nós? Não terá ele de cavar o pão com o suor do seu rosto?

— Olhe, pai, Angola precisa dos braços de todos os por-

tugueses para ser a terra de que necessitamos, nós os brancos, mulatos e pretos. E nem por isso é necessário recorrer ao trabalho forçado, que não concebemos sequer. O que se torna indispensável é fixar doutrina nova.

— É isso mesmo que todos nós desejamos ... Porque o trabalho transformou-se numa função social que a todos compete — ricos, remediados e pobres — e a ninguém é dado furtar-se ao seu imperativo pelo facto de ser independente financeiramente.

— Pelo contrário — disse Lena — e eis a questão. Precisamos de produzir muito e bem. Urge deitar mãos à obra. E nesse sentido, poderá a produção vir só do preto?

— Certamente que não, filha. Por outro lado, o branco e o preto, para se aguentarem num nível de vida razoável, devem praticar culturas em escala extensiva. São precisos dez, cem, duzentos, trezentos e mais hectares, portanto grandes desbravamentos, muitas máquinas e máquinas eficientes até se conseguir o objectivo. Quem preconizar o contrário, erra, porque tudo será em pura perda dos fazendeiros e a ruína certa de nós todos e do Estado. Capital é que não há ...

D. Maria interrompeu-o abruptamente:

— Tu sonhas, Paulo! Onde ir buscar gente e dinheiro para a efectivação de tamanho projecto?

Dr. Brito calou-se por momentos, mas não se mostrou agastado. Afirmou que não haveria falta de gente que trabalhasse com maquinaria adequada. Que faltaria, sim, seria para a enxada. Quanto ao dinheiro ...

— Olha, está nos bancos. Mais tarde ou mais cedo virá alguém que o faça girar em proveito de todos. Nem para o gado é necessária tanta terra. O que se torna urgente é fazer pastos adequados para valerem nas grandes secas anuais.

Depois, continuou:

— O regime de contratos também não satisfaz nem a gregos nem a troianos. É decalcado no angariamento para plantação

tipo açucareira, quanto à ideia básica, mas logo lhe enxertaram o prazo trimestral. Que resulta destas ideias nada ajustadas à prática da vida? Não se estão vocês constantemente a queixar de que os três meses de trabalho só servem para ensinar a pegar na enxada?

— Sim, em três meses nunca um homem se faz trabalhador regular, quanto mais bom! — afirmou D. Maria.

— Se fosse só isso!... — disse Lena. — Vêm tarde e a más horas, porque os rapazes novos já nem aos sobas querem obedecer. Julgam-se compelidos e, mal sabem pegar na ferramenta, fogem em massa. Por vezes, logo no primeiro dia ... E se são de perto substituem-se todas as semanas.

— Olha, minha filha, ou bem que querem desenvolver Angola ou só pretendem a exploração comercial como os outros países europeus fazem. Que se declare de uma vez para sempre o caminho a seguir. Querer só explorar a actividade do selvícola não faz sentido. Além do mais, essa orientação levará a consequências graves e funestas no futuro, porque a pequena lavoura reduz o homem a pária e, mais que pária, a miserável. Vida vegetativa, precisamente à sombra do comércio.

— O problema do homem da selva tem sempre solução, pai! Se uma mulher não chega, arranja duas!

— Quando pode! Muitos não as têm e passam fome. De resto, Angola está cheia de experiências e ela só será grande quando se organizarem e alargarem as suas culturas, ao conforme da grandiosidade do espaço vazio. Em vez da enxadinha gentílica com dois cabos pequenos, o charrueco pelo menos. Não achas?

E, depois de uns momentos, perguntou:

— Que importam para a economia geral os quintalejos e as hortinhas de Benguela, da Catumbela ou de Luanda e Moçamedes? Mas todo o Cavaco, quanto não daria? E a Foz do rio Cuvo quase abandonada? E a do Quanza? As margens do Cunene? Todo o planalto e regiões pré-planálticas?



E continuou:

— Mesmo, como se poderão aguentar as pequenas propriedades sem amparo e impulso, concebendo-as como unidades de dezenas de hectares que sejam? Não vimos o que sucedeu com Manuel Neves? Esse homem merecia uma estátua. Foi um trabalhador incansável. Não havia por aí fazenda que se lhe comparasse em beleza e extensão. No dia em que fez entrar a água do Catumbela nos terrenos, foi para a boca da vala meter a última carga de dinamite, levando no bolso o revólver carregado. Estava sem vintém! A água irrompeu pela terra adiante. Seria a salvação e a fortuna? ... Continuou a lutar, mas de que lhe valeu? Sem ninguém a seu lado, teve de cair! ... E que dizer do Magalhães? Lembras-te dele ainda, Lena?

— Nunca mais esquecerei o Luacho! Nunca mais, pai! Tinha treze anos quando lá fui.

— Que grande dívida moral nós temos para com esse homem e seu irmão! Agarrados à terra durante 30 anos, transformaram o mato num autêntico paraíso. E passaram misérias sem conta no fim da vida! Até o meteram em Rilhafoles ... E o Sr. Carvalho no Dombe? Não é inteligentíssimo e cheio de iniciativa?

— Tem toda a razão, pai! Foram esses sonhadores que criaram muita riqueza e ainda hoje outros a criam. Só em grande escala as produções podem dar resultado. Olhe o açúcar, o tabaco, a cera, os couros ... E, agora, está o milho a subir ...

— Sabes porque há tanto couro? O preto não mata bois mas eles morrem às manadas, com a caonha<sup>3</sup>, muquisse<sup>4</sup> e fome. E sempre afirmei: a hortazinha, o arimbo<sup>5</sup>, a naca<sup>6</sup> ou a

<sup>3</sup> *Caonha* — peripneumonia infecciosa do gado.

<sup>4</sup> *Muquisse* — doença provocada pelas cinzas depois das queimadas.

<sup>5</sup> *Arimbo* — terra dos altos cultivada pelas pretas.

<sup>6</sup> *Naca* — terra negra das baixas.

lunda<sup>7</sup>, são actividades por demais condenadas em países progressivos. Têm que dar lugar à granja ou à fazenda.

— Porque não? — disse D. Maria — Talvez conseguíssemos mais, se chegasse a verdade aos ouvidos dos do Governo ... Mas que é a verdade? E quem a diz? O século XX é o século do dinheiro. Ter ou não ter, eis a questão.

— Porque não manda vir pessoal de longe? Talvez não fugisse tanto ... Afinal, o pagamento é bom, dá-se-lhes até mais do que é exigido por lei ...

— E não podemos deixar de reconhecer a vantagem do trabalho junto dos brancos ... — asseverou D. Maria — Daqui vão sempre mais fortes do que vêm e a saber alguma coisa.

— Pois não? — continuou Lenna — Vê, por exemplo os «santomistas». Não são eles os melhores trabalhadores e os mais habilitados que temos? E, apesar da sua proverbial indolência, é com eles que nos havemos para os serviços mais cuidados. Porquê? Porque frequentam a escola do branco. E olha, Maria, pelo que vou observando, o preto aprende com facilidade. É só questão de paciência e tempo.

— Mas tempo é dinheiro, filha!

— Sem dúvida! — disse do lado D. Maria — Mas das presas nada resulta de bom ... Começo a compreender as reticências dos nossos amigos ...

Dr. Brito, logo a seguir ao almoço, fez um requerimento pedindo quarenta homens da fronteira.

Foram de novo sentar-se na varanda da residência ainda em obras. Mestre Águas, como bom algarvio que era, falava pelos cotovelos e Lena e D. Maria afastaram-se para um canto.

— Está quase acabada a nossa casa, mãezita! E já gosto tanto dela! Que fará quando estiver mobilada a nosso gosto!

— Ilusão, Lena! És exactamente como teu pai! Hás-de ficar saturada de tudo isto ...

<sup>7</sup> *Lunda* — terra perto dos quimbos, geralmente para tabaco.

— Talvez, mas, por enquanto ... — disse, com uma leve sombra nos olhos ... — por enquanto ... não quero ser pessimista. Vivamos a hora presente, que é boa ...

E foi já quase noite, com o deferimento do Administrador, que veio a confirmação de uma ordem para o Capitão-Mor das Gangueles contratar quarenta quiocos.

— O quê?! — bradou Dr. Brito excitadíssimo. Quiocos?

Dava punhadas sobre a mesinha de madeira, numa fúria crescente. Ergueu-se depois, passando as mãos pelos cabelos grisalhos, e, ao pé da porta, voltou-se bruscamente para a mulher e para a filha:

— Quiocos! Só por escárnio! E que vou eu trabalhar com semelhante gente, não me dizem? Ao fim de dez anos, talvez saibam fazer alguma coisa ...

Abriu os braços num desalento completo. Em seguida, foi ao escritório deu duas penadas e entregou nova carta.

— O capataz que mande outro homem à sede! Já! Já!

Demasiado tarde. A ordem tinha seguido nessa mesma manhã, atendendo à elevada categoria do requerente e à vontade manifesta da autoridade local em ajudá-lo.

— Olhe, pai, pode muito bem ser que esteja enganado a respeito dos quiocos e eles venham a prestar-nos grande auxílio ... Quem sabe?

Aproximava-se, enfim, a inauguração.

Nunca Mestre Vandunen vira tal movimento. Só no tempo em que fora cozinheiro do Governador Geral. Agora, com medo dos feitiços, virara em topa-a-tudo: carpinteiro, cozinheiro, ferrador e pasteleiro ...

Dr. Brito em pessoa dirigia os preparativos.

Mandou desentulhar o coberto das obras, construir um pontão na horta e as avenidas foram endireitadas e batidas. Em curvas suaves, abriram também uma ruazinha pitoresca até à gruta de onde se dominava toda a fazenda e de volta da casa plantaram arbustos e roseiras.

Seduzia-o aquele horizonte e era de lá que queria mostrar os seus trabalhos.

— Achas bem oferecermos um pic-nic ao governador? — insistia D. Maria. — Não será melhor comermos aqui em casa?

Dr. Brito, porém, não se deixou convencer.

No próprio dia, D. Maria e Lena, desde as seis horas da manhã, não tiveram mãos a medir. Uma malta de gente subia e descia o morro transportando cestos, cabazes, cadelas e mesinhas toscas. Nada faltava, nem as carpas do Cunhângamua, leitões, perus e patos com variadíssimas hortaliças nem

os tabuleiros de doces e queques monumentais. Mas Dr. Brito era um insatisfeito. Queria mais uma coisa, outra e outra.

— Sempre vou ver quem prefere uma pedra a um bom assento — disse rindo. Assim é que é. D. Branca e o Governador agradecerão a ideia. E mesmo vocês ... Muito me quero rir ...

Pelas onze horas, começaram a chegar os automóveis ... As senhoras fugiram espavoridas para um dos quartos. Ainda não estavam arranjadas ...

— Em África, é assim mesmo! Tudo recai sobre nós, mulheres; as mais pequeninas coisas têm de ser vigiadas, desde a limpeza, aos cozinhados, doces e bebidas.

— As bebidas principalmente! ... ripostou Lena.

D. Maria riu-se.

— Não te aflijas! Arranjo-me num rufo!

Dr. Brito foi ao encontro dos do Governo. Logo a seguir, chegou o Dr. Cunha e a família, D. Laura, esposa dum dos tenentes da aviação, o administrador, mulher e filha e o médico da casa, o Dr. Meireles.

Lena não se fez esperar muito; surgiu do jardim, com aquela sua delicadeza primaveril, e D. Branca, que a abraçou com carinho, logo lhe viu o rosto mais bronzeado e a sua alegria esfuziante, quando julgava vir encontrá-la desolada e triste.

— Como está queimada, Lena! E mais bonita, sabe? Com melhor aspecto! Bravo! Sim senhor!

D. Maria também pouco se demorou. Foi direita a D. Branca e apertou-lhe as mãos. Depois dirigiu-se aos outros um por um. O seu sorriso cativava e, pouco a pouco, na varanda cheia de gente, todos falavam e riam.

Era esplêndido aquele sítio, lindo a valer, com as lonjuras enevoadas em misteriosa blandícia. E depois de tanto mato, as pupilas repousavam com agrado na frescura verde das plantações regulares.

— Meu caro Governador, cumpre-lhe cortar a fita simbólica — disse Dr. Brito.

O momento foi solene. Em silêncio, todos rodearam a primeira autoridade do distrito e, quando o laço caiu, as portas e janelas abriram-se de par em par, entrando luz a jorros para a sala, coada pelas cortinas.

Não houve mais que admirar, se o bom gosto ou a sobriedade que reinava por toda a parte. Em cada coisa se notava elegância, tanto mais que estavam ali, a tantas léguas da civilização ... Ele eram os apanhados das cortinas, uma jarra de flores, ou bordados e plantas, tudo sem aquele aspecto de igrejinha, então tanto do hábito africano.

Sobre uma das mesas, Lena dispusera uma taça de orquídeas e, frente à janela, numa jardineira, plantas exóticas e europeias vegetavam com exuberância incrível. Pintara-a ela própria inspirada nos mesmos motivos dos «panneaux» que D. Maria trouxera do litoral. Depois, as cadeiras de corda da Índia e de verga da Madeira, tudo muito fresco e alegre, à mistura com quatro peles de onça e quadros pendurados nas paredes, davam uma sensação de enorme conforto. Na sala de jantar, então, as visitantes ficaram extasiadas diante do centro de mirabilis vermelhas.

Viam-se aperitivos e bebidas das melhores marcas e as pratas e cristais espalhavam cores vivas sobre atoalhado antigo de Tenerife, que era, por si só, uma tela rara de exposição.

O luxo obrigou a uma certa etiqueta, mas Dr. Brito pôs os seus convivas perfeitamente à vontade, enquanto D. Maria e Lena conduziam as senhoras para os quartos. Aqui, como em toda a parte, havia harmonia, mas principalmente no quarto de Lena e na salinha de leitura, com uma pequena biblioteca de bons autores portugueses e estrangeiros.

— Não admira que se sintam bem aqui! Têm tudo o que é dado para se ser feliz!

— Têm tudo para ser feliz! — repetiu Lena baixinho.

D. Maria primara no arranjo do quarto da enteada. Fechara-se nele durante dois dias e trabalhara denodadamente para apresentar aquele conjunto encantador. Era tudo branco e cor-de-rosa; as flores das cortinas e as flores das jarras, os cretones dos bancos nas janelas e dos dois «poufs», os bordados, a moldura do espelho de *toilette*, e até a cama, uma cama de ferro larga e baixinha com as cabeceiras trabalhadas. Lena, que também o via pela primeira vez, estava comovida e abraçou D. Maria.

— Muito obrigada, Mãezita — disse. Não te esqueceste de nada, nem dos meus livros preferidos.

— Também não sabias como estava o teu quarto?

— Sabia ... mas há surpresas ... A cama pintada a branco, por exemplo, e os livros ...

— Oh! É admirável! — exclamou uma das senhoras.

Quando voltaram à sala de jantar, Dr. Brito começou a servir aperitivos, no que foi secundado pela mulher e a filha.

— Meus bons amigos, estamos no Mato, esta casa é vossa e a minha maior alegria é que se sintam nela completamente à vontade. Precisamos de não quebrar as tradições africanas da velha e carinhosa hospitalidade dos portugueses ...

Petiscaram dos bolinhos e salgados; beberam cálices de cinzano e Málaga e, por fim, Dr. Brito deu ordem de marcha.

— Agora, a caminho da gruta!

D. Maria deu o braço a D. Branca e convidou as outras senhoras a seguirem-na. Lena, à frente, no meio da sua amiga Cristina e do Secretário Pimentel, discutia sobre agricultura ultramarina e o desenvolvimento rápido da fazenda. Atrás das senhoras iam o Governador e o Administrador, Dr. Brito, os da aviação e os outros amigos.

— Com que então, Sr.<sup>a</sup> D. Lena, está cafusa impenitente?

Ela volveu os olhos vivaços para a face trocista do secretário e, um pouco corada, retorquiu;

— Tenho muita honra nisso.

— Pensa ficar para fada destes lugares? — atalhou do lado o administrador, que se tinha adiantado mais do que os companheiros.

— Eu bem lhe digo que é uma loucura ... uma verdadeira loucura! — afirmou Cristina.

— Todo o homem procura um sonho na vida e, à medida que o vai perdendo e verifica ser insensatez segui-lo, mais se agarra a ele, não é verdade? E nem por isso se sente desgraçado ... — retorquiu Lena a rir. — É como se deitasse uma acha nalgum brasume esmorecido para o avivar ... O sonho ajuda a ser feliz ... muito embora muitas vezes nos deixemos consumir por ele ... E a vida que é senão sonho, Sr. Administrador? Aqui pelo menos ...

— Depende do factor persistência e do factor resistência ...

— Nem sei como podes estar metida no meio do mato, sem distrações e sem convivência ... Que horror!

E, ao ouvido, para que os companheiros não percebessem.

— Tiveste algum desgosto? Diz? Se fosse eu, fugia!

Mas já as outras senhoras subiam a pequena encosta lentamente: o Governador, D. Branca pelo braço de Dr. Brito, D. Maria atrás conversando com o administrador, D. Ester, o marido e D. Laura.

Lena juntara-se com a amiga ao grupo das outras senhoras e cavalheiros.

Admiravam a bela carreira sinuando entre túneis de verdura macia e chãs pedregosas cobertas de vegetação rasteira.

De repente, Lena virou-se fixando a estrada.

— Afinal, o António não veio!

Dr. Brito também estava admirado da falta de pontualidade de seu filho, mas certamente não haveria nova desagradável, porque vinha acompanhado por um amigo, o Luís Miguel de Lemos.

— Você conhece, ó Governador?

— Não, ninguém conhecia pessoalmente, mas tinham ouvido falar da sua fazenda e da maquinaria que ele e um cunhado holandês haviam trazido para o sertão. Só de doidos!

— Faz V. Ex.<sup>a</sup> lá ideia! Quando chegaram, começou por aí uma tal febre de demarcações! Que os ingleses queriam tudo, açambarcavam tudo ... Até meu filho me propôs a ocupação das margens do Coporolo. Fantasias! Nem eles açambarcavam nada, nem tinham máquinas e dinheiro para tal e o resultado foi a falência de mais uma boa vontade ...

Helena guiava a gente moça e passou novamente à frente dos grupos. Exclamações de admiração saíam de todos os lados na colheita dos maboques<sup>1</sup> e dos jasmims. Do meio das pedras uma variedade enorme de candelábricas erguia os braços floridos a vermelho; lírios roxos despontavam aqui e além por entre fendas e logo chegaram à gruta, um milagre da natureza, talhado na rocha e todo enfeitado pelas bordas com pingentes rendilhados. Era um verdadeiro prodígio, ali naquele mato claro, esse recanto luxuriante de trepadeiras e fetos caindo lá do alto.

O átrio estava varrido e areado, com seis mesinhas postas garridamente. Sentaram-se aos grupos de quatro e de seis, gozando aquela claridade lânguida em contra-luz e a sonolência do meio-dia que até os pássaros respeitavam ...

Durante uns momentos, ninguém falou. A todos sabia bem a paz. Só Lena e D. Maria davam ordens aos criados perfilados ao fundo.

Depois do primeiro prato e dos vinho servidos é que a alegria retomou de novo o seu curso.

De mesa para mesa, conversavam e riam. Dr. Brito servia as senhoras que tinha a seu lado e insistia mostrando-lhes os melhores pontos da paisagem. Depois quando o sol, encoberto

<sup>1</sup> Maboques — frutos duros que parecem laranjas.

<sup>2</sup> Candelábricas — ver pág. 67.

por algum tempo, bateu de chapa sobre os campos radiados de verde, D. Ester ergueu-se entusiasmada:

— Sim senhor! É lindo, lindo a valer! Lá está o Cunene! E acolá, aquelas árvores? Ali para a esquerda, vê? Não serão os eucaliptos do Huambo?

— Sim! Sim! É o Huambo!

Todos fixaram o ponto indicado.

As lagoas pareciam sóis, de tal maneira espelhavam, e, acima das anharas<sup>2</sup>, seguiam-se léguas e léguas a perder de vista de floresta clara sulcada por riachozinhos caprichosos, simples traços na imensidão das copas.

— Como os fumos subindo dos milharais nos dão a sensação de paz! — disse D. Branca, a esposa do Governador.

Realmente, a fazenda, vista lá de cima, tinha o aspecto alegre de um casal feliz.

— Belo! Admirável! Só faltam muitas casas espalhadas por aí fora. O campo sem paredes brancas e telhados vermelhos é triste ... — declarou de novo D. Ester.

Da horta até à residência, árvores de fruto, novinhas e plantadas em alinhamentos certos, pareciam espeques. Depois, a avenida central, que as separava, desdobrava-se em dois braços formando um semi-círculo à volta de pequeno roseiral. Desembocavam noutra em sentido Sul-Norte e rente à residência nova, toda embandeirada nesse dia.

— Ó doutor, dou-lhe os meus sinceros parabéns! E em tão pouco tempo! ...

Erguem-se mundos num instante, minha senhora! — respondeu Dr. Brito. Em todo o caso, a fazenda tem quase três anos ...

O governador ouvia-o calado e ele, então, continuou a fazer encómios à lavoura, à verdadeira lavoura do branco e do

<sup>2</sup> Anhara — ver pág. 40.

preto que pela terra se sacrificavam e à terra davam o melhor do seu esforço.

— Do preto também?

— Sim, sim, do preto! Porque não? Que são os voluntários que trabalham comigo: humbes, camessequeis, hanhas e santomistas! Não faltam por aí terras de ninguém. Em vez de cubatas, casas e, do capim, a telha ou o zinco! Com fazendolas de volta ...

— Sabe, doutor, disse do lado o Administrador, orgulho-me porque a sua fazenda está na minha circunscrição. Pode contar comigo para tudo o que for possível. É um exemplo de tenacidade digno de ser apontado e, de aqui em diante, já sabe, cá trarei nacionais e estrangeiros para que vejam e admirem quanto pode um português de boa vontade.

— Olhe, meu amigo, se me der pessoal, terá muito mais de que se orgulhar ... Mas se me manda quiocos, então ... adeus!

O Administrador desculpou-se.

Dr. Brito era de opinião que se deviam auxiliar, na medida do possível, todas as iniciativas daquele género, quer de brancos quer de pretos.

— O que se torna necessário — disse — e os povos reclamam é que haja fartura e facilidades de vida.

— Mas, perguntou do lado D. Laura, isto há-de custar-lhe rios de dinheiro, senhor doutor! ... E valerá a pena?

— Tenho fé no futuro, minha senhora! E no desenvolvimento da minha colónia e de muitas outras como esta. Custou cara a montagem; agora, é só trabalhar ...

E como o Administrador se espantasse com a palavra colónia dentro da Fazenda:

— A minha colónia, sim, pois então? É um sonho realizável. Por acaso colonizar não será a palavra apropriada para quem vai ocupar a terra de ninguém? Porque é preciso ver que entre nós tirar a terra cultivada pelo preto é crime grave. E que será

colonizar? Não é fundir duas civilizações numa só, disso resultando um todo homogéneo? Cada país terá de criar uma vida que, do ponto de vista moral, cultural e económico, seja o reflexo dos que estão e dos que vêm. Olhe o Brasil!

— É um plano fantástico! Oxalá o possa realizar! — disse ainda o Administrador.

— E porque não? Quando o caminho de ferro chegar à Catanga, esta Província será o seu celeiro, o seu talho e o seu vergel. Os meus colonos farão parte dela e ajudarão a fornecer a babel. O que a Catanga precisar irá daqui e de muitas outras fazendas que se fundarão a exemplo desta. É o que lhes digo! E tudo será pouco!

Depois — disse para o Governador — pode-se lá calcular o valor futuro das terras e o aumento da população imigrante ... Não têm reparado na febre de demarcações que por aí vai? É uma autêntica mania. Alguns chegam a entrar pelas propriedades alheias dentro e chamam-nas deles. Ainda há poucos meses mandei arrancar duas tabuletas que me vieram espetar mesmo em frente ao armazém e à loja. Imagine o desaforo, meu Amigo! Parece que esta terra tem ouro escondido no subsolo ...

— E terá! ... Quem sabe? — respondeu o Governador a rir. O que falta é descobri-lo.

— Olhe, meu amigo, não interessa para o país açambarcar quilómetros quadrados de mato. O que é preciso é trabalhá-lo e fazê-lo produzir ao máximo. Angola tem hoje dois a três milhões de habitantes. E amanhã?

Porém, quando o Chefe lhe deu a entender que a orientação central era contrária aos contratos de pessoal, ficou uns momentos perplexo, sem atinar com o que iria dizer.

— Pois mau é isso, meu caro amigo! Mau é isso! O nosso Alto Comissário quer restringir a mão-de-obra? Mata Angola, mata-nos a todos nós, brancos e pretos. Sabe quanto dinheiro já espalhei por estes povos em salários? Perto de duzentos

contos. E um boi soba ainda custa uma libra ou seja quinze escudos e cinquenta centavos. E porquê? Porque é que os portugueses não poderão contratar trabalhadores livres, legalizados, pagos e bem pagos, se os próprios Ingleses vêm buscar para as minas do Rand e para o campo levas e levas de Moçambicanos portugueses? E Angolanos? Não teremos nós em nossa casa os mesmos direitos dos estrangeiros? E não vão tantos portugueses contratados para o Brasil, o Canadá, os Estados-Unidos da América do Norte e para a França? Depois da Grande Guerra quantos lá não ficaram? Antigamente até iam galegos fazer as nossas vindimas do Douro e ainda hoje os ceifeiros espanhóis ajudam nas ceifas alentejanas.

O Governador não respondeu logo, certamente receoso de qualquer palavra imprudente, e Dr. Brito, depois de algum silêncio, continuou serenamente:

— Que se castiguem abusos com severo rigor, está certo; muito bem. Assim é que deve ser. Civilizar e sermos humanos, respeitando a individualidade do preto como homem que é e desenvolvendo as suas artes e ofícios, torna-se um dever. Mas, que não nos deixem trabalhar, será erro e erro crasso. O trabalho promove e dignifica ...

Depois, rindo-se:

— Dizem que sou visionário. Serei. Como quiserem. Mas o que lhes afirmo é que, com contratados ou sem eles, a minha fazenda-colónia há-de erguer-se ... E com aldeias, escolas e igreja ... A primeira escola há-de ser no Catenguenha e no meio dos quimbos.

Os seus olhos ficaram-se extáticos, pregados num monte longínquo. Via à sua frente, transformado e lindo, aquele vasto rincão e, como numa profecia, dirigindo-se a D. Branca, disse:

— Minha Senhora, ainda há-de ouvir repicar os sinos de morro para morro ... E de quê, de que há-de ser a romaria?

— Ora! De N. Senhora do Sumi, está claro!

— Paizinho, deixe a política e as terras e saboreiem agora este queque!

Lena sorria-se, insistindo docemente. Mas já o coronel, com a taça de champanhe na mão, saudava os donos da casa: D. Maria, de tão nobres tradições, Dr. Brito, companheiro de tantos anos na luta pela promoção daquelas terras, e Lena, a fada do Sumi.

— Pelo futuro da nova fazenda deste distrito, oiçam bem! E sublinhando as palavras: A Fazenda Sumi.

Todas as taças se ergueram.

Nesse momento, chegou António de Brito com o seu amigo Luís de Lemos.

Havia lá direito de aparecerem àquela hora! Que tinha havido de grave, pelo caminho, que os impedira de serem pontuais?

A atenção dos visitantes desviou-se para os recém-chegados e Lena, perto de D. Maria, cochichou-lhe ao ouvido:

— Que cara tão ratona o António nos traz! Sempre tem umas barbas!

António de Brito apresentou Luís Miguel. Era também um apaixonado fazendeiro ...

Logo a seguir, outro brinde foi levantado, talvez mais impressivo, e agora pelo dono da casa a todos os visitantes, agradecendo o encorajamento que a sua presença dava para maiores e mais vastos empreendimentos.

— Jamais, disse, jamais poderei esquecer esta manhã em que minha filha completa vinte e dois anos e o primeiro lar definitivo da Fazenda fica consagrado, o meu próprio lar.

Num discurso curto e floreado, teve para com todos a gentileza de uma palavra amável.

Ao fim, D. Branca apertou as mãos de D. Maria:

— A minha amiga deve sentir-se orgulhosa com a sua obra ...

— Oh! Eu ...



As palavras morreram-lhe afogadas na garganta e foi D. Brito quem quebrou o silêncio ...

— Então Luís, boa viagem, não é verdade? E óptima saúde, da rija?

Luís Miguel, com o seu ar sisudo, respondeu pausadamente, e em pouco tempo, com o Administrador e António, enfronhou-se em palestra amena sobre os últimos acontecimentos políticos da Província.

— Veja V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Governador, não há forças humanas que façam parar a vida de um país novo. A vida não é estática; é luta, é movimento, é trabalho!

As meninas desejavam subir o morro até à cumeada, mas Dr. Brito apontou para a residência, onde se tinha juntado uma multidão de gente.

Rufavam puítas e tambores e veio a explicação do motivo por que tivera a lembrança da gruta para o almoço. Não levariam os hóspedes a cabeça tão atordoada com o barulho das manifestações. No entanto, era preciso receber as homenagens dos povos ...

Depois dos dois rapazes almoçarem e à vez, os automóveis levaram os convidados para a residência, onde flutuava a bandeira portuguesa acima de todas as outras.

Começou o desfile dos chefes da terra.

Primeiro, o soba e seus régulos com peles de onça sobre panos ramalhados e grandes rabos de boi nas mãos. Cada um deles parou em frente do Governador, curvando-se de braços estendidos. Depois, o soba adiantou-se mais, abriu os braços, traçou o cobertor de papa que trazia à laia de manto sobre o ombro e falou:

— Aqui tens os meus filhos: são teus.

O Governador estendeu-lhe a mão e apertou a dele efusivamente. Puxou-o para o seu lado, enquanto uma infinidade de séculos, velhos chefes de tribo de quimbo ou de família, iam passando para a frente.

As puítas, ao fundo do semi-círculo deram sinal atordoador e, enquanto os mestres das obras avançavam também, segurando arcos de verdura, os outros formaram roda desenfreada de batuque.

Mestre Henrique comandava os pares da arrebita<sup>3</sup> e atrás dele vinha Manuel Capataz com a sua dama; depois Miguel e Catongo, e todos os civilizados, de cartola, punhos brancos e polainas. Estendiam o braço direito para o lado, ao nível do ombro, cabeça bem erguida e orgulhosa. As mulheres arrasavam sedas antigas vindas de Benguela e tilintavam oiro da melhor lei.

— Damas ao centriú!

— Fogo nelas!

E os pares avançavam e recuavam, excêntricos, às umbigadas, meneando cada vez mais os quadris.

É andárrri! — comandava a voz. Vai ou não vai! Vai outra volta mesmo!

No meio de tanto berreiro, o Governador ria-se satisfeito. Para ele, já nada tinham de novo aquelas manifestações de regozijo. Era sempre a mesma coisa, os mesmos batuques, o mesmo barregar infernal, os mesmos saltos de gente brava com lanças na mão e rabos de boi na cabeça. Mas a arrebita com seus movimentos dengosos prendia todos os olhares.

Damas ao centriú! Fogo nelas, Fogo nelas! — gritava o marcador entusiasmado.

No horizonte, porém, acastelavam-se nuvens ...

— Meu caro Dr. Brito, levo da sua fazenda as melhores impressões — disse o Governador. Fui aqui recebido como amigo e soube-me bem essa amizade e o carinho familiar com que me rodearam tão diferente das pragmáticas protocolares.

<sup>3</sup> Arrebita — dança dos civilizados imitando a quadrilha.

Não julgava vir encontrar nesta região uma obra tão grande e felicito-os a todos, principalmente às senhoras, que muito devem ter contribuído para que o útil fosse unido ao agradável, espalhando por este sertão a graça e bondade dos seus corações.

No meio dos foguetes e dos vivas dos empregados e, principalmente, de Constantino, que berrava com quanta força tinha, os automóveis abalaram.

Levou tempo a dispersão dos povos que se dispunham a dançar toda a tarde e toda a noite depois da lauta refeição. Mas, por fim, voltou sobre a residência aquela paz tristonha de sempre, sobretudo àquela hora do entardecer.

Ao longe soavam ainda os tan-tan...

— Estou atordoada! — disse D. Maria para Lena.

— E eu também!

Dr. Brito, António e Luís de Lemos recolheram ao escritório, mas, logo após o jantar, de novo se sentaram na varanda.

Já o sol mergulhando por trás da serra incendiava a linha crespa das árvores. Toda a natureza falava baixinho. Eram os chocalhos das manadas recolhendo, balidos de ovelhas com seus cordeirinhos, chamadas dos homens pela encosta e milhares, milhões de seres invisíveis, que trilavam pelos campos ou batiam asas manso e manso no aconchego da samba e trepadeiras do jardim.

Depois, tudo serenou. Só, de quando em quando, chegavam os últimos arranques da batucada pelos quimbos. Até os ralos cricrilavam mais baixo, abafados, quando a lua plena, rubra como uma hóstia de fogo, subiu no horizonte, erguida por mãos invisíveis e derramando sobre o mato a sua luz mistificadora...

As duas senhoras, unidas na mesma ânsia e saudade, sonhavam com a ida à Metrópole. Dr. Brito e Luís de Lemos conversavam amenamente e António, debruçado no corrimão, parecia concentrar-se, alheado...

— Como vai ser bom, Maria! — murmurou Lena baixinho, para que os homens a não ouvissem. — Vamos tomar um banho de civilização! E bem precisamos... Aqui, à força de

lidarmos quase só com gente ignorante, quando vem alguém até se nos prende a língua ... Não achas?

— É do isolamento ...

D. Maria estava pouco expansiva. Surgiam no seu coração dois sentimentos opostos. Desejava ardentemente sair dali, mas também ia separar-se do marido e essa ideia angustiava-a.

— Diz, querida, em que pensas? Não gostaste da tua festa?

— Quero lá saber de festas!

Encolheu os ombros.

— Nada me prende aqui, bem sabes ... E depois, não posso compreender a paixão de teu pai pelo mato, quando há tão lindas propriedades por esse mundo fora. Além disso, este luxo não condiz com as outras instalações dos empregados brancos e pretos. Nem consigo dormir tranquila porque há milhões de homens que dormem no chão em ninho de folhas secas como os animais ... E a mentalidade de que assim serve e está bem, horroriza-me ...

— Tens toda a razão e também o sentimos, mas, cá por mim, estou na idade dos sonhos ... Tudo me parece maravilhoso! ... Que é isso? Choras?

D. Maria levou o dedo à boca.

— Nada! Chut! São nervos!

Calaram-se, mas Lena passou-lhe o braço pela cinta e segurou-lhe, ao mesmo tempo, uma das mãos com ternura. Sentia-se atraída por uma grande piedade. Ah! Ela bem sabia o que aquilo era. Quantas, quantas vezes, em Benguela, tivera vontade de fugir, escondida a bordo de um navio, e até de morrer ...

Debaixo daquele clima deprimente, com o sangue empaludado, invadia-a tamanho desespero! Era então que o passado surgia diante dos seus olhos como uma miragem ... muito longe ... Parecia-lhe ser um caminheiro do deserto ... Sempre a esperança a acenar-lhe no horizonte, com formosos palmares

e lagos resplandecentes e, debaixo dos pés, só areia, areia movediça e aflitiva, areia, areia, areia! Muitas vezes perguntara a si própria se aquilo seria vida ...

Pensara-a tão diferente!

Tinha semanas de sofrimento atroz. Receava até endoidecer ... Lembrava-se de se ter levantado uma vez, altas horas da noite, e de ter ido ao escritório de seu pai, com a decisão firme de partir. Nada parecia demovê-la. Não podia mais. Não podia!

Maquinalmente, escrevera ao Instituto onde estudara, para que lhe arranjassem colocação imediata.

De que lhe valia o diploma conquistado com tanto orgulho? Sim, de que lhe serviria, se não trabalhasse? Era preferível partir a praticar qualquer loucura, num momento de alucinação ...

Mas, logo em seguida, quando passara à porta dos aposentos de D. Maria e de Dr. Brito, rasgara a carta. Aos soluços, fora de novo para o quarto e atirara-se para cima da cama, mordendo a travesseira com raiva, por não ter coragem de quebrar as amarras que a ligavam a ambos. E saíra, por fim, até ao jardim, numa agitação inconcebível dos nervos, rezando sem nexos, sem sentir, sem pensar ...

As noites de Benguela! Que noites! Que noites, Santo Deus! Abafadas, moles, aterradoras!

Só a grande Fé que tinha e a força de vontade lhe trouxeram um pouco de paz. E resignara-se ... Com o tempo, tudo abrandava ...

Oh! O tempo! É um grande lenitivo! ...

Ficaram as cicatrizes, mas já não doíam ... Nem perdera a alegria ...

— Afinal, o homem é um animal de hábitos ... — disse muito baixinho. Adapta-se até ao pior ...

E a mudança para o mato não fora um alívio? Ali, sentia a volúpia de viver ...

— Pois não é que o coração humano só aspira a grandezas e coisas impossíveis, quando na pequenez da sua acção é que ele verdadeiramente se pode tornar grande? Diz, mãezita querida?

D. Maria não respondeu. Nem os homens agora davam por elas, enfronhados como estavam naquela grande paixão criadora das suas almas. Ansiavam por fazer casas e alargar domínios ...

— Pois, senhor doutor, concluiu Luís de Lemos — todo aquele que nestas paragens não cava um palmo de terra nem planta árvores ou semeia grão, cumprirá a sua tarefa de homem civilizado? Pelo menos não a cumpre inteiramente. É tão natural este nosso fervor pela terra que não creio haja alguém capaz de a ver diante dos olhos sem sentir nascer na alma um forte impulso criador.

Lena apertou a madrastra contra o coração.

— Para que estás assim tão triste? Deixa-os lá, tudo se há-de remediar ... e compor ... tudo! ... Verás! ...

Mas ela continuava a chorar baixinho e aquelas lágrimas silenciosas queimavam-lhe as faces.

— Não! Não! Não posso! Não posso! Parece que abafol! Teu pai endoidece com esta mania ... A vivenda parece-lhe um palácio e a Fazenda a maior maravilha do mundo ... No entanto, vista à luz da realidade, passará de uma casa de campo como qualquer outra, vulgaríssima?! ...

— E não sabes porquê? — acudiu Lena. No Mato, a mais pequenina coisa representa tanto sacrifício, tanto esforço e tanto dinheiro! Então aqui, a terra foi conquistada palmo a palmo, em mil batalhas contra a floresta e os capinçais, contra tudo e contra todos e à custa das canseiras dos homens e até dos bois ...

A voz de Luís de Lemos chegou-lhes mais alteada nesse momento.

— Sim, meu amigo, veja esta propriedade! O doutor, com a sua decisão, transformou mato sem valor em terra de pão e

frutos. Não é utopia. Estes planaltos bem explorados dariam abrigo seguro a todos os portugueses, brancos e pretos, sem prejudicar ninguém.

E Dr. Brito, que acalentava no seu espírito desejo igual, expôs o seu modo de pensar com todos os pormenores e clareza.

— Angola será um segundo Brasil, um cadinho onde todas as raças se fundirão.

As senhoras levantaram-se. Desceram para a avenida, passeando em frente da casa até à extrema do jardim. Nem uma palavra pronunciavam.

Quem não conhece daquelas angústias? Há ocasiões em que a saudade estrangula o coração como se fosse uma tenaz. Pode comparar-se à do proscrito a quem estivesse vedado o regresso à aldeia amorável da sua terra. E Lena, que se julgava livre e curada de todos esses pesadelos só pelo facto de ter saído do litoral, verificava que a tristeza de D. Maria lhe vinha da uniformidade do mato que se infiltrava também nela, pouco a pouco.

Quantas, quantas vezes, no último cacimbo e naquela varanda, se pusera a sonhar vagamente ... E, coisa espantosa, por cima da «garrancharia» desnudada apareciam-lhe visões da vida alegre de estudante ... dos amigos ..., das paisagens como que a tentarem-na e atraírem-na.

Só quem já se sentiu realmente alanceado por tão pungente martírio, pode avaliar a alegria de tamanho encantamento.

Nos morros escavos, um fragoedo transforma-se em capelinha branquejante; as encostas umbrosas lembram soitos em plena magnitude e são embandados os montes, florescem amendoeiras nos maciços, há cerdeirinhas nas beiradas e até as agulhas de figurados pinheiros parecem elevar ao céu suas preces entre as comas pacíficas da floresta.

Tudo lembra sinos ao longe; qualquer toque de ferro, ou simples badalar de chocalhos no pascigo. Oh! A doce miragem, a felicidade de rever o passado de onde surgem como no céu

as estrelas, agora uma e logo outra, lembranças muito queridas, os entes mais amados ...

Depois, a realidade do seu drama deixava-a mais abatida, porém sem um único gesto de recusa ou de revolta ...

Sacudia-se, reagia, e continuava a trabalhar e a caminhar. Que culpa tinha se nessas ocasiões, volta meia volta, a ideia fixa voltava, sempre e cada vez mais forte?

— Não! Não poderei ser feliz aqui! — murmurava então — Nunca!

No dia seguinte, quando os dois rapazes apareceram, Dr. Brito acolheu-os de braços abertos.

— Ora até que enfim deitaram o ministério abaixo! Você, Luís, parece outro! As barbas, meus senhores, são para os missionários; vieram do tempo da borracha, mas o caminho de ferro, trazendo a civilização, acabou com elas. Não são deste século nem para estes climas. Perguntem às senhoras se elas as toleram ... E chamando D. Maria:

— Vem ver!

Lena ficou-se à porta da sala de jantar, confundida diante da figura varonil de Luís Miguel de quem tanto troçara na véspera ... E mais corada ficou quando ele se lhe dirigiu directamente:

— Então, minha senhora, ainda lhe meto medo?

— Realmente, o caso não era para menos!

Também se riu. Depois, fingindo-se séria:

— Nunca mais devem deixar crescer as horríveis barbas: o António, de pêra e bigode, parece um salteador.

Pôs-se ao lado do irmão.

— Como estás queimado, António! No Brasil serias um «cabra» autêntico!

— Menina, as barbas e a cor incutem respeito. Para um velho século da terra, homem desbarbado é sempre «cuenje» — um criançola ...

À frente dos dois irmãos, Luís de Lemos enrolava um

cgarro e pediu licença para fumar. Tudo nele tinha tomado outra expressão; a fronte alta e larga, o porte ginasticado, mas principalmente a boca pequena de lábios túmidos e os olhos de um castanho-dourado pareciam maiores ...

António sentia-se feliz ao pé daquela irmãzinha doce e meiga, que tinha o condão de lhe fazer esquecer a vida com a sua alegria comunicativa.

— Sabe qual é o meu presente, Senhora? Ora adivinhe, andei!

E como ela meneasse a cabeça sorrindo, cheia de curiosidade:

— Pois também lhe não digo!

— Para que são esses ares brigões? Vamos! Bem sabe que, nós mulheres, somos muito curiosas e agora é crueldade inútil.

As suas pupilas fixaram-se nas do irmão, implorando.

— É o bicho mais manhoso que conheço! Se faz favor! Ora oiça bem ... Quero ver como andam essas cavalarias ... Trouxe-lhe um cavalo cabo-verdiano<sup>1</sup>. Gosta? É castanho-escuro.

Ela saltou-lhe novamente ao pescoço cheia de alegria. Estava corada como uma pitanga.

— Um cabo-verdiano! Como é que adivinhou o meu sonho? Há um ano que não monto! Talvez já nem me aguente! E é bravo como os outros dois? Mas vamos já vê-lo! Vamos já!

E voltando-se para D. Maria:

— Mãezita, não te importas? Deixas-me ir?

D. Maria olhava para a enteada. Quem lhe dera ter o seu bom humor! Lena era alegre por natureza. De tudo tirava partido, e adaptava-se facilmente a todos os meios. As mais pequeninas coisas eram para ela uma felicidade enorme. Estava na razão,

<sup>1</sup> Cabo-verdianos — raça de cavalos de Cabo Verde, pequenos e resistentes.

sem dúvida, porque a vida era toda feita de insignificâncias. A questão estava em saber aproveitá-las ...

— Vail! Vail! Até ao almoço ainda tens duas horas!

Dr. Brito não gostou muito da ideia, mas não teve coragem para contradizer D. Maria e os dois rapazes esperavam-na ao cimo da avenida, que descia para a horta, subindo depois novamente, já do lado de lá do riacho, para as construções do terreiro.

Antes de partir, Lena abraçou o pai e afastou-se quase a correr, como pássaro a quem abrem a gaiola.

— Pobre Lena! — disse D. Maria. — Na sua idade e aqui metida!

Dr. Brito não respondeu. Seguia os três vultos que riam em boa camaradagem. De longe chegavam-lhe as risadas da filha, misturadas com a voz grossa de António. Nesses dois seres concentrava grande parte do seu afecto, principalmente em Lena. Pudessem eles executar os planos que tinha em mente! Os filhos seriam os continuadores da sua obra ...

Passada meia hora, viram-nos sobre a estrada governamental; António à frente, depois Lena e Luís Miguel.

Dr. Brito, de binóculo assestado, exclamou:

— A Lena não monta nada mal!

D. Maria levantou-se. Estava tão longe dali! E para quê falar? Ao fim e ao cabo todas as conversas acabavam na Fazenda ...

Os jovens desapareceram a trote largo numa curva da estrada. Depois, passadas duas horas e já de volta ao terreiro, Lena ia caindo do irrequieto cavalo e Luís segurou-a nos braços por momentos.

— Cuidado, minha senhora! Cuidado!

Pousou-a no chão sorrindo, mas Lena, confusa, afastou-se.

Porque se envergonhava? Certamente porque raro convivia com rapazes ... Parecia-lhe estranho ...

Quando os três voltaram para o almoço, Dr. Brito e D. Maria

estavam de novo sobre a varanda, juntos aparentemente, mas distantes um do outro! E, no entanto, eram muito amigos ... Só a Fazenda os separava ...

A moça vinha radiante. Parecia outra, com as faces esbraseadas e os olhos ainda mais negros e brilhantes.

— Sabes, Maria, vou dar um passeio assim todos os dias.

— E licença? — perguntou Dr. Brito.

— Licença? ... Então não a tenho eu já permanente? Não a mereço, pai?

— Sòzinha?

— Sim, sòzinha. Não tenho medo.

Depois, à noite, sentados outra vez na varanda, os três jovens fizeram mil projectos.

António perguntou à irmã se não tinha já idade para dar um passeio sem pedir licença ao papá, mas Lena impôs-lhe silêncio.

— Que importância tem isso? A princípio, confesso, custou-me muito habituar-me a ser considerada um bebé de três anos, mas agora tornou-se hábito. E, de resto, não custa a humildade quando amamos aqueles que nos subjagam. No fundo, a sua afeição é que manda e ordena ... E para desviar a conversa:

— Olha que luar tão lindo hoje! Parece dia. Por mim gosto mais da lua vermelha, e tu, António? Não achas o mato mais estranho quando a lua nasce como ontem cor-de-fogo?

— Hum! O luar quer-se de prata, cantam os poetas. Luar vermelho só na selva e para feras ...

— É porque também sou fera ...

— Quem sabe?! Quem sabe?!

Efectivamente o luar caía docemente sobre o mato, sobre os montes, a casa, e as suas cabeças ... E envenenava-os pouco a pouco ...

— É a deusa do amor — disse ainda António — e calou-se.

— Ela está a rir-se para este mundo fantástico! — acrescentou Luís Miguel.



Chuva de prata miudinha caía sobre a folhagem negra penetrando-a até aos galhos emaranhados e bailando sobre as bis-sapas.

Também duas enormes noites se quedavam imobilizadas como que em sonho e as próprias estrelas se apaziguavam.

Só ela — a lua — ficou reinando no espaço com toda a sua beleza calma. E nem uma fera rugia, nem as aves piavam; todos à uma, plantas, animais e homens saudavam a deusa cuja piedade alumiava o carregador perdido e afugentava os perigos do seu caminho. E punha tudo bonito, para que se amassem os seres: amor forte e duradouro, selvagem, sublime.

Oh! O amor! pensou Lena. Não é para mim.

— Quem me dera Junho, António! Abalamos para a Metrópole e depois vamos à França e à Itália. É tão linda a Itália! Tão linda! Porque não arranjias as tuas coisas e não vens também?

— Eu? Estás doida! Nunca mais saio daqui! Nunca mais!

A sua voz tinha qualquer coisa de trágico.

— Para a Itália! Que me importa a mim a Itália? Julgas que deixei por lá o coração como tu?

— Oh! António! Bem sabes que se não trata nada disso ... Mas gostei de lá estar, lá isso gostei. E muito. Se tu visses como é maravilhosa a cor dos Alpes e dos lagos italianos!

Caíram outra vez em silêncio. Lena, enternecida, pegou nas mãos do irmão:

— Se verdadeiramente quisesses! A África prende-te assim tanto, António? Diz?

— Sei lá! De resto, a Metrópole para mim é hoje quase uma desconhecida e ao estrangeiro nunca fui. Outros tomaram o meu lugar; já ninguém se lembra do estudante que fui e sentir-me-ia lá a mais. Julgas que não é assim? Tu verás, quando voltares, se tenho razão ou não. As tuas amigas estarão dispersas, os lugares que se fixaram na tua memória parecer-te-ão diferentes e estranhos e até as pessoas modificadas. Nada se repete nesta vida. Tudo se modifica e quase sempre para pior ... No fim,

sentir-te-ás mais isolada lá do que aqui neste mato, onde até as caras dos pretos te são amigas e familiares. Ainda se eu tivesse continuado a estudar! Era outra coisa! Teria criado amizades para toda a vida. Mas não quis e, quando vergado pelo trabalho o desejei fazer, não foi possível ... Agora, é tarde ...

Endureceu a face e a sua voz tinha um travor amargo, qualquer coisa de muito doloroso ...

— É porque gostas, então, de viver em Angola?

— Não gosto, nem desgosto. Tornou-se um hábito.

— Dizem que quem bebe as águas do Cavaco, sorve um grande feitiço e nunca mais se desprende por completo destes sítios ... Alguma coisa de verdade deve haver na afirmação ...

— disse Lena sorrindo.

— Acredita, minha senhora? — interrompeu Luís Miguel que até aí estivera calado.

— Acredito, sim, na influência que estas terras têm sobre os humanos. Sei lá o que sentirei, quando partir! A alma é como uma semente. Agarra-se à terra e ganha raízes! ...

— Se ganha!

— Também já sofre do mal? Eu, por enquanto, não estou enraizada e como vamos embora breve ...

— Bravatas, menina! Bravatas! Agora sentes comichões nos pés, mas quando te vires a bordo e a terra africana a afastar-se ... quero ver ... Há-de suceder-te o mesmo que aos outros ... Choras ...

Lena tapou-lhe a boca com ambas as mãos ...

Daí a dias, quase à tardinha, Luís e António abalaram deixando atrás de si mais saudades. Realmente, apesar de Dr. Brito ter evitado os passeios a cavalo, encarregando Lena de procurar papéis que talvez nunca tivessem existido, aquele convívio tinha sido esplêndido. Pelo menos, Lena e D. Maria desenferrujaram a língua e distraíram-se ... Vivesse o irmão ali perto e pudesse ela vê-lo mais vezes! Mas até isso lhe negava a sorte. Isolada do mundo, sem uma alma irmã na idade e nos anseios a quem

confiar todas as ninharias que lhe passavam pelo cérebro, a partida dos dois rapazes deixou-lhe um vazio enorme. Faltava-lhe qualquer coisa de imprescindível e não sabia definir o que era. Até a Fazenda lhe parecia agora mais feia ... Uma amargura insuportável oprimia-lhe a alma ...

Por mais que se esforçasse não conseguia encobrir a tempestade contra a qual lutava dia e noite. A própria alegria era forçada e Dr. Brito estranhava-a.

— Que tens tu, Lena? — perguntou-lhe um dia a madrastra, olhos nos olhos.

Ela desviou as pupilas a sorrir e, dominando-se, respondeu:

— Que hei-de eu ter? Queres que esteja doente à força? Como és boal ...

Apertou-a contra o coração. Depois, olhando-a bem de frente, para a tranquilizar:

— Não, não tenho nada; mesmo nada, podes crer! São nervos. Também os tens, não é?

Havia um único refúgio para o seu espírito, a vontade forte que possuía, e a ela se agarrou como náufrago à tábua da salvação.

Nessa noite, ajoelhada à frente do crucifixo que trouxera do Instituto, pedia a paz, a paz do coração, da alma e dos sentidos.

— Senhor! Senhor! Misericórdia!

Nada mais lhe ocorria aos lábios, mas ainda era um grande bem a Fé para não cair no desespero, sobretudo ali, em plena selva, onde os homens até de Deus pareciam desamparados.

Ao deitar-se, a mesma ideia martelou-lhe o espírito numa obcecação torturante.

Pois não era que as amigas criando os seus lares cumpriam a mais nobre missão da mulher na terra? E ela? Ela? ...

Não tinha nada; absolutamente nada. À sua volta, as criaturas pareciam máquinas ...

E os pais? Sim, os pais? ...

Oh! Esses ... Também ali estavam, mas viviam a sua vida ... Era outra coisa ...

E já cheia de ternura e mais calma:

— Queridos, queridos pais!

Surpreendeu-se mergulhada em mar revoltoso. Os vagalhões parecia quererem afundá-la num grande abismo. Nem ela própria se compreendia ...

No dia seguinte, atirou-se ao trabalho de cabeça. Foi a primeira a levantar-se e a última a adormecer, com um livro aberto nas mãos sobre citros e seus derivados. Quando acordou, em sobressalto, a vela estava quase gasta. Apagou-a, mas só altas horas da noite conseguiu conciliar o sono.

De aí em diante nunca mais abandonou o estudo das coisas agrícolas.

— Em Roma, ser romano! — dizia para D. Maria e Dr. Brito. Pois então!

E aos domingos, como havia descanso, ensinava Constantino e Ventura a ler e a escrever. Eram longos os domingos! Parecia que nunca mais acabavam!...

De tarde ia à caça, ou a cavalo pela estrada, ou léguas e léguas a pé, com Capusso e sentia-se feliz quando trazia das margens do Cunhângãua um ou dois patos bravos, para o almoço do dia seguinte. Já quase se não lembrava das tardes de ténis nos jardins do Governador e dos bailes da Associação ou ainda de quando era estudante e só sonhava com livros e passeios aos mais altos píncaros das montanhas para ver nascer o sol ...

Que lhe importava já tudo isso? Era um passado muito distante, envolto em névoa cerrada ...

Só assim se sentia bem, no meio de trabalho exaustivo.

Cansada, extenuada mesmo, chegava ao fim do jantar e atirava-se para a cama como um fardo. Não tinha tempo para pensar, não queria pensar. Um torpor de dormideiras fechava-

-lhe os olhos, o cérebro embotado nublava-se-lhe como o de um fumador de ópio, incapaz e insensível, adormecendo num feliz esquecimento de toda a existência.

Um dia, à tardinha, quando voltava da inspecção pelas plantações, pareceu-lhe avistar na varanda dois chapéus à militar. Um grande alvoroço agitou-a dos pés à cabeça. Eram eles, o irmão e Luís de Lemos!

Estugou o passo e, ao verificar que fora ilusão, não pôde evitar um grande abatimento. Cerrou os dentes, irritada consigo própria ...

— Que estúpida eu sou! Que estúpida!

Mas era mais forte do que a sua vontade. Baralhavam-se-lhe as ideias, tudo lhe vinha à mente, as coisas mais absurdas e mais tolas. Por vezes, parecia transtornada, batendo com a cabeça pelas paredes, num desespero incontido, uma obcecação insensata ...

E sempre aqueles chapéus a bailarem à sua frente e aquela boca carnuda a sorrir ...

Estarei eu doida?

Só aquelas palavras lhe acudiam à mente, como leve desculpa.

Doida!

— Sim, sim. Doida! Doida! Doida!

Passados meses, após nova e renhida batalha, readquiriu uma grande serenidade. Ficou-lhe, porém, certo travor amargo na alma e dois vincos fundos ao canto da boca.

Ao aproximarem-se os anos de Dr. Brito, em Abril, António anunciou de novo a sua vinda e Lena, já senhora de si, antevia dias alegres. Tinha sacudido por completo aqueles anseios mórbidos e ria-se do que ela chamava o seu ataque de loucura. E explicava a D. Maria:

— Nem imaginas, Mãezita. Hoje, posso dizer-te a verdade. Andei doente e, se continuasse assim, sei lá se resistiria! Compreendo agora o que tu chamas «cafard». É uma espécie de alucinação ... Eu estive alucinada. Queres crer?

Se D. Maria acreditava! Era daquele mato ...

— É, é. Não digas que não ... A monotonia acaba por nos envenenar ...

Abraçou-a ternamente, acariciando-lhe os cabelos.

— Precisamos de ter coragem, filha. A vida é mesmo assim, se não for isto, é aquilo. E cheia de incongruências, desilusões, disparates. Só a nossa razão deve governar-nos.

— Só a razão?

— Não, Lena! Embora seja descrente, acredito que há mais qualquer coisa acima de nós; uma força que rege o mundo ...

— Ah!

Ambas se apercebiam fortemente dessa presença. Sentiam-na todos, brancos e pretos.

A sua maneira?

Sim, à sua maneira.

Para uns era o «Suco», o Deus criador de todas as coisas; para outros Cristo, o Salvador, ou a natureza em si, e Lena fazia-se pequenina e humilde como a mais pobre formiga desgarrada. No seu coração nascia um grande dó por toda a miséria humana e uma grande indulgência por toda a culpa. Que era ela perante a grandiosa criação que a cercava? Que era?

Do alto dos morros contemplava muitas vezes a imensidão da selva, e ficava sempre com a mesma pergunta nos lábios, do que se passaria debaixo das copas abraçadas ou por essas anharas adiante ... Que tragédias não deveria haver! E as árvores continuavam sempre abraçadas, serenas e imutáveis aparentemente ...

No dia seguinte de manhã, Lena arranjou o quarto do irmão com paninhos engomados e uma jarra de flores. Mudou também o tapete e colocou alguns livros sobre a mesinha de cabeceira, dos últimos vindos da Metrópole.

Pobre dele! Aquela vida de chefe de posto era a mais sacrificada de todas, cheia de responsabilidades e perigos. Então para um rapaz solteiro, sem o carinho de uma esposa ...

Nem podia compreender como os homens viviam à moda da terra.

As mulheres negras deviam ter algum encanto especial para que os europeus trocassem muitas vezes a família branca pela família de cor. E ao lembrar-se de tantos casos, desses grandes dramas familiares suportados com heroísmo invulgar, levado até à indiferença, estremecia de horror. E se a ela sucedesse o mesmo casando em África? Que faria?

Quadros sobre quadros apresentavam-se à sua sensibilidade como o daquela sua amiga, insinuante, instruída e artista, cujo marido mantinha na mesma cidade um lar branco e outro

preto. E ela sabia-o! E suportava sobre os ombros franzinos aquela pesada cruz ...

— Oh! Eu! ... — falava alto, aflita — Preferia varrer as ruas, preferia que me matassem. Tamanha degradação? Nunca! Nunca! Mas não era por a amante ser preta que se indignava. Dava-se também o contrário — amantes brancas!

Seriam do clima esses desvarios?

E na Metrópole? Quantos casos, quantos, em que a família legítima era abandonada por causa da ilegítima!

Compreendia, ali no mato, a ânsia do homem por uma companheira compreensiva e carinhosa. Era natural ... Todos os seres foram criados para viver em comunidade.

D. Maria tinha razão. A culpa de muitos desvarios tinha-a aquele eterno verde-cinzentado das sambas, olumués e espinheiras, a imensidade da terra e o mistério aflitivo da floresta.

O homem branco, no meio da gente primitiva e de batuques desbragados, sentia-se só.

Mas, por outro lado, o mato irmanava as criaturas sem distinguir raças.

Não se admirava pois daquele comerciante que desabafava e contava a sua vida à «ambassi» preta, falando-lhe na mãe, nas irmãs brancas e na vida europeia ...

De uma vez ouviram-no. Riram-se dele, achincalharam-no, e ninguém fez exame de consciência ... Pois não era tão natural que dissesse à amante aquilo que o preocupava? Por acaso algum branco vinha ter com ele para o ajudar a suportar o seu fardo? Não era ela a mãe dos seus filhos, que o amparava em tudo, desde cozinhar e coser, conforme podia e sabia, até cavar a terra, sustentá-lo e tratá-lo nas doenças?

Na cidade havia absurdos. Olhavam o preto como criado, «chauffeur», jardineiro e carregador. Só o viam pelo lado do seu trabalho e inferioridade de cultura, sem pensarem que eram homens como quaisquer outros pelo mundo, com carácter próprio e o seu orgulho. Geralmente humildes, entravam e

saíam dos quartos como sombras, penetrando pouco a pouco na intimidade da família.

— Vem aí o criado!

— Ah! Sim! ... era a resposta.

E a senhora branca ou mulata, que estava em saia de baixo, não se incomodava muito que ele a visse.

Mas na selva, que diferença! O preto, mudando do cenário civilizado para o meio nativo, transformava-se por completo e tinha personalidade bem vincada. Era mestre-pedreiro, mestre-charruador, mestre-carpinteiro, mestre-ferreiro, mestre-capataz, etc., colaborador assíduo e companheiro imprescindível nas horas boas e más.

— Há que compreendê-los; que perdoar as suas faltas, a maior parte das vezes filhas da ignorância — disse D. Maria, uma tarde, na varanda. De certo modo vivemos do seu trabalho. Devemos ajudá-los nas suas aflições e ouvi-los nas queixas. Detesto violências ...

— Tens toda a razão, A injustiça é desumana. Simplesmente, não te lembras que estamos no mato e de que, por enquanto, a mentalidade do nativo não é a nossa. No mato, a lei nasce de cada homem e aí daquele, preto, mulato ou branco, que receie aplicar essa justiça a tempo e horas. Nunca mais será respeitado ... Ouve bem, justiça com justiça! ...

Dr. Brito continuou após momentos de reflexão:

— Criatura que se isole como super-civilizado e se feche em si próprio ... perde-se. E quanto mais nova e inexperiente for, pior. Precisa de conviver e de se abrir; não pode guardar para si somente, como num cofre, todas as impressões que recebe e a fazem vibrar. Se não desabafa, mata-se.

Lena ouviu o pai sem o interromper. Olhava para a pedra do alemão; via diante dos seus olhos aquele amigo, o sr. Cavalli, que se matara com a mania da perseguição, o engenheiro da «Fazenda Boa Esperança» e o jovem de dezassete anos que dera um tiro de caçadeira nos queixos, ficando deitado sobre

a cama com a face esfacelada. Tantos, tantos casos de mulheres e homens ceifados na flor da vida por esse grande mal que pairava no ar e asfixiava! ...

Por fim, disse alto:

— A necessidade de abrir o coração torna-se por vezes tão imperativa como o comer e o beber. Já reparou que o preto também sofre muito com o isolamento? A falta de compreensão e amor é causa de muita morte violenta.

— É por isso que Barraca fala com os cães e com as galinhas quando lhes deita a comida! ...

— Não se ria! Ouvi dizer que um século contava as suas mágoas ao cão. Os filhos não lhe ligavam, nem os netos.

Era um cão escanzelado e triste, mas que tinha olhos de gente e o compreendia. Na ocasião em que o perdeu, assediado constantemente por causa dos desvarios da sua gente e cheio de desespero, cortou as goelas. Outro — um escravo do Cabo do Mundo — falava com os bois e até com os porcos que refocilavam em volta das cubatas. Chorava perto deles as faltas de dinheiro e as palmatoadas injustas que o século ou o soba lhe mandavam dar, até ficar com as mãos nuns cepos. Lá estava a pedra do julgamento ... E dissera-lhe mais. Que os animais têm melhor coração do que os homens ... Talvez tenha razão ...

— Também foi Barraca que te contou isso?

— Ele parece infantil, mas não é. Tem pensamentos profundos ...

Calaram-se.

Lena estava convencida de que era mesmo assim.

— O preto não se pode ver sozinho. A própria voz, carreira em fora, já lhe parece uma companhia. Berra, assobia, ladra a imitar os cães e dá sons guturais mais selvagens que os dos macacos, só para ter a ilusão de que anda alguém com ele. Fala com os troncos, eleva a voz e abaixa-a como se fossem duas pessoas em diálogo e invoca os espíritos que o

seguem, as sombras até ... Já ouvi Capusso falar com a própria sombra tempos infindos.

— Pois eu digo mais, acrescentou Dr. Brito. Um bom acampamento nunca é silencioso. Ai do caçador, se o preto se amocha a um canto sem falar ou se se deita na palhota logo ao escurecer e pensa ... De noite, abandona-o a todos os perigos. Mas, se os companheiros, depois de acenderem a fogueira, já com a barriga cheia virada às chamas, contam histórias e riem e animam a tropa com chufas de mulheres e manhas de lebre, então o chefe da comitiva pode deitar-se descansado. Tem homens para o que der e vier.

— Porque fazem isso? — perguntou Lena, um dia, ao Capataz, quando voltavam para casa mais tarde.

— Menina, se não faz isso, coração morre.

— Morre??!

— Morre mesmo, menina — confirmou depressa Capusso. — Mato calado mata coração.

Lena ficou impressionada. Voltando ao mesmo pensamento da vida no interior, por aquelas paragens, novos problemas se lhe apresentaram angustiando-a.

E as mulheres negras?

Oh! Essas talvez não sofressem tanto ... Eram demasiado libertinas e audazes ... O seu coração, porém, dizia-lhe que sim. Sofriam muito ... Impossível que fossem de pedra. Quando lhes tiravam os filhos e o homem as abandonava, não se revoltavam? Qualquer animal é feroz se lhe roubam as crias. De resto, a maior parte das vezes, a preta é que é a vítima. Vítima do homem preto porque tem de o sustentar, vítima do homem branco ... porque se sente inferior a ele. Mas o branco ergue-a, dá-lhe personalidade e passadio melhor. O preto não. Para o preto a mulher é um ser inferior. Mas, ai dele, se não lhe dá aquilo a que tem direito ... Abandona-o.

No fundo, deviam ser femininas como quaisquer outras, com os mesmos instintos, os mesmos defeitos e as mesmas paixões.

Talvez mais ciosas e sensuais, talvez, mas humildes no seu destino exclusivo e deprimente de fêmeas e escravas da terra.

Encontrariam no sentido cristão a sua verdadeira liberdade?

Pobre irmão! Que vida sacrificada ele não levava! Aquelas flores, que lhe pusera no quarto, certamente lhe fariam bem pela sutileza do pensamento ... e pela beleza ...

Dr. Brito não cabia em si de contente.

Chegara na véspera do litoral e contava demorar-se até ao fim das férias da Páscoa, pelo menos.

António apareceu à noite. Acompanhava-o Luís Miguel de Lemos e a surpresa, embora muito agradável para todos, deixou Lena perplexa. Fez-se branca como a cal; depois, a cor voltou-lhe às faces intensamente ...

— Porque não preveniste? Bem sabes que no mato não há recursos ...

— Ora, menina! Não se aflija! Em qualquer parte se dorme ...

Para Lena e D. Maria, principalmente, o convívio com os dois rapazes tornou-se cada vez mais agradável. Luís parecia já um conhecimento antigo. Era dado e simples. Lena, porém, afastava-se deles o mais que podia. Parecia alheada e abstracta, conservando-se muito tempo calada ...

— Que tem? Por acaso, o ser fada do Sumi entristeceu-a? — perguntou-lhe António, inquieto. Nem parece a mesma! ... Perdeu o pio? Dissipe os maus humores, ande!

Ela, então, reagia, mas as suas gargalhadas soavam a falso.

— Sei lá o que tenho! Saudades, talvez! ... Daqui a pouco, ao embarcar, mato-as todas! ...

\*

Uma tarde, D. Maria e Lena resolveram ir ao encontro dos homens e assistir à entrada do gado, que convergia lentamente pelas avenidas. Saíram de casa cedo e desceram para a horta



contornando-a através da rua de nespereiras carregadas de flor pela primeira vez. Um cheiro agradável envolvia-as. Depois subiram para a estrada governamental, seguindo lentamente até ao terreiro.

Quando se dirigiam para a carpintaria onde Dr. Brito as esperava, deram de cara com Luís de Lemos, de camisa aberta até ao estômago e mangas arregaçadas, a forjar uma peça de carro boer. Nunca o tinham visto assim, naquele à-vontade e todo sujo. O suor escorria-lhe em bica pela fronte e as mãos e os braços retesados, as veias túmidas, pareciam as de um autêntico operário.

Lena parou a certa distância, como que especada. Não parecia o mesmo homem, fino e delicado por natureza.

— Peço desculpa ... Não contava ...

Sorriu-se para as duas senhoras, elevando ao ar a marreta e, a cada martelada, o ferro esparrinhava faúlhas em todos os sentidos. Depois, mergulhou-o na água da selha.

— É assim! — disse a mestre Jorge. Agora já não parte.

E ergueu-se, abotoando a camisa.

— Não são maneiras de me apresentar, minhas senhoras ... Perdoem ...

Lena fugiu. Aqueles olhos castanho-claro pareciam negros e devastavam-na, apoderando-se dos seus pensamentos e de todo o seu ser. Ah! Queria ele, talvez, malhar no seu coração como malhava naquela bigorna? Com que direito? Pois enganava-se, erganava-se redondamente. Tudo se lhe tornara indiferente.

No entanto, por mais esforços que fizesse, a imagem de Luís Miguel, transformado em lutador, não lhe saiu da lembrança durante toda a tarde. D. Maria interrompia o seu silêncio com algumas perguntas, mas não conseguia animá-la. Depois de responder, mergulhava de novo na mesma cisma contínua.

Voltaram à residência e retirou-se para o quarto, sentando-se perto da janela a folhear um livro.

Como era belo o trabalho! Nunca lhe parecera tão belo!

— Que terei eu, meu Deus? Que terei?

Esta pergunta tão pueril caiu-lhe dos lábios em voz alta e parecia-lhe ouvir outra voz responder-lhe.

— O que tens? Não sabes o que tens? Mentas! Tu mentas! Ama-lo, não é assim? Ama-lo como nunca amaste ninguém na tua vida. Sim, nunca amaste e agora sentes, dentro das veias, e da própria carne, um fogo que te devora, uma sensação de ânsia e sufreguidão. Desmente, se podes! Desafio-te! Os teus braços tremem, quando o vês, o teu coração galopa, todo o teu ser palpita ... Não adivinhei? Conheço-te! E ele ...

— Ele? Ele o quê? Fala! Fala!

O encanto parecia ter desaparecido.

Ergueu-se bruscamente e atirou com o livro para cima da escrevaninha. Depois, pôs-se a andar de um lado para o outro, à toa. Parou diante do espelho do guarda-vestidos.

Tinha à sua frente uma imagem tresloucada. Eram bem dela aqueles olhos brilhantes velados pelas longas pestanas, o nariz direito, a cara redonda, sobrancelhas arqueadas e boca voluntariosa. Um conjunto estranho, e nada atraente ... talvez ... pensou. E as suas fontes latejavam à medida que analisava os traços um por um.

Queria saber a diferença entre os da véspera e os desse momento ... Porque ela amava doidamente, amava! ... Descobrira-o naquele momento angustioso. E o amor não lhe estampara, como sempre julgara, qualquer coisa de novo no rosto? Qualquer coisa de extravagante que todos veriam? De certo, não ... Além do sofrimento que sentia, a cara era a mesma, o corpo, o andar os mesmos. Só um grande desalento a invadia.

Oh! O eterno desejo, a eterna insegurança tão deconcertante!

Depois, sentada diante do pequeno espelho de «toilette», penteou os cabelos negros em desordem, refazendo as tranças lentamente. Ergueu-as e enrolou-as à volta da cabeça; pôs uma blusinha fresca, escovou a saia azul-escura, polvilhou a cara com pó de arroz deitando no pescoço um pouco de água-de-colônia.

— Para quê tanta garridice? Para quê? Que pensará o pai? E Maria?

Aquela impressão de disparate e de desaire banal amanchucou-a.

Foi então ao lavatório e lavou-se, para que não houvesse tanto vestígio do perfume. Deitou-se em seguida aos pés da cama, com os olhos escancarados sem verem nada, e testa franzida sem pensar.

Ao jantar, António anunciou a partida para de manhã cedo, por causa do calor... Tinha de se apresentar na sede com urgência. Iriam na «charrette» e Dr. Brito acompanhá-los-ia até ao Huambo.

No dia seguinte Lena e D. Maria foram assistir à largada. Ainda fazia escuro e Dr. Brito, já empoleirado e de rédeas na mão, segurava os cavalos.

— Vamos! Vamos lá!

Então, Luís de Lemos, que passava revista aos arreios, aproximou-se:

— Sr.<sup>a</sup> D. Maria, disse, nem sei como agradecer tantas e tão grandes gentilezas... Curvou-se para lhe beijar a mão, depois cumprimentou Lena com indiferença, na sua rigidez polida e, de um salto, pôs-se ao lado de Dr. Brito, sem olhar para trás. António abraçou a irmã e D. Maria e, já com o carro a andar, subiu também àgilmente para o estribo.

— Adeus! Boa viagem!

— Adeus! Obrigado!

— Até logo — disse ainda Dr. Brito.

Elas ficaram silenciosas, a olhar para os vultos dos três homens sobre a carripa, até os perderem de vista...

— A vida é assim! — sentenciou D. Maria.

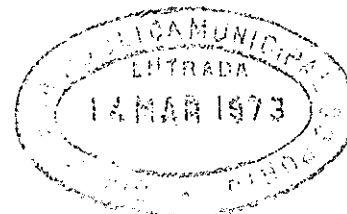
— Pois é! — confirmou a enteada.

E durante algum tempo não falaram. Ouviam estalidar o chicote e Lena ainda lhes atirou um adeus mais prolongado. De lá tornaram a responder...

— Devem estar no alto do Atena.

— Devem!

Rompia a manhã e com ela recomeçou a faina.



A jovem, sacrificada à terra, deixou-se também dominar pouco a pouco pela mesma paixão. Fugia de si própria e estava resignada até ao esquecimento dos seus direitos de mulher.

Àsperamente, como que às chicotadas, sacudiu o desespero e a angústia daqueles dias, couraçando o coração no trabalho. O cérebro, esse, não ia além da sua vontade férrea.

Para quê pensar em nós? Para quê agarrarmo-nos a ficções e loucuras?

O amor! Riu-se encolhendo os ombros. Que poderia ela ter de comum com o amor? Para quê? Para sofrer ainda mais do que já tinha sofrido? Parecia ferro em brasa; a razão devia apagá-lo. Devia! Devia!

Seria aquilo masculinização?

Não, que ideia! Os rapazes também se apaixonam e sofrem. No fundo bem via a justiça da sua revolta. Tinha um espírito indomável que a atormentava e exigia compensações. Quais?

«— Porque não te desprendes?» — dizia a voz cruel. Tens medo de enfrentar a vida sôzinha? Vergonha de trabalhar?

Qual quê! Se quisera até montar um colégio no litoral e lhe negaram ajuda! Teria sido tão bom! O espírito burguês matava toda a iniciativa.

Pois não tinha sido a sua existência de menina rica, na cidade, absolutamente inútil? Sentia-se vazia por dentro e culpada. Agora era tarde. Onde arranjar força de ânimo bastante para se desprender daquela terra e dos pais? Se a alma era toda sentimentalismos, toda sacrifícios!

A culpa fora da educação que recebera; a demasiada humildade leva a caminhos errados que chegam muitas vezes a ser abjectos.

Mas a voz dentro dela continuava implacável:

— Ergue-te! Anda! Foge! Dá escândalo!

O desequilíbrio mental obrigava-a a constante batalhas que acabavam em calma expectativa.

Mas não queria ceder a um capricho venal.

Que será a vida senão uma série de renúncias? — perguntava a si própria. Nem todos podem ser felizes ...

E a propósito de uma troca de cartas que Lena mantinha com um amigo da família e a quem mandava pedir flores, bolbos e sementes, Dr. Brito escreveu-lhe de Benguela, uma ou duas semanas após a partida dos dois rapazes:

«Tens a felicidade mais perto e bem mais vantajosa, parece-me, aqui no Macedo ... É um comerciante rico, homem bom e probo com quem te poderás entender, se quiseses. Bem sabes como ele gosta de ti ...»

Lena corou até à raiz dos cabelos. Sentia-se amachucada.

E era seu pai, o seu querido pai, que a aconselhava a casar com o Sr. Macedo? A ela? Porque a mandara então instruir e ver mundo? Porque a não deixara crescer na doce ignorância que torna as criaturas tranquilas e sem aspirações e para quem as vantagens do casamento rico estão acima dos voos da inteligência e da cultura? Não, não era justo, todo o seu ser se revoltava.

Caiu sobre uma cadeira a soluçar, com a carta amarfanhada entre os dedos.

— Pobre pai! Começa a ter receio de me ver aqui enterada no meio do mato e quer dar-me a felicidade ...

A felicidade!

E onde estará ela, a felicidade?

«Não, meu querido pai, respondeu ao fim de alguns dias, e já mais calma, não venha destruir o meu sossego. Preciso de paz, de muita paz. Estou assim bem, ao pé de si e de Maria. Peço-lhe que não me torne a falar em semelhante assunto. Já esqueceu os nossos projectos para Junho do próximo ano? Estou ainda muito nova e preciso, antes de me enforçar, de ver mundo e de arejar o meu espírito. Não acha melhor assim? Até lá, quero liberdade absoluta. De resto, não tenho grande inclinação para o casamento. Se não fossem os meus queridos pais, preferia ser independente, absolutamente independente.

Ficarei na vossa companhia, muito feliz com o papel que Deus me deu ...»

Parou de escrever, admirada com tanta mentira. Sim, mentia ... Por acaso o que o cérebro pensa e architecta é o que a alma sente e deseja?

O Sr. Macedo! O Sr. Macedo!

Meditava no futuro vazio de compreensão e, portanto, de ternura que lhe ofereciam e de novo se revoltava, indignada contra semelhante ideia.

Que o levassem as outras! Oh! De resto ... tomaram elas ... o que as outras queriam não era dinheiro?... E o Sr. Macedo tinha fama de muito rico ... Fossem felizes! Muito felizes! ...

Sentia-se perdida dentro do próprio raciocínio, insegura.

Depois, caindo em si novamente, não teve coragem de dizer alto as injustiças que lhe afluíam à boca ...

Impossível voltar para uma vida vazia de sentido ... Era preciso ir para a frente. Caminhar ... Caminhar ... Caminhar ...

Estava excitada e desolada ao mesmo tempo.

Fechou os olhos.

Injustiça?!

Se fora ela que escolhera! O sofrimento nem sempre é generoso... Podia ter ficado em Friburgo, para se doutorar. Ou ir para o Cairo educar os filhos de grande senhor do Egito ou mesmo ficar em Zug como professora. Tudo lhe ofereceram aquelas boas senhoras do Instituto.

Sentia-se como se saísse de um grande pesadelo.

Estava à espera de quê? Do futuro? Dum amor muito forte que a libertasse? E não seria aquele momento da sua vida, uma fantasia desconcertante?

\*

Passados dias, agarrou-se de novo ao trabalho. Como as árvores do mato abraçam os ramos, para se encherem de sol e clorofila.

Nada como ele — o Mato — para nos tornar lúcidos e nos erguermos.

O dever cumprido também é remédio milagroso da farmácia. Todo o ser se torna melhor vibrando; mais compreensivo e mais humano depois de uma luta e mesmo da derrota.

A escuridão faz ver as coisas de maneira diferente. Sua- viza... sem maldizer; Lena analisou-se introspectivamente...

Não é que só temos coragem quando nos podemos defender? — pensou. E ela podia defender-se...

Ergueu a fronte e continuou a andar. Os seus passos eram mais decididos. Batia o tacão e as solas firmemente.

Parecia serena; tal qual o mar após as grandes calemas...

Fora uma batalha depauperante a sua, justamente porque abstracta, sem gestos e atitudes ou exteriorizações.

E o seu drama era igual a tantos outros! ...Dele saíra coraçada, forte e resistente...

Pois não é que a felicidade se alcança por muitos caminhos? — pensou ainda.

E um deles é o do sacrifício dos próprios impulsos e sentimentos.

Foi como se viesse da luz intensa e entrasse na escuridão. Primeiro ficou cega; não via nada à sua frente a que se pudesse agarrar. O movimento e a obrigação atordoavam-na, mas não era suficiente. E no meio do desespero passou horas aflitivas lutando contra fantasmas!

Depois, pouco a pouco, começou a ver mais qualquer coisa para além da própria dor. Observou e perscrutou o que ia na alma dos outros. Abriu-se-lhe um mundo novo inexplorado, um mundo curioso, interessante e vasto. Essa multidão de seres também tinha uma vida sua, uma mentalidade sua. Diferente, é certo, mas tinha-a.

Ali na selva e em constante convívio com os pretos, começou a interessar-se pelo que lhes dizia respeito; ouvia-lhes as queixas e reclamações; sentia a sua miséria material e moral perante a autoridade do quimbo e adivinhava-lhes as aspirações, os desejos mais que justos, dando-lhes conselhos.

Almas primitivas, como primitivos pensavam e agiam. Sofriam, tinham paixões, eram grandes heróis sem o saber e sem orgulho. E boa gente. Talvez um pouco desconfiados, como aliás todos os povos europeus, americanos ou asiáticos incultos, mas em nenhum outro povo ela descobrira ainda tão grande e tão nobre sentimento de caridade e humilde paciência. O negro dividia com o pobre que encontrava no seu caminho, fosse ele preto ou branco, ou que visitava a sua cubata, as folhas secas da cama no chão ou a mutala<sup>2</sup> com esteira

<sup>2</sup> Mutala — espécie de cama feita de paus e capim.

e o milho da patrona<sup>3</sup>, o tabaco da tabaqueira, a manta com que se cobria, e até o próprio cachimbo.

Ainda que fosse só por isso, o homem da selva merecia a nossa maior admiração. Quantos brancos na Europa que passavam indiferentes diante da fome dos seus irmãos! O negro nunca! A fome do seu irmão era a sua própria fome.

Tinha grande filosofia, ideias e crenças arreigadas e impressivas ...

Haveria quem teimasse em considerar o preto inferior? Quem desprezasse estudar a sua maneira de ser e reagir, resolvendo os casos de uma maneira obsoleta e errada? Talvez. Errar também é humano. Mas repudiava em absoluto a violência. Disciplina era necessária; violência não.

E, a cada passo, ela surpreendia revelações extraordinárias sobre as virtudes ráticas dos africanos, dos seus usos e costumes bem curiosos, das suas leis e das suas qualidades de trabalho e de resistência.

Não eram tão activos como o branco? Indolentes e preguiçosos em geral? Sem dúvida, mas nem sempre e também o paludismo os atacava sem defesa, a tuberculose, a doença do sono e a lepra. Fumavam cangonha ...<sup>4</sup> e dependiam dos magros recursos do arimbo e da caça, amparados moralmente pela tradição milenária cheia de superstições e do medo das forças ocultas do Além com seus cazumbis e feitiços.

Estavam na sua terra! — diziam alguns.

Mesmo assim! E, em muitos casos, Lena chegava à conclusão de que o negro, por ser negro, tinha tanta dedicação e humildade como o branco. Tornava-se um companheiro inseparável.

---

<sup>3</sup> *Patrona* — saca de couro.

<sup>4</sup> *Cangonha* — espécie de lãmba.

Não seria Ventura, o criado de mesa, um desses tipos de homem? E Barraca, o tratador dos animais? E João, o cozinheiro? Ventura tinha uma persistência única. Quando metia o pão no forno abria a cartilha e punha-se a soletrar. À noite, pedia a Lena que lhe ensinasse mais uma página, ao desafio com Constantino ...



Uma tarde, chegaram os quiocos. Desembocaram em grande gritaria ao cimo da estrada do Gumbe, que vem da ponte do Cunhungâmua. Depois logo emudeceram e a bicha continuou a marcha silenciosa como uma enorme jibóia em coleios.

Lena, de binóculo em punho, contava-os. Eram mais de trinta e caminhavam a custo, carregando as bicuatas e uma tipóia.

— Que será aquilo, pai? Ora veja!

Mas quando os da frente mudaram de rumo e meteram pela avenida que subia para a residência, Dr. Brito teve uma exclamação de alegria.

— Olha! Olha! Querem ver? Pois é ... Deve ser pessoal ... talvez os Quiocos, talvez gente do Quipeio ...

A subida foi morosa, entre o vozear da tropa e os comandos dos dois cipaíes.

Já eles dobravam a meia-laranja e Lena exclamou:

— É um doente que eles trazem às costas, pai! Veja que horror! — acrescentou, entregando de novo o binóculo.

Nesse momento, apareceu D. Maria do lado do jardim e também ela ficou chumbada diante daquele espectáculo inédito na sua vida. Os quiocos haviam pousado o homem à frente da varanda.

Formidável enxame de moscas ergueu-se no ar e um

cheiro pestilento espalhou-se por toda a parte; cheiro dos quiocos misturado ao cheiro do doente. Aquelas terríveis varejas haviam seguido o cortejo através da selva, agarradas ao festim que a piedade do cambriquite mal conseguia salvar.

— Santo Deus! Mas isto não são homens! Isto é a escumalha do gênero humano! — exclamou Dr. Brito, furioso.

E, já virado para os cipaio, crescia aos berros, indignado.

— Então, hein? Isto é que é pessoal para a Fazenda! — gritou — E a carta? Não trazem a carta?

Os cipaio, perfilados, faziam continência.

— Mucanda, sim sinhô... — e logo apresentaram um pauzito fendido, onde se via entalado o ofício.

Dr. Brito percorreu as poucas linhas. «Por ordem do Capitão-Mor das Gangueiras, seguem para a Fazenda Sumi...» Depois, já a fechar:

— Mas vocês não trazem homens, vocês trazem esqueletos...

— Patrão, Capitão mandou trazer tudo. Soldado trazer tudo. E, perfilados, em continência, esperavam ordens.

— Porquê assim tão magros? Não receberam ração para a viagem?

Um dos ajudantes, que sabia falar desembaraçado, saiu da fileira e contou:

— Patrão fala bem! Homem saiu bom do quimbo, mas quioco ser muito malanduro. Ladrão, mesmo. Quimbundo não quer ele no seu terra. Nós foi no caminho do mato mais perto...

— E entrou este feitiço no corpo — disse outro. Pergunta a eles, mesmo!

O ajudante abriu os panos, pondo-se completamente nu à frente das senhoras e de Dr. Brito.

Visse o doutor como estavam... Ele também! Mostrem todos!

Lena e D. Maria desapareceram, enquanto o ajudante con-

tinuava a narrativa. Tinham acampado dias e noites à espera que morresse aquele, sempre a correrem para o mato, com a barriga maluca, maluca!

— Não morreu. Tá il!

— Ó sede, patrão! Ó fome, patrão!

Depois de muitos gestos e de muito falar, Dr. Brito chegou à conclusão de que lhe tinham mandado vadios e malandros da pior espécie, de que os chefes indígenas procuraram desfazer-se.

Queriam então que a Fazenda civilizasse a escumalha de uma raça já de si das mais atrasadas do mundo? E seria uma raça atrasada? Pelo menos, no tempo da borracha, os quiocos viviam quase que exclusivamente das pilhagens e do crime e tornavam os caminhos das caravanas nos mais perigosos trilhos do globo.

E chamando D. Maria:

— Isto só a mim! Temos de os engordar antes de poderem fazer seja o que for...

— Patrão, capitão não tem culpa. Cipaio não tem culpa. Quioco mau gênio, mesmo! Mau gênio!

— Isso sei eu! Olha a novidade! Mas... má gente porquê? Por terem diarreia?

E Dr. Brito, depois de mandar retirar os doentes para que fossem tratados convenientemente, mandou ofícios sobre ofícios para a sede.

— Nada! Cada qual sacudisse a água do seu capote!

Nos primeiros dias, foi um inferno.

Mesmo enquadrados no meio dos outros, os quiocos não se aguentavam e Constantino, no auge do desespero, chegava a ser inconveniente.

— Tenho de os pôr a fazer serviço de mulher...

Dia a dia, vinham carradas de canas de milho da baixa do Sanhanha a duas e três espigas e os gangueiras separavam-

-nas dos caules entalando a palha pelo cabaneiro adiante. Para cada grupo era preciso um guarda; de contrário, duas espigas iam para o saco ou para a cinta e outra para a cesta do patrão.

Largado o serviço, os contratados, à frente do armazém geral, recebiam a ração de fuba e peixe seco ou feijão e ainda carne salgada e, aos sábados, o sal, óleo de palma, sabão e tabaco.

Cada grupo de 10 homens aproximava-se acompanhado dum quimbundo. Constantino passava-lhes revista, pano por pano, apalpava as cintas e punha-os quase nus.

— Grandes malandros! Apesar de toda a vigilância, ainda conseguem roubar ... Olhem para isto! Está aqui um saco! — e apontava para o monte no chão. Têm o vício entranhado no corpo. Só vício, pois duas ou três espigas de milho não enriquecem ninguém! E damos nós ração farta e melhorada ...

Também os capatazes andavam furiosos, com uma gana quase incontida de os surrarem valentemente, tanto mais que, desde que tinham vindo, não parava nada nos arimbos e nas sanzalas.

Só as senhoras tinham dó deles ...

— Desgraçados! Todo o homem possui defeitos e qualidades! Ensiná-los a serem úteis e dignos como os quimbundos, é a melhor maneira de os civilizar.

Capusso andava excitado.

— Minina diz isso no seu conta. Num anda com êlis. Um pissoa perdi cabeça! Disgraçados? ... E intão nós! Disgraçados mas é di nós, Minina. Disculpa meu atrivimento. Si apanho mais um a roubar, eu mata êli mesmo! Só di lombala!

— Se o patrão desse licença ... a gente ensinava-os, a estes bichos ... — concordou Manuel Capataz.

No serviço do campo, então, chegava a ser incrível.

— Não percebem nada, não se ajeitam a nada — acrescentou Constantino para Dr. Brito. Só sabem roubar e correr pelos morros na pilhagem e mal têm dez réis de saúde e força,

eles aí vão e ninguém mais lhes põe a vista em cima ... É um castigo autêntico.

Manuel Capataz e Irunga reforçavam as informações:

— O patrão não sabe, mas eles agora assaltam a nossa sanzala. À noite, mesmo. Não têm medo, os patifes ...

Também o seculo Sacoiota, soba do Catenguenha, veio reclamar. Que não podia consentir ... Desse o patrão licença. Eles iam fazer esperas com zagaia, arcos e setas ...

Nenhum caminho estava seguro entre o Sumi, a Caala e o Huambo. Em pleno dia, tinham assaltado uma fila de gente de além Cuima e de Caconda. E corriam à frechada as comitivas que passavam com o primeiro mantimento temporão das nacas ...<sup>1</sup> Só pelo vício de roubar ...

Notícias aterradoras chegavam de todos os lados. Ele eram braços partidos à porrinhada, rins perfurados, bocas amordaçadas com um pau, como os caçadores faziam aos grandes cinocéfalos dos morros, e até brancos deixavam nus em pleno mato, depois de atordoados e feridos.

Com aquelas notícias alarmantes estabeleceu-se grande pânico na região e ninguém sabia ao certo se eram verdadeiras ou falsas.

Os boatos avolumavam-se cada vez mais e as viagens eram temidas, sobretudo desde que o correio da casa fora também alvejado à frechada e depois à moca e veio cair, quase morto, perto da residência, com a bolsa de couro entre as mãos crispadas e cheia de dinheiro para os pagamentos ao pessoal! ...

Defendera-se corajosamente dos bandidos. Só a manha lhe valera ...

— À sombra dos quiocos, — disse Dr. Brito — deve andar por aí muito criminoso. Não acredito que os nossos homens façam tudo o que dizem. E os quilengues não vêm todos os

<sup>1</sup> Naca — terra cultivada nas baixadas.

anos roubar crianças para as trocarem por bois no Cuanhama? Acampam por estes lados ... Se apanho um ...

As senhoras não deixavam de recolher os desgraçados no quintal. Os mais fracos entretinham-se a fazer esteiras. Lena passava horas e horas a curar feridas. Transformara-se em enfermeira daqueles povos e já a sua fama de grande quimbanda<sup>2</sup> corria mato. Traziam-lhe gente de todos os lados para curar. Então ela, com uma paciência e um dó enorme, atendia-os conforme sabia e naquilo em que tinha a consciência de não errar.

Quando a própria ciência não chegava, mandava-os à farmácia do Huambo, ou ao médico, mas eles preferiam voltar para os quimbos e correr todos os riscos a seguir viagem até à cidade. A menina é que era boa curandeira.

Pobre gente ignorante!

Sem recursos, que fazer? Muitas mães aflitas lhe batiam à porta para salvarem os filhos recém-nascidos e que não obra-vam há muitos dias. E ela tantas vezes sem lhes poder valer!

Alguns eram trazidos quase mortos, intoxicados pelo pirão, pela malária e pela falta de cuidados.

De uma vez, Lena chegou ao pé de D. Maria lavada em lágrimas.

— Que tens?

— Morreu uma pequenita, ali mesmo à minha vista, antes que eu pudesse fazer fosse o que fosse para a salvar. Não fiz nada! Mesmo nada! E a mãe lá se foi gritando morro acima, com a filhita morta às costas! Percebo agora a tragédia do Mato. Uma mulher que consegue criar dois filhos já se dá por muito feliz ... Três ou quatro é protecção divina, ou feitiço muito forte ... E tenho remorsos de me ter recusado a tratar uma velha com uma ferida de quinze centímetros e osso à

---

<sup>2</sup> Quimbanda — curandeiro.

mostra. Que terá sido feito dela? Poderia eu tê-la curado com o nosso remédio caseiro?

— E os quiocos vão melhor?

— Eis outro martírio, Maria. Não querem que lhes cure as feridas, não tomam os remédios. Têm medo de tudo, até das nossas casas ... e dos muros do jardim ... É preciso arrastá-los quase à força de encontrões ... Que miséria, Maria! Mas que culpa têm eles? Ninguém nasce civilizado e são refractários a qualquer influência estranha. Os sobas provocavam guerras só para apanharem escravos, matando-os nas suas festas canibais de triste memória. E, no entanto, pelo menos neste planalto, transformaram-se em gente pacífica e trabalhadora. Porque não há-de ser assim também agora com estes? Fazem-me tanta pena!

A civilização custa a transmitir!

— E cometem-se muitos erros, sem dúvida — acrescentou Dr. Brito. É por falta de compreensão que os empregados não perdoam aos quiocos. Se estivessem no lugar deles, por ventura teriam bons instintos ou fariam melhor? Os próprios pretos das outras tribos não escondem a sua raiva contra estes irmãos de raça. Escorraçam-nos como cães e tudo o que lhes acontece de mau provém deles ...

Um dia um ganguela estava quase a morrer. Trouxeram-no para a residência e foi preciso vigiá-lo toda a noite e dar-lhe injeções. Tinha a pele dura e escapou. Pouco a pouco, fortalecido pelo pirão, pelo conduto e pelos remédios, já as senhoras pensavam em juntá-lo aos outros, quando uma noite grosso alarido se levantou na sanzala, ali pertinho.

— «Num pódi sê! Num pódi sê»!

— Malandrage! Ladrão discarado! Mata-si já, seu mabeco!<sup>3</sup> Mata-si já!

---

<sup>3</sup> Mabeco — cão selvagem.

As senhoras saíram para o jardim com o candeeiro e da sombra para a luz surgiu o gangueiro, com o pescoço metido numa forquilha de tronco médio, como uma besta.

— Patalão Doutor! Patalão Doutor! Não pôdi sê, mesmo. Manda êli já no correnti do condinado. Êli rouba nosso minino ... E João Cozinheiro, apoplético, de porrinho no ar, mostrava o filhito, quase desfalecido, com um pau atravessado nos dentes e as mãozitas inchadas ...

Lena pegou na criança ao colo e procurou libertá-la.

— «É para tu vêri, minina! É para tu vêri! Castiga êli, patalão! Si patalão não castiga, gênti do sanzala faz justiça neste mato. Êli paga assim no minina andar na vorta dêli, mesmo?!»

Quando Dr. Brito apareceu no meio daquela berraria toda, fez-se silêncio completo. Manuel Capataz deu um passo em frente, de boné na mão. Tinha dois vincos fundos na testa e os olhos esbugalhados.

— Patrão, eu também tenho filhos. Patrão, castiga este cachorro. Manda vir cipaíes, senão vai ser uma guerra. Matam-se os quiocos todos! Os quiocos todos!

O Dr. pediu silêncio. Estivessem certos que justiça seria feita ao criminoso. Aquele seguiria para o posto e seria bem castigado.

Foi ao escritório e escreveu ao Chefe. Depois, entregou a carta a Manuel Capataz, que devia acompanhar o homem, já desamarrado, com três outros serviçais. Seguiram com grande babaréu e iam informando os quimbos do que se tinha passado.

— Tens de me trazer a resposta, Manuel! Ouviste?

D. Maria já nem tinha coragem de levantar a voz a favor dos contratados. E Dr. Brito, indignado contra o Administrador, só desejava tê-lo ali para que presenciasse aquela cena. Precisava convencer-se, de uma vez para sempre, que as Fazendas não tinham a função de civilizar criminosos comuns ... Mas ele,

lá longe, não podia observar aquelas coisas e convencia-se de que agira o melhor possível ... Agora, limpasse as mãos à parede e recambiasse os homens rapidamente. Preferia perder montões de dinheiro a não ter paz.

Mas teria culpa o Administrador? Não, não tinha culpa. A culpa era dos sobas e seculos que se queriam ver livres de criminosos e os mandavam aos brancos, para que deles fizessem homens úteis aos seus povos. Só assim se compreendia a generalidade daqueles trinta e cinco quiocos.

— Nem todos serão maus ... — afirmou Lena. Estes e outros como eles é que criam o anátema terrível que paira sobre tão vasta região. E qual será a sua sorte quando voltarem à Lunda?

Logo após a partida dos Gangueiras, em meados de Janeiro, o movimento da Fazenda aumentou extraordinariamente. O ano agrícola anterior fora muito mau e bandos de homens calcorreavam as estradas em busca de serviço. Constantino andava radiante.

— Agora sim! Já se pode trabalhar com gosto!

E enquanto Manuel Capataz com o seu grupo de carroças acarretava dos campos molhadas e molhadas de rama dos feijoeiros, espalhando-a ao sol, ele não tinha descanso, sempre a correr do terreiro para o armazém e do armazém para o terreiro.

— Toquem-me essa gente! Toquem-me essa gente! É aproveitar o sol! Logo vai ser uma trapalhada!... Ouviu, Lopes?

Mas os serviçais, com os seus berros e falar intempestivo, cada vez se atrapalhavam mais.

— É preciso pôr tudo cá fora, hoje sem falta! Senão, o feijão estraga-se!...

— E porque não deixou você secar no campo?

— Deixar os feijoeiros na terra, senhor doutor? Com estas chuvas diárias, grelariam. Se houvesse um Verão de S. Martinho em Fevereiro ou Março! ... Então, sim! Mas, quando há uma seca prolongada nesta época, perdem-se as colheitas dos



altos. Deus nos livre! Se quisermos salvar alguma coisa, só assim. E há um mês que dura este inferno!

E virando-se para o pessoal:

— Andem-me depressa! São quase nove horas!

Constantino enterrou as mãos nos feijoeiros meio-secos, a experimentar as vagens; depois, sopesando duas dúzias de sementes, sorriu e satisfeito. Sentia na alma a mesma alegria de Dr. Brito, como se a terra fosse dele e o que ela produzia a sua fortuna.

A todos, que desde Outubro haviam passado pela Fazenda, ele mostrara a bruxa do feijão e do milho dum lado e outro do Sanhanha. Era uma espécie de imposto, em paga da dormida e das refeições. Não escapava um ao passeio. E, como se fosse a rever-se nas plantações, erguia aqui e além, pés frondosos, com magotes de vagens ao dependurão ou carregadinhos de cachos floridos até ao cimo.

— Que tal, hein? Que me diz a isto?

Se o outro concordava com os seus cálculos fabulosos, a tantos feijões por cada pé, tudo corria bem. Mas nem sempre os visitantes estavam pelos ajustes depois de palmilharem o íngreme caminho dos armazéns até à baixa e da baixa outra vez para cima, com sol ardente na nuca e ao passo largo do empregado. Então, furioso, punha-os logo a andar.

Não queriam lá ver, ahn? Ali não era hotel!

De uma vez chegou à Fazenda um pobre diabo, de viagem para Quilengues. Pedira almoço e jantar para ele na residência e fizera-o dormir no seu quarto. O desgraçado correu seca e meca. Meteu o nariz em todos os currais, visitou campo por campo, armazém por armazém e achava tudo maravilhoso, concordando com todas as avaliações. O Sr. Constantino para a direita, o Sr. Constantino para a esquerda, o Sr. Constantino fazia milagres, o Sr. Constantino era o homem mais esperto que conhecia e o melhor empregado de Angola.

No dia seguinte, porém, quando o procurou ... — onde ia

ele, se bem caminhava! — no meio do quarto, bem à vista, estava um par de botas velhas em vez das novinhas em folha que havia comprado numa das últimas visitas ao Huambo.

Lopes e Águas aferroavam-no a cada passo, perguntando-lhe pelas botas ...

Por causa disso, tornou-se desconfiado, e olhava os visitantes com rancor.

O último, então, com as suas observações sensatas — ele dissera que só quando os feijões estivessem secos e dentro dos sacos se poderiam fazer cálculos — enraivecera-o de tal maneira que nunca mais lá levou ninguém. Andava de mau humor e meio cismático.

E se fosse verdade? Se os feijões não produzissem o que ele calculava? Ora! Podia lá ser! Estavam uma beleza!

Certa tarde, logo após o almoço, Dr. Brito e as senhoras vieram até aos armazéns, de passeio.

Mas, quando chegaram ao terreiro, do lado sul ergueu-se repentinamente grande nuvem negra e, após trovão medonho, desabou sobre a Fazenda temerosa tromba de água.

Constantino, apoplético, berrava como louco.

— Aqui! Aqui todo o pessoal! Amontoem o feijão! Tragam os oleados!

Mas os oleados tinham ido com os carros e o pessoal, naquele momento, estava todo na baixa. Então, desesperado, agarrava braçadas enormes de rama que levava para o armazém a correr.

Dr. Brito, D. Maria e Lena fugiram para a velha residência.

— Deixe lá isso, homem! Não se pode lutar contra os elementos!

Ele nem ouviu. Olhava a chuva que caía desalmadamente, formando riachos por todos os lados, insensível à roupa encharcada e à fúria da tempestade. Cego de raiva, praguejava

contra o céu, contra tudo e contra todos, de punhos fechados, erguidos.

Nunca chorara nos transes mais difíceis da sua vida e derramava agora lágrimas a fio diante daquela colheita empapada e das sementes que eram arrastadas pela enxurrada.

Bátegas fortes fustigavam-lhe a cara e os relâmpagos e ribombar dos trovões eram tão fortes e tão seguidos que o atordoavam. Ficou no meio do feijão, a apanhar chuva, impotente, como um vencido. Não arredava pé por mais que os patrões o chamassem.

— Tudo perdido! Tudo perdido!

Quando Dr. Brito o foi buscar, nem reagiu e, sem pinta de sangue, só perguntava:

— E agora, senhor doutor? Agora, senhor doutor?

— Agora, homem, é preciso não perder a cabeça. Contra a natureza ninguém pode blasfemar e o feijão com este banho não se estraga. Pelo menos em parte, que diabo! Dará mais trabalho, aí é que está.

Constantino fixava Dr. Brito com os olhos rasos de água e foi ainda este que o animou:

— E na sua terra, o granizo não estraga tanto pão e tanto vinho? Deixe a rama ao ar livre até amanhã... Não vê? Vem aí outra vez o sol...

Mas os serviçais começaram a chamar pelo empregado em altos gritos e lá largou a correr, como doido.

D. Maria e Lena seguiram para a residência. Os pés chapinhavam dentro dos sapatos e das mangas dos vestidos caíam grossas gotas.

— Isto é que foi! Estou toda a tremer...

— Vocês, às vezes, parecem crianças. Como se fosse possível meter rapidamente dentro do armazém toneladas e toneladas de feijoeiros! Foi estúpido e oxalá ninguém adoça.

Mal chegaram a casa mudaram-se. D. Maria preparou as roupas de Dr. Brito. Mas ele não aparecia e, já inquietas, iam

procurá-lo quando chegou um serviçal, que lhes deu a notícia. As águas haviam coberto por completo a baixa do Sanhanha acima do pontão.

— E o batatal? Os milhos? — perguntaram à uma.

O preto respondeu com uma única palavra:

— Água!

Quase correram até lá e pararam diante do espantoso e confrangedor espectáculo.

O aterro da estrada e o pontão tinham represado as enxurradas, que haviam transformado a enorme bacia num lago.

Estavam certamente perdidas as plantações, mas, se eles aguentassem a pressão, as sementeiras mais abaixo estariam salvas. Era o principal.

No entanto, das encostas desciam milhares de regatozinhos encantadores. Não sabiam o que se tinha passado para lá dos quimbos. Se a tromba tivesse atingido essa região, dentro de poucas horas, a estrada seria galgada.

Todo o pessoal estava ali a postos... mas pouco podia fazer. A altura da represa era assustadora.

Branco e pretos, de braços caídos, olhavam como que aparvalhados para aquele grande desastre, que atrás de si só deixaria ruínas.

— E se cortássemos a estrada para diminuir a pressão aos poucos, pai?

Lena quis passar para o outro lado do pontão e Dr. Brito segurou-a por um braço.

— Estás louca! De um momento para o outro, tudo pode ser levado...

O nível da água ia subindo e fileiras de pretos passavam a Constantino quindas de torrões, que logo eram colocados nos sítios mais ameaçados, formando largos tapumes.

— Depressa! Mais torrões! Depressa! Venham torrões! — gritava.

Da parte de baixo da estrada, o jacto da água, que saía

do boqueirão, atirava-se violentamente para cima dos penedos em frente, cachoando depois com toda a força para o leito profundo e irregular do riacho.

— A quanto parece, nunca houve uma calamidade destas ...

— berrou Dr. Brito para Constantino, que teimava a todo o transe em defender o aterro.

— Vamos a ver, Sr. Dr.! Se o pontão aguentar ...

— Homem! Saia daí! Já disse! ... Que se perca tudo menos a vida!

Os quimbos despovoaram-se. Algumas mulheres choravam porque também tinham as sementeiras debaixo da água. O barulho era ensurdecedor.

Num movimento de solidariedade, pretos e brancos trabalhavam afanosamente.

Lena, à frente das mulheres, tinha formado novo «vai-vém». Mas a terra tremeu e abriu-se uma grande brecha a um lado, não sendo possível colmatá-la. Todos fugiram espavoridos. Só Constantino e Lena ficaram impávidos em cima do viaduto, a olharem a água. Então, Dr. Brito correu para o empregado e para a filha arrastando-os, mas Lena escorregou e caiu desamparada no rego. Capusso, de um salto, pegou nela ao colo levando-a para terra firme.

Depois, e ainda segurando as mãos do negro com gratidão, foi um momento indescritível, um estrondo de catástrofe e a pequena ponte desapareceu bem como o aterro numa largura de mais de quarenta metros, ali à vista de todos.

Estava consumado o desastre ... Brancos e pretos olhavam agora em silêncio para a torrente caudalosa que da baixa de cima se despenhava para a planície de baixo com fúria destruidora, arrastando tudo e tudo cobrindo de destroços.

No auge do desespero, Constantino fugiu dali a correr,

e Dr. Brito foi encontrá-lo no quarto passeando de um lado para o outro como louco ...

Tinha os olhos secos, o olhar esgazeado, as unhas cravadas no crânio. Só quando o patrão lhe pôs a mão no ombro, caiu em si, desabafando, aos soluços, a enorme dor e o desalento que tinha na alma.

— Homem, coragem! Alguma coisa há-de escapar. Veremos amanhã como ficam os campos ... Pode muito bem ser que se salve mais do que julga. A baixa perto do Cunhângama é bastante larga e nem tudo terá sido levado ou submerso. Por agora, só nos resta esperar ...

Coisa estranha! Sentia sobre os ombros todo o peso daquele dilúvio e ainda era ele, também enxarcado até aos ossos, que animava o subordinado na derrota.

No dia seguinte, Constantino abalou logo cedo para os campos. Só via desolação por toda a parte.

Acima da ponte, as terras ficaram cobertas de lodo, mas o pior é que, apesar de terem escorrido toda a noite, ainda espelhavam como se fossem pântanos.

Ficou intrigado, tanto mais que se tratava de terrenos leves. E qual não foi o seu espanto quando, mandando cavar a quatro palmos de profundidade, encontrou greda no subsolo.

Greda! A água ficaria ali represada durante tempos infinitos! Toda a colheita da batata estava perdida.

Continuou a vistoria rio abaixo. Logo após o pontão, as culturas tinham sido cobertas pela terra avermelhada do aterro, mas, lá para o fundo de saco, muito milho e feijão se conservavam de pé e nem lá tinha chegado a corrente.

Com meia-dúzia de cambongas<sup>1</sup> ia endireitando as canas e os pés e abrindo regos. Ah! Mas onde estava o seu rico

<sup>1</sup> Cambongas — ver página 70.

milharal e o resto dos feijões em que tinha posto tantas esperanças? Metade fora na corrente. E que lhe diria agora Dr. Brito, a ele, que fora o causador de se seguir outra orientação na fazenda além de criar gado?

O doutor, porém, preocupado como andava, nem já se lembrava disso.

Ao fim de mais um mês de canseiras, as colheitas temporãs ficaram arrumadas a um canto do armazém. Vinte sacos de feijão e quarenta de milho. Mal chegavam para pagar as rações do pessoal...

E os salários?

Se os altos produzissem naquela mesma proporção o ano seria desastroso.

Dr. Brito, sem confessar a D. Maria e a Lena a sua desilusão, para as não entristecer, fazia contas sobre contas e enchia linguados de papel sobre linguados de papel.

Vivia como pensava e continuava a sonhar.

É sempre melhor ter esperança do que não ter nada que esperar, não é verdade? — perguntava a si próprio. O mau tempo não dura sempre. Que seria do Mundo sem um pouco de calor? E o calor da alma não será a esperança que temos dentro de nós?

O que mais o entristecia era faltar à palavra e não poder oferecer à mulher e à filha o passeio prometido.

O serviço do escritório aumentara extraordinariamente nos últimos meses. Não eram só as notas diárias e mapas, mas mil e um lançamentos a fazer que requeriam trabalho persistente. E nem Dr. Brito nem as senhoras, com as suas múltiplas tarefas, davam conta do recado.

Por isso, Dr. Brito pensou em arranjar um guarda-livros. Seria mais uma despesa, mas indispensável.

— Bem sei que as contas não dão dinheiro — disse à filha e a D. Maria. Pelo contrário, são um peso morto no orçamento geral. Porém uma casa sem elas é como barca à deriva... Que dizem?

— Também assim penso, pai! E a escrita da fazenda ultrapassa agora as minhas possibilidades contabilísticas.

— Querem então? É que me recomendaram um tal Sr. Carlos Costa, viúvo de trinta e nove anos. Tem um filhito. As informações são ótimas e pode ficar na residência e comer connosco à mesa.

D. Maria e Lena concordaram em absoluto com a proposta e na semana seguinte, logo após a chegada do comboio ao Huambo, Dr. Brito trouxe-o na aranha<sup>1</sup> puxada a dois bois-cavalos que elas tinham enviado para os trazer.

<sup>1</sup> Aranha — carro de duas rodas muito leve.

Daí em diante, todos os sábados, por volta das três da tarde, D. Maria e o guarda-livros faziam os pagamentos ao pessoal.

Carlos Costa pareceu-lhes pessoa educada e discreta. Tratavam-no como família e a criança era para D. Maria um raio de luz no seu constante desespero.

De uma vez, porém, no último sábado de Agosto, ela sentiu-se mal repentinamente e recolheu à cama. Dr. Brito não arredou pé da sua cabeceira. Tinha muita febre e Lena substituiu-a.

— Não confias em mim? Está descansada. Serei justa e abonarei ao pessoal o que precisar. De resto, conheço melhor os costumes da casa do que o pai, não é?

E lá foi.

A frente da antiga residência, transformada em escritório, fervilhava um poder de gente... Abriram alas à sua chegada. Dentro estavam os empregados superiores: Constantino, com fato domingueiro; Lopes barbeado e limpo, o que era raro; Capataz Manuel, mestres e carreiros e, por fim, toda a malta dos serviços especializados e do campo.

O guarda-livros, sentado à pequena secretária, ia escrevendo as notas.

Ergueu-se ao avistá-la. Depois, a um aceno, voltou a sentar-se e os pagamentos começaram no meio de silêncio expectativo.

Os serviços foram introduzidos no escritório um a um. Ouvia-se a voz do Capataz ordenando as entradas:

— Primeiro as cartas a pagar! Vá!

O homem avançava até Lena que contava os dias e entregava o dinheiro. Depois, passava a carta ao guarda-livros para registo e arquivo.

Seguia-se outro.

Vieram no fim os mestres com as suas contas-correntes.

— Henrique! 20 dias! Quer peixe seco, feijão, fuba e

vinho. Também pede uma garrafa de conhaque e tabaco... Pode ser?

A voz do guarda-livros respondeu:

— Pode!

Mas, quando chegou a vez de Miguel, o guarda-livros negou os abonos e seguiu-se uma questão morosa entre o empregado da loja e o pedreiro.

— Não é assim, homem! Só se Dr. Brito autorizar. Um conto e quatrocentos! ... É demais! Quando pagará você esta conta? Não posso dar o vale sem o visto do patrão. Não estou para pagar o que você bebe...

Lena interveio pacificadora.

— Bem... eu tomo a responsabilidade. Abonem-lhe tudo o que for de comer, cortem metade às bebidas e, esta semana, não leva conhaque.

Houve um sussurro de aprovação entre as fileiras.

Que custava ser humano?

Cada qual trazia uma reclamação especial e só se acomodavam quando Lena dava o seu «verdictum». Ninguém os convencia da justiça dos empregados. A menina é que falava direito.

— Eu trabalho sempre e a minha conta está na mesma! Era Miguel outra vez, a coçar a orelha.

— Bebes demais, homem! Vai em paz! Para a semana já a conta estará mais pequena!

Todos se riram, e outro se adiantou. Queria pagar as sementes de milho «ikoriking» com os dias de serviço, mas logo o empregado da loja protestou:

— Não, senhor! Tens de pagar com milho.

— Tu queres-me roubar! Eu paga mesmo com a carta.

E Lena teve que intervir de novo, apaziguando os ânimos.

— Deixe lá! Tanto faz pagar em milho como em dinheiro.

— Lá isso não, menina! O dinheiro dá prejuízo!

— Bem, vou consultar meu pai! No próximo sábado, resolveremos. Está bem?

— Está! — respondeu o reclamante.

Os últimos a receberem os seus ordenados foram os empregados superiores. Primeiro os capatazes, depois Torres, o encarregado da loja, Lopes e Constantino. Teve para todos uma palavra de elogio, interessando-se pelos trabalhos e ouvindo opiniões e queixas. Quando chegou a vez de Constantino, chamou-o à parte na outra sala e, baixo para que não percebessem, disse-lhe:

— Desculpe intrometer-me na sua vida, mas custa-me tanto vê-lo espatifar o seu dinheiro! Olhe, quer que guarde metade no cofre? Eu é só por causa da sua velhota ... Lembro-me da carta que lhe escreveu ultimamente ... Não me leva a mal, pois não? E quer amanhã de tarde vir jogar uma bisca conosco? Meu pai terá prazer, estou certa ...

O empregado ergueu os olhos húmidos para Lena e acenou que sim.

— Tem razão, deixo metade! ...

Lena sorriu-se, cheia de alegria, e foi meter o dinheiro dentro de um envelope. Depois escreveu-lhe em cima: Pertence a Constantino ... cento e cinquenta escudos.

Do outro lado, Carlos escrevia nos livros as verbas dos pagamentos, erguendo de vez em quando a cabeça com espanto por tanta demora.

Veio, por fim, a verificação do caixa. Foi longa e aborrecida ... No entanto, estava certo, só com uma pequena diferença ...

Tudo em ordem! Que bom! Contou em notas de cem o ordenado do próprio guarda-livros, fechou o cofre e ia a virar-se para lho entregar, quando se sentiu agarrada pelos braços.

Saltou para o lado, assombrada. À sua frente, Carlos Costa, com os olhos desvairados, estendia as mãos numa súplica ...

— Sr.<sup>a</sup> D. Lena! ... Sr.<sup>a</sup> D. Lena! ... Amo-a! ... Amo-a! ...

Ela recuou para trás da secretária, fulminada. Estaria ele doido? E, sufocada pela indignação, bradou:

— E é o senhor, o senhor que me falta assim ao respeito? Parecia-lhe perder o equilíbrio.

— Retire-se, ande! Retire-se! Senão, chamo!

Avançava à medida que ela recuava. Parecia ter dentro dele um monstro e o seu sorriso era uma afronta. Agarrou instintivamente no pingalim que estava em cima da mesa e, agitando-o febrilmente contra o seu perseguidor, sem perceber bem como, achou-se lá fora a gritar a plenos pulmões pelo velho guarda.

Capusso passava nesse momento ali perto, com a arma ao ombro, e Lena ficou sem saber o que dizer ao negro, aflita e toda trémula ...

— Vem comigo! Vamos para cima! Olha, já recebeste o pagamento? Já? Tinha-me esquecido ... Bem ... então ... Se viste a senhora, vai à tua vida, vai!

Espantado, o guarda, esperava mais alguma ordem, mas mandou-o embora e seguiu a caminho da residência.

Estava fora de si.

Já, já, sem perda de tempo, expor ao pai a situação para que ele procedesse imediatamente, despedindo o empregado.

Na ânsia de chegar mais depressa, quase corria. Mas a subida era grande e obrigou-a a relentar o passo. Parou, então, uns minutos, sentando-se na valeta à beira da avenida com os olhos cheios de lágrimas.

— Meu Deus! Em que mereci eu esta afronta? Em que a mereci? Se me interesse pelos empregados de meu pai, é para lhes minorar a dor da solidão.

Ela e D. Maria eram as únicas mulheres brancas daqueles sítios.

Olhavam por eles como por todas as pessoas que lhes batiam à porta, quer fossem brancos, quer fossem pretos,

sem lhes perguntar de onde vinham nem qual era o seu passado ...

De uma vez, até um condenado ali ficara uns dias ... Mas a bondade não excluía respeito e correcção ... O próprio guarda-livros, convivendo de perto com a família, nunca saía das fórmulas rígidas admitidas entre um subordinado e a filha do patrão. E, de um momento para o outro, cometera aquela falta grave.

Lena vira à sua frente, não o empregado, sempre taciturno e de poucas falas, mas o homem na sua bestialidade, transformado e de olhos alucinantes.

Lembrou-se da pedra do alemão.

Não estaria ele realmente doido? E se assim fosse?

Percorreu-a um calafrio ao lembrar-se do perigo em que estivera. Teve mesmo medo de se ver ali sòzinha e de novo se pôs a caminho. Chorava de raiva. Não, não merecera aquela injúria!

Lá em cima, na varanda, o pai esperava-a. Por momentos, teve a intuição de que a observava com o binóculo e compôs o rosto num sorriso. À medida que se aproximava de casa, ia moderando o passo. Perguntava a si própria como se apresentaria e exporia o caso, depois daquela cena violenta.

Falava alto: — Meu pai, mande embora o Sr. Costa! Fal-tou-me ao respeito, não pode ficar em casa!

Ele havia de a interrogar, de querer saber pormenores ... E Maria? Em que estado de agitação e de nervos não ficaria? Não, não tinha coragem. Antes esperar as melhoras da madrastra e dizer-lhe, então, o que se tinha passado, para que ela, por sua vez, o pusesse ao corrente de tudo.

Como a vida era estúpida! O guarda-livros arriscara a felicidade do filhito, tratado por elas com todo o carinho.

Pobre criança! Que culpa tinha? E era justamente o inocente que ia pagar o atrevimento do pai ...

Andara tantas vezes sòzinha pelo mato, e não tivera maus encontros ou, então, ia com um serviçal qualquer, para lhe levar a arma e a avisar de algum perigo. Guardavam-na e arriscavam a própria vida inconscientemente para lhe trazerem a caça do meio do rio. Achava aquilo natural e nunca lhe passara pela mente que, debaixo da capa de cordeiro, se escondia o homem, com instintos perversos. Não, não pensara nisso. E ninguém sequer lhe abrira os olhos para que não andasse tão confiante pelo mundo.

Numa quase que alucinação, apresentaram-se-lhe mil casos idênticos, mil cenas arrepiantes ... Mas acabou por se calmar. Nenhum nativo teria a ousadia do guarda-livros. Estava convencida disso!

Quando ia a transpor o jardim, Carlitos veio-lhe ao encontro a correr. Os seus bracinhos rodearam-lhe o pescoço.

Lena deu-lhe um beijo e pôs-lhe a mão nos cabelos. Os olhos investigadores da criança fixavam-na assustados.

— Que tens? Estás zangada? Carlitos tomo quinino. Não fez capricho!

Ela riu-se.

— Zangada, eu? E porquê?

Que tortura! — pensou. Vou tirar o pão ao inocente e roubar-lhe a felicidade!

Pela primeira vez na vida, viu-se perante um caso de consciência. Se acusasse, lançava a criança na desgraça; se não acusasse, podia o monstro julgá-la complacente.

Cumprimentou os pais e fechou-se no quarto com o pretexto de que estava febril. Ao jantar pediu desculpa e meteu-se na cama. Sentia-se realmente doente; o termómetro acusou algumas décimas. Toda a noite não sossegou. Tinha a vela apagada e via sempre à sua frente a cara congestionada do guarda-livros ao lado da cabecita loira de Carlitos.

Manhã cedo, acordou. Como explicar a Dr. Brito a sua atitude, passadas tantas horas? Ele, tão severo, compreende-



ria os seus escrúpulos? E Maria? Julgá-la-iam culpada com certeza, provocante até.

Por amor da criança, dera aquele passo irreflectido...

Tomaria precauções. Com Capusso a seu lado, ninguém se atreveria a atacá-la. Pois seria Capusso, dali em diante, o seu guarda fiel.

A hora do trabalho, já em plena posse de toda a sua energia, encarou Carlos Costa serenamente, como se nada se tivesse passado.

Ele respondeu-lhe com palavras breves e sacudidas e a voz tremia-lhe...

Mas Lena, muito ativa, acabado o serviço, virou-lhe as costas sem uma única palavra. Capusso acompanhava-a como se fossem para a caça, de arma ao ombro, e o guarda-livros pareceu compreender...

Algumas semanas mais tarde, ele próprio se despediu.

A chegada do correio não devia oferecer interesse senão uma vez por outra e, contudo, não sucedia assim. Se trazia só impressos, parecia que um tal ou qual desgosto afligia os habitantes da fazenda; se vinham cartas, tomava foros de festa.

Duas vezes por semana um homem ia por ele à Caála. Ao domingo, porém, talvez por ser dia de descanso, a impaciência redobrava.

D. Maria e Lena vieram para a varanda à hora da chegada e o doutor fora o primeiro a tomar o seu lugar. Todos três, impacientes, fixavam o caminho por onde deveria surgir Chiraué aos berros, com a arma na mão e a patrona recheada a tira-colo. Também os empregados esperavam ansiosamente pela correspondência.

— Não te parece que já vem atrasado? Oxalá não lhe aconteça alguma como há tempos. Por pouco que o matavam...

— Traz dinheiro esta semana? — perguntou Lena.

— Não, não deve trazer dinheiro! Carregado com jornais e cartas sim, porque chegou o rápido...

Quando surgiu, na orla da floresta, depressa se pôs junto de Dr. Brito.

As duas senhoras estavam num alvoroço enorme. Podia-se-lhes quase ver bater o coração por cima da roupa, tal era

a alegria e o nervosismo em que estavam. Dr. Brito ia distribuindo as cartas e separando as dos subalternos, que entregava a Constantino, enquanto as senhoras rasgavam os sobrescritos e as cintas dos jornais com frenesim. Depois passaram a vista sobre os acontecimentos principais e só mais tarde voltaram atrás, recolhendo-se e concentrando-se na leitura.

D. Maria tinha as mãos trémulas. As folhas balouçavam-se-lhe nos dedos e, de vez em quando, ou o doutor ou Lena e ela liam alguma passagem importante em voz alta, mas nem obtinham resposta de tal maneira os outros devoravam as cartas que tinham recebido. Só depois de satisfazerem a própria ânsia, faziam algum comentário. A correspondência foi novamente lida e relida, em silêncio, e sempre encontravam mais qualquer coisa que tinha escapado.

Que horas aquelas! Parecia-lhes já não serem as criaturas a quem eram dadas as notícias, tão longe e tão esfumadas estavam já as lembranças do que tinham valido ...

Sim, seriam bem elas, aquelas mulheres do sertão, as esperançosas diplomadas de outrora, com mil sonhos e mil quimeras na alma? Lena, então, com a sua paixão pela lavoura, transformara-se por completo. Já nem lhe parecia possível ter gosto pelas coisas fúteis da vida, aquilo a que todas as raparigas aspiravam.

Ergueu-se da cadeira e foi até ao fundo da avenida, diante da casa. Sentou-se encostada a um pessegueiro. O solo estava quente e pareceu-lhe que essa quentura a penetrava pela espinha, dando-lhe a sensação deliciosa de bem-estar e prazer.

E não seria a alma daquela terra que a prendia assim, terra trabalhada donde se emanava um perfume estonteante e uma força estranha e mórbida, enlaçando-a na branda doçura do seu feitiço? Ou seria daquele sol brilhante que a atravessava, do sol captado e filtrado através da pele?

Sentia-se como que evadida.

«A terra! É vida e é morte e onde a morte se torna em

vida ... Dá-nos tudo e tira-nos tudo; come o nosso corpo ainda vivo..

Pois o homem saindo do pó e voltando para o pó, poderá resistir-lhe? Esquecê-la?»

Tinha sido Lena em grande parte, com tarefas mais rudes, o seu espírito de sacrifício e a sua dedicação, que tinha ajudado a planear e executar o que se avistava em frente ... Era tudo também um pouco obra sua, do seu amor pelos pais, da sua actividade e entusiasmo.

E tinha um tal poder a terra! A que nem a vontade nem a fantasia resistiam.

Estavam ali especados naquela argila selvagem, que arrotearam, limpavam, cavaram e semearam. Podiam vir chuvas e destruir o seu trabalho, feras e doenças matar os animais criados com tanta dificuldade. No mato, não havia nada. Nem médico, nem alveitar, nem farmácia, nem padre. Morria-se como um animal qualquer. Mas quem atacasse agora aquele rincão, feria-os de morte, profundamente, e na própria carne.

Sentara-se ali ao acaso e logo tanta coisa lhe viera à mente ...

Não era magnífica a obra que seus pais e ela tinham feito? Que bela página da sua existência!

Tivesse ficado no estrangeiro ou mesmo na Metrópole e continuado a vasculhar nos livros de alta sabedoria e não teria contribuído tanto como no sertão para o bem da humanidade.

Mas era preciso fazer mais ... muito mais ... Levar aos quimboas ideias novas, ensinar as crianças ... Tirá-las dos seus tabus ...

Quando voltou à varanda, D. Maria ainda lia cartas. Depois, caiu num mutismo pesado. E Dr. Brito, enfronhado nos jornais, nem deu pela sua presença.

Lena recebera também notícias do irmão. Ficou muito

tempo hesitante, se havia de dizer... Por fim, sempre arriscou, a medo:

— Sabem? O António pede que vá passar um mês com ele... Será possível?... Deixam?

— Acho tolice, grande tolice, mesmo. Mas enfim... se quiseres...

Lena calou-se. Abraçara aquela ideia com alvoroço. Precisava de sair dali... Tinha a certeza de que voltaria com novas energias e nova coragem.

Perto do irmão, que também era novo e alegre, ficaria melhor e enfrentaria o futuro com grande calma.

É rejuvenescedor o convívio com os novos. Ótimo!

— Olhe pai, se não se importa, vou.

Dr. Brito virou-se bruscamente. Não esperava aquela decisão tão firme e estranhou-a.

Lena ergueu-se e deu-lhe um beijo, acrescentando:

— Isto, é claro, se concordarem e não acharem inconveniente...

Ele fixou-a bem nos olhos, procurando adivinhar o que lhe ia na alma, mas encontrou um sorriso bondoso e humilde, pronto ao sacrifício...

— Bem... se tens prazer nisso... bem...

Abraçou-o de novo. Tinha vencido.

Pela primeira vez em quase três anos, Helena ia sair da Fazenda Sumi. Agarrara o convite do irmão com uma sensação de alívio.

Porquê, se tinha pena de deixar os velhos?

Para fugir ao guarda-livros?

Não era razão. Fora embora!

Que esperava, então?

Sabia lá!

António também vivia no mato...

Entre pais e filhos a distância era tão grande! Quase um fosso os separava.

Havia autoridade e respeito, humildade mesmo, mas faltava compreensão. Cada qual guardava no íntimo a própria psicologia, o seu eu.

Parecia-lhe lutar contra paredes hermeticamente fechadas, para além das quais não era lícito introduzir aragem fresca. A liberdade espiritual pertencia-lhe, era certo, e dela não abdicava, mas com quem partilhar as suas ideias?

Como seria bom trocar impressões!...

Em todo o caso, mesmo que fosse para pior, mudaria de ambiente e de cenário... De ar, até!

Só a ideia da viagem a entusiasmava!

Porém, quando se viu a rolar através do extenso planalto, encolheu-se a um canto do compartimento.

Nas estações, espreitava os passageiros pela janela.

Uns entravam, outros saíam, aos empurrões, gesticulando e berrando... Tudo gente desconhecida... diferente...

Sentia que, mesmo ali, as figuras da Fazenda a rodeavam com amizade: D. Maria, seu pai, Capusso, Constantino, Barraca e os trabalhadores... Que lhe importavam aquelas mulheres e aqueles homens azafamados, se nada de comum tinha com eles e nada evocavam no seu coração?

Nem tão-pouco lhe interessava o seu destino e a sua vida. Ali ia, em silêncio, ouvindo as conversas balofas e aborrecidas dos companheiros de carruagem.

A sua frente, um homem, de grande corrente de ouro e berloques, parangonava com entusiasmo, convencendo os basbaques. A Guerra tinha acabado. Incrível agitação percorreria o mundo dos negócios. Só se falava no que viria a ser o futuro...

O futuro!

Que lhe importava a ela o dia de amanhã? Aquele momento, sim, é que era dela e vivia-o emocionada.

Ao cair da tarde fechou os olhos e tentou dormir. Em vão.

Aconchegou-se melhor, virando as pupilas para dentro ...

De que lhe valia ser filha de Dr. Brito? De nada! Dois anos e tal e o mundo mudara por completo ...

Quando chegou ao Cubal, aí por volta da meia-noite, logo avistou o irmão, mesmo à beira da pequena plataforma.

Desceu e pousou a mala, correndo a abraçá-lo.

— Até que enfim! Nem sei como tal! Sinto-me cada vez mais bicho ...

— Do que precisa é de liberdade, irmãzinha! Aqui não pede licença para nada ... Manda!

— Como se engana, gosto muito do Sumi, sabe Mano? Sinto-me lá bem ...

Ele não respondeu e perguntou: — Só esta bagagem?

— Só.

Luís de Lemos guardava as montadas fora da estação e, depois dos cumprimentos e duma chávena de café e torradas na única e modestíssima hospedaria local, ao ar livre e sob coberto de capim, com arame farpado em volta, deram-lhe parte das resoluções tomadas. Seguiriam a cavalo directamente para o posto, a uns trinta e tal quilómetros de distância.

Lena, do alto da mula, dominava os dois jovens na sua cavalgada quixotesca em cima de um cabo-verdiano<sup>1</sup> e de um burro espanhol.

Não pôde deixar de sorrir e perguntou disfarçando:

— Ora! Ora! Então estas quatro casas e a estação é que tu chamas pomposamente a vila? É mais pequena do que a Fazenda Sumi!...

<sup>1</sup> Cabo-verdiano — ver pág. 117.

— Há-de ser, menina! Há-de ser! Que julga? Em África é assim mesmo! E como nasceu o Huambo? Ainda tinha menos do que isto ... Era uma missão franciscana ...

— E há quem profetize e lhe chame já a futura capital da Província.

— Senão, verás!

Desceram lentamente a rampa que levava ao rio e atravessaram-no depois do irmão ter dado três tiros contra a água. Levava pouco mais de meio-metro. Do outro lado começava a estrada, uma recta a perder de vista.

Lena concentrou-se em seus pensamentos. Sentia uma grande opressão no peito, que a aragem fresca da madrugada não conseguia aliviar. Deviam ser três a quatro horas e ainda fazia escuro.

Porque trouxera o irmão Luís de Lemos? Para quê?

Ela procurava a paz, a paz de espírito e da alma. Não desejava novas lutas e desesperos. Não, não queria!

Enquanto António falava pelos cotovelos, comparando entusiasticamente o mato raquítico do planalto com a fertilidade da região que administrava, Lena emudeceu.

— Quando viemos para aqui, era muito pior — afirmou Luís Miguel. Nem brancos nem pretos queriam nada com este mato.

António fez encómos ao amigo:

— E foste tu, com a tua política de atracção por um lado e as derrubas por outro, assim como as perseguições ao búfalo, que tornaste esta terra habitável ... Desapareceu a mosca do sono ou, pelo menos, não está infectada e muitos pretos se têm fixado e civilizado deste lado.

— Em todo o caso, insistiu Lena, reagindo, o planalto, com os milharais no tempo das chuvas, é bem mais alegre, António. Nem se compara! — e apontou para a floresta densa.

Cavalgavam há mais de duas horas e meia e o cansaço tornou-a taciturna.

De um lado e de outro da estrada, sempre em linha recta,

profundas matas envolviam-nos em sombras misteriosas. Só o estrupido das montadas cortava o silêncio.

— Realmente, a natureza aqui é grandiosa, mas mete medo ... — disse Lena por fim.

— Não admira que a impressione a floresta negra, mas, quando se habituar, verá que seduz muito mais ...

— Oh! Eu ... serei sempre uma inadaptada!

Calou-se. Pensava na beleza do mato claro com os arim-bos de permeio, nos passeios sòzinha ou com Capusso, de arma às costas à procura de caça miúda. Muitas vezes encontrara crianças frechando pássaros.

Ali nunca se atrevera a ir à aventura ...

O sol apertava cada vez mais e de tal maneira que se sentia estonteada. Era da recta que tinha à sua frente. Parecia que nunca mais acabava e se lhe derretiam os miolos. Mais uma hora e fez parar o animal bruscamente, declarando não poder continuar.

— Fico mesmo aqui, até vocês me arranjam uma tipóia. E, acto contínuo, desceu da montada.

Tinham chegado a uma baixa extensa. Perto, algumas casas de pau-a-pique e um armazém-curral davam conta de existência humana.

Era uma das feitorias de Luís Miguel.

Alguns bois pastavam serenamente e um, junto à nascente quente e sulfurosa que ele tinha descoberto e captado, mergulhou o focinho, ficando-se depois a olhar mansamente os recém-vindos.

António encorajava a irmã.

— Então, menina? Não tem vergonha? É já ali por trás daquelas árvores ...

— Já ali! Já ali! Isso oiço eu há boas quatro horas ... Tinha o sangue na cabeça e os olhos injectados.

— Vão vocês e deixem-me ficar com os pastores ...

Luís correu para a fonte e encheu o chapéu com água.

Banharam-lhe as fontes, a nuca e os pulsos. Deram-lhe também água a beber e serenou. Escaldava.

— Seja razoável, menina! Isso não é nada, vai ver! Uma rapariga nunca se deixa vencer pela malária e muito menos pela fadiga.

Ela teve vergonha e ergueu-se em silêncio. Cambaleava. Depois, fizeram-na tomar quinino e António pô-la em cima da mula.

— Aguenta-se?

— Aguento!

Bafagens trémulas subiam até grande altura. Parecia que a terra respirava ofegante e aflita. O calor abafava.

Seguia estrada fora atrás do irmão e a passo tardo, com o sol reverberando, o ar incandescente à frente dos olhos ... Era a mula que impunha a sua vontade.

— Vai bem? — perguntou Luís de Lemos.

Nem respondeu. Virou a cabeça sorrindo. Tinha perdido os ganchos e as longas tranças, meio-desmanchadas, caíam-lhe pelo peito. Todo o tronco se inclinava para a frente como se fosse desmaiar. Parecia mais pequenina, quase grudada à sela, com as mãos enclavinadas no couro.

Quando chegaram ao posto, desceram-na. Mai se tinha de pé; ria e batia os dentes ao mesmo tempo. Era do febrão, do calor e das dores nas pernas todas esfoladas.

António pegou nela ao colo, entrou em casa e deitou-a em cima de uma cama.

— Sente-se mais aliviada? Vá, descanse agora!

À porta do quarto, surgiu a irmã de Luís de Lemos, risinha e de braços abertos ...

— Que é isso? Que tem ela? Oh! Meu Deus!

Beijou-a.

— Seja bem-vinda a estas terras! É preciso sacudir a febre ... Não se querem doenças ...

Lena não respondeu. Pôs-se a olhar em redor, alheada ...

Estava numa sala grande, coberta a capim e sem forro. Duas camas de ferro com mosquiteiros ocupavam o centro. A cómoda, encostada à parede, ostentava um jarrão com flores selvagens de um amarelo suave.

Do outro lado via-se uma escrevaninha com estante de livros pregada na parede e pelo chão algumas peles de onça. Andava no ar cheiro a mel ...

— Que viagem! — murmurou ... Uma noite quase inteirinha sem dormir, por cima seis horas a cavalo e um calor de rachar ... Estou o que se diz arrasada!

— É longe, é — disse Ana Maria ... Mas ... agora durma! Fechou as portadas.

Lena calou-se. Invadia-a tamanha lassidão que adormeceu sem mesmo querer e só ao jantar saiu daquele torpor. Lavou-se rapidamente; depois mudou de roupa e de vestido. Pôs creme e pó nas feridas e no rosto e um pouco de água-de-colónia. Por fim, abriu a porta e deu de cara com Ana Maria, Luís e António.

Todos se voltaram batendo palmas.

— Bela reacção! Bravo!

— A culpa foi do António, que lhe pregou esta maçada sem estar afeita a ela. Bem lhe disse que seria melhor uma tipóia.

— Ora! até lhe faz bem!

— Está claro ... Como não és tu que sofres ... — respondeu Lena um pouco amuada.

— Menina, o Mato tem destas coisas! É para ver o que eu passo ... aliás o que passamos ...

— Mas tu és homem e estás habituado a andar a cavalo e eu sou cavaleira de ficção. Lá por ter dado alguns passeios convosco no Sumi e dois ou três quando estive na Ganda, não quer dizer que não esfole as pernas para me segurar ...

— E com que gana! ... — acrescentou António a rir.

— Bem ... não falemos mais nisso. Roubaste-me por uns tempos a alegria dos passeios ...

— Cura depressa, vais ver ...

Apesar do sofrimento, a boa disposição voltou-lhe e todos quatro se envolveram numa animada conversa sobre vários projectos para o mês de férias a passar junto do irmão.

— Acima de tudo, estão os meus deveres! — afirmou António. — Tenho de sair na cobrança do imposto. Quer vir comigo ou ficar aqui?

— Nem se pergunta! Está claro que quero ir. Mil vezes! Sabes lá o que é a sedução da aventura! Oh! Ser nómada! Conhecer a floresta ... poucos cómodos, cozinhar ao ar livre ... Que bom! E quando partimos?

— Logo que possa montar a mula!

— Então dê-me qualquer coisa para as esfoladelas ...

Cada qual insistiu na sua mezinha, a melhor de todas, ou fez sugestões e, no dia seguinte, começaram os preparativos para a partida.

Tudo foi mobilizado: barracas, camas, colchões, víveres para quinze dias e, sobretudo, quinino, além dos objectos e roupas individuais.

Ficar ali sem o irmão? E para quê? Melhor assim. Estaria, em todo o caso, separada de Luís de Lemos. Tudo tinha acalmado dentro dela. Nada já revelava a luta tola que sustentara contra um sentimento que nem sequer era retribuído e a tornaria ridícula aos olhos de todos.

Aquela viagem interessante entusiasmava-a imenso ...

Passados alguns dias, Luís e Ana Maria partiram sem que ela sentisse qualquer emoção especial. Eram bons e alegres companheiros. Mais nada. Se pudessem ir também, não se importava.

Na manhã seguinte, com grande babaréu, a caravana pôs-se em marcha.

Mulheres, carregadores e cipaíes, em fileira pelo trilho, levavam bicuatas<sup>1</sup> de preto e bicuatas de branco; depois seguia Lena sobre a mula, de chapeirão de palha e carabina Colt atravessada na sela e atrás Antônio, autêntico «cow-boy», com a Mauser a tiracolo e chapéu de feltro.

Realmente, as florestas da Hanha eram imponentes. Que profusão de espécies e de tão variegadas cores! Caminhavam debaixo de cúpulas altíssimas e, de um lado e outro, os troncos, arvoretas e arbustos formavam colunas e paredes de nave.

Os companheiros cantavam em coro e davam gritos estrí-dulos, certamente para afugentar perigos ou prevenir os habitantes da vinda do comandante.

E o certo é que, quando chegaram ao primeiro acampamento, depressa apareceu mais gente e se ergueram barracas e chingues.

Mestre Capitia, já preocupado com o almoço, ajuntou três pedregulhos e três paus secos encabeçados a um lado da clareira, dispondo-se a preparar a refeição que, por ser feita daquela maneira, lhes soube pela vida.

---

<sup>1</sup> *Bicuatas* — utensílios, arranjos de casa.



O velho tinha cuidados especiais com o seu comandante. Sabia fazer bolachas tostadas sobre pedaço de lata velha e os seus bolinhos de batata eram tão deliciosos que Lena lhos pedia todos os dias sem se cansar.

Ele não era positivamente um quimbar, daqueles finórios espertalhões que trabalham longos anos com o branco e vão depois intrujar o seu semelhante, apanhando bois sobas por vacas velhas. Capitia era Capitia mesmo, ele só, agarrado às tradições da cinta para baixo, com pintado<sup>2</sup> e sandálias de couro cru, puxando a branco da cinta para cima, de colarinho, colete, casaco e gravata.

Bom homem, mesmo!

Gostava dos elogios da menina e esmerava-se em tudo, desde o churrasco cafre à matira<sup>3</sup> ou abóbora nova e mandioca tostadas na cinza. Naquelas terras, até a batata doce era maior e mais saborosa.

Que bom comer no meio do mato, António! Tudo sabe tão bem sem a preocupação do «parece mal!» Temos a sensação de que somos livres!

— Livres? Que ilusão, menina! Nem na selva somos independentes. Estamos agrilhoados a mil e uma convenções. Não se julga superior? E é uma insatisfeita. Até Capitia e século Chivarela vivem mais felizes... À sua maneira, é certo, mas alegremente. Aí é que está. Possuem a satisfação de Budas pançudos.

— E porquê? Porque é que os nativos se amoldam melhor do que nós?

— Não têm tantas ambições... Para eles, vida boa é ter várias mulheres para cavar a terra, sustentá-los e criar os filhos com muito pirão e lombi. Isto lá pelas terras pobres do pla-

<sup>2</sup> *Pintado* — tecido azul e branco, muito apreciado pelos nativos.

<sup>3</sup> *Matira* — cabaça pequena comestível.

nalto, porque aqui todos os séculos têm bons sambos<sup>4</sup> de vacas. O leite, maber<sup>5</sup> e ungundi<sup>6</sup> são a base da alimentação. A mulher só planta batata doce e mandioca.

— Talvez, talvez seja assim... — disse Lena. Eu, sòzinha neste mato, perdia-me. E tenho pena da mulher nativa. Um dia, também ela obterá o seu resgate, como o obteve a branca. E será livre!

António deu uma gargalhada.

— Dependemos sempre uns dos outros, menina. O homem da mulher e a mulher do homem... não é assim?

\*

Enquanto o Comandante resolvia os assuntos dos impostos com os séculos, ela e Capitia iam à caça ou visitavam quimbos.

Tudo era diferente ali: as raças, os usos e os costumes e Lena tomava notas sobre notas.

Uma tarde, o velho caçou um bambi. Estava a seu lado e nem tivera tempo de o ver, tão rápido o matara. Trouxeram-lhe também maçarocas de leite. Assou o cabritito e fez do milho umas bolecas para acompanhar, apresentando-as como manjar de reis.

— Onde aprendeste a fazer isto, Capitia? — perguntou Lena.

— Eu sábi, Minina! Sábi mesmo. Cómi, Minina, cómi! É bom!

E era delicioso.

Passaram depressa os primeiros dias, cheios de interesse e novidade.

<sup>4</sup> *Sambos* — cercados altos para o gado.

<sup>5</sup> *Maber* — soro.

<sup>6</sup> *Ungundi* — manteiga azeda.

Capitia acendia todas as noites uma enorme fogueira para se aquecerem e conversar.

— Espantá Eli, Comandante! Espantá Eli! E contava histórias saborosas de caçadas e manhas de bichos, dos feitiços daquele mato e do poder que ele tinha para os vencer.

Conhecia todos os frutos selvagens, desde a ombula às ameixas, o maboque comestível e o olonguenge, as aves e os bons capins e arbustos para o gado andar gordo, mas sobretudo certas flores, feiteiras umas e venenosas outras e muito enganadoras. Havia-as — dizia ele — que matavam rápido ou curavam e davam alívio. E então as árvores? Ungerite, tacula mubange ...

— Capitia, hás-de ensinar-me isso para escrever no livro.

— Não pódi, Minina! Não pódi! Branco não tem feitiço de preto. E, mostrando-lhe um colar de dentes de leão que trazia ao pescoço, disse: meu ferrôça está aqui!

A noite as fogueiras dos chingues pespontavam a clareira de luminosidades misteriosas e, quando o comandante distribuía bebidas, havia batuque. Em volta do fogo, contorciam-se vultos animados e alegres, ao som das puítas e dos chingufos. Mas a alegria era atordoadora. E sempre aquele tã-tã-tã vertiginoso esfuracando os ouvidos e mulheres de seios nus vibrando em mística luxúria, as ancas sensuais volteando em roda das labaredas. Depois, pela madrugada, só os chacaís esfomeados uivavam em redor.

Lena, então, acordava de ouvido alerta, e coração agitado. Naquela brenha insondável viviam seres a quem nada comovia.

Não era como o mato do Sumi, alegre e quase sem perigo, mas um emaranhado medonho de troncos, ramos e liames entretecidos por forças inimigas do homem. E por toda a parte, um silêncio arrepiante ...

De dia e de noite, o silêncio ... E era justamente ele que atormentava e afligia as almas, esse silêncio só perturbado por sons longínquos abafados: trilos em terra, murmurinhos e

gorgeios no alto dos copados ao sol, lufar do vento, manso e manso ... De noite, uivos e ladrar de símios alvoroçados, coachos dos sapos na damba ali perto, roucos e gritantes.

Ficava-se a ouvi-los como se fossem milagre naquela nave assombrada.

Nem podia dormir a pensar em tudo que ameaçava as criaturas por trás das moitas e por cima das cabeças, debaixo das pedras e toiceiras ...

E sempre aquele bailar constante de luz e sombras nos trilhos por vezes difíceis, com os sentidos desfeitos, que tudo estrangalhavam e desorientavam!

Música alvoroçante e perigosa a daquele mato! E fascinadora ao mesmo tempo.

Atraía e dominava os seres — espírito e corpo — e de tal maneira que tudo lhes parecia fantástico. No entanto, a selva era inimiga, invejosa da terra que lhe roubavam para as lavras, das clareiras abertas a machado, do ar que respiravam e até do sol que colhiam.

Não havia enlevo ou doçura nos muchitos<sup>7</sup>, mas tão somente aquele verde maciço que oprimia e aterrorizava.

Metade daquele mato vivia à custa da outra metade. Fazia calafrios e parar o sangue nas veias o estoíro das vagens lenhosas à hora da canícula e o sussurro das folhas que caíam e poderiam ser patas cautelosas, ou andalo<sup>8</sup> fulminante pendurada nos galhos e ainda surucucu mole estendida no caminho e pronta a ferrar ...

Oh! O medo! Os segredos e mistérios da floresta escura! E as manchas de luz obsessantes sobre aquela variedade assombrosa de plantas anónimas e ignoradas, sem relevo, atropelando-se, engalfinhando-se e roubando espaço às suas congêneres mais esgalgadas e ansiosas por viver e ter sol?

<sup>7</sup> Muchito — floresta densa.

<sup>8</sup> Andalo — cobra com veneno fulminante.

Lena admirava a selva e tinha medo dela. Amava-a mesmo.

O seu calor era perturbante, a sua força uma ameaça constante que a obrigava a estar sempre de atalaia, receosa dos ataques alados e das surpresas mortíferas, porque a morte tinha olhos e espreitava de todos os lados. Outras vezes era o cauteloso rastejar e ronco espreitamento de outras espécies em terra que lhe faziam virar a cabeça e bater o coração mais lesto.

Algo de perceptível estava ali, ameaçando... Na luz, na sombra e na escuridão, e que fascinava as criaturas...

\*

Lena não parava. Queria ver e saber tudo.

Por uma manhã clara, com o inseparável companheiro, internou-se noutra direcção, *muchito*<sup>9</sup> adentro.

Avançavam com dificuldade pelo emaranhado dos arbustos. Por vezes, à catanada. Não havia caminho. Capitia sabia orientar-se e deixava sinais nas árvores. Mas, de repente, ao desembocarem numa pequena clareira, levantou-se tamanha poeira que Lena ficou meio-cega e Capitia desapareceu como louco, fogueando os fugitivos, uma pequena vara de *onguruvis*<sup>10</sup>.

Voltou de orelha murcha.

Ela tinha-se assustado a valer. Encostou-se a uma árvore sem pinta de sangue, de arma aperrada, pronta a matar...

Ao ver Capitia, riu-se às gargalhadas.

— Então os «dentes de leão»?! Onde estão eles?

Ouviram nesse momento grande babaréu ao longe.

— Que será?

Ele, encostando o ouvido ao chão, logo anunciou a visita de Luís de Lemos e da irmã.

<sup>9</sup> *Muchito* — ver pág. 185.

<sup>10</sup> *Onguruvis* — javalis africanos.

— Como sabes tu que são eles, Capitia?

— Sábí mesmo! Preto canta melola. Ouves? Está dizê, mesmo: Dumbo<sup>11</sup> vem! Vem Dumbo! E vem no cavalo. E mais o irmão deli. E mais comida e mais tipóia...

Só muito a custo chegaram ao mesmo tempo que os amigos. Tinham-se perdido.

Luís de Lemos vinha à frente.

— Sucedeu alguma coisa? — perguntou António, ao abraçá-lo.

— Nada! Viemos fazer-vos uma visita. A Ana Maria vem aí atrás, de tipóia. Se não vos incomodamos...

— Não há mal! Tudo se arranja. Dormes na minha cubata e a tua irmã com a minha na tenda.

Quando Lena apareceu, Luís apressou-se a cumprimentá-la:

— Viemos ver como se adapta a esta vida de ciganos...

— Muito bem! Gosto imenso!

Ana Maria impôs novo tratamento.

— Nada de cerimónias, valeu? O «tu» é obrigatório no mato... Se dão licença, trouxe umas coisitas e vou ajudar Capitia.

Lena acompanhou-a e Luís e António enfronharam-se numa palestra pegada, dando novidades dos homens do Caminho de Ferro, dos negócios e do alvoroço que ia pela Província com a subida do milho.

— Não posso perceber por que é que dão tanto dinheiro por uma coisa que ainda há dois dias, por assim dizer, não valia um pataco. Verás, António, qualquer dia vai tudo ao ar!

— O comerciante nunca perde, homem! Se não ganha de uma maneira é de outra...

— Pois sim! Mas... são lá maneiras de trabalhar! A ambição leva muitas vezes a quedas trágicas.

<sup>11</sup> *Dumbo* — homem forte.

— Está a suceder o mesmo que aconteceu no tempo da borracha. Tanto esticaram os tingos<sup>11</sup> que não ficou margem para salvação. Sobreveio a ruína, a desconfiança e o desespero durante dezenas e dezenas de anos. Hei-de apresentar-te o velho Rego da Caála. Ele te dirá o que lhe sucedeu.

— Deixem lá isso e venham comer! — clamou Ana Maria, às risadas. — Se o milho subir, tanto melhor para ti, Luís! Também os teus bois e as tuas vacas subirão. Não é? Com as subidas é que se ganha dinheiro. A mim, é que já não aproveita. Está a andar! Está a andar!

Era o seu estribilho.

Sentaram-se à mesa do acampamento, debaixo de enorme girassonde.

O velho acarretava e Ana Maria ia servindo.

— As boas coisas querem-se divididas pelos amigos. Fui eu que me impus, sabem? Houve grande caçada lá para os nossos lados, mas o Luís não queria vir.

Ela era uma cozinheira de truz e todos elogiavam os belos petiscos, uma perna de onguruvi<sup>12</sup> lardeada e bifes de malanca, que saudaram com gula.

Capítia também quis apresentar as suas especialidades e regalou-os com bolinhos de batata e lombi<sup>13</sup>.

— Carne sem lombi e gindungo, patalão comandante, não presta mesmo p'ra nada!

— A civilização, no meio da selva, deve ser regada a vinho, afirmou António. Capítia traz garrafa de Porto!

Ana Maria ergueu a canequinha e saudou os dois irmãos, mas, quando Lena tocou na de Luís Miguel, qualquer coisa de estranho divisou nas pupilas do moço que, em mangas de camisa e sem gravata, olhava para ela sorrindo.

<sup>12</sup> *Tingo* — presente que davam aos chefes de comitiva.

<sup>13</sup> *Onguruvi* — javali africano.

<sup>14</sup> *Lombi* — esparregado feito com a erva do mesmo nome.

— À tua! — disse. E logo recomeçou animada conversa com António.

Lena silenciou. Uma angústia enorme invadiu todo o seu ser. Parecia que lhe apertavam o coração com duas tenazes...

Como desejava fugir naquele momento para o Sumi e nunca mais tornar a vê-lo! Esquecer-se de tudo! Esquecer! Porque Lena amava-o. Para quê mentir? Amava-o com toda a sua alma, profundamente. E tinha vontade de o proclamar aos quatro ventos!...

O amor, muitas vezes, só se manifesta tarde; depois dos vinte, já mulher feita. Mas quando assim é, torna-se de tal forma vilolento que nada o apaga, nem mesmo as razões mais claras e evidentes. Salta por cima de tudo, queima e consome até se saciar completamente.

Eu amo-te! Eu amo-te! — gritava o seu coração. Para além de todas as vicissitudes e ciladas da vida. Amo-te! Amo-te!

Ergueu-se bruscamente e foi até à barraca. Deitou-se. Tinha o cérebro louco... Depois, tornou a erguer-se, lavou a cara, compôs o cabelo e apareceu já calma e risonha.

Ana Maria tinha ido buscar a surpresa do dia, um enorme bolo todo enfeitado. Também trouxera chávenas para o café.

— Um banquete em plena selva, hein? — exclamou António. Por esta é que eu não esperava.

— Lena, queres chá ou café?

— Café! — respondeu — E se for forte, melhor.

Sentou-se. Ao lado, Luís ria do seu embaraço...

— A Lena ainda não está completamente habituada a esta vida nómada! É preciso cautela, senão... foge-nos!...

— As aparências enganam! Sinto-me melhor aqui ao pé de meu irmão do que lá em cima, com todas as bênçãos do conforto. É diferente, lá isso é! E, no entanto, mesmo para pior, uma mudança faz sempre bem. Só esta vida ao ar livre!

— Acredito! Mas na Itália sempre se está melhor...

— Sem dúvida! — acrescentou Lena vivamente. Estou

morta por lá voltar... O ano passado, com tantos desastres não foi possível... Vamos a ver agora...

E depois de uma breve pausa:

— Creiam, nunca tinha sentido este prazer do «camping»... Levantar cedo, acordar com os pássaros, cozinhar sobre quatro pedras, comer debaixo das árvores, descobrir plantas e flores... e ouvir histórias e uivos de feras... Confesso que é simplesmente delicioso. Então, com um irmão como o meu e um Capitã tão original..., até apetece ir ao «Cabo do Mundo»...

— Sabe onde é o «Cabo do Mundo»?

— Hum! Sei lá! Por aí fora... sem destino certo e sem limites...

— Pois o «Cabo do Mundo», Lena, é a terra dos elefantes, dos leões, dos perigos, das aventuras sensacionais... onde tudo está por fazer e explorar...

— Pois, se o António um dia lá quiser ir, acompanho-o com muito gosto...

— E a Itália? — perguntou Luís Miguel trocista.

— É verdade! Bem! Fica a proposta de pé para quando voltar...

— Ora! Ora! — afirmou, do lado, o irmão. Se vais à Itália, não voltas... Está por lá algum «bel signore» à tua espera...

— Aí é que tu te enganas. Os tais «bel signori» buscam a moneta!

Disse aquilo sacudida e encolhendo os ombros. Depois ergueu-se, meteu o braço no de Ana Maria e arrastou-a para uma veredazinha ensombrada.

— Vamos passear! Há aqui perto um penedo gigantesco, de onde se disfruta uma vista estupenda.

No seu espírito, surgiu um grupo de rapazes e raparigas do seu tempo, principalmente Aldo Sorvani, estudante de medicina em Milão, com quem tivera uma teima terrível durante um passeio. Dizia-lhe ele que simpatia era mais forte que

amizade, com que Lena não concordava e, no dia dos seus anos, oferecera-lhe um livro com uma dedicatória original: «Con amicizia italiana e simpatia portoghese». Ele tinha razão. Tinha toda a razão. Era mais forte a simpatia. A amizade é como uma afeição de irmão!

— Se nos dão licença, acompanhamo-las... — exclamou Luís. Não é prudente as senhoras afastarem-se do acampamento sem uma arma. Estas florestas abrigam muitas surpresas...

Ana Maria pôs-se a rir, mas o irmão encaminhou-se para o lado de Lena e, todos quatro a par, desapareceram numa volta do caminho.

Silêncio profundo reinava por baixo dos copados. Só lá muito no alto esvoaçavam pássaros.

Lena mostrava arbustos dum lado e outro do caminho, uns cheios de bagas, outros em flor e com folhagem macia.

— Olhem essas gloxínias arbustivas! Descobri-as ontem. Belas, não é? Já vê Luís que não ando aborrecida como julga... Estamos na Primavera...

— Ponha o «você» de lado, senão...

— Pois seja! Soa mal, realmente...

Chegaram enfim ao enorme monólito e treparam-lhe pelos flancos. Depois, com as mãos em pala, não se fartavam de admirar a magnificente paisagem. António deitou-se sobre o lajedo. Para ele já nada tinha novidade. Uma linda damba cortava a floresta densa. Tudo era verde... um mar de capim... a perder de vista... Aqui e além, cintilava a água dos pântanos... Mais longe, um morro erguia a cabeça calva acima do mato e, cobrindo tudo, uma cúpula azul, limpa de nuvens.

— E pensar que milhares e milhares de quilómetros destes pastos ardem todos os anos sem proveito! — exclamou Luís de Lemos.

Na baixa, pastava uma pequena manada de bois. De volta

deles, esvoaçavam garças brancas, que lhes limpavam as testas e os lombos de carraças.

Sentaram-se.

— Que paz se desfruta aqui! — disse Lena. Todas as tardes, venho ver o pôr-do-sol ...

— É romântico! ... — troçou Luís, com malícia.

— Admiras-te? Quem não tem um pouco de romantismo? Os mais cépticos são os que mais sonham.

— Não te conhecia a faceta, Lena. Sim, senhor! Olha que o romantismo está banido, sabes?

Ela virou a cabeça lentamente e fixou-o, a querer adivinhar-lhe a intenção, mas não gostou do seu ar de mofa e retorquiu:

— Admiro a natureza selvagem, sem alinhamentos, sem trabalho do homem, casas ou estradas. Tal qual é, dá-me a sensação de liberdade e sinto-me feliz ... E a ti, Ana Maria?

— A mim, enerva-me. Tudo são tragédias, lonjuras e reduções ... E deixamos gastar-se o tempo da vida inútilmente, só com artificios.

— Ora! Ora! A tragédia e a comédia andam sempre a par ... Esqueces isso? Apareceram com o primeiro homem a comer a maçã proibida ...

— A Natureza tem coisas maravilhosas e estranhas ... — afirmou António. Os seres lutam uns contra os outros até à morte, procurando sobreviver.

— Hei-de mostrar-vos um caso curiosíssimo — disse ainda Luís de Lemos.

Já o pastor tocava os bois, recolhendo e, de repente, ao longe, uma manada de quissimas lançou-se à desfilada por cima da verdura. Atrás, uma onça falhou o salto.

— Vêem porque é perigoso o mato? Olhem os bois como fogem!

Voltaram para o acampamento. António despediu os últimos séculos. Estava frio; neblina densa tinha descido sobre

os copados e dos copados para a clareira. Então, já sentados à volta do infalível fogo, cada qual mergulhou em seus pensamentos ...

Ana Maria, sempre prática, ergueu-se para desempacotar roupas e António recolheu à palhota.

Lena, quando se viu só, quis fugir também, mas teve medo do ridículo e ficou.

Nem um nem outro falavam. Por fim, o moço, erguendo as pupilas de cima das labaredas, perguntou:

— Já alguma vez passaste assim noites inteiras perto da fogueira?

— Não, nunca! Mas estou a compreender o prazer que os nativos sentem no jango<sup>15</sup>. É a lenha a arder e a estralejar, o cavaco com os amigos, o calor chapado no corpo ... Realmente ... delicioso! ...

— Ainda bem que te oiço falar assim. Julgava-te tão distante ... tão ...

— Tão quê?

— Tão longe dos nossos gostos! ...

Ela não ripostou. Sentia um certo acanhamento e olhava para as chamas e para o mato sombrio ...

A noite tinha descido suavemente, mas, para além do círculo de luz das labaredas, que haveria?

Sentiu, então, qualquer coisa que lhe fez virar de repente a cabeça e deu com os olhos de Luís Miguel fixos e interrogadores.

— Se me dás licença ... balbuciou.

— Ora essa! Pois não!

Correu para a barraca de campanha. Ana Maria já tinha mandado armar as camas e, na bolsa, pusera os seus apanhos.

<sup>15</sup> Jango — coberto em redondo onde os homens se reúnem à noite para conversar.

— Está tudo pronto! Não preciso da tua ajuda! Vamos para o lume!

Desta vez, a refeição foi servida ao lado. Cada qual recebeu um prato e segurou-o sobre os joelhos. Os copos puseram-se no chão. No fim, veio café da brasa.

— Capitia merece parabéns! — disse Luís. Os churrascos estavam ótimos. Ganhou bem a garrafa de conhaque que lhe trouxemos.

— E então tua irmã? Que diremos da sua bondade? — afirmou António.

Lena, sentada entre os dois, falava pouco. Contra seu costume, concentrava-se, de testa vincada e semblante tristonho.

— Que é isso, menina? Saudades da Itália? Do «bel signore»?! ... Volte aqui e dê-nos um ar da sua graça!

— Que disparate! Sempre tens cada uma! Estou presente de corpo e espírito, gozando este calorzinho ... É bem bom! Tentou rir, mas o riso saiu-lhe forçado.

Pois não era o silêncio um bom refúgio nos momentos difíceis?

António lembrou mostrarem a Lena a «Fazenda Quitata», na Baixa Hanha. Era muito interessante e única no género por aquelas terras.

— A Baixa em si é tão grandiosa que serve para comparação do que têm lá por cima. Depois me dirás, Lena ... Estão de acordo?

— Se estamos!

No dia seguinte, depois do almoço, partiram pela picada<sup>15</sup>.

Ana Maria, na mula, levava sempre a dianteira. Lena montava o burro espanhol e seguia a passo e Luís de Lemos, a cavalo, acompanhava-as nas traseiras.

— Cuidado com os ramos! — avisava de vez em quando.

A irmã ria-se, dava uma galopada e voltava logo atrás.

— Que pena não termos outra montada para ti! Queres tomar o meu lugar?

— Não, que ideia! Ficava logo sem cabeça.

Passada uma hora, ao descerem para a baixa extensíssima do Coporolo, terra negra humosa, logo ficaram completamente afogados na exuberância orgíaca da vegetação. Nem Ana Maria, em cima da mula e de pé nos estribos, conseguiu tornar a ver aquele mar de verde macio, a perder de vista, que tinham lobrigado de cima dum cômorro. A caniçada ia a mais de metro acima da sua cabeça.

— Que calor!

Lena sentia-se estonteada com o cheiro acre a fermentação. As emanções abafadiças dos vegetais meio apodridos eram bem a certeza da fertilidade daquele solo empapado de seivas, que faziam pulular e engurgitar as hastes de maneira muito diferente da das baixas do planalto, julgadas excelentes.

<sup>15</sup> Picada — estrada estreita apenas aplanada.



Mas era justamente essa força inebriante que a oprimia e aterrava. Tinha medo dela.

— Que tragédia se, de repente, surgissem labaredas de alguma queimada! Seríamos todos chisnados e reduzidos a torresmos — disse alto.

— A queimada era o menos. Sente-se ao longe e fugíamos. Mas se nos aparecesse um leão pela frente ... ou um jacaré ...

— Deixem-se de tragédias e ideias mórbidas! Reparem mas é como as placas de lodo estalam debaixo das ferraduras dos animais! São bem grossas e parecem pratos de porcelana — afirmou Luís Miguel a rir. — É este lodo que torna a planície um Eldorado.

— O que eu nunca julguei é que fosse tão larga! — acrescentou Ana Maria.

Levaram quase um quarto de hora a chegar ao rio, que tinha pouco mais de palmo e meio de água, e atravessaram-no sem novidade, depois de Luís Miguel, à cautela, ter dado dois tiros para o ar.

Meia hora mais tarde, apareceu o casario da fazenda, conjunto de casal alentejano, muito caiado, com seu pátio de lajedo e portal largo de fronho.

O portão estava fechado e só apareceu um guarda.

— Tanto dinheiro e coisas tão boas enterradas na selva! Se fossem minhas, já não ia para a metrópole ... — afirmou Ana Maria, com tristeza.

Lena olhou para a amiga e sentiu pela primeira vez o seu drama: sair rica da casa paterna e voltar sem vintém. Para disfarçar, acrescentou:

— Lá a serração está bem. Mas no Sumi é que devia haver uma moagem. Aqui não há trigo para um peneiro quanto mais para três. Não é? E confrange ... faz mesmo pena ... ver tudo abandonado ...

Caíram em silêncio, mais prolongado ainda ... Nem Luís Miguel reagia. Estavam outra vez na baixa ...

Era do ar, da pressa de saírem dos caniçais e da opressão que sentiam. O calor tornara-se infernal.

— Nada está abandonado ... — disse Luís Miguel. A solidão é que pesa. Mas bem devem compreender que, depois da morte da filha, o velho não queira viver ali. É rico e na cidade distrai-se, esquecendo mais facilmente a sua dor. Sabem o que dizem por aí? Que vai deixar as terras aos seus antigos trabalhadores pretos e o casario para uma Missão ...

— Será verdade?

— Talvez ... Sabe-se lá!

Pararam.

— Julgas, Lena, que se possa morrer de saudade? — perguntou Ana Maria.

— Não. Ninguém morre de saudades. Se morresse, eu não estaria aqui. De desespero, sim. O desespero é o desgosto de viver.

Luís olhou-a fixamente.

— Pela Itália?

— Porque não? Quando se chega a estas terras, o «cafard» é tamanho que quase enlouquecemos. Depois, bebemos água do Cavaco e as lembranças esbatem-se, não sei bem como ... Já estou quase cafusá ... Gosto desta vida. É uma experiência fantástica!

— Tens razão — afirmou Luís. Também não há ninguém que me tire deste matos.

Vou mostrar-vos o que prometi ... Metam pela carreteira<sup>16</sup> à esquerda. É perto ... e vocês devem gostar de ver ...

Pararam diante de um lindo lenho. Luís apontou-o.

— Esta parasita que aqui vêem é uma grande ladra. Nasceu no botão terminal da velha árvore.

— Ah! Sim? — exclamaram as duas senhoras, meio desconfiadas.

<sup>16</sup> Carreteira — caminho largo de carro boer.

— O tronco não lhe pertence. O Joaquim Ferreira viu-a e observou-a, desde pequenina, durante mais de trinta anos. De princípio, disse-me ele, parecia inofensiva ...

Lena e Ana Maria fitaram a majestosa copa de largas folhas viçosas.

— Quem diria! E é tão bonita!

— Pois é! E, no entanto, não passa de um vampiro ...

— E como pode o Caiolaola observar tudo isso, Luís?

— Talvez não acreditem, mas ... marinjava pelo tronco acima como um gato ... Era novo, curioso e tinha destas maluqueiras. Além disso, ficava-lhe no caminho para o corte da lenha a entregar mensalmente na estação. Possuía também espírito curioso e observador como os pretos. Via tudo. Parece-me estar ainda a ouvir a descrição do velho ... Não mais surgira no cimo uma rodada nova — dissera-lhe ele — mas os belos raminhos da parasita foram-se apossando dela braço por braço e ramo após ramo. Assim insignificante, era mais forte. Um monstro com bela aparência amorosa.

As senhoras calaram-se à espera de mais ...

— Admiradas, não, com estas atrocidades dos vegetais? Também eu, ao tempo, fiquei mudo como um pato e de boca aberta. Manuel Ferreira ensinou-me muitas coisas. Que vira uns braços descer e escorregar pela casca rugosa, assim a modos de raízes com bocas esfomeadas. Os tentáculos eram terríveis. Fixavam-se primeiro superficialmente depois no cerne. E metiam-se pelas brechas e fendas a cingirem-no e apertarem-no todo em volta, num abraço que parecia de ternura e era de morte.

Parou de novo.

— Que pena, Ana Maria!

— Quando o Ferreira me veio mostrar, quase toda a árvore tinha já desaparecido. E digo quase porque os braços laterais mais baixos ainda se rebelavam e rebelam. Venham ver de perto!

— É verdade! — murmurou Lena. E a maldita deita garras por todos os lados. Simplesmente brutal!

— Talvez o tronco tenha esperança de vencer esta assassina fazendo a sua química e vegetando nas pontinhas ... Quem sabe? — acrescentou Lena.

— E de a expulsar completamente do corpo ... — completou Ana Maria. Em todo o caso, luta!

Luís chamou-as de novo.

— Venham ver deste lado! É interessante, não é?

Ana Maria e Lena, cada vez mais perplexas, nem um comentário faziam, para que ele se concentrasse na explicação do fenómeno, sem esquecer o mínimo pormenor.

Depois de prolongado silêncio, Luís ainda acrescentou:

— Mês após mês também eu aqui venho e rodada a rodada, a folhagem antiga vai caindo e em seu lugar as folhas da parasita tornam-se maiores e mais brilhantes.

— Pobre árvore! — lamentou Lena! Realmente está a ser devorada como os carnívoros devoram a presa. Só há uma diferença: é que a árvore sofre mais tempo ...

— É mesmo um vampiro monstruoso que está senhor do seu corpo ... — disse Ana Maria.

Afastou-se para ver melhor a ramalhada oferecendo os seus figos pequeninos aos pássaros. Também era um ficus.

— Achem estranha esta luta na floresta? — perguntou Luís Miguel.

— Nunca julguei que fosse possível. A não ser nos livros de ficção ou em jardins de suplício chineses, onde as torturas humanas têm aspectos satânicos — exclamou Ana Maria.

— Também entre os vegetais, afinal, vence o mais forte e, às vezes, com aparência de inocente — concluiu Lena.

— Certo ... E julgam que a árvore sofre por estar reduzida a esqueje? ... Não tenham receio ... A árvore não morreu ...

— Mas morrerá ... afirmou ainda Lena.

— Não, não morre! Algumas vezes, quando por aqui passo, ponho-me a meditar sobre este banco que o velho mandou fazer. E torno a afirmar que a árvore não morreu nem morre. Deu simplesmente a sua vida a outra vida, confundindo-se com ela e de tal maneira que é uma só. Sim, não morreu nem morre. Vive duplamente, dando-se ... E em muitas coisas e sentimentos humanos, o fenómeno é o mesmo ... Não acham? Ràpidamente, voltaram para o acampamento ...

No dia seguinte, Lena acordou cedo. Lá fora, a claridade lânguida fazia chilrear os pássaros ...

— Despeço-me hoje — afirmou Ana Maria, ao abrir os olhos. Foi muito bom. A vossa companhia é óptima, mas ...

— Porque não ficas uns dias mais? Podíamos conhecer melhor esta região. Há paisagens lindíssimas e os animais e as flores aguçam o interesse.

— O Luís não pode, Lena ... e bem sabes que parto breve para a Metrópole ... Foi um autêntico fracasso a nossa vida aqui! E, ainda por cima, o Luís fica com tantos encargos ... Pobre dele!

— É novo! Deixa lá! Olha, sabes? Tenho verdadeiramente pena que te vás embora ...

— Se tu também partes daqui a meses!

Calaram-se.

— E quando volta teu marido de Benguela? Já tem as passagens?

— Deve vir breve, espero. Conto embarcar no fim do mês. Nem sei porque é preciso tanta papelada para sairmos daqui e voltarmos à Metrópole. Até passaportes!

Ana Maria começou a vestir-se lentamente. Lena, ainda deitada, olhava para o tecto de lona com tristeza ...

— O que é bom acaba depressa ...

— Pois é! — foi a resposta.

— Diz-me — inquiriu Ana Maria de repente, quase à queima-roupa — Tu gostas do Luís?

— Porque me fazes essa pergunta? — retorquiu alvoroçada.

— Sei lá!...

E depois de certo embaraço:

— Realmente, tens alguém a quem ames a valer na Itália?

Lena levou tempo a responder. Depois, deitou as pernas fora da cama e começou a calçar-se.

— Não tenho ninguém, mas será melhor mudarmos de conversa, Ana Maria. Estimo-te bastante e sei que também és minha amiga. Pois, se verdadeiramente o desejas ser, procura convencer-me disso e nunca mais me faças interrogatórios destes.

Em seguida, num tom pouco firme, balbuciou:

— Nem o Luís pode gostar de mim, porque sou sem interesse, nem eu quero, sequer, pensar nele!...

— Essa é boa! Porquê, não me dizes? Sem interesse! Ora! Ora! Isso nem parece teu!

— Acredita, Ana Maria. Aprecio teu irmão. Vejo que tem qualidades de bondade e honradez que poderiam fazer feliz qualquer rapariga. Mas para mim será impossível; nem tenho visto da parte dele qualquer inclinação a meu respeito. Portanto, fazer suposições ou deduções erradas acho o maior dos disparates. Não falemos mais no assunto!...

Um certo mal-estar pairava no ar, mas Ana Maria insistiu, pegando-lhe nas mãos e fixando-a bem nas pupilas.

— Gostava tanto que fosses minha irmã ...

Lena corou.

— Contenta-te com uma verdadeira e sincera amiga. O resto é sonho pueril. Vamos mas é tratar de coisas práticas e dar ordens para o almoço, sim?

Ana Maria não insistiu.

— Vamos lá!

Reuniram-se alegremente, mas Lena, mais enleada do que nunca, procurava esquivar-se a qualquer conversa directa com o irmão da sua amiga.

António pediu mais uma noite, uma só. Seria a última. Ainda tinha que fazer as contas. No dia seguinte, continuariam de quimbo em quimbo e eles regressariam a casa.

— Combinado?

— Combinado!

Lena olhou para o irmão, como que espantada.

E outra noite caiu sobre o mato ...

Depois do jantar, Capitia trouxe café forte. Fazia frio. Espesso nevoeiro pairava sobre o matagal e em volta, cada cubata alimentava um brasume. Alguém tocava quissange<sup>1</sup>.

— Que música tão triste, não é, Ana Maria?

— Faz saudades ...

Luís de Lemos foi buscar a guitarra e começou a dedilhá-la lentamente ...

— Será mais alegre esta? Que dizes Lena?

— Oh! Eu ...

Ana Maria foi até à barraca e pouco depois também António se levantou para dar ordens de partida.

Lena fixava as labaredas, que lambiam os paus enegrecidos. Oscilavam em dança funambulesca, prolongando as sombras e a luz ao de lá da clareira.

Nem pensava ... aturdida como estava desde pela manhã. Mas também não queria dar a entender o que sentia e deixou-se ficar com ar indiferente e impassível. Que razões tinha para fugir?

Luís continuava a tocar e a contemplar a companhia. Tinha uma beleza suave e calma e a força de quem é capaz de resistir a toda a adversidade e de transformá-la em alegre bonança. Mesmo no mato, quando casasse, seria capaz de

<sup>1</sup> Quissange — instrumento gentilico de música triste.

levar os filhos pelo caminho da honra e da dignidade, numa escala invulgar de sentimentos. Teria mesmo mais fama e encanto ali do que em terras civilizadas!

— Lena — exclamou Luís a meia-voz, pousando o instrumento — desculpa, mas preciso de falar contigo. Lealmente te digo que da tua resposta dependerá a minha vida futura.

Ela virou-se bruscamente, encarando-o de frente. Estava vermelha como um gindungo, mas serena.

— É assim coisa tão grave que mereça a pena hesitar?

— Sou rude e franco, Lena! Bem sabes. Minha irmã vai partir para a Metrópole com o marido. Foram vigarizados ... Eu fico; custe o que custar, fico. Não quero voltar como um derrotado ... Há muito que desejo expor-te o que sinto ... Mas não tive oportunidade nem coragem ... Será neste momento ou nunca ... Só tenho os dois braços para trabalhar ... mais nada. E os encargos que ficam às minhas costas. Justamente por isso ... tenho hesitado.

Esperou uns segundos, mas a moça nem levantou os olhos. Tremia.

— Lena! Não posso por enquanto dar-te riquezas, porque vivo do meu trabalho, nem podemos casar já, mas prometo fazer-te feliz. Saberei vencer as dificuldades que tenho, sustentar-te-ei e proteger-te-ei no futuro. O meu amor dar-te-á paz e liberdade. Diz-me, poderás corresponder à afeição que sinto por ti? Ou tens no estrangeiro qualquer compromisso?

Ao ouvi-lo, ela baixou as pupilas e pôs-se ainda mais vermelha. Mas ergueu de novo os seus grandes olhos, iluminados pela alegria, brilhantes e dilatados por toda a luz da alma e da fogueira que os aquecia, e neles ele leu, enfim, a verdade.

Pegou-lhe nas mãos e apertou-lhas suavemente, inclinando-se para lhas beijar:

— Querida! Querida Lena!

Ela, então, fugiu.

A felicidade, quando vem de repente, é forte demais e faz sofrer; os extremos tocam-se ... e lágrimas grossas caíam-lhe pela cara abaixo.

Ana Maria voltava da barraca de campanha.

— Já tenho tudo arrumado. Partiremos cedo, não? Mas, olhando para Lena e vendo-a transtornada, correu para o irmão:

— Que tem ela? Que lhe disseste?

Luís Miguel muito calmo chamou por António e, quando este veio e se preparava para as despedidas, expôs-lhe o que se tinha passado.

— Não leves a mal. Quis primeiro saber se a Lena poderia corresponder ao sentimento que tenho por ela. Creio que sim e hoje mesmo escreverei a meu pai e ao teu. As cartas seguirão ainda esta madrugada. Amamo-nos, António, e juro-te que procurarei dar-lhe todo o bem e toda a felicidade possível.

Ana Maria foi buscá-la.

— Bem me parecia que o Luís andava apaixonado! Bem me parecia! Serei eu a portadora da notícia para a família! Bebamos à vossa saúde! Venha Porto! Para Capitia também.

Distribuiu os copos que tinha trazido e deitou o vinho.

— À vossa! Muitas, muitas felicidades!

Depois, despediram-se e cada qual recolheu à sua cabana ou barraca.

Capitia, muito animado, cantava a palavra «ambassi»<sup>2</sup> em todos os tons.

Só Luís ficou perto do fogo, fumando cigarros sobre cigarros. Talvez esperasse que Lena viesse ter com ele. Fora tão breve aquele momento de felicidade! Mas Lena, dentro da barraca de campanha, sem dormir, dava largas à fantasia. Tudo lhe parecia um sonho. Não teve coragem para encarar de novo o noivo naquela noite.

<sup>2</sup> Ambassi — namorada.

Luís escreveu a Dr. Brito, dizendo da família a que pertencia, das suas intenções para o futuro e pedindo-lhe a mão da filha, embora daquela forma pouco usual. Também lhe dizia que era pobre e vivia do seu trabalho.

O futuro sogro respondeu-lhe pelo mesmo comboio, que devia chegar ao Cubal ao meio dia, mas enviou à filha um telegrama mandando-a regressar imediatamente ao litoral onde se encontrava. Carta e telegrama chegaram ao mesmo tempo. Outro a seguir confirmou o primeiro, o que fazia prever grossa tempestade.

Nessa mesma tarde, Lena preparou a mala à pressa e Ana Maria ajudou-a. Ambas estavam tristes.

— Tenho de partir, Ana Maria, mas levo muitas saudades vossas. Muitas ...

Foi à barraca dos víveres a ver se não esquecia nada. Luís Miguel, de costas, procurava qualquer coisa. Virou-se de repente ao pressenti-la e ficou frente a frente da moça que tentava esquivar-se.

— Não querida, não fijas. Eu só quero dizer-te que te amo muito, que me custará viver sem ti ... Porque evitas estar sòzinha comigo?

Apertou-a contra o peito e colou os seus lábios aos dela, durante uns momentos ...

Então, Lena, arisca e assustada, soltou-se-lhe dos braços e correu ao encontro da futura cunhada, incapaz de raciocinar... Pela primeira vez na vida tinha sentido que o amor era qualquer coisa de estranho e sublime que unia profundamente dois seres e duas almas...

A chegada a Benguela, Dr. Brito chamou-a ao escritório e fez-lhe um interrogatório completo.

Estava enervado.

— Com que então, tem que ser, anh?

Ela, muito calma, contou-lhe o que se tinha passado. — Luís amava-a e queria casar. Tinha de ser...

— Tem que ser! Tem que ser! E porquê, não me dizes?

Exaltou-se, furioso. Lena manteve uma atitude serena.

— Tem de ser, meu querido pai, porque o amo também e sinto que serei feliz a seu lado. É bom e encara a vida com realidade.

Chegou-se a Dr. Brito para o abraçar, mas ele, indignado por perder sobre a filha aquele ascendente mantido através de tantos anos, recuou bruscamente, fixando-a com dureza:

— Nem sequer ao menos tiveste uma atenção para conosco! — atirou do lado D. Maria, que chegara na véspera do Sumi.

— Mas que atenção queriam que tivesse? Que dissesse coisas que não existiam? Sentimentos que só agora se exteriorizaram? Para quê? Há coisas que não se desvendam, pai, sem estarmos absolutamente seguros do nosso coração e de que são sinceros os nossos sentimentos... Diz, Maria, não podiam vocês, nesse caso, dizer que era imaginação minha?

Secamente, Dr. Brito ainda acrescentou:

— Vá lá a gente fiar-se na amizade dos filhos! ... E a minha velhice? O meu amparo?! ...

E depois de um momento:

— Nem a ida para a Itália te fez vacilar... desgraçada! Não te lembras que os entusiasmos passam depressa e vem

depois o dia-a-dia monótono, com as suas desilusões e amarguras? Que tem ele para te dar? Nem fortuna, nem futuro brilhante...

— Tem dois braços!... E trabalha, pai!

— Não está má a léria! Dois braços! É muito bonito, Lena, mas onde não há pão todos ralham e todos têm razão. E tu... habituada à cidade... com a tua inteligência e ilustração, vais-te enterrar para sempre no mato?

Lena, com as lágrimas nos olhos e a voz embargada, retorquiu docemente:

— Pensei em tudo isso, meu querido pai. Tudo. Mas diga-me, que é o Sumi? Não vivo agora também no Mato? O que tem de ser, tem muita força!

— Não repitas essas palavras à minha frente! Senão...

Levantou-se furioso, a passear de um lado para o outro.

D. Maria assistia impassível e fria àquela cena. Ao canto da boca, uma prega de despeito subia-lhe até à face e o seu mutismo era a maior das desilusões.

Fora sempre para a madrastra como uma filha, uma amiga e uma irmã e, na hora em que mais precisaria de carinho e ternura, sentiu o seu coração fechado e áspero como as espinheiras.

Lena retirou-se. Foi para o quarto e aí, atirando-se sobre um preguiceiro, ficou de olhos enxutos, estendida e imóvel, olhando o tecto e a dança das moscas, sem pensar nem ouvir, quase insensível... Tinha a alma despedaçada.

Seguiram-se dias soturnos...

D. Maria voltara para o Sumi e Dr. Brito mal dirigia a palavra à filha. A hora do almoço, sempre carrancudo, punha um livro à frente dele e comia em silêncio...

No fundo, era seu amigo... Como pensar o contrário? Um pai ama sempre a filha, mesmo que seja à sua maneira...

Egoísta? Talvez... Nem admirava. Pobre dele! Sonhara tê-la amarrada ao seu carro para sempre...



A culpa tinha sido dela. Dera-lhes essa esperança, de ser a alegria do lar, companheira humilde até ao fim da vida ...

Na idade deles, que se poderia esperar, senão aquela reacção aflitiva e contundente? Viam fugir a certeza de uma réstia de sol a que se haviam apegado e julgavam eterna ...

Ela própria não podia explicar como fora dominada pela imagem serena e bondosa de Luís Miguel.

Amava o pai e D. Maria. Seria capaz de fazer por eles os maiores sacrifícios. Mas não tinha coragem de renunciar à felicidade.

Não, não tinha.

Lena escreveu ao noivo. Roíam-na saudades e a vida sem a sua companhia parecia-lhe vazia, mas pediu-lhe que não viesse ao litoral tão cedo.

Após a partida de D. Maria, ficara para ali, sòzinha, a olhar pelo pai, estiolando e enervando-se. Nem parecia a mesma, com as faces cavadas e os olhos ausentes ... muito esguia ... Uma lassidão enorme invadia todo o seu ser ... Desaparecera aquela energia prodigiosa que tinha e, por fim, foi à cama com perto de quarenta graus de febre.

O médico da casa, talvez mais psicólogo do que médico, começou a interrogá-la ...

Aquilo não era nada! Nenhuma doença grave fisicamente. O moral é que estava abalado ...

— Que tem que a apoquento? — perguntou carinhoso. Porque não é franca comigo? Aflige-a alguma coisa? Posso ajudá-la? Diga? Creia que sou sincero e desejo desanuviar o seu espírito!

Mas quanto mais ele queria saber, mais Lena se fechava e retraía.

Que tinha com a sua vida? A ela e a ela só competia resolver o futuro e suportar as contrariedades que sobreviessem ...

Passadas duas semanas e apesar da imposição de Lena, Luís de Lemos veio visitá-la.

Sentavam-se todas as tardes na varanda e conversavam horas seguidas sobre mil ninharias ... Tudo eram projectos e risos.

Quanto sofrera naqueles quinze dias de separação! E bastara a sua presença para tudo esquecer.

Acompanhava-o até à porta, a despedir-se, davam-se as mãos, olhos nos olhos. Mas um dia ele puxou-a para a sala de visitas e beijou-a longamente.

Nesse momento, Dr. Brito saiu do escritório. Não disse nada, mas, mal ele desapareceu, levantou-se tempestade tremenda.

— Ouviste? — disse. Nunca mais saís da varanda. Proíbo-to! Fica sabendo! Faltarem-me assim ao respeito! ... É o cúmulo!

— Oh! Pai! Só porque o Luís me beijou? Então, estando noiva dele, não terá esse direito?

— Cala-te, desgraçada! Cala-te!

Lena não respondeu. Retirou-se para o quarto, abalando a cama com os soluços, sem saber o que fazer ... E no dia seguinte, quando Luís chegou para jantar, a convite do Dr. Brito, e quis entrar para a sala, ela recusou-se, referindo-se simplesmente à proibição recebida.

Então, ofendido na sua dignidade, despediu-se e não ficou.

— Se não posso estar contigo na sala com a porta aberta e sem a vigilância dos pretos, jamais voltarei a entrar na casa de teu pai e muito menos a comer à sua mesa.

Lena ficou aterrada.

— E que lhe direi? Pelo amor de Deus te peço que não leves a mal o seu zelo.

— Não, querida, amo-te muito para me zangar, mas o certo é que não admito que me julguem menos correcto. Amanhã volto para cima e venho cá despedir-me.

A aflicção de Lena atingiu o auge, quando, no fim do jantar, Dr. Brito inquiriu das razões da ausência.

— Olhe, pai, não lhe posso esconder nada. Disse-lhe que não queria que estivéssemos na sala de visitas e ele saiu magoado.

A sua fúria atingiu o auge:

— Grande intriguista! In-tri-guis-ta!

A moça não se conteve. Lágrimas borbulhavam-lhe dos olhos.

— Mas eu dou em doida, pai! Eu só lhe disse que não queria ir para a sala contra sua vontade. Que havia de fazer? Mentir? Desobedecer?

Dr. Brito nem para ela olhou. Bateu a porta com força e saiu deixando-a para ali num desespero incontido...

Ferindo-a daquela maneira, tocara-lhe dolorosamente na alma...

— Meu Deus, tende piedade de mim! Ajudai-me! ... Ajudai-me! Tende piedade!

Batia os dentes com o nervoso e toda a noite passeou pelo jardim. No dia seguinte, tinha voltado a febre.

Luís de Lemos veio despedir-se e deu uma desculpa qualquer pela ausência do dia anterior. Não se mostrou aborrecido, para não fazer sofrer Lena e, quando Dr. Brito foi dormir a sesta, disse-lhe carinhosamente:

— Não quero que sofra mais, querida! Volto para o Mato e tu vai para o Sumi quanto antes! Precisas de sossego...

Durante longos momentos, fixou-lhe os olhos pisados... Depois, à porta, ainda murmurou baixinho: — Breve te libertarei deste ar sufocante, meu amor. Tem coragem! Por mim e por ti! Tem coragem!

Rapidamente, apertou os seus lábios contra os dela.

— O amor, reforçado nas lutas da vida e no sofrimento, nunca se estanca — disse ainda.

Lena não pôde articular palavra. Ficou hirta, de braços caídos até o perder de vista... Depois fechou a porta, lentamente...

Dois longos anos tinham passado. Dr. Brito, ou por uma razão ou por outra, ia demorando a data do casamento. Por outro lado, Luís Miguel vivia a mais de 200 kms. de distância, no mato e, muito embora escrevesse todas as semanas e viesse ao planalto pelo Natal e pela Páscoa, Lena sofria com a sua ausência. Eram então uns dias felizes, intensamente vividos. Depois seguia-se nova separação, o desconsolo e as saudades. E foi assim que, durante umas férias, Luís e Lena resolveram falar.

Estavam na varanda e entardecia. Perto do riacho da horta cantava um grupo de «cambongas»<sup>1</sup> e na lombeira passava um pequeno rebanho. Tudo era paz, aquela paz de um fim de dia bem trabalhado. O coração de Lena tremia. Como reagiria seu pai! E como começar a conversa? Premiu a mão do noivo e então ele, serenamente, expôs o seu plano.

— Sr. Dr., há muito que quero falar consigo abertamente...

Dr. Brito ergueu as sobrancelhas, mas ficou calado, com os olhos a fito, como dois virotões, ora para um, ora para outro. Houve um momento de hesitação, mas Luís Miguel continuou: — Sim, precisamos de falar muito a sério. É sobre o nosso casamento...

<sup>1</sup> Cambongas — ver pág. 70.

Nova pausa e novo silêncio ...

— Já lá vão mais de dois anos, desde que tive a honra de lhe pedir a mão da Lena! Ora dois anos e meio são mais que suficiente para sabermos que nos entendemos. Se o Dr. me permite, peço para o caso a sua boa vontade e a sua atenção. Nós não casamos por dinheiro, nem tão-pouco para receber presentes. Se não puder dar uma festa grande, faça-se uma pequena e, se nem mesmo essa for possível, casemo-nos à capucha ...

Dr. Brito continuava num silêncio desconcertante ...

— Eu próprio, Sr. Dr., sou avesso a exibicionismos. Prefiro a maior simplicidade.

E depois de uma pausa:

— Não acha que é tempo de nos casarmos? Tenho a minha vida organizada e nada faltará à Lena.

Via-se que Dr. Brito estava agitado, mas dominava-se. Aquela calma simples do futuro genro e a sua lealdade e correcção não lhe davam azo a reacções bruscas, que tornariam a situação muito mais delicada e melindrosa.

Por fim, respondeu:

— Tudo isso é muito bonito; mas não posso por enquanto!

— Poderá dizer-me porquê, Sr. Dr.?

— Bem sabe que não há recursos que cheguem num país em formação. É muito claro, não tenho dinheiro — disse secamente — e, onde não o há, El-Rei o perde! Ora aí têm! Com a mesma franqueza acrescentou: estou empenhado até às orelhas por causa da Fazenda.

Lena ergueu-se lentamente. Tinha os olhos húmidos.

— Pai! Resolva de qualquer forma!

— Menina, isto são conversas para homens! Retire-se! Ainda desta vez, Luís não perdeu a paciência.

— Compreendo perfeitamente, Sr. Dr. Mas, para um casamento em família, não se gasta muito. Como já lhe afirmel, tanto eu como a Lena nos contentaremos com pouco. O que

desejamos é ver o caso resolvido a contento de todos e sem prejudicar ou alterar a sua vida. Entrando na família, desejo sòmente ser filho e não intruso. Ajudarei também, está claro e, se for necessário, contrairei um empréstimo. Já não devo nada a ninguém e tenho crédito.

— Vou pensar nisso ... depois darei a resposta.

Desta forma, Dr. Brito pôs fim à conversa e Luís Miguel entendeu não dever insistir mais nesse momento.

Conhecia suficientemente Dr. Brito. Qualquer intransigência estragaria a impressão deixada pelas suas palavras inflexíveis. Mais valia esperar ...

No fundo, ele era bom. Precisavam de sabê-lo levar ... Estava habituado a impor sempre a sua vontade e a não sentir resistência, tomando a atitude dos namorados como rebelião. Por outro lado, sentia que a filha saía, de repente, de baixo da sua alçada para se tornar independente. Era como quem corta uma grande pernada a uma árvore ... Sofria com isso ...

Tirara-a da tutela dos avós e vencera; mandara-a para o estrangeiro e, aos vinte e um anos, fora uma luta terrível. Queriam conservá-la no Instituto. Em troca, que lhe poderia dar? Quase nada. Mas ela voltara para África e sujeitara-se ...

Agora, tinha chegado um «quidam» qualquer, fizera-lhe olhinhos ternos, dissera duas lérias e pronto ... ficara logo embeçada. Nem raciocinava um palmo adiante do nariz.

Porque não aceitara o Macedo? Nem nenhum dos outros bons partidos?

O Amor e uma cabana! Não haja dúvida! Hão-de ir longe!

Enquanto na alma de Dr. Brito estes argumentos se deba-

tiam e chocavam, com o seu mutismo queria ainda impor-se e dirigir os destinos dos outros.

Luís, calado também, pensava em Lena, pobrezita, com uma alma tão terna, tímida e sensível ...

Não, ele jamais reprimiria a sua personalidade! Pelo contrário, Lena seria senhora de si e teria opinião e vontade própria ... sem medo de magoar quem quer que fosse ou ter sujeições. O orgulho e a dignidade não são defeitos, mas virtudes que nos mantêm erguidos ao alto. Ambos, no meio do mato, procurariam elevar-se pelo estudo e leitura de bons livros, pondo ao lado da vida material a vida do espírito ...

Por fim, despediu-se e foi passear até aos armazéns. À noite, depois do jantar, vieram novamente para a varanda.

Dr. Brito e D. Maria conversavam. Um pouco afastados, Lena e Luís olhavam um para o outro interrogativamente.

— Então? — balbuciou ela, aflita.

— Nada, por enquanto!

Lena ergueu-se e debruçou-se no corrimão. Lá fora, o luar parecia dia. Desceram para a avenida. Passeavam à frente da casa, cochichavam e sorriam, mas nos seus corações uma grande mágoa quase apagava a alegria de estarem juntos.

— Oh!, amor! Não compreendo meu pai. Por vezes chego a pensar que não gosta de mim. Há um fosso tão grande entre nós! Tão grande!

— É pai ... e sofre. Somos de outra geração ... Mas des-cansa ... Tudo se há-de resolver ...

— Tudo se há-de resolver!!... Tudo se há-de resolver! Quando?

A partida de Luís Miguel ia deixar a Fazenda às escuras ... Dr. Brito chamou os noivos ao escritório. Desejava falar a ambos. Estava bem disposto, mas só depois de uma grande pausa esclareceu a sua ideia. Antes, porém, virou-se para Lena:

— Com que então estás mortinha por nos deixar, hein?

— Porque repete isso, Pai? Bem sabe que não é assim. Um amor não tira o outro ... Só são diferentes ... Ontem como hoje, serei sempre a sua filha, a sua única filha ... E estarei a seu lado para o que for preciso ... Admiro-o muito!

— Bem se vê!... Mas vamos ao que interessa. Pensei a fundo no seu pedido, Luís. Há só um óbice. Não tenho quem tome conta da Fazenda e minha mulher não fica aqui sem a Lena. Como resolver o problema? Quererá você fazer parte duma sociedade em que entraria com as suas terras e negócios e eu com as minhas? Nesse caso, as dificuldades aplanam-se facilmente. De contrário, será preciso esperar que eu resolva a situação. Fizemos a fazenda, ou por outra, começámo-la e vocês continuá-la-iam ...

— E os meus gados, Dr.? É um grande valor que fica à mercê de fracasso. As terras ainda não estão completamente legalizadas. Só ocupadas com esses mesmos gados. Nestes dois anos, ganhei muito dinheiro em missões do Governo e no comércio. Tenho crédito, consegui obter concessões, fiz muitas obras. E aqui? Não conheço ninguém ...

— Punha-se lá um gerente ... e você iria, todos os meses, passar revista ...

— Não é fácil tomar uma decisão dessas de um momento para o outro, Dr. ... Peço algum tempo para pensar no caso a sério e reflectir ...

— Está certo. Vá para baixo e pense ... Depois diga o seu parecer ...

— Muito bem ... obrigado pela atenção ...

Despediu-se afectuosamente, como sempre, e seguiu a pé até ao terreiro. Lena acompanhou-o.

Sim, não era fácil tomar uma decisão. De um lado estava Lena, do outro os seus interesses e o amor à independência. Tudo aconselhava a continuar os trabalhos iniciados na Hanha. Tinha terras a legalizar, centenas de bois, de porcos e cabras...

Como abandonar uma obra criada pelo seu esforço e com sacrifícios de toda a ordem?

O que tinha fora ganho honradamente... Para isso se fizera funante e rancheiro... No Sumi, só Lena o prendia. Terras pobres... desoladoramente pobres... E havia de as trocar pelas florestas ricas da sua região, com muito mais probabilidades de êxito? E para quê? Sim, para quê? Com o gado e os fornecimentos aos navios do Lobito, manteria uma independência farta e feliz... Depois, habituara-se a trabalhar sozinho...

—Teu pai é bom homem, não digo que não. Mas tem carácter forte—disse, enfim, para Lena, que caminhava a seu lado em silêncio.—Eu também sou independente, quase casmurro, embora mais calmo. Como nos daremos? Juntarmo-nos para nos separarmos em seguida? Valerá a pena?

A interrogação ficou no ar sem resposta.

—Pobre pai! Como irá ele resolver os seus problemas? Pondera bem, Luís. Não tem ninguém que tome conta disto. E ele ama esta terra como a um filho. Muitas vezes mo disse. Até agora estive eu aqui e a Maria. Ela tomava conta da casa e eu dos trabalhos de fora. Quem o fará daqui em diante?

—Tem Constantino e os outros empregados.

Luís de Lemos parou uns segundos. Ia a dizer qualquer coisa mais mas conteve-se. Chamou por Capusso, para que lhe trouxesse a montada e entrou na antiga residência. Lena seguia-o de muito perto. Desejava estar a sós com ele e temia-o. Ergueu os olhos lentamente. Encontrou duas pupilas ardentes e interrogadoras...

Atraiu-a a si e beijou-lhe os olhos e as faces; ela fugia-lhe timidamente.

—Não! Não, Luís! Deixa-me!

Tremia perdendo a noção da existência. E quando ele, segurando-a com um braço, colou os seus lábios aos dela, pareceu-lhe que a vida lhe fugia... A mão livre acariciava-a...

passou-lhe pelos ombros descendo lentamente até à cinta. Seria sonho? Uma onda de felicidade e de ternura percorreu-a até à pontinha dos dedos, tirando-lhe o raciocínio e a força para resistir...

Então, ele afastou-a um pouco.

—Tens confiança em mim, Lena? Descansa a tua cabeça junto do meu coração. E ouve bem: saberei sempre respeitar-te.

Lena passou-lhe os braços à volta do pescoço.

Depois, olhos nos olhos, tímida, delgada, fez-se ainda mais pequena nos seus braços e retribuiu-lhe aquele beijo que a penetrara até ao âmago do seu ser. Era bem certo que o amor criava raízes profundas dentro de cada coração e era através delas que a felicidade se alimentava e sobrevivia a todos os transe e a todas as agruras por que os homens tinham de passar. Quando apodreciam, o amor secava como as plantas.

—Diz-me agora, Lena, queres realmente que faça sociedade com teu pai? Achas bem?

Ela acenou com a cabeça que sim e, após um momento, Luís Miguel, erguendo-lhe a face e penetrando-a com o olhar, disse:

—Não posso resolver já, querida. Vou até lá abaixo. Pensarei e depois, quando cá voltar, resolvo. Uma coisa fica sabendo, que só por ti me meterei debaixo duma canga. Porque, afinal, tanto monta pôr um gerente no Sumi como nas minhas terras. Só com a diferença: lá há muito mais a perder... E nunca gostei de sociedades. Poderia auxiliar teu pai doutra forma... Bem, estudaremos isso com vagar e sensatez. Não posso decidir apressadamente. Depois de te ter encontrado, também não quero andar em aventuras. Veio-me o desejo de viver em paz. De ter as minhas fazendas, a minha casa, os meus campos e os meus gados. Só meus e teus. E pedes-me que me enforque?

Lena pegou-lhe nas mãos.

— Não fales assim, meu amor! Quem te vai enforçar? Eu? Meu pai? Pobre velho!... Tem aquele génio, mas tu não o conheces e, neste momento, precisa do nosso auxílio. Como recusar-lho? Sentir-me-ia tão feliz se as coisas se resolvessem sem azedume! Pensa em mim também um pouquinho, porque sou filha e me custa ver meu pai aflito. Temos tempo, não é? Nada de precipitações!

— Adeus, querida! Senão, perco o comboio ...

Levantou-lhe de novo o rosto e abraçou-a.

— Até breve!

— Até breve, sim?

Ela ficou-se no meio da estrada a dizer adeus. De tempos a tempos Luís voltava-se na sela e acenava. Depois, desapareceu ...

Aqueles «Até breve!» africanos eram meses. Tudo era imenso por aquelas terras. Até o tempo, quanto mais as distâncias! Quando se dizia «é ali já», eram dezenas e dezenas de quilómetros ...

\*

Três semanas depois, Lena recebeu uma longa e volumosa carta do noivo.

Dizia-lhe que a amava profundamente e que por ela seria capaz das maiores renúncias.

Ainda não fora passar revista às feitorias, para fazer um inventário rigoroso do gado, no caso de se realizar o projecto de seu pai, e que ela própria tanto desejava se concluísse: fundir as duas casas numa grande sociedade agrícola comum.

E não fora, porque andava apreensivo e imensamente preocupado.

«As coisas económicas depressa se resolvem ou para um lado ou para outro. Quanto às morais e de consciência, as dificuldades são maiores — escrevera.

Não tive até agora coragem de te abrir completamente o meu coração.

Medo de te perder? Cobardia?

Talvez uma coisa e outra ...

... Chegou, porém, a hora das decisões firmes, dos esclarecimentos e das confissões.

Por um lado, atormenta-me a perda da minha própria independência; por outro, o receio de te desiludir e de não ser compreendido ...

Julgo-te uma alma de eleição e, por isso mesmo, não poderia unir-me a ti através do casamento, sem que, primeiro, todas as nuvens fossem eliminadas.

Não deve haver nenhum segredo entre nós; nenhum passado escuro ...».

Lena parou uns momentos, ofegante e aflita. Parecia que o coração lhe saltava fora. Depois, toda a tremer, continuou a leitura das folhas seguintes:

«Quando se comete um erro, temos que repará-lo e suportar toda a vida as suas consequências.

Não quero, de forma alguma, começar uma nova caminhada mentindo ou ocultando-te esses mesmos erros, para que mais tarde nos venham a separar.

Não. Não quero.

O caso é que tenho um filho de cor e sei que é meu. Não o abandonarei, mesmo casando.

Como homem, entendo não dever fugir às responsabilidades. Já te disse; é um caso de consciência. A criança não tem culpa de ter vindo ao mundo ...

Serás tu capaz de compreender os meus escrúpulos e de perdoar os desvaios da mocidade, antes de te conhecer?

Tenho fé em ti, Lena! Amo-te muito! E creio que preferes saber a verdade. Podia ocultar-te e casar-me, sem que tu soubesses da existência desta criança. Mas para quê fundar o

nosso futuro lar com sombras escuras se a falta de lealdade me pesaria ainda mais na consciência?

Viver sem paz e sem sossego uma vida dupla que amanhã se transformaria num inferno?

Prefiro perder a tua confiança, perder-te até, do que ter remorsos para sempre.

Se me não puderes perdoar, desaparecerei desta terra para onde nunca mais ouças falar de mim. Novo erro seria bastante mais grave.

Querida, querida Lena, desculpa a sinceridade da minha alma. Perante um caso tão humano, amor, sou inflexível como teu pai.

Amo-te, amo-te muito, muito... mais do que pensas, talvez...

Pondera e resolve. Sei que te faço sofrer agora, mas eu também sofro! E no entanto, seja qual for a tua decisão, não hesito.

Tem coragem! Se puderes, salva o meu e o teu futuro.

Beijo esses teus olhos límpidos, os teus lábios puros, longamente... longamente...

Luís».

Acabada a leitura, Lena, sem uma única lágrima, pálida e de dentes apertados e olhos vagos dolorosamente fixos, parecia uma estátua.

Sentia a cabeça esvair-se e o coração parado, sem poder raciocinar nem pensar sequer. E de tal maneira a comoção se apoderara dela que, de repente, ficou gelada e começou a tremer. Era um frio diferente que vinha de dentro do seu ser.

Não queria dizer nada aos pais. Foi à sala de jantar e bebeu um cálice de vinho do Porto. Depois outro e outro.

Mas cada vez tremia mais. Aquele gelo esquisito tomava conta dos seus membros e de todo o corpo, como se estivesse enterrada na neve.

Pegou na carta e fechou-a na gaveta.

Não podia mais. Atirou-se sobre a cama, quase inanimada.

Quando abriu de novo os olhos, D. Maria e Dr. Brito estavam à sua cabeceira.

— Que foi? que tiveste? Alguma má notícia? O Luís não quer fazer a sociedade?

Lena sorriu.

Só lhes interessava, então, o negócio?

— Que ideia! Nada! Deve ter sido malária. Senti muito frio, muito frio... Dores de cabeça...

— Estás a arder!

— Põe o termómetro outra vez! Tinhas 40°.

— Não é nada, pai! Daqui a uma hora estou boa. Verão! Dêem-me quinino e chá quente. Depois só preciso de dormir. Sinto-me cansada, muito cansada...

Queria estar só. A solidão é a melhor conselheira. No escuro, podemos meditar e reflectir. Parece que nos embala, como o mar faz às algas. Flutuamos...

Tornaria a ler a carta de Luís, mais tarde. E poderia chorar à vontade. Naquele momento, sentia-se seca por dentro. E vazia... Fechou os olhos. Abertos ou fechados, era tudo escuridão dentro e fora do cérebro...

D. Maria, mais desconfiada, fixava Lena insistentemente... Mas acabou por se calmar, vendo-a tranquila. Parecia dormir e muito serena. Saiu do quarto pé ante pé. Voltou, mais tarde, a espreitá-la antes de se recolher. Lena continuava deitada de costas e com os braços estendidos ao longo do corpo. A respiração era ritmada.

Altas horas da noite, acordou com o ladrar dos cães. Acendeu a vela. Foi depois buscar a carta, tornou a lê-la e a fechá-la e de novo se estendeu na cama completamente aniquilada.

No dia seguinte, continuou doente e ficou de cama.

Mandaram chamar o médico, que diagnosticou malária. Nada de cuidado. Injecções... quinino...



Entretanto, com o descanso e as drogas, a energia voltou-lhe.

Pôde pensar e raciocinar com clareza, examinando ao mesmo tempo os seus sentimentos.

A luta foi grande.

Amava Luís cegamente e esta sua lealdade mais tinha vincado esse amor e amadurecido o seu espírito.

«O sofrimento faz-nos mais recolhidos, Luís — respondeu passados dias.

Há uma criança entre nós e, segundo afirmas, com 3 ou 4 anos.

Não posso pedir contas da tua vida antes de te conhecer. Nem posso nem devo.

Aprecio com orgulho a tua resolução de não abandonar um filho que reconheces ser teu. Deves perfihá-lo e trazê-lo contigo para casa.

Nunca sentirá diferença entre os que tivermos de futuro. Juro-te à face de Deus. Serão todos nossos filhos.

Eu faria o mesmo. Se tivesse gerado uma criança antes de te conhecer, não a abandonaria. E também não te poderia mentir.

Mas terias tu coragem para me perdoar?

Duvido.

Os homens e as mulheres têm perante o Criador as mesmas responsabilidades, mas, perante os homens, terão elas direitos iguais ao resgate, e ao esquecimento?

Até agora, só conheci um homem que teve a ombridade de erguer da lama e impor à sociedade daqui e da Metrópole uma mulher espúria. E foi feliz.

Há no entanto um problema que me preocupa.

E a mãe? Terás tu deveres de honra para com ela? Se os tens, debes cumpri-los.

Também te amo doidamente, Luís, tão doidamente que será difícil esquecer-te.

Nunca amei ninguém até te conhecer e, quando o amor nos acorda aos vinte e tal anos, já somos adultos e explode com violência.

A criança não me preocupa demasiado, mas sim uma mãe desgraçada e infeliz. Seria sempre uma sombra negra entre nós.

Nesse caso, meu amor, prefiro esmagar o coração e ficar solteira, a calcar a vida de outrem, fundando a minha felicidade à custa da felicidade e dos direitos dela. Tudo é preferível menos isso.

E aqui tens o que se me oferece dizer-te, calma e friamente, sobre o assunto, após longa meditação.

Escrevo-te sem lágrimas, numa exaltação vibrante, que é ainda amor. Amo-te, Luís, amo-te muito, amor de mulher, ardente, profundo ... E natural ... como natural é o princípio da vida ...

Tua para sempre,

Lena».

A carta seguiu e só passados dois meses veio a resposta.

Luís andara pelas feitorias, fizera os inventários e, à chegada, encontrara a carta de Lena.

Numas linhas breves, dizia-lhe que a criança adoecera e, infelizmente, tinha morrido. Iria ao Sumi e daria todas as explicações que desejasse. Quanto à mãe do rapazinho, vivia há muito com outro homem, tendo já dois filhos dele.

Não existia, pois, nada que os pudesse separar. Aceitava a proposta do futuro sogro e breve casariam em todo o caso, mesmo que se não fizesse a sociedade.

Escreveu também a Dr. Brito. Fundiriam as terras e haveres de um com as terras e haveres do outro e sede no Sumi.

Lena, muito feliz, abraçou o pai.

Retirou-se para o quarto a ler a carta novamente.

Como é que a criança morrera, assim de repente? Pobre dela!

E teria mesmo existido? Ou seria para a sondar que Luís Miguel efabulara aquela tragicomédia?

Aceitaria o que lhe quisesse dizer, mas sentia que não devia aprofundar o assunto.

Quanto às fazendas, estava consumada a renúncia... Para bem? Para mal? A dúvida martirizava-a e, ao mesmo tempo, tinha confiança naquele companheiro ponderado e bom, que Deus tinha posto no seu caminho e a amava.

Por outro lado, ela estava muito agarrada àquelas terras que ajudara a fazer, ao passo que na Hanha quase tudo lhe era desconhecido. Esse desconhecido assustava-a.

Sacrificara a vontade do noivo à vontade forte do pai.

Tinha chegado enfim a grande data de toda a mulher. Grande?! Sabe-se lá? É sorte! ...

Sim, sim, sorte ... grande ... sorte ... grande ... sorte!

Lena acordou cedo. Estava confusa e lânguida, o cérebro mole, as pálpebras moles ...

Tornaram a fechar-se-lhe lentamente, em modorra; todo o corpo em modorra ...

Na penumbra quente, o ar estava cheio de perfumes, Roger Gallet, Colónia... E outra vez o vácuo, um vácuo enorme nos sentidos ...

Dormia ainda. Mas o cérebro trabalhava, lento, desconcertado ... E outra vez mole, muito mole ... confuso ...

Afinal, seria um dia como qualquer outro ...

O sol ergueu-se por cima do Cunhugâmua. Belo e novo, fulgurante, batendo de chapa na casa. E frechou a janela entreaberta e da janela foi-se-lhe à travesseira e à cara.

O calor picou-lhe a pele morena, fazendo-lhe cócegas; encheu-a de doçuras inefáveis, com o corpo quebrado de brios e energias. Fez-lhe também abrir os olhos, súbitamente, e pôs-se a pé num repelão.

Sim, sim num repelão; pensando na forma e na distribuição dos serviços. Capusso a seu lado, Constantino ... bater do couro cru das sandálias, gritos ... risadas ...

— Acá! Acá!<sup>1</sup>

Olhou para o relógio.

— Sete horas! Tão tarde! Vamos!

Não, não era o mesmo nascer do dia, não era ...

Nem forma, nem trabalho, nem Manuel Capataz chamando impaciente ou Constantino a berrar: Vai ou não vai! Vai ou não vai!

Tornou a estender-se na cama, com as palmas das mãos atrás da nuca. Descontraída, muito descontraída ...

— Meu Deus, abençoi-me!

A imobilidade da casa, do ar e das coisas era chumbo a pesar-lhe na alma: mas qualquer coisa de imponderável e macio agitava o resto do seu ser.

O quê? Porquê?

Não sabia ...

Era da luz em penumbra; talvez da difusão morna pelo feixe da janela.

Fechou de novo os olhos; suspensa, lassa, sem pensar e sem sentir. Evadida.

Sempre seria verdade?

Casaria antes do almoço?

E depois?

Depois ...

Ergueu-se lentamente e ficou uns momentos fixando a cruz de bronze na cabeceira da cama.

Evocou a directora do Instituto, que lha metera nas mãos à partida de Berna.

«És professora — disse. Aqui tens esta cruz. Nas aflições, agarra-te a ela!»

Aflições? Tormentos? Dúvidas? Ânias?

Tantas lembranças, tantas!

E saudades?

<sup>1</sup> Acá — exclamação de espanto.

Nenhumas.

Nem da Itália? Daqueles bons amigos que a disputavam nas férias com tanto carinho? Os Praza, os Prandoni, os Vimercati, a Sr<sup>a</sup>. Pozzi e os Zanchi?

E de Arnaldo?

Nem desse. Não tinha saudades de espécie alguma.

Sentou-se, então, na beira do colchão e pôs-se a olhar em redor.

Passara ali quatro longos anos da sua juventude. Quatro anos de vida árdua e trabalhosa ... E nascera-lhe a primeira paixão de mulher, simples, maravilhosa ...

Oh! O amor!

Como era belo e excitante o amor! Tinha raízes na carne, no sangue, nas veias.

Daquele dia em diante, a sua terra seria aquela onde amadurecera e atingira a plenitude do sexo, da compreensão da vida e dos seus fins.

O cansaço e a neurastenia tinham-na quase vergado? Chamuscaram-lhe a alma, tornando-a mais grave e mais pensativa? Que importava?

O amor fora como que ressurreição do espírito. Um acordar de todos os sentidos, de todas as parcelas do corpo, por mais pequeninas: as mãos, os dedos, as pernas, os seios ... Tinha-se evadido de si própria, da sua prisão ... Como na Primavera as árvores, que rebentam todas as carapaças para darem flores e frutos.

E estava liberta do passado. Livre! Livre!

Abriu as portadas de par em par e a luz entrou a jorros. Luz viva, abrasada, gloriosa.

A luz excitou-a.

Pôs-se às voltas pelo quarto como sílfide leve e embriagada, com a camisa solta abaixo dos seios, transparente ... deixando ver os bicos e a sombra das formas.

Dali em diante, Luís seria o seu esteio, um esteio forte

e a ele se apoiaria confiante, pela segurança que lhe dava. Seria dele, toda dele. Posse plena...

A insegurança torna-se num mito ou sonho sem esperança.

E a vida sem esperança, que seria? O Inferno?

Como era sublime o seu amor! Sublime! Sublime!

Quando tomamos consciência dos nossos sentimentos, temos medo.

E de quê?

Sabe-se lá!

De que a felicidade nos fuja e voltemos a ser encarcerados?

Começava a sentir-se completamente distendida: na pele, nos músculos, no coração, no pensamento...

Em frente ao espelho, viu a sua imagem de rapariga, com a fralda ondulando-lhe aos pés, esguia e leve, assustadiça, os olhos negros fulgurantes, velados pela sombra das pestanas. Olhos mansos e macios, pele morena macia, peitos redondos macios.

Nunca se tinha visto assim.

Nem tinha tempo...

E seria ela? Seria bem ela?

Estaria acordada ou a sonhar?

Bateram levemente à porta.

— Quem é?

— São horas! Levanta-te!

Era a voz de D. Maria e olhou para o relógio.

Está bem! Vou arranjar-me!

Ficou parada uns momentos; de palmas ao alto, na nuca, em gesto de preguiça, peito empinado.

Tinha tomado banho à meia-noite e foi lavar-se. Depois, de novo no quarto, fez a «toilette» com cuidado. A roupa estava guardada na cómoda e enfiou peça por peça, sentada em frente ao espelho.

Tudo cheirava a perfume fresco.

Primeiro as meias brancas de seda natural, que usava nos bailes da cidade; brancas e com um pontilhado dos lados encimado por uma flor de lis. Logo a seguir, os sapatos, de seda também, salto alto.

Nunca pensara que aquelas coisas lhe serviriam para o dia mais feliz da sua vida! Oh! A vida! Que era ela senão sonho? Pois não imaginara tanto esplendor para a cerimónia do seu casamento?

Aspiramos sempre a coisas complicadas... e impossíveis...

Quantas ilusões! Quantas desilusões!

E, afinal, era tudo tão simples...

— Sim, a vida é simples. Quando nós próprios amamos a simplicidade e a temos no coração... — disse baixinho — E a simplicidade será felicidade? Se a não tivermos, não nos sentiremos frustrados?

Empoou-se e pôs o espartilho sobre a camisa curta de cambraia que tinha feito vir de Paris há anos. Era também transparente, cheia de rendas.

Prendeu as meias e apertou o corpete, tentando abater o seio. Depois, enfiou as calcinhas e deixou cair aos pés a camisa de noite. Estava admirada de se ver assim. Nunca se tinha observado... Ràpidamente, enfiou a saia de baixo.

Tirou depois o vestido do armário e depô-lo sobre a cama. Nem aia, nem amigas, nem criadas...

Ela, a filha de Dr. Brito, a mais pretendida moça desde que chegara a África... casava assim, quase às escondidas, e mais só do que qualquer pobre serrana.

Por momentos sentiu grande revolta. Mas arrependeu-se logo. Ora! Tinha toda uma primavera no coração. O resto que importava?

Soltou os cabelos em frente ao «toilette» e sentou-se. Escovou-os. Eram longos e sedosos. Chegavam-lhe a meio da

coxa. Em seguida, tornou a fazer as tranças e a enrolá-las à volta da cabeça, como fizera desde menina.

Só faltava o vestido. Vagarosamente, pegou nele e, com cuidado, ergueu-o ao alto, todo branco, com uma renda larga a meio da saia, mangas tufadas, decote pequenino. Levou tempo a apertar os colchetes. Era um vestido antigo ... cingindo o busto, solto nas ancas e quase até aos pés.

Olhou para o relógio.

Já tão tarde!

Pôs então o véu, armado por ela, com uma grinalda pequenina de flores de laranjeira.

Tudo aquilo a emocionava. Mirou de novo a sua figurinha vaporosa, com cinta de vespa, os pomos erguidos, ancas suaves e olhos semi-cerrados. Um sorriso leve aflorou-lhe aos lábios e as pupilas encheram-se-lhe de água, tornando-as luminosas. Mas as lágrimas não eram de tristeza. Uma alegria imensa inundava o seu coração.

Amigas, aias, criadas?

Naquele momento, só uma mãe compreenderia e poderia avaliar o que lhe passava na mente de ansiedade e ternura. Só uma mãe e essa nunca ela a conhecera ... Fazia-lhe tanta falta!...

Estava pronta.

Que sensação!

Pegou na saquinha, também feita em casa, no ramo pequeno com um laço de tule e nas luvas de canhão alto que usava para dançar ...

Restos do passado ... De um passado morto.

Agora sim, já podia aparecer. Hesitou ainda um pouco.

Pôs um leve perfume no pescoço e no lenço.

Quanto fantasiara para o dia do seu casamento, antes de conhecer Luís!

As raparigas têm demasiada imaginação ...

Um vestido, uma coroa, uns sapatos ...

Mas na carne, nos olhos ... toda a comoção do universo! Não cabia em si de alegria. Queria gritar aquela felicidade aos quatro ventos, queria que soubessem, sim, que todos soubessem que ia à igreja de cabeça erguida e orgulhosa do casamento que fazia.

D. Maria tornou a bater.

— São horas, Lená! Estás pronta?

— Estou! Só mais um momento ...

Como se fosse para um baile qualquer ou para alguma quermesse vender bilhetes a favor dos órfãos da guerra!

Pôs ainda um pouco de pó de arroz, mais um alfinete a segurar o véu e voltou a mirar-se satisfeita. Abriu, então, a porta que dava para a sala de visitas.

Dr. Brito e D. Maria esperavam-na. Na varanda, Luís de Lemos conversava com António e o outro padrinho. Lena caiu nos braços do pai, emocionada e sem poder articular palavra. Depois, apertou a madrastra contra o coração.

— Não te falta nada? — interrogou Dr. Brito, também um pouco agitado, mas sem o querer mostrar.

Ela demorou alguns segundos a responder. Por fim exclamou:

— Vamos lá, pai! Não falta nada!

O que lhe faltava, naquele momento, era um pouco de calor, aquele calor que vem do próprio coração e anima e torna tudo mais fácil ... Ninguém lhe dissera uma única palavra sobre o seu casamento. Ninguém a aconselhara ... Ia à aventura ...

Quando surgiu na varanda, Luís Miguel, imponente e de casaca, ficou extático. Estendeu depois a mão a Dr. Brito e D. Maria, muito elegante na sua saia e casaco de seda cinzenta e chapéu paraíso das grandes ocasiões. Virou-se depois para a noiva. Pegou-lhe nas mãos e beijou-a na testa. Ela abraçou carinhosamente o irmão, dizendo-lhe baixinho: — Obrigada mano! Devo-lhe em parte a minha felicidade ...



— Entrego-lhe a Lena. Faça-a feliz! — exclamou ainda o Dr. Entre os quatro, os fatos caqui e azul escuro dos padrinhos faziam contraste.

— Desculpem-me vir assim ... Para chegar a tempo, nem pude ir a casa, estava a 200 quilómetros da linha ...

— E eu — disse António — não tenho outro trajo de cerimónia, pai!

— Não se aflijam ... isto é Mato!... E após uns momentos:

— Vamo lá, então!

Dois automóveis alugados esperavam à frente da casa. Dr. Brito subiu para o primeiro. Atrás, Lena e D. Maria. Luís, com o padrinho e o cunhado, no outro. E, mal se puseram a rodar, começou a cair leve chuvisco.

— É felicidade! — exclamou D. Maria.

Lena sorriu e pegou-lhe na mão, apertando-a com ternura. Tremia, mas aparentemente mantinha-se serena. Durante todo o caminho, de trinta e tal quilómetros, cada qual se concentrou em seus pensamentos.

No Huambo, a cerimónia foi rápida. Cochichava-se à passagem de Lena, mas ela não olhava para ninguém. Parecia-lhe estar voando no espaço, muito longe ... Caminhava como um autómato, sem pensar ... sem sentir, sem ver ...

Quando deu fé, ao meio-dia, chegaram à missão do Quando. Padre Moreira esperava-os e conduziu-os até ao altar; Lena pelo braço de Dr. Brito e Maria pelo de Luís de Lemos.

Como era estranha aquela ansiedade que sentia, aquele tremor nervoso nos membros!

— Senhor! Abençoi a nossa união! Abençoi o nosso futuro lar!

Ajoelhada diante do sacrário, só essas palavras lhe ocorriam. Parecia-lhe irreabilidade o discurso de Padre Moreira, os gestos e a prática, as perguntas sacramentais e a bênção.

Respondera um sim baixinho, enquanto Luís elevara a voz máscula e forte. E quando tudo acabou e ele, erguendo-lhe o

véu, a beijou novamente, sentiu que já não era livre e lhe pertencia.

Foram para a sala, onde os missionários lhes serviram um copo de água.

Ainda lhe parecia impossível o que sucedera.

Tinha, então, vencido todos os obstáculos? Luís era bem dela, o seu companheiro para toda a vida?

Para toda a vida! Para toda a vida!

E, ao ser de novo levada para o carro, já pelo braço do marido, sentiu que nas suas veias corria tanta coragem e energia que, poderia vir o que viesse, jamais se deixaria dominar pelo desânimo e pelo medo.

Ergueu a fronte altiva.

Como tudo lhe parecia belo naquela manhã! Não se pode ser desgraçado, quando dois braços fortes nos protegem e o coração mais leal nos ama!

O futuro companheiro representava para o seu coração um refúgio seguro. Toda a responsabilidade lhe cairia sobre os ombros e a afinidade dele com a terra era garantia e segurança do futuro.

Por seu lado, Luís Miguel caminhava como se levasse uma jóia preciosa e frágil nos braços.

Lena tem toda a pureza nos olhos — pensou —. Será a mulher capaz de redimir os meus erros, de guiar os filhos e de os integrar numa vida consciente e construtiva ...

Terei pena das minhas aventuras? Oh! Não! A seu lado, construirei todo um mundo ...

Nesse momento, Lena tropeçou numa pedra e apertou-lhe o braço. Olharam um para o outro sorrindo e, nesse olhar, ambos sentiram que estavam unidos para sempre ...

— Até à morte!

— Até à morte! — respondeu Luís Miguel.



Em ano e meio, debaixo do impulso de Luís de Lemos, a «Fazenda Súmi» prosperou. Tornara-se mesmo tão bonita e com tamanha área cultivada que era ponto obrigatório das visitas oficiais e não oficiais. Quem poderia passar, sem que batesse à porta? Rico ou pobre, preto, mulato ou branco, todos sabiam que eram recebidos com alegria e hospitaleira boa-vontade.

Mandara vir da sua casa do Cubal um touro de raça e juntara, ali, no Catenguenha, para cima de trezentas vacas escolhidas, bela manada uniforme, que pastava nos terrenos baldios ou de um lado e outro da estrada, depois das colheitas.

Conforme fosse havendo feno, outros alimentos e instalações, traria a metade que ficara no Olondúbuè, porque, sem os olhos do dono, se poderia perder.

Os porcos andavam também roliços e muito aumentados com a vara chegada da Luneta por caminho de ferro. As quatrocentas cabras, mandara-as vender.

Depois, Constantino, Luís Miguel, os capatazes e Lopes deitavam mão ao que calhava e o pessoal, todo voluntário, bem tratado e compreendido como homens que eram, esforçava-se por cumprir e ajudar o mais possível.

Já não precisavam de tanta gente. Com as máquinas



adquiridas, só os desbravamentos, a estrumação e as colheitas ocupavam mais braços.

— Convençam-se de uma coisa — dizia Luís Miguel aos empregados — nada contribui mais para o bom andamento dos serviços do que a justiça. E por justiça compreendo a justa remuneração do trabalho.

— Sr. Luís, afirmou Constantino, tenho aprendido muito com o Sr. ... Estou-lhe grato e ...

— Deixe-se disso, homem! Chegaremos a uma produção feliz e à desejada estabilidade compensadora. Até lá, que fazer senão darmos tudo por tudo? Só assim vos poderei retribuir não só o trabalho, mas também os sacrifícios e a dedicação.

— O Sr. é novo e os novos têm outras ideias ... Por isso nos compreende ... E é a sua simplicidade que brancos e pretos admiram ...

Luís Miguel calou-se, mas olhou para o empregado com espanto.

Porque não havia de pensar naqueles que o ajudavam a vencer? Seria isso virtude? Não! Não era! ... A obrigação nunca pode ser virtude ... e o cumprimento dela torna-se, além disso, em paz de consciência e maior rendimento financeiro ...

Lena, por seu lado, andava entusiasmada com o jardim. Fez o desenho e riscou-o no chão, ajudada por Barraca e Capusso.

Com eles também, dispôs as pedras que deveriam segurar a terra cavada e cobriu-a das mais lindas e variegadas plantas, semeadas às escondidas do marido.

Por outro lado, as cercaduras de erva avermelhada e verde, bem talhadas e viçosas, faziam sobressair o desenho e davam uma nota alegre ao conjunto.

Os serviçais sabiam da sua paixão e traziam-lhe flores e bolbos do mato. Mais de cem variedades de roseiras, vindas de Benguela, do Huambo, Huíla e até de S. Tomé, cobriam os muros com flores garridas e folhagem envernizada ou trepavam pelas colunas da varanda, de mistura com jasmineiros brancos, rosados e vermelhos.

Um domingo, ao obrigar o companheiro a ir ver os seus canteiros, um por um, exclamou:

— Olha para estas violetas! Nunca as vi tão bonitas! Têm mais flores que folhas! Na Metrópole, só as plantam em bordaduras e escondem-se. Aqui, mostram-se afoitas e deixam de ser a flor da humildade ... Não me importo de estragar as unhas e a pele a cavar a terra e a transplantar plantinhas delicadas ... Quero pôr beleza à nossa volta, amor! E quanto mais planto, mais desejo plantar! ... Tornou-se num vício ...

Luís Miguel sorriu ...

— É bom construir, Lena! E, construindo com a tua ajuda e o teu encorajamento, não há dificuldades que se não vençam ...

Ela pegou-lhe na mão. Ia andando lentamente. Depois, pararam à frente da casa.

— Sabes, cada vez amo mais esta terra. Foi aqui que te vi primeiro ... Quero-a enfeitada ... Que posso fazer de melhor por ela? E o meu esforço é recompensado pelo colorido que dá às flores e mais não são as suas próprias ... Estás a ver? Até parece que me compreende e me quer dizer: bem hajas!

Luís deu uma gargalhada, mas atalhou logo mais sério:

— Já pensaste alguma vez que os povos à tua volta precisam de ti? E sem ir mais longe ... até os empregados ...

— Sim ... Sim ... pensei ... Ainda não te disse, mas continuo a dar lições a Constantino, Ventura e Barraca, e a ser a grande quimbanda para esta gente ...

Devia ter tirado um curso de medicina, ou mesmo de enfermagem ... Seria mais útil no Mato ... E agora um grande pedido.

Ajudas-me a construir uma escola lá mesmo entre as palhotas dos quimbos?... Arranjaremos catequista... e, enquanto não vier, ensinarei eu... na sala de jantar dos empregados. Tenho cá uma ideia de promoção... Quero também que me cerquem os campos à frente da casa com sisal, para poder fazer uma sebe de roseiras. Fazes-me isso? Então, sim, é que o nosso lar parecerá a quinta das rosas ou a casa da felicidade...

Lena foi dizendo dos seus planos... até que se sentaram na varanda. Tinha a fantasia do pai. Via as coisas realizadas antes de existirem e o seu companheiro, mais positivo e concentrado, ouvia-a com paciência. Era preciso amar para dar e ela dava-se inteiramente à sua tarefa, acompanhando com entusiasmo o trabalho do marido.

— Que lindo está o teu milho, Luís! A terra agradece-te também o que fazes por ela... E como te admiro!... Ensinaste-me a ser mais humana! E a ver onde outros nada vêem... Tanta coisa bonita que descortinámos! Tanto bem que poderemos fazer e espalhar!

Era realmente maravilhoso para ambos aquele imenso milheiral. Até muito para lá do Atena, de um lado e outro da avenida que subia para a residência, não se viam senão aqueles oitenta hectares de folhas envernizadas verde-glaucos cobrindo toda a terra arada. As bandeiras de alguns talhões ondulavam ao sabor do vento e quanto mais perto da horta mais altas eram as canas, com duas, três e quatro espigas barbaçudas.

Dali a três ou quatro meses, seria a colheita daquele mar de maçarocas.

— Nada há como a fartura para manter os homens felizes! — disse Luís Miguel. — O das baixas também deu bastante.

Tinha mandado arrotear vários hectares para um lado e outro da casa, onde dispuseram bananeiras e café e, para a esquerda, mais de mil laranjeiras de todos os tamanhos.

Além disso, as sementes vindas da América faziam prodígios. Já as «petzai» abriam orelhas enormes e as alfaces,

repolhos e sabóias embolavam. Até os nabos eram muito tenros e as ervilhas e feijões verdes se desfaziam em vagens...

— Que farturinha, Luís! Que bom! E temos água!

A nascente das rochas de quartzo ao cimo da horta corria rente à casa. Tinha sido um achado importante de Constantino, que andava sempre de nariz no ar pelo mato e, realmente, aquele manancial resolvia muitos problemas. Faltava só canalizá-lo. Além disso, Luís Miguel projectava meter o Sanhanha, riacho de águas permanentes, em tubos de grés, por trás dos galinheiros. Passaria pelos quimbos e também eles aproveitariam do seu esforço pondo uma torneira em cada um.

— A nossa Fazenda já é progressiva e sê-lo-á cada vez mais num futuro próximo — disse quando, à noitinha, assentou o binóculo sobre o desbravamento em avanço. Em pouco tempo se tornará mesmo famosa e absolutamente independente, com recursos suficientes para a aguentarmos e dar farto lucro.

— Deus te oiça! Deitámos mãos a uma obra e gostaria que não falhássemos...

— A vida é luta, querida! Uma luta tremenda, constante e áspera... Nunca se sabe o que poderá acontecer... e receio que as coisas no Cubal não corram tão bem...

Lena pegou-lhe nas mãos em silêncio.

— Tudo estará bem também lá! Vais ver... E que importa a luta? Somos novos... do nosso labor alguma coisa ficará...

Olhava entusiasmada para o marido. As suas pupilas, firmes e voluntariosas ao mesmo tempo e cheias de bondade, transformavam-no a seus olhos num ser superior. Apagava-se e bebia-lhe as palavras...

— Como és bom, Luís! Sou realmente muito afortunada... E é uma coisa ótima permanecermos muito tempo fechados em nós próprios. Depois, parece que as coisas se tornam tão excitantes! Como se dêssemos conta pela primeira vez da existência. Até o simples dormir e acordar são diferentes. Tudo interessa e sabe a frutinho do mato!

Ergueu-se e manteve-se parada à frente do companheiro. Queria agradecer-lhe a segurança e a fé que lhe vinham dele, mas ficou calada ...

— As pessoas que passarem admirarão a grandeza das terras em cultivo! ... — exclamou por fim.

— Ora! Os outros, Lena! Que importam os outros? O nosso exemplo, sim, esse é que já frutificou.

— Sabes que os alemães estão a montar outra fazenda entre a Caála e o Catenguenha e o Dr. Sereno outra entre o Cunhungâmua e o Huambo? Mesmo para além do Súmi e do Corte Real assentaram arraiais uns poucos de alemães ... É uma verdadeira cadeia de fazendas. Daqui a pouco, chega a Caconda ...

— Bravo! Estás bem informada!

— Tenho a melola de Barraca!... No mato, tudo se sabe.

— Se dessem facilidades! — acrescentou Luís Miguel. — Mas não! Peias e mais peias, a enrodilharem o espírito de quem deseja trabalhar a cobiçada «Terra de Ninguém» ... Se soubessem o que ela custa de granjeios! ...

— O Governo devia dá-la de graça ... a quem conscienciosamente a trabalhasse e antes que estrangeiros a tomem ... Realizar-se-ia o sonho do pai ... e o teu próprio ... Ver o mato ocupado por Portugueses, brancos, pretos ou mulatos e a produzir carne e pão como deve ser. Pois que querem os povos senão melhor comida, melhor roupa e trabalho mais fácil? ...

— Estás enganada. O governo dá-a de graça. Que é a «mera posse»? O que se torna urgente é trabalhá-la.

Ambos se calaram, fixando ao longe o casario em volta do terreiro com dois novos colmos: a oficina renovada e os currais aumentados para o triplo.

Depois, Luís Miguel apontou para a moinho, montado há pouco tempo.

— Primeiro que acertássemos as peças! E a água vem de longe. Vês como brilha dentro da estreita calha de madeira,

ao cair quase a pique para os rodízios? Só assim conseguimos fazer mexer as mós! Trabalha dia e noite. E é por isso que a leitoada aumentou a vara para o dobro. Daqui a dois anos, só os porcos darão um rendimento muito apreciável em carnes fumadas e banha para exportação.

— Mas nós não faremos como aqueles da Ganda ... — disse Lena a rir. No fundo das latas, havia sempre três dedos de sal e pedras! ... Ganância? Inconsciência? Ou quê?

— É um grande erro a falta de seriedade — retorquiu Luís de Lemos. — Perdem-se os mercados que tão dificilmente se conquistam. Mas ... deixa os outros com as suas traulhices e traficâncias ... Que ganhamos em criticá-los? Nada! Olha mas é para as vacas que recolhem! Parecem outras desde que mandei dar rações suplementares. As duzentas crias existentes, dentro de anos, prometem grande desafogo também. E o boi reprodutor está ótimo.

— Tu nem deixas tirar leite bastante ...

— Pois! E como poderiam as pobres vacas alimentar as crias, se o mandasse mungir todo? Nada se deve desperdiçar — afirmou — seguindo o seu raciocínio. Nem o leite nem o que vem das hortas e dos campos, que promete alimento bastante, mesmo sem ensilagem, para a progressão geométrica do gado. Transformar a erva em carne, eis o grande problema para a fome do mundo e para Angola! Digo-o muitas vezes aos empregados ... ao administrador e martelo-o na imprensa. Pois não é verdade? Diz? Constantino, falhados os cálculos das coisas agrícolas à moda da terra dele, vai abrindo os olhos. Já me disse que a bicharada aproveita tudo e a terra também melhora! Imagina!

— Sabes onde ele aprende? — perguntou Lena às gargalhadas — Nas tuas revistas, que lhe faço ler ...

Lena também montara nos galinheiros uma exploração interessante e intensiva, com criadeiras rústicas inventadas por ela.

Já tinha para cima de quatrocentos galináceos, perto de sessenta patos mudos, vinte perus e, principalmente, doze gansos.

Eram a sua glória. Ficava-se tempos infinitos a olhá-los, baloiçando-se de um lado para o outro com os pescoços esticados e grasnando alto, quando a avistavam de avental cheio.

Ninguém, que soubesse, tinha tantos e tão anafados.

Mas que trabalhadeira!

Os pintos e frangos tinham ganho bexigas na cabeça e placas nas goelas e Lena passava as manhãs a queimá-las com tintura ou a pincelar as cristas com azeite de palma, por causa das pulgas que, aos milhares, as tornavam de vermelhas em negras.

Depois, a peste matou-lhe os doze gansos de um dia para o outro, estendidos no chão a deitarem sangue pelos bicos.

Ficou como que estarecida diante das lindas aves, enquanto Barraca, o tratador, meio louco, fugiu para o mato de faca em punho berrando que se ia matar...

Fora preciso agarrá-lo e dar-lhe calmantes...

—Que tolice, Barraca! A tua vida vale mais que todos os gansos do mundo! — dissera-lhe Lena sorrindo.

Mas ele não se convencia e teimava que tinha grande feitiço no corpo. Precisava de morrer.

—Deixa-me matar, Minina! Deixa-me matar!

E foi ainda Luís, chamado a toda a pressa, que interveio com a sua força e decisão. Barraca tremia como vara fina de bambu. Prendeu-lhe os braços enfiando-lhe depois um saco pela cabeça bem amarrado à cinta. Pediu uma esteira, deu-lhe um copo de vinho do Porto e ordenou-lhe secamente:

—Dorme, ouviste? E nada de asneiras.

Barraca parecia um farrapo.

—Patrão! Eu vai morrer! Vai morrer, mesmo!

—Não morres nada! Amanhã, estás bom!

Fechou a porta à chave e mandou que o vigiassem...

Depois, virando-se para Lena que estava à sua frente de braços caídos, e pondo-lhe uma mão sobre o ombro, perguntou:

—Onde está essa fortaleza e esse entusiasmo? Nas grandes batalhas, é que se enxergam as criaturas! Precisas de saber perder...

Lena chorava.

—Desculpa, Luís!

—Desculpar? Eu? Porquê? Compreendo-te perfeitamente. Na nossa idade, as desilusões magoam muito... Esta terra tem riquezas incalculáveis. Certo... Mas, para as conquistar, temos que vencer os dragões que as defendem!... O remédio, agora, é «queimar os mortos e cuidar dos vivos!»

A força de desinfetantes, Lena salvou metade dos patos. Pudera observar que a doença os virava de costas com as patas e bicos completamente brancos em vez de pretos.

Ambos procuraram nos livros da biblioteca e na Hacienda aqueles sintomas, mas não encontraram nenhuma referência ou remédio para o mal. Então, ela, desesperada, lembrou-se de lhes deitar uma colherzinha de água iodada pelas goelas abaixo e logo os bicos e patas voltaram à sua cor normal, ganhando força para se virarem. Daí em diante, todos os bebedoiros tinham esse desinfetante e a doença desapareceu.

Mesmo assim, com tantos desastres, que prazer poder fazer qualquer coisa para ajudar o marido!

Tomara conta da escrita a valer e, com as frutas que os serviços lhe traziam dos quimbos, fazia goiabada aos quartos ou metia-a em latas feitas pelo velho Jorge. Depois, mandava-as vender na cidade de Benguela.

Fizera também compota de morangos, de nêspersas, pêssegos e Alkekinger — o tomate capucho — que se tornara em planta nativa.

Luís Miguel, por sua vez, plantou um hectare inteiro de

pessegueiros para a sua pequena e primitiva indústria que lhe prometiam dar, já naquele ano, uma boa amostra.

— As cidades tudo consomem, porque nada têm — disse Lena, toda contente.

Se ela conseguisse montar uma fabriqueta moderna e bem apetrechada! Mas qual quê! Não havia fundos de maneio. Tudo tinha que ser bem calculado e medido naquela rusticidade que os rodeava ...

Só a casa parecia um paraíso no meio de tanta flor bonita e Lena tornara-a por dentro ainda mais aconchegada e alegre! Era o seu mundo!

Luís mandara vir a biblioteca do Cubal e o piano de Lena, que estava em Benguela. À noitinha, punha-se a tocar e a lembrar Liszt, Chopin, Mozart ... Era tão doce a música! Toda a sua alma se desdobrava naquelas notas que lhe faziam esquecer os trabalhos e as arrelias do dia a dia.

Uma coisa se mantinha firme naquele cantinho do Mato — o seu amor.

E seria feliz? — perguntava a si própria. Feliz naquele círculo, sem outra coisa que não fosse o trabalho, os campos e a casa?

Sim, era feliz. Muito, muito feliz. Que importava o resto, um passado que se esfumava, outras glórias e vaidades? O aparentemente inútil leva à renúncia e a renúncia produz leveza de espírito ... Ela sentia essa leveza. E tinha quem na conduzisse pela mão ...

Depois do jantar, ambos fartos da lida diária, iam para a varanda e conversavam sobre os trabalhos a determinar para o dia seguinte, ou então Luís Miguel lia versos em voz alta ou magníficas páginas de prosa portuguesa e estrangeira enquanto ela consertava roupas.

De uma vez, Lena lamentou-se:

— Ele sempre há coisas na vida! No Instituto, se me obrigavam a pontear meias, dizia: quando sair daqui, logo ao pri-

meiro buraco, deito-as fora. E o que é o destino! Passo a vida a ponteá-las! Até as dos empregados!

— Não és tu a fada do Súmi? E as fadas que fazem senão tornar tudo agradável e bonito? Ora, uma meia bem ponteada também tem beleza ... e não é pouca!

Era aquilo a felicidade! Ternura, e pequeninas alegrias ... Não tinha história ... Mas tornava-se mais importante do que encontrar uma mina de ouro.

Só a felicidade não desilude: o calor duma afeição grande, um telhado vermelho, pão, água, sossego e a confiança no companheiro.

Podem as plantas não parecerem apenas plantas, as raízes, troncos, ramos e folhas um todo vegetal, mas símbolos duma vida de tranquilidade e até de prazer e segurança. E era essa segurança que ela apreciava.

Uma tarde em que Lena, estendida num cadeirão, parecia sonhar, Luís desafiou-a a ir assistir ao arranque da batata.

— Apesar de não termos máquinas apropriadas, verás como é interessante e como os carreiros manejam bem os charruecos. Não fica uma na terra. Boa lição para nós, que algumas vezes os julgamos mal ...

Lena ergueu-se lentamente e passou-lhe os braços pelo pescoço.

— Sabes, tenho um grande segredo ... e sou tão feliz, tão feliz, ao pé de ti!

Disse aquilo com os olhos semi-cerrados e as faces vermelhas.

Luís Miguel compreendeu. Ambos ficaram por momentos sem falar, com a felicidade à flor do rosto.

— É o futuro que trago no meu ventre, Luís! A felicidade plena!

Ele afastou-a um pouco de si e, olhando-a firme nos olhos:

— Que Deus abençoe o nosso primeiro filho!

Poucas palavras, mas tanta vibração!

— Não é só por aqui que se montam fazendas. Há grande entusiasmo ao longo do caminho de ferro e elas surgem por todos os lados como tortulhos ... — disse Luís Miguel, uma tarde, ao chegar do Cubal, onde fora passar revista à sua casa. Na Babaera, mesmo junto à linha, plantaram uns bons hectares de macieiras! Imagina!

— Levou tempo a descobrir que não somos doidos!... Pois não é a terra a verdadeira riqueza de um país? E, no entanto, que disseram de ti e de nós também? Lembras-te?

Ele acrescentou:

— Para o comércio, só a produção do preto é válida. Daí a guerra aos «charruas» ... Quem é militar que procura em geral? A permuta.

— Da Mãe preta sai quase tudo e do seu trabalho vivem pretos e brancos.

— Pois é ... E sabes? Quando se tem no cérebro uma ideia fixa e essa ideia nos absorve e empolga por completo, ficamos cegos e deixamos de raciocinar. Seja ela paixão, vício, ideal ou negócio, torna-nos demasiadamente confiantes em nós próprios e nos outros. Disso resultam muitas vezes grandes fracassos ...

— É o que vai suceder se o comércio matar a lavoura evoluída.



Luís Miguel, após uns momentos, acrescentou:

— Tens toda a razão. A Mãe Preta devia até já ter uma estátua no Huambo. E virá a tê-la, de certeza. É ela em grande parte que faz a riqueza deste planalto.

— A quase uniformidade da produção nativa pode levar-nos a classificar o distrito numa só zona: Benguela, terra de milho. E não será ele agora o verdadeiro oiro da terra?

— Assim não é, de facto, pois, muito embora este cereal constitua o forte da exportação e, por assim dizer, a base da actual vida europeia, não dá segurança firme para o futuro.

— Até nós, desbravando a terra, que semeámos? Milho!

— E vais ver que o pagam, bem seco e limpo, ao preço do da mãe preta, com carolos, terra, pedras e tudo! O que vale são os sacos cheios ... Mas esperem-lhe pela volta! ...

— A extensão territorial — observou Lena — nem sempre é um benefício. De que vale a terra sem braços para a trabalhar? É o mal dos países africanos. Tudo tem que ser realizado e tudo falha, muitas vezes, pelo desconhecimento absoluto da Natureza com terríveis desconcertos ... Bem sabes o que nos sucedeu logo no primeiro ano ...

Calaram-se por momentos. Luís de Lemos fumava, com os olhos postos nas encostas cultivadas. Depois, continuou:

— O milho é uma planta ideal! Vi outro dia uma mulher a semeá-lo sobre solo estreme, por cavar. Rapou-lhe dos lados um pouco de húmus para cobrir os grãos e pronto ... ficou feita a sementeira! Estou para ver se cria espigas! ...

— Dá, dá, muito embora menos, é claro, porque a nativa e os filhos andam sempre de volta do arimbo com as enxadas e chove todos os dias.

— A Província do que necessita é de quem se lhe dedique de alma e coração e de bastante fortaleza para arcar com os trabalhos que a terra reserva aos seus valorizadores. Que aproveita dos aventureiros? Não infiltram nas almas o doce, mas terrível veneno dos esplendores rápidos e fugazes?

— Pois! Lá isso! Mas com as fazendas de Angola bem poucos têm enriquecido, Luís. A não ser as açucareiras ... E mesmo essas ... Olha o Amaral! Teve que recorrer ao Rei do açúcar da Madeira ...

— E sabes porquê? A lavoura angolana exige grandes capitais e, a maior parte das vezes, esse capital sai do comércio. Ora, sendo assim, à mais pequena falha, vai tudo por água abaixo.

— Na África do Sul é diferente. Sabe-se de antemão o que se dá bem neste e naquele terreno e quem quiser trabalhar a terra recebe apoio, facilidades e até dinheiro. Foi assim que esse país se fez grande e cada vez atrai mais imigrantes. Nós passamos a vida a fazer experiências.

— Esqueces que a África do Sul tem as maiores minas de ouro do Mundo! ... Muito temos nós feito, Lena! E estás enganada: Angola será um segundo Brasil se os nossos governantes abrirem os olhos e canalizarem para aqui o excedente da mão-de-obra portuguesa. Cavar terra nossa e não a dos outros. Eis a questão!

— Será que o português no Brasil se sujeita a todo e qualquer trabalho, mesmo miserável, depois de perder as ilusões, e aqui quer logo ser milionário? Diz-me, tem sido mal orientada a ocupação da «Terra de Ninguém»?

Luís Miguel levou tempo a responder e ergueu-se, dando algumas passadas.

Lena também se levantou, encostando-se a uma coluna da varanda, com os olhos ao longe ...

Depois, Luís Miguel, virando-se bruscamente, afirmou encolhendo os ombros:

— Nem bem nem mal. Tudo tem corrido ao deus-dará e ao acaso dos lucros comerciais sempre volantes e periclitantes, mesmo nos períodos da máxima prosperidade.

— Li algures — afirmou Lena — que um diplomata francês



do princípio do século XVIII dizia que Portugal era um país em que tudo se fazia por milagre e os Portugueses contavam com eles sem outra garantia mais do que análogas felicidades. Só muito acicatados reagiam ...

— Decerto modo tinha razão. Não vez o que fez o Alto Comissário? Propaganda e mais propaganda, cá e lá. Os vapores despejaram nos portos centenas de homens que nós e outros como nós recolhemos ... Bem os viste em Benguela a dormir no coreto e pelos bancos do jardim. E, no entanto, ele está na razão, quer uma Angola povoada e não uma Angola com milhões de hectares de mato improdutivo. O erro foi a falta de organização. De quem a culpa? Vá-se lá saber! E, se calhar, nem lhe darão tempo nem ajuda para continuar a sua obra e corrigir o que está mal.

— Foi mesmo pena, Luís! Valeu aos imigrantes a caridade da boa gente angolana. Ora, com caridades não se erguem mundos! Criam-se revoltados. Os mundos erguem-se com dinheiro!

— O comércio ufana-se de que tem sido e é afinal o grande cabouqueiro da civilização. Em parte está na verdade, porque Missões há poucas, mas isso não impede o afirmar-se que essa vida não é aquela de que necessitamos ... Pretos e brancos querem viver melhor. E como dar-lhes o melhor se temos tão poucas escolas?

— Aqui seriam necessárias as agrícolas e de artes e ofícios ...

Calaram-se de novo por momentos, mas, de repente, Lena sobressaltou-se.

— Quem será que vem aí?

De facto um automóvel virara da estrada para a residência e logo se retirou para mandar acrescentar o jantar e fazer as camas dos aposentos de Dr. Brito. Aquela hora, quem quer que fosse, não seguiria viagem.

Qual não foi a sua alegria ao voltar, quando deu de cara com o reverendo Padre Freiling, bispo das Missões, e o Padre que os casara, conversando amenamente com o marido.

Beijou a mão do Bispo e apertou a de Padre Moreira alegremente.

Luís Miguel exclamou:

— Até que enfim os temos na nossa casa, Lena! Ficam, não é verdade?

— Já preparei o quarto. Meus pais não estão e terei o maior prazer em os albergar nesta nossa choupana ...

— Choupana? Chama a isto choupana?

Padre Moreira olhou para o venerando companheiro.

— Ficamos sim ... e agradecemos. A jornada é grande e já vimos de além Quando ...

Lena ficou ainda uns momentos ao pé deles, em seguida desapareceu.

«Que figura extraordinária a de Monsenhor Freiling! Tem um ar tão estranho!».

Não era muito alto, mas entroncado, com a cabeça quadrada de germano, testa alta, olhos azuis e penetrantes, muito serenos, e longas barbas bíblicas meio grisalhas. A sua voz soava grave e pausada e o sorriso parecia tão bondoso que se lhe afigurou serem verdadeiras todas as histórias milagrosas que dele contavam.

Passadas duas horas estavam à mesa.

— Sr. Padre Freiling, pode dizer missa amanhã na nossa varanda? Mande prevenir os chefes de quimbo. Muitos não são católicos, mas alguns frequentam a Missão pela Páscoa e terão prazer ... Se nos pudessem mandar um mestre para ensinar esta gente ...

— Quem nos dera! Bem sabem das nossas dificuldades ... Aqui o Padre Moreira muitas vezes faz esforços sobre-humanos para atender todas as povoações. Mesmo de moto, não sei como aguenta!

— Sabemos ... Sabemos ... — ripostou Luís a rir. Tem saúde de ferro! Vejo-o passar e admiro-o. Onde não lhe correu bem a festa foi na Caála ...

Padre Moreira ficou sério.

— Que quer? Os de Silva Porto exigiam à fina força uma homenagem à Virgem. Nós só tínhamos a imagem da missão. Impossível transportá-la de moto e lembrei-me de levar a da Caála, que é pequena. Os habitantes não estiverem pela caridade e quase me iam espatifando ... Se quisessem festas, puxassem pelos cordões à bolsa e mandassem vir uma Nossa Senhora da Metrópole! Aquela era a da Caála ... só deles. Dali não saía. E não houve quem os convencesse ...

Padre Freiling, de olhar ausente, fixou Luís de Lemos por momentos:

— Quanto nos custa esta situação! — Desterrados para o Quando, embora de mais possibilidades agrícolas, não só nos afastaram dos centros urbanos como nos fizeram ter atrasos enormes ... A nossa luta pela cristianização e recristianização dos povos é tremenda ...

— Então foram Vossas Reverências afinal que chegaram primeiro ao Huambo?...

— Não devo afirmar tanto — disse Padre Moreira — nem posso, mas quando o Caminho de Ferro lá chegou, nós já tínhamos erguido a Missão há muito.

— Sabem o que foi a actual sala de jantar do hotel de D. Rosinha? A nossa Igreja. E os quartos de meia-água em volta do jardim, com paredes e telhados de zinco e chão de terra batida, eram as nossas celas. De novo só lá fizeram duas divisões cimentadas e forradas para gente da alta ou doentes ricos.

— E a Granja, que o secretário Pimentel nos mostrou, seria a vossa horta?

— Sim. Fomos nós, os padres, que a cavámos e depois aumentámos com a ajuda dos catecúmenos. Bem vêem ... precisávamos de comer ... Aqui não havia nada ...

— Compreendo agora muita coisa que se me afigurava impossível ... como, por exemplo, as árvores da granja serem mais velhas que a própria sede administrativa.

— O Huambo ainda hoje é pouco mais que uma cidade de lata com rotunda de capim — afirmou Lena. Fui eu que a baptizei em 1916. Cinco anos volvidos, pouco mais tem ... Nem uma capela, nem um quarto para receber os mortos, que vêm do mato nos forgões, nem cemitério murado ... nem uma escola ... Nada!

— A Igreja e a escola foram desterradas para muitos quilómetros de distância! — disse Padre Moreira ...

— Há que lutar, meus amigos, lutar sempre pelo triunfo da Fé e da cultura. Um dia ... Deus abrirá os olhos aos homens ... e o Seu reino triunfará também neste planalto ... — exclamou o bispo.

— Oxalá não seja tarde demais! — acrescentou Luís de Lemos.

Padre Freiling parecia um profeta. Ficou-se extático, como se tivesse à frente das pupilas alguma visão extraordinária do futuro.

Ninguém o perturbou, mas, por fim, voltando à terra, ergueu-se e puxou do breviário.

A tarde caía, uma tarde serena e povoada de trilos ... Todos se sentiam emocionados.

\*

Desde que se casara, Lena nunca mais fora à Igreja e, agora, a certeza de que teria oportunidade de ouvir missa e serem abençoados, mesmo o ser pequenino que trazia em seu seio, enchia-a de alegria.

— Obrigada, meu Deus! — pensou — por tudo quanto nos dais, de bom e de mau ... Obrigada!

No seu íntimo, sentia alvoroço tamanho que, já no quarto, abraçou o marido.

— Não é que esta vinda de Padre Freiling e a sua bênção darão à nossa casa e ao nosso trabalho um sentido mais nobre?

— A nobreza está dentro de nós, Lena!

Foram poucas as suas palavras em face da exuberância dela, mas tão firmes e pausadas que lhe avassalaram o coração. Calou-se.

Depois, passados alguns minutos, continuou: — Que diferença entre a vibração que sentimos aqui no meio do mato e a quase indiferença do hábito na Europa! Até nos transparece mais a grandeza de Deus ... e da Sua criação!

No dia seguinte, às oito horas, já Lena tinha armado o lugar do altar portátil com profusão de flores.

Padre Freiling disse a missa, ajudado pelo Reverendo Moreira.

A frente da casa, centenas de famílias pretas e os empregados brancos assistiam em silêncio respeitoso ao acto solene. Luís e Lena colocaram-se à frente da multidão.

Depois, Padre Freiling disse algumas palavras em português e continuou a prática em ambundo, para que todos o percebessem.

O momento da Consagração foi de elevada solenidade. Todos ajoelhados, patrões, empregados e trabalhadores, ao lado uns dos outros, sentiam que qualquer coisa de grande se estava a passar sobre os dois morros do Catenguenha onde Cristo ia descer pela primeira vez para abençoar os homens e as coisas.

Um frémito de paz passava no ar e enchia o peito daquelas gentes.

Era bem certo, «nem só de pão vive o homem»!...

No fim, o Bispo pegou no crucifixo que tinha ao peito e fez com ele o sinal da cruz sobre o povo em silêncio.

Após o pequeno almoço, os dois padres quiseram cumpri-

mentar os chefes da terra e os empregados, apertando-lhes cordialmente as mãos, mas, logo a seguir, partiram.

— Boa viagem!

— Obrigados!

— Obrigados nós! Cá os esperamos outra vez!

Luís abriu-se ao ouvir Lena a fazer projectos sobre projectos para a cristianização do pessoal e a construção de uma capela ou sala-escola.

— Mesmo a mais pura das verdades, quando imposta com violência a outros, torna-se pecado contra o espírito. A convicção é livre e o fanatismo desta gente torna as almas indiferentes e cegas para os valores morais ... Só pouco a pouco e com muita paciência conseguirás alguma coisa, se desaparecer a influência dos feiticeiros com seus feitiços ...

Quanto à escola, construí-la-emos brevemente.

Passados meses, o telégrafo do Mato fez correr de novo vozes agitadoras e nas sanzalas lavrava grosso burburinho.

Que vinha aí outra coisa!... — diziam. Outra coisa! Mas, desta vez, favorável ao preto, porque o branco não poderia obrigar ninguém a pegar na enxada.

A confusão foi de tal ordem e o mal-estar tão grande que os administradores, interpretando errôneamente e à sua maneira as ordens do Alto, respondiam, esfregando as mãos como Pilatos, a quem muito aflito os consultava:

— Manda quem pode e a lei é a lei! Se não quiserem trabalhar ... adiante!

— Adiante?!!! Então, para que gastaram tanto dinheiro na propaganda agrícola ultramarina?

Houve mesmo um que gritava da janela do comboio às turbas: — Vocês trabalham se quiserem! O trabalho é livre!

E, por Angola toda, foi um clamor de desespero.

Em dois, três meses, estabeleceu-se o pânico.

Os fazendeiros, dobrados pelo desânimo, abandonaram o pedaço de terra arroteada e cavada muitas vezes com as próprias mãos e onde tinham sido felizes e deixavam o coração.

Que dor tamanha!

Nos campos libertos da enxada, as ervas ruins invadiam

tudo e as casas, muito frágeis, ficaram entregues à salalé. A floresta fez o resto.

Mantida a distância durante anos consecutivos pelo trabalho do homem e da charrua, avançou triunfante pelos pequenos casais dispersos.

Era fácil reconquistar terras mimadas!

Mas nem todos renunciaram. A renúncia pertence aos fracos que não medem as graves consequências dela.

Os mais fortes enterraram os pés na terra sólidamente e ergueram a fronte altiva, procurando resistir ao vendaval. De punhos apertados e raiva na alma, ficaram.

Luís Miguel era dos que se encrustam e foi tirar-se de dúvidas, porque os poucos contratados que tinha ao serviço, certos da impunidade, haviam fugido.

Já mal continham os Catenguenhas, agarrados ao prestígio do patrão ou com medo de alguma vingança. Mas, no seu arrganho, iam dizendo alto e bom som:

— «Preto é hómi! O branco que trabalhe êli!»

Na volta, Luís foi rodeado pelos empregados ansiosos de notícias.

— Que há? Resolveram alguma coisa? Daqui a pouco nem para pastores arranjamos!

— Olha, patrão onde está meu frênti do charrua? Fugiu!

E Constantino e Manuel Capataz, furiosos davam largas ao seu desespero:

— Estão doidos! Tudo doido! Que fazer, Sr. Luís?

— Que fazer? Nada! — É deixar passar a onda! Quem quiser uma cabaça de água que vá buscá-la ao Sanhanha.

Reuniu-os em concílio e procurou acalmar os ânimos.

— Primeiro devemos suspender o resto das obras e depois arregaçar as mangas no trabalho das colheitas. Mestre Águas facilmente arranjará ocupação em Benguela.

E, daí em diante, patrão e empregados multiplicaram-se ante a perspectiva de perderem o que tinham semeado. Só Dr. Brito,

chegado do litoral ao primeiro alarme, perdia um pouco a cabeça.

— E fomos nós apaixonar-nos pela terra! Gastar aqui o nosso tempo e o nosso rico dinheirinho!

Na presença das senhoras, desabafava a sua cólera em altos berros:

— Anda tudo maluco! Tudo maluco!

— Ainda é cedo para deitar os braços abaixo! — exclamou Luís de Lemos, uma manhã, já enervado. Temos que apaziguar humanamente. A persistência no erro não é combatividade que subsista. A nós cabe mantermos vertical a dignidade de homens livres que somos. Acima de qualquer política, está a Nação.

Porém, de aí em diante, os dias correram mais tristes.

Enquanto os fazendeiros estoiravam de dor, o comércio gritava bem alto a sua petulância:

— Que não fossem parvos! Bem lhes dissemos ... Agora, aguentem!

No comércio havia os novos-ricos e na lavoura os novos-párias.

Constantino, com meia-dúzia de cambongas, percorria as plantações tapando buracos aqui e além; Lopes, sem pessoal, entretinha-se a vigiar os milharais de espingarda ao ombro e os capatazes das feitorias dormiam descansados nas palhotas. Mal o decreto 40 saiu, nem um só preto válido se apresentou ao serviço. Luís Miguel deu ordem para soltarem o gado sobre os campos em pousio.

Pairavam no ar nuvens negras. Parecia que um furacão se aproximava rapidamente ..., e após ele, ficaria só o silêncio das grandes calamidades ...

O milho, mais que pronto, tombava; a batata, quase toda ainda debaixo da terra, apodrecia; as abóboras, estendidas ao sol, abriam fendas e os frutos caíam inutilizados. Sobre tudo o trigo de sequeiro, uma experiência feita com semente do Cabo, estava perdido, todo ele gelado dentro das praganas.

Lena, já bastante pesada, procurava animar uns e outros, mas também ela se sentia abatida.

Ali estavam os resultados de semelhantes medidas: prejuízos sem conta para a lavoura e prejuízos sem conta para a própria Província. Porque não era só a Fazenda Súmi que sofria mas todos aqueles que tinham desbravado terra e também os pretos. As soldadas haviam-lhes proporcionado vida melhor e mais folgada. Poderiam de princípio não sentir, porque tinham guardado reservas de notas dentro de garrafas bem arrolhadas. Mas depois...

— Deixassem ao menos colher o que as lavras dessem!

— As batalhas vencem-se dentro dos corações, Dr.! — afirmou Luís sem recriminar ninguém. Mas, já farto de esperar que os serviços se apresentassem na forma, mandou chamar os séculos.

Em vão.

Decidiu, pois, ir ele próprio aos quimbos sem arma nem pau, certo da sua justiça.

Sacoiota, ao vê-lo, saiu do jango. Era um homem atarracado, de ventre escorrido, pernas secas e rijas e com a calvície atingindo a carapinha já pintalgada de branco.

Caminhava com imponência e o pano farto caía-lhe da cinta às pregas. A pele de leopardo atestava fidalguia.

Parou a três passos do branco, fixando-o com as pupilas vivas que diziam da sua sagacidade.

Luís de Lemos, muito calmo e em voz firme para que todos o ouvissem, disse-lhe:

— Ajudei-te em todas as tuas aflições, respeitei-te e mantive o respeito na tua terra. Eu e a minha mulher fizemos construir a tua casa e a dos outros séculos. Ela ensina os teus filhos e netos, enquanto não vem um mestre da Missão. Pois fica sabendo que, se não vier gente e nós perdermos tudo o que temos, terás de te haver comigo!

Virou costas lentamente, morro abaixo, sem se voltar sequer.

Sacoiota correu atrás dele.

— Olha Luís, tu tens toda a razão, mas não te zangues porque eles também me não obedecem a mim. Que queres? São meus filhos e respondem-me que vá eu fazer o serviço, O Mueneputo<sup>1</sup> manda descansar no quimbo... Sem as mulheres, morreríamos todos à fome.

O poder da palavra tem grande peso sobre as consciências, se exprime verdades puras.

No dia seguinte apresentaram-se na forma alguns homens e uma dúzia de rapazitos e foi com eles que se apanharam as espigas de milho, ficando a palha na terra, a apodrecer...

Sem pessoal bastante, a fazenda estagnava. Luís procurou atrair mais gente, fornecendo dinheiro a crédito para o imposto. Mas os voluntários não resolviam, só por si, todos os problemas.

Nem mais um pau fora deitado abaixo, nem mais uma árvore plantada, e os empregados queriam os seus ordenados no fim do mês, as despesas gerais eram cada vez maiores e os fornecimentos de rancho periódicos e certos.

Ao fim do dia, quando Lena fazia as contas, ficava-se a olhar as páginas do «Deve» com as pupilas esgazeadas ante as cifras que se avolumavam assustadoramente e sem contrapartida no «Haver».

Em face da crise, Luís resolveu também fechar a feitoria da Mupa e o pessoal que lá havia recolheu à sede.

Conseguiu, assim, reunir uns dez homens que iriam desbravar terra para café.

Joaquim Neves tomaria conta do trabalho daí o oito dias, logo após as colheitas quase no fim.

<sup>1</sup> Mueneputo — o Governo.

Quimbares<sup>2</sup> e serviçais, brancos e mulatos davam tudo por tudo. Era preciso salvar o máximo da derrocada, porque, salvando-o, salvavam-se a si próprios. Trabalhavam pois sem contar as horas, com dedicação espantosa. Só ele, Neves, ao contrário dos outros, andava de má vontade. Não falava com ninguém, sempre macambúzio e repontando por tudo e por nada. Além disso, Constantino foi prevenido por Manuel Capataz e dois serviçais de que o tinham visto perto do moinho a mergulhar na água um machadinho de cabo curto usado pelos pretos na defesa ou ataque.

Que magicaria ele?

Ficaram intrigados e traziam-no debaixo de olho. Depois, chegado o dia de tomar conta do serviço, recusou-se terminantemente a obedecer.

Lena e o marido andavam a observar o café debaixo dos túneis de bananeiras, quando Constantino veio chamar.

— O Sr. pode vir ao lugar do trabalho? O Neves não quer tomar conta dos homens na derruba.

Estava nervoso e irritado.

— Espera aqui um momento! — disse Luís Miguel para a companheira. Se não trabalhar, mando-o embora!

Lena, porém, ficou suspensa. Depois, ao vê-lo desaparecer gritou:

— Cautela! Aquele olhar não engana! É traiçoeiro ...

Estava parada, de ouvido alerta ...

Neves, de olhos turvos ao lado da fila dos homens que o observavam, falou com arrogância.

Fora para a feitoria e queria voltar para lá.

— Fazer o quê, não me diz? Dormir de papo para o ar?

— Aqui não fico, nem obedeco às ordens de Constantino.

— Homem, você parece que não está bom!... Que quer então fazer? — perguntou Luís Miguel conciliador.

<sup>2</sup> Quimbar — preto civilizado, vivendo à maneira europeia.

— Não fico. Já disse!

— Que grande leria, não haja dúvida! — E quem lhe dará de comer? Quem paga os contos gastos na passagem para cá e para lhe matar a fome? É esta a sua gratidão?

E, como ele não respondesse, finalizou:

— Se não quer este serviço, olhe, ponha-se a andar! Na casa não fica.

Neves avançou rápido, de machadinho aguçado ao alto. Valeu a Luís ser ágil e erguer o braço na defesa. O cabo do machado saltou em pedaços, mas ainda feriu bastante o patrão na mão e no pulso. Depois, ao ver-se desarmado, largou a fugir mato fora numa correria doida e aos saltos.

O medo tem asas, mas atrás dele, com berraria infernal, seguiram os dez lenhadores, furiosos e indignados. De repente, porém, o homem desapareceu misteriosamente. Só tinham encontrado uma das botas, que ele perdera na força da fuga.

— Cuata!<sup>3</sup> Cuata! — berravam, fazendo largo cerco e batendo moita por moita:

— Cuata! Cuata!

Já desesperavam, quando um deles o avistou no cocuruto de uma samba.

Parecia impossível! Ninguém o vira trepar.

— Anda cá para baixo, «malandro»!

— Anda assassino!

Eram tais os gritos que muitos outros pretos se juntaram na caça ao branco. O barulho era atordoador e Lena, alarmada, desatou também a correr como doida para o lado donde vinham as vozes. Já via o marido caído e morto.

Manuel Capataz, de porrinho na mão e sem mais aquelas, marinhou num ápice pela árvore, intimidando-o:

— Ou você desce imediatamente ou atiro-lhe a moca à cabeça. É já! Os outros farão o resto!

<sup>3</sup> Cuata — agarra.



Neves teve medo e desceram ambos.

Lena, sempre correndo, foi atrás do barulho até perto do moinho. Deu de cara com Neves de joelhos, a pedir que lhe soltassem os dedos e o marido sangrando da mão, mas vivo.

—Vivo! Vivo! E, já sem forças, sentou-se no chão toda a tremer.

Os serviçais tinham amarrado Neves à sua moda, atando atrás das costas os dois polegares com fios de tripa seca.

— Alivia-o, Luís! — clamou Lena. E não pôde dizer mais nada, tal a comoção.

Luís Miguel mandou levar Joaquim Neves para o armazém e amparou-a lentamente até casa.

No dia seguinte, com Constantino e Lopes, levaram-no à Caála por ser mais perto.

Ali, as autoridades não o quiseram receber, porque não havia cadeia. Era tudo gente pacífica e tinham medo.

Então seguiram para o Lepi, no comboio que vinha do Huambo, e também aí não houve maneira de o entregar à justiça.

— Como é que querem que fiquemos com um facínora desse quilate? Onde metê-lo? Levem-no para Benguela!

Já fartos, compraram um bilhete e entregaram-lho, dizendo Constantino:

— Livre-se de nos aparecer na fazenda ou no meio do mato. Atiramos-lhe como quem atira a uma fera. Os pretos na mesma.

A povoação inteira tinha vindo assistir à largada.

No último momento. Neves, sempre de olhar baixo, não queria andar. Obrigaram-no a subir para a carruagem.

— Que alívio! — disseram todos — Que alívio! E, nesse mesmo dia, partiram de volta para a Caála e da Caála para o Catenguenha.

A meia-noite estavam em casa.

— Ora esta! — disse Luís Miguel, ao chegar. Ninguém

quis receber o Neves. Bem se vê que estamos em terras pacíficas ... Não há criminosos!...

Comboio abaixo, comboio acima, não se falou doutra coisa durante muito tempo. O homem, porém, tinha realmente desaparecido da região. Ninguém mais o viu.

Entretanto, as dificuldades eram cada vez maiores.

Não havia direito de se fazer uma lei tão injusta como aquela. Caminhava-se abertamente para a ruína.

Por outro lado, a loja, que amparava tanto, não fazia nada, porque no Huambo e na Caála os comerciantes ricos pagavam, em concorrência, preços proibitivos e ainda por cima davam «tingos»<sup>4</sup> altos aos condutores das comitivas.

A loja tinha sido montada para vender mais barato ao pessoal quer branco quer preto. Era uma espécie de cooperativa. Não comprando nada por fora, nem dava para o ordenado do empregado.

Chegava a ser vergonhoso. Cambolavam<sup>5</sup> o negócio uns aos outros e punham-se à porta das lojas mostrando as mercadorias e chamando os pretos.

— Parem aqui! — diziam. Eu tenho melhores fazendas e dou tingo de facas e catanas.

Um, mesmo, mais pobre, dissera, berrando desesperadamente, que ainda não tinha comido naquele dia...

Verdade? Mentira? Era o que espalhavam...

A febre dos negócios aumentava. Só se ouvia falar em dezenas, centenas, milhares de contos ganhos a rolar fardos de uma casa para a outra. Um taberneiro naufragado, do Huambo, ganhara em 15 dias, no hotel Suíço, uma fortuna fabulosa. Estava a dar cartas em Benguela e levantava no Banco centenas de contos.

<sup>4</sup> Tingos — presentes.

<sup>5</sup> Cambolar — tirar os fregueses. Expressão do antigo comércio, no tempo da borracha.

E Dr. Brito, que sabia a fazenda quase parada e os encargos a aumentarem, escreveu ao genro para que fosse até ao litoral.

«Lena precisa de sair daí, onde não há recursos para a vinda ao mundo do meu primeiro neto. Demais a mais, tenho saudades dela. A Maria também precisa de a ver. Que venha, pois, por aí abaixo, tomar ar civilizado. Temos muito que falar ...

A viagem organizou-se e Lena rejubilava. Após seis longos anos de mato, o contacto com a civilização atraía-a. Entraria na cidade pelo braço do marido, orgulhosa e feliz de o poder, enfim, mostrar à sociedade.

Chica ajudava-a.

— Que bom, senhora! Nunca vi a Combaca ...

E Lena, que necessitava de abrir o coração, conversava com a rapariga como com uma irmã.

— Vais gostar, Chica. A cidade há-de parecer-te muito grande ... E contava-lhe coisas dos brancos, das casas, das ruas e do mar.

Oh! O mar! Que saudades! Era quase uma obcecção: as águas em movimento, rolando e quebrando, rolando e quebrando ...

— E não tens pena de deixar a tua terra, Chica? Os teus parentes? — perguntou.

— Não, senhora. Para onde tu fores, vou eu!

la e vinha, trazendo braçadas de roupinhas feitas por Lena ou frascos de perfume e pó para o bebé.

— Eu aqui não fico, senhora, insistiu novamente com uma firmeza de estranhar. Não fico!

Atemorizava-a a ideia de ser exposta à vingança do homem que abandonara e atirou-se ao chão, acariciando os pés de Lena com ambas as mãos.

— Senhora, tu levas-me? Não me deixas ficar?  
Chorava.

— Descansa, Chica, já te disse que vais!

Ergueu-a.

— Não quero que ajoelhes à minha frente; não quero, ouviste?

Então, a negra pôs-se a dançar e a cantar no meio do quarto.

Lena cada vez mais se espantava da dedicação daquela criatura que lhe aparecera assim de repente. E nunca outra tivera para com ela tanto carinho e bondade.

A viagem foi fixada para o sábado seguinte e logo cedo os carregadores se apresentaram à frente da casa com as tipóias ao ombro. As estradas estavam cortadas pelas enxurradas.

João Cozinheiro, Barraca e Capusso vieram despedir-se e Lena apareceu na varanda, já de luvas, saca na mão e gorro.

Mesmo com indumentária fora de moda, sentia-se outra, integrada nos hábitos duma sociedade que perdera.

No entanto, agitava-a grande ansiedade...

Deitou um último olhar para a casa sem compreender bem o que a comovia. Talvez receio de a perder, talvez cobardia perante o perigo... Talvez... Ou vergonha de se apresentar daquela maneira antiquada? Que importava?

Depois, desceu lentamente as escadas ao encontro do marido, que observava Constantino e Lopes passando revista ao cordame da Tipóia.

Apertou a mão a todos com um nó na garganta e deitou-se na rede.

— Obrigada! Obrigada! E até breve!

As tipóias partiram no meio de grande barbaréu, cantares, gritos e assobiós.

Quanto custava deixar aqueles lugares de paz e felicidade! Já afastados, e ainda se viam chapéus e mãos no ar.

Luís ia a pé.

— Quero conhecer bem as terras por estes lados! — afirmou, ao levantar a cortina de Lena. Mas, no fundo, o que o preocupava era aquela criaturinha frágil, razão da sua vida. Todo o cuidado era pouco. Não podia arriscá-la aos solavancos bruscos ou a alguma queda inesperada.

Estava sempre a deitar a mão ao bambu, a ajudar ...

— Como vai isso? — perguntou.

Ela sorriu-se ternamente:

— Bem, muito bem!

Do outro lado, Chica amparava-a.

Os seus grandes olhos fixavam-se, cheios de solicitude na amiga branca.

— Chiua, muene<sup>1</sup>, Chiua, muene! — dizia.

E era tão bom sentir-se amada! Tão bom!

É o carinho e a tranquilidade de consciência que nos tornam felizes.

Duas horas mais tarde, chegaram sãos e salvos à Caála.

Esperava-os o Sr. Rego, velho amigo africanista, que logo abriu os braços a Luís, beijando em seguida Lena.

— Sejam bem-vindos, meninos! — disse e, após os cumprimentos, já a caminho do armazém, enquanto não chegava o comboio, veio uma conversa pegada sobre a fraca colheita de cereais e feijão.

Lena riu-se.

— Também, em Angola, não se fala noutra coisa. Por toda a parte onde dois homens se juntam, o fundo das conversas é o mesmo: fuba, feijão e milho, milho, feijão e fuba!

O Sr. Rego encolheu os ombros, ripostando às gargalhadas:

— Minha menina, do milho é que sai tudo! Já pensaste, por acaso, que o teu filho há-de comer e viver dele e um dia ser Dr. à sua custa? Já pensaste bem nisso? Responde agora, anda!

<sup>1</sup> *China, muene* — bom, mesmo.

Lena muito ruborizada silenciou.

— É assim mesmo. O milho, a fuba e o feijão são a grande riqueza deste planalto.

— E de cotações, como vamos? — perguntou Luís.

— Cada vez pior!

Desandou a chave da porta e foi à secretária buscar montes de papéis.

— Vem ver! Comprei a última remessa de fazendas por trinta contos. Fiz a permuta e ganhei uns cinco. Pois esta, que veio agora, com as mesmas fazendas e a mesma quantidade, já me custou o preço da primeira mais os lucros e ainda um bom par de notas que juntei. Queres melhor? Isto é, tenho em minha casa valor nominal superior, mas muito menos mercadoria em realidade.

— Os Srs. nunca se perdem!

— Estás muito enganado e também te digo que, se isto continua assim, chego a ponto de não comprar nem uma só peça com o primitivo dinheiro. Olha que não é fantasia. Movimento centenas de contos com qualquer porcaria para venda ao preto e ao branco, mas quero educar os filhos e fazer umas obras nesta casa que está a cair como vêm, e não consigo pôr de lado seja o que for sem desequilibrar as finanças. É isto e só isto: um comércio falso que nos ilude com as cifras, e nos há-de aniquilar um dia.

Luís de Lemos concordou em absoluto com o pensar sensato do velho sertanejo. Ele é que estava na verdade, Mas ... fossem lá dizer isso em público!

— Até nos enforcavam! — ripostou o Sr. Rego. Porque nesta desorientação é que se fazem fortunas relâmpago. Tudo questão de arrojo e audácia! Nada mais. Os aventureiros surgem, de repente, em Benguela. Do Mato ou de alguma tabernóida falida qualquer. E vivem com suas artimanhas. À custa de quem? Dos que, como eu, durante anos e anos acumularam atrás do balcão um pequeno pecúlio. Cafuso ou Zé Calcinhas ins-

tala-se no melhor hotel da cidade com meia-dúzia de patacos no bolso. E aqui começa a traulhice — ou como lhe quiserem chamar. Vai a uma companhia e propõe a compra de grande lote de mercadorias com a maior das sem cerimónias. Traja bom fato, é bem falante e fixa preços, pedindo reserva de três dias. Depois, sai dali e vai propor a venda a outra grande casa, porque sabe que as fazendas vão subir 30%. Mete a unha nos preços e vende o que comprou sem gastar vintém. Daí apresenta-se de novo ao vendedor e entrega o sinal recebido. Passa letras pelo resto e, no mesmo dia, tudo é rolado para o armazém comprador. Ao fim de noventa dias, as letras de um pagam as do outro e o lucro de vinte e cinco por cento, pelo menos, fica no bolso. Não acredita, Luís? Pois olha que é assim mesmo e ainda se dão ares de grandes comerciantes...

— Fosse eu ou o senhor fazer o mesmo!

— Corriam connosco! O banco corria-nos!...

— Alguma coisa escura deve haver nestas trocas e baldrocas ...

Mas já o Sr. Rego se levantava arrastando os pés pelo armazém e fazendo tilintar o molho das chaves:

— São horas! Vamos para a estação!

Luís Miguel fixou o seu corpanzil balofo e em plena decadência.

Quem poderia ver nele o homem elegante doutros tempos, muito viajado por toda a Europa? Tinha quarenta anos de permanência em Angola e fora dos grandes da borracha, na Catumbela. Tivera, depois, uma bela fazenda para os lados da Hanha do Norte e nem assim se salvara. Abandonou-a aos credores, passados dois anos, e caiu naquele triste boqueirão da compra e venda ao preto.

Resignara-se com a mesquinhez da sua sorte, mas conservava ainda aquele ar aprumado de bom fidalgo, no meio da filharada mulata, que não podia mandar educar e não chegava a compreendê-lo.

— O Mato tem destes contrastes! — disse Luís Miguel, ao encaminhar-se para o «bungalow» da companhia do Caminho de Ferro. E quem não tiver força moral para se manter civilizado no meio da selva, cafrealiza-se.

— Felizmente o Sr. Rego faz excepção!

— Faz, porque a África educa e redime muitas culpas, mas também leva alguns às maiores baixezas e degradações. Bem sabes.

Enquanto o Sr. Rego fechava as portas, Luís recordou uma jornada em que, a caminho da Ganda para Caconda, fora encontrar um homem bastante culto a vender vinho aos pretos numa taberna miserável e ele próprio bêbado a cair. Buscaria a felicidade no álcool?

Lena, a quem ele transmitiu o seu pensamento, deu um exemplo heróico.

— Conheces a Éma Sampaio?

— De nome ...

— Imagina que o pai era riquíssimo. Ela e as irmãs andavam sempre carregadas de brilhantes. Muitas vezes nos reunimos no palácio do Governo, para desafios de ténis. Vestia bem e era formosíssima. A mais linda mulatinha que vi por aquelas paragens. Pois bem, casou. Luxo e mais luxo, passeios e mais passeios; bailes todas as semanas ... Até que a vida começou a desandar ... O marido, gerente e dono de uma grande fazenda, lutou em vão contra todos os infortúnios ... Pois aquela boneca, pintada, frisada, cheia de mimo e habituadinha a todo o conforto, viu-se no meio da floresta sem vintém. E a selva fê-la desempoeirada. Foi ali a portuguesa, companheira do português, livre de preconceitos e cingida às mais duras necessidades. Até panos vendeu a metro, até vinho e azeite de palma mediu ...

— E não perdeu a dignidade com isso! — atalhou o marido. Para cá do Equador, acabam todas as toleimas. Permanece tão somente a ideia de trabalhar e construir e de todos sermos

irmãos. Herói não é só o homem a batalhar com armas na mão. Também o trabalho pode ser heróico, o espírito, uma ideia. E sem heroísmo, quem resistiria à fúria da vida? E ela é tão poderosa, tão dura! A cavar somos heróis.

— Mesmo entre os pretos — atalhou Lena. — é extraordinário como se ajudam! Além disso, pessoas que na Metrópole nós desejaríamos evitar, recebemo-las em nossa casa com todas as honras e com a intimidade que em qualquer outro continente lhe negaríamos.

— Aqui, só a coragem moral e o trabalho valem! — acrescentou Luís Miguel.

— E o dinheiro? — perguntou Lena.

— Claro, claro! Sem dinheiro, nada se faz ...

Riram-se.

Mas já na curva surgia a máquina fumegante e o Sr. Rego, esbaforido, ia de grupo em grupo distribuindo abraços. Brancos e pretos irmanavam-se na mesma febre e impaciência.

Depois, o monstro estacou, chocalhando as ferragens, para receber os vagões de trinta e cinco toneladas carregados com pilhas de sacos.

— Fuba, feijão e milho! Milho, feijão e fuba! — pensou Lena.

Já dentro da carruagem apertaram de novo a mão ao Sr. Rego.

— Obrigado! Voltaremos breve!

— Boa viagem!

Puseram-se a olhar a vilazinha caiada e risonha em meio de matagal imenso.

Vilazinha! Quando muito pequena aldeia!

Depois, a máquina apitou e o comboio pôs-se de novo em marcha, através de dambas e plainos extensos, muito pobres de vegetação.

— Pouca terra! Pouca terra! Pouca terra! — parecia dizer. Pouca terra?!...

Ela era imensa!...

Pouca terra! Pouca terra!...

Que ironia! Muita terra, muita terra! Muita terra!

A máquina devastara o mato queimando-o, qual outro Moloch insaciável. Matas extensas de um lado e outro da linha tinham sido devoradas no seu monstruoso ventre.

A tardinha, Luís e Lena saíram para o fundo do vagão-cama, uma varandinha com um banco, onde os passageiros vinham tomar ar.

Sentaram-se ali, os dois sòzinhos.

Em silêncio, fixavam a vegetação rapada que ao longe se ia encrespando em matas claras até aos píncaros mais elevados.

De vez em quando, o comboio atravessava rios e riachos, passando através de dambas extensas. Surgiam também plainos dos altos, amarelados uns e vermelho-vivo outros, a perder de vista ... Parecia pedirem tractores na sua desoladora nudez. E mesmo as sambas, acácias sem valor calórico e que nalgumas regiões pareciam gigantescos «sombremos», ao longo da linha férrea tornavam-se em arvoretas mirradas de formas estranhas e tortuosas.

O comboio rolava e rolava e, de repente, erguiam-se monólitos de granito, agigantados e lambidos pelo vento e pelas chuvas ou então inúmeros morros de salalé, de cimos aguçados que mais pareciam ruínas de deserto beduim.

Eram visões fantásticas que as pupilas de ambos iam fixando, de mundos derrotados pelo homem para alimentar a máquina e que já tinham sido grandes e belos.

A máquina! Devorava lenhas e distâncias, apitava e tornava a apitar, nas curvas e contra-curvas, nas descidas vertiginosas, e nas subidas, abanando-os e chocalhando-os terrivelmente.

E os montes sucediam-se aos montes, baixas a outras baixas, florestas a outras florestas, até ao horizonte, escuras, claras, claras, escuras ...

De longe em longe, na imensidão do verde, uma estação-zita ou apeadeiro, com pequenos lugarejos esbranquiçados, alegravam e aliviavam a alma da monotonia.

— Não é que estas três ou quatro casas caiadas, com flores em volta, mesmo cobertas a capim, animam a paisagem?

— Pois animam! — respondia Lena distraída e metendo o braço no braço do companheiro, como que à procura de amparo. Tens reparado que algumas estão abandonadas? Faz pena, Luís, muita, muita pena ...

— Que queres? Nem todos se aguentam na borrasca ... e os pretos fogem da linha ... vivem à sua maneira ...

\*

A chegada ao Lépi, Luís de Lemos desceu para o cais. Havia ansiedade nos rostos.

— Que há? — perguntou-lhe um velhote, mesmo sem o conhecer. O milho subiu mais? E as fazendas? Diga-nos alguma coisa, se faz favor!

— Que lhe hei-de eu dizer? Estou como você. Venho do mato e vou às vozes ...

— Olhe, meu amigo, quase nem vale a pena negociar. Parado, ganha-se mais!

— Também digo! Feche o tasco!

A máquina apitou e todos correram para as portinholas.

— Adeus! Coragem! Nada de desânimos!...

— Até à volta! Cá estarei!

E o velho pôs-se a sacudir o chapéu com frenesim!

Lena ficara-se a olhar um vale profundo à esquerda, com toijas de bananeiras viçosas. Devia ser também uma fazenda.

A direita, o Palácio do Alto, ainda em esqueleto, ia resistindo às intempéries.

— Adeus! Adeus!

A passagem do comboio era quase uma festa para aquela

gente isolada dos grandes centros. Acenavam, gritando as últimas recomendações:

— Saibam lá isso! Digam alguma coisa cá p'ra cima. Olhe lá, não esqueça! Adeus! Adeus!

E de novo o apito ou a gaita e o comboio a rolar ... Mato e mais mato, seguido, triste e sem vida humana, — a «Terra de Ninguém», só dos bichos.

Na Babaera, foram ver as macieiras. Toda a gente falava nelas como se fossem a maior maravilha do mundo. E, ali, eram. Davam esperança.

— Talvez os habitantes se entusiassem com a beleza das árvorezinhas e dos pequenos frutos e plantem mais ... muitas mais ... disse Luís Miguel.

Novo apito a chamar, a gaita na boca do chefe e continuaram rolando e rolando ...

Pouca terra, pouca terra!

Muita terra! Muita terra!

— Sabes o que era a «Terra de Ninguém»? — perguntou Luís Miguel.

— É esta.

— Não. Esta pertence ao Caminho de Ferro. «A Terra de Ninguém» foi outra, na Grande Guerra e entre duas trincheiras inimigas, queimada pelo fogo dos canhões e matraqueada pelas granadas de mão e metralhadoras.

— Como é imenso o Mato — exclamou Lena.

Calaram-se em êxtase. E o comboio, rolando e rolando, sempre da curva para a recta, da recta para a curva, rangendo e apitando ...

Galgava subidas, morros, trincheiras, pontes, colinas e plainos verdes. E sempre só mato, a perder de vista, mato, mato! Até que a noite chegou, e as moitas se foram tornando maiores, mais sombrias e ameaçadoras. Por fim, a escuridão cobriu tudo.

Foram para dentro.



Nas carruagens, jogava-se forte. Centenas, milhares de escudos em vales assinados eram atirados sobre as pequenas mesas perto das janelas. Gente conhecida do alto comércio, esbofada por aquele vício... e pelo calor.

Os assuntos das conversas tinham uma única paixão, a permuta que dinamizava brancos e pretos e a subida dos preços.

— Você não imagina — afirmou um dos homens, batido na traficância há mais de trinta anos — tudo mudou desde que saiu do Cubal. Nem sei de onde vem tanto dinheiro e onde os pretos o aferrolham. Já se faz sentir a falta de trocos. O que vale são os nórtons<sup>2</sup>. É para aí uma risota com eles. Conforme saem do banco em maços assim os rolam de mão em mão. Todos confiam e ninguém tem paciência para os contar. Nem tempo. Este meu amigo — e apontou para o sujeito ao lado — leva dois pacotes para comprar um automóvel. Bem tolo é você em se conservar agarrado à terra.

Lena acabou por se deitar, mesmo vestida. Havia quatro ou cinco anos que não via Benguela. Estava morta por chegar e adormeceu sonhando com o ente querido que já sentia no ventre aos sacões. Enternecia-a a ideia de ter um filho gerado no Mato.

Como não ter amor ao Súmi, onde o sentimento da maternidade criara aquele outro da compreensão de todas as angústias e anseios da selva? Dali em diante, nem que seu marido se ausentasse da fazenda por semanas, teria aquele ser pequenino a fazer-lhe companhia. Ensinar-lhe-ia a palavra Mato.

Pois não fora lá que encontrara a felicidade?

E com aquele embalo e a música plangente dos ferros misturada aos apitos agudos e rancos surdos, adormeceu levando para além da vida real a imagem adorada do filho.

<sup>2</sup> Nórtons — notas que Nórton de Matos mandou fazer porque não havia trocos. Os trocos já estavam a ser pagos com vales.

Lena acordou já dia alto e correu as cortinas. Chamou depois o empregado, que trouxe café e torradas.

Luís também se aprontou rapidamente e desceu as malas.

— Estamos a chegar — disse. Dormiste alguma coisa?

— Se dormi! Mas agora, com este barulho...

Desciam a gramalheira.

Abriram a janela e ambos se puseram a olhar, fascinados, para o enorme precipício.

Os fragedos rolados até ao fundo das areias do Cavaco, ou suspensos no ar, e as escarpas íngremes de uma aridez dantesca, além do calor de fornalha, confrangiam.

— Que terra tão feia! — exclamou Lena. Nem sei como se possa viver aqui.

— Quem precisa, vive nem que seja no inferno...

O comboio ia abrandando a marcha. Por fim, parou na estação do Lengue.

Os mesmos morros escavados, de um lado e outro do «bungalow» ferroviário. Na varanda, uma branca de lenço amarrado na nuca e de borrifador na mão regava tufos de convólulos azuis e cor-de-rosa, único ponto alegre da paisagem.

Lena olhava-a com interesse.

O chefe da estação e outro empregado arrastavam-se molemente, dando ordens:

— É mudar de máquina, então!

— Toca a andar!

Depois, um assobio estrídulo ... uma corneta a responder ... e começaram a rolar velozmente, agora pela planície. Ao longe, estava o mar ...

Da terra requeimada, levantavam-se espessas nuvens de pó; o ar asfixiava.

Lena apontou para a mata do Cavaco, através das janelas do corredor, no lado oposto.

Passaram pelos fornos da cal, a fábrica de telha, sanzalas, muitas sanzalas, velhos tamarindos com carros boeres acampados à sombra, palmeiras isoladas e, de repente, o casario amarelado e feio da cidade, a civilização, enfim.

Já quando a máquina tinha passado as agulhas, Luís e Lena descobriram Dr. Brito, que os buscava por entre multidão de cabeças, acenando com impaciência.

A paragem foi brusca e logo caíram nos braços uns dos outros.

— Que bom tornarmo-nos a ver! Que bom! — expandia-se Lena.

Luís, com uma mala em cada mão sorria e ela, abafada pela comoção, quase não podia falar.

— Oh! Querido pai! Mãezita! — e ia de uns braços para os outros.

Tinha lágrimas nos olhos, mas D. Maria fixou-a vagamente.

Pareceu-lhe mesmo que, ao abraçá-la, um grande frio a penetrava e lembrou-se da pobre Chica. Vinha a correr, esbaforida, por entre a multidão dos casacas.

Também Francisco, o velho cozinheiro, e Matemba tinham vindo esperar a «Minina».

Bascour, todo açodado, dava à manivela do velho Ford, mesmo em frente da estação. E, num momento, chegaram a casa.

O largo conservava as amendoeiras folhudas e o mesmo chafariz, mas os buracos das chuvas e das brincadeiras das crianças tinham aumentado.

Sentiu, então, que entrava noutra lar que não o seu e noutra vida.

O marido deu-lhe a mão e ela apertou-lha com força.

Percebeu as dependências a matar saudades.

Como era estranha a alma humana!

Sofrera de nostalgia e desespero entre aquelas quatro paredes, chorara mesmo lágrimas de sangue e agora revia-as com prazer. Tão certo é o homem esquecer as dores sofridas e agarrar-se às alegrias do presente! Que importava um passado mau se reconquistara a afeição do pai e de Maria e era imensamente feliz!

No jardim, ia de recanto em recanto. A madrastra tinha-o embelezado muito. Possuía a mais linda colecção de begónias da Província, vindas do estrangeiro, da Metrópole e de S. Tomé. E os caládios, com folhas enormes transparentes e das mais lindas cores que se possam imaginar, empolgaram-na. Quando chegou a vez dos cravos e do caramanchão de fetos e avencas, ficou extasiada.

— Já é teres paciência, Maria: duzentos vasos de craveiros e tantos fetos! Nunca vi tão grandes e tão bonitos!

Luís e Dr. Brito, sentados debaixo do toldo à frente da sala de jantar, conversavam sobre negócios.

— Nem imagina — disse Dr. Brito — como a situação se modificou. É uma verdadeira insensatez o que fazem. E olhe, meu filho, estamos como no tempo da borracha. da compra a todo o custo. Mas, para comprar muito, excedem os limites da razão.

— Tencionam cobrir os prejuízos e cobrem-nos, de certeza, com os lucros da importação ... Pelo menos o seu amigo Rego agarra-se a essa esperança.

— Ora! Ora! Lérias! E você acredita? Não está a ver que a ruína se esconde atrás desses jogos malabares?

— Que quer o Dr.? Cá por mim, observo e deixo passar os loucos ...

— Mesmo que assim fosse, com esse sistema, só quem importa em grande escala e mantém movimento interno colossal pode salvar-se. O Rego irá ao fundo mais depressa do que os outros. Caminhamos a passos largos para a falência geral, falência que também arratará mais tarde os muito grandes. E a obcecação chegou a tal grau que nem atendem aos mais sensatos conselhos ...

Luís, muito concentrado, ouvia Dr. Brito. Por fim, acrescentou:

— Maus dias se aproximam, Dr.! É a derrocada!

— Sim, meu filho, diz bem: a derrocada, se não formos na onda e não fizermos como eles. Para grandes males, grandes remédios!

— Julga? Com tamanha confusão, afigura-se-me que precisamos de calma, mesmo de muita, muita calma ... Ir na onda ... é demasiadamente perigoso ... Um barco pequeno mantém-se ao de cima da vaga, mas vai mais facilmente ao fundo ...

— Desculpe. Sou de opinião contrária no nosso caso. E digo mais, você deve ir à Metrópole organizar uma companhia para exportação e importação em grande escala. Precisamos de alargar os voos e de fazer frente à corrente com a coragem que eles têm. Crédito não nos falta e, com uma ajuda firme, conseguiremos lançar uma poderosa organização que nos garanta a continuidade do nosso grande sonho, que é o desenvolvimento das terras que possuímos. Com o decreto quarenta, maiores dificuldades nos baterão à porta ... Que me diz a este plano? A ocasião não é de palavras, mas de realizações rápidas. Temos que ser firmes e atrevidos no segurar das rédeas.

O genro não respondeu logo. Ficou como que aturdido ...

— Preciso de pensar ... Além disso, a Lena vai ter agora o filho e deve ignorar por completo esta decisão ...

Com a chegada das senhoras, desviaram a conversa para

outros assuntos, mas os dois homens permaneceram pensativos e agarrados às próprias preocupações.

— Que tens, Luís? Alguma má notícia dada pelo pai? — perguntou Lena ansiosa, quando passeavam debaixo da latada de videiras.

— Não, não há más notícias, sossega. Precisamos de modificar algumas coisas na casa, mais nada ...

Lena parou, fixando-o demoradamente:

— Oxalá! Mas para que mudaram vocês de conversa à nossa chegada? Sei ler nos teus olhos e os teus olhos tornam-se negros, quando tens qualquer coisa que te apoquente.

Luís riu-se.

— Tolinha! Pensa mas é no teu filho, a coisa mais importante da nossa vida, agora.

Voltaram para dentro à hora do jantar, já com as luzes acesas.

Não sabia porquê, mas depois do alvoroço da chegada, Lena tinha o coração apertado.

Quase ao fim do jantar, Dr. Brito informou a filha de que partiria para Sá da Bandeira daí a dois ou três dias com demora.

— A Maria não pode ficar sòzinha com toda a responsabilidade, visto que teu marido se vai ausentar e, muitas vezes, por semanas ...

Falava a custo, mastigando as palavras.

— Portanto ... arranjei melhor solução. Vais para casa dos Lopes e lá estarás mais acompanhada e terás o teu filho. Achem bem? Já combinámos tudo.

Caiu um silêncio pesado sobre a mesa.

Lena foi a primeira a reagir.

— Pois sim, pai. Como quiser!

— Então, vamos! Estão à nossa espera! ...

Foi um alívio, e Lena compreendeu.

Em silêncio, seguiram para casa dos amigos, ali mesmo

pertinho e, passando um mês, a criança nasceu, um rapagão de quatro quilos, cabelos loiros e olhos castanhos.

Com ele, veio maior felicidade, mas só passados vinte dias Lena teve conhecimento de todos os projectos.

Mostrou-se corajosa e conformada, seguindo pouco depois para o Mato com o marido, o filhinho e Chica. D. Maria iria também, mas depois.

\*

A certeza de que tinha de se separar do marido fulminou-a. Sentia-se cozida por dentro, como a piteira à frente da casa onde caíra um raio.

— O que tem de ser, tem muita força! — disse baixinho. Tem de ser! Tem de ser! Tanta vez dissera aquilo antes de casar!

E enquanto Luís Miguel se ia vestindo, Lena, em silêncio, arrumava as últimas peças de roupa na mala.

Tinha chegado a hora dos grandes sacrifícios e precisava de se mostrar forte ...

la e vinha, de um lado para o outro, com os dentes cerrados e o cérebro em cachão. Se dissesse uma só palavra, reben-taria aos soluços.

Mas nem sempre a vontade se impõe ao espírito, e que assim fosse, o corpo daria logo sinal de si.

Ele teve de súbito a sensação dolorosíssima de quanto lhe custava abandonar os seus trabalhos e hábitos, a ternura da mulher, o filho e a quietude do lar ...

E Lena, por sua vez, com os olhos encovados, duas rugas fundas no meio das sobrancelhas e muito pálida, mostrava bem o que lhe ia na alma. Por momentos ficou imóvel, depois respirou fundo. A dor atravessava-a de lés a lés, destruindo qualquer coisa dentro do peito. Até os ossos pare-

ciam desfazer-se e não aguentarem o corpo. Fitaram-se nas pupilas.

As horas avançavam ... Luís tomou-a nos braços e apertou-a longamente.

Bem sabia o que aquele silêncio representava. Foi Lena que o rompeu:

— Amor, isto é pior que morrer, porque na morte Deus adormece misericordiosamente os sentidos. Pouco devemos sofrer ...

— Temos que erguer a cabeça e continuar na luta; continuar a andar ... firme! ... Mesmo que estejamos convencidos que é em vão ... Coragem, pois! Daqui a três meses estou de volta. Depressa passa, meu amor!

Ao ouvir a sua voz, Lena sentiu fugir-lhe o ânimo.

Fixaram-se, ambos de olhos enxutos.

Então, a vista nublou-se-lhe e uma lassidão invadiu-lhe o corpo e o pensamento.

Quando veio completamente a si, Luís de Lemos tinha partido.

Chica esfregava-lhe os pés e D. Maria sorria, segurando-lhe na cabeça:

— Vamos! Então que é isso? Que mulher para a guerra!

E só nesse momento explodiu num choro convulsivo e desesperador, que nem a presença do filho, sorrindo, apaziguava.

Seguiram-se dias e semanas, de profunda tristeza.

D. Maria fora logo para a litoral e Lena, sòzinha, era o homem da Fazenda, que tudo destinava e tudo tinha que resolver.

Assistia à forma de manhã cedo, distribuía os serviços, mas, por mais que vigiasse, faltava ali o braço forte do companheiro para meter na ordem o pessoal branco e preto. Valia-lhe a Chica para tomar conta do menino.

Graves questões se levantaram entre Constantino e os

charruadores, que lhe não queriam reconhecer autoridade e saber para mandar neles. Lopes, analfabeto ainda e com aspecto magricelas, e o da loja, um mulato, embora com maior cultura, nada percebiam de lavoura. Na ausência do patrão, o empregado chefe queria mandar em tudo e em todos. Já por várias vezes tivera de o repreender... E uma manhã, no terreiro e à frente de todos os carreiros, por causa da largada mais cedo do que o costume e as ripostadas insolentes e violentas de Cambilhete, tirou-lhe das mãos o chicote e ameaçou-o de despedida.

O negro, que era valente, atirou-se-lhe ao peito como fera desembestada e os outros formaram roda em silêncio.

Abraçados um ao outro, formavam um grupo compacto, onde as respirações resfolegantes se misturavam.

Já Constantino baqueava e caía por terra vencido. O negro, por cima, segurava-lhe os braços e cravava-lhe o seu ódio de morte na cara. Nos olhos dos carreiros, que assistiam, brilhava o medo e curiosidade ao mesmo tempo.

— Carrega-lhe, que é malandro! — disse uma voz mais longe.

Mas, Cambilhete, de repente, largou Constantino e rolou para o lado, enraivecido e louco de dor. Mordia os pulsos com raiva.

— Ah! Cão! Grande cão!

Constantino fugiu rápido.

Logo as queixas choveram de parte a parte na residência e Lena viu-se, de um momento para o outro, arvorada em juiz duma questão escabrosa entre ambos, muito difícil de resolver. Porque o branco só ameaçara de despedida e o preto faltara ao respeito, com violência.

Como lhe fazia falta Luís Miguel!

Toda a noite não dormiu, sobressaltada. O menor ruído a fazia estremecer e a manhã surgiu clara e linda, em contraste com a nuvem negra que pesava sobre a Fazenda Súi.

Mandar Cambilhete para o posto? Constantino despedido?

Mas como? Constantino era a alma da Fazenda, o empregado mais antigo. Além disso, não fora o primeiro a bater... Defendera-se...

Era preciso fazer justiça e ao mesmo tempo manter a dignidade.

Que seria justiça neste caso? E seu pai em Benguela!...

Ao último toque do sino para a forma, sentiu apertar-se-lhe o coração. A fila de homens agitava-se: a um lado, os brancos muito graves e perfilados nem se mexiam e Manuel Capataz, sorrateiramente, chegou-se à patroa, murmurando:

— Senhora! Branco tem razão, e preto também tem. Ele não bateu, mas não era maneira de se defender!

Informou-a ainda:

— Olha que carreiro vai todo fugir!

Lena ficou impassível. O seu rosto tinha adquirido a expressão das horas graves. Toda aquela gente esperava da boca dela uma sentença justa.

Bem sabia que jogava o seu prestígio tantas vezes posto à prova, não somente perante aquele punhado de serviçais, mas perante a região inteira. Milhares de pretos discutiam, àquela hora, a questão levantada.

Da sua prudência, dependeria a paz ou a guerra.

Por outro lado, o preto, tal qual outro homem, sentindo fraco, abusa, mas a injustiça revolta-o. Era preciso saltar por cima da razão humana, que esmagava, e castigar a insubordinação.

Constantino não batera; ameaçara, porque tinha sido insultado à frente dos outros. Se tivesse dado uma chicotada, seriam ambos despedidos imediatamente.

Assim...

No meio do alvoroço que se via estampado nos rostos, um profundo silêncio reinava de lés a lés pelo terreiro. Parecia maior... muito maior... imenso... daquela imensidade que faz pensar em abismos...

Lena chamou Manuel Capataz para o seu lado.

Depois fez sinal a Cambilhete, que se aproximou, altaneiro, de cara carrancuda e braços musculosos bem afastados do corpo.

A frente da patroa perfilhou-se e, a uma segunda ordem, ficou entre dois serviçais.

O carreiro, então, tirou bruscamente o cinto e os panos e expôs-se todo nu

— Vê o que ele me fez — disse. Um pouco mais e não poderia fazer filhos.

Lena ficou impassível. Tirou do seio uma carta e disse em ambundo:

— Cambilhete vai para o Posto, porque faltou ao respeito ao branco, insultando-o e agredindo-o. Ninguém lhe bateu. E, se o branco se defendeu daquela maneira, a culpa foi só dele, que o atacou brutalmente. Todo o homem tem direito à justiça e a queixar-se, mas não a revoltar-se e a bater. As queixas serão atendidas por mim com toda a atenção e rigor, sendo justas.

Justiça! E que era a justiça?

— Vocês, — disse ainda virando-se para os dois guardas, sois responsáveis pelo homem.

Uma onda agitou a forma. Que tinha razão, que não tinha ... Cambilhete olhava os companheiros, sorrindo com sarcasmo. Falava-se alto contra Constantino e com as mãos nos jabites. Mas Lena, muito calma, impôs silêncio e a ordem restabeleceu-se.

O carreiro e os seus dois guardas afastaram-se lentamente e a distribuição dos serviços fez-se sem novidade.

Chegaria ao Posto? No seu espírito, surgiu a dúvida. Que importava se fugisse? O Chefe não responderá com certeza, porque nunca chegará a receber a carta ... nem ela exigiria resposta, mas, aparentemente, tinha sido feita justiça.

Justiça!! Lágrimas teimosas eram engolidas a seco.

Por fim, só ficaram os carreiros, ainda renitentes e fazendo tenção de se despedirem em massa, o que seria desastroso.

Quando chegaram ao pé de Lena, estacaram.

— Senhora! Nós somos velhos carreiros. Há muito que servimos o teu homem, Sô Luigi. Tu foste injusta! Manda chamar ele, manda dar palmatoadas e tudo fica bem. Não torna! Fazes essa vergonha ao carreiro muanha de ir preso? Vamos todos embora! Não queremos mais serviço!

Lena ficou uns momentos indecisa entre o dever cumprido e o aspecto daqueles homens, suplicando perdão para a falta do companheiro e dispostos a fazer greve e a perder o pão por ele.

Sentiu abalar a sua energia e uma piedade enorme invadiu-a por aqueles servidores de tantos anos e tão trabalhados que, na sua rudeza e dedicação, tinham contribuído muito para o bom êxito da empresa.

Fixou-os um a um.

Não fossem eles, os braços humildes da charrua, que teriam conseguido? Sim, que teriam conseguido?

Quase nada.

O homem, mesmo o mais selvagem, tem o sentido da honra e da justiça, quanto mais aqueles!

E teria sido verdadeiramente justa a sua sentença? Constantino defendera-se com selvajaria, apertando-lhe e puxando-lhe as partes. Quase o inutilizara como homem — disseram. Seria verdade? Teria o direito de se defender assim?

E os companheiros ali estavam, de cabeça baixa, braços caídos ao longo do tronco.

Há actos na vida que praticamos com bondade e esses talvez mereçam a bênção de Deus. Outros que cumprimos contrafeitos e são de lastimar. Mas o que levamos a cabo com a ideia do dever, só a consciência satisfeita pode recompensar.

Por si só, ela lastimava e perdoaria imediatamente, se

não existisse o perigo do desprestígio por causa desse gesto, e dos serviçais a julgarem fraca e abusarem dessa sua fraqueza com maiores desacatos.

Não voltou com a palavra atrás.

— Não! Cambilhete faltou ao respeito não só ao empregado como a mim e à casa. E, justamente porque ele era o mais antigo, devia dar o exemplo — respondeu-lhes. — Dar palmatoadas em Cambilhete? Isso nunca! Um homem não leva palmatoadas. Só as crianças e leves. Agrediu o branco sem razão. É justo que seja castigado. Ninguém pode viver em comum sem haver respeito. Não respeitais vós os Sobas e os séculos do quimbo? Então ... Mongalipe, caso fiquem, deve vir receber ordens todos os dias directamente ao escritório até voltar o patrão e Constantino fica absolutamente proibido de se meter convosco. Caso contrário ... Querem assim? Muito bem. Não querem? Ide, então! Desaparecem da Fazenda!

E voltou-lhes as costas, dirigindo-se lentamente para a avenida que levava à residência.

la sôzinha e as lágrimas caíam-lhe cara abaixo, grandes, imensamente dolorosas.

Ao outro dia, nenhum faltou. Mongalipe adiantou-se na forma:

— Minina, quer ordens do meu gêniti!

Luís Miguel já devia estar na Metrópole há muito, mas só passado um mês começaram a chegar as primeiras cartas de Porto Amboim e Luanda.

Um domingo, porém, vieram notícias mais pormenorizadas. Tinha sido organizada a empresa e breve voltaria para continuar a sua obra. Longe do lar e do Mato, não se sentia feliz.

Dr. Brito e D. Maria escreviam todas as semanas, entusiasmados com os lucros das transacções que se faziam em Benguela, pois, na ausência do genro, a febre dos negócios subira de grau.

A madrastra afirmava mesmo:

«Ele vem a tempo de fazer progredir a empresa rapidamente e em breve teremos todos os nossos problemas resolvidos. Só se ouve falar em dezenas, centenas de contos ganhos nem se sabe como ... E o custo de vida sobe. Sabes a como se vende a seda natural vinda da China? Imagina! A 2\$50 o metro! Uma calamidade! Anda pânico no ar! «A mala de tecidos, que comprámos antes da desvalorização da moeda, já deve valer uma fortuna ...»

Passados dias, novas informações chegaram.

«Muitas casas pagam as mercadorias por preços exorbitantes sempre na miragem de, no dia seguinte ou passadas duas ou três semanas, as poderem vender pelo dobro ou pelo triplo.»



Jogo perigoso?

Talvez. Mas a jogar se ganha ou se perde — pensou Lena. E, enquanto a curva for ascendente, bem está, mas, se começar a dobrar, é um «craque» geral.

«Parece loucura colectiva, filha. O medo vai-se apoderando das almas, sempre ansiosas de ver pela porta fora o que têm portas adentro, no armazém». «Sim, é como no jogo das cartas, jogo do diabo, empurrado de mão em mão e à sorte. Quem ficar com ele será burro chapado».

Lena não gostava do comércio.

De repente, sem mesmo se saber porquê, um barco milionário ia ao fundo, arrastando no naufrágio centenas de lares encrustados no seu costado como as cracas nos cascos dos navios.

Pouco antes da chegada do marido, Lena seguiu de novo para Benguela, levando o filhito e Chica consigo.

O seu raciocínio e as suas objecções aos movimentos de capitais foram quase que balde de água fria deitado por cima dos cálculos mirabolantes de seu Pai e do entusiasmo de Maria.

— Em breve, teremos os nossos problemas resolvidos, Lena! — reafirmava a madrastra.

Mas Lena, silenciosa e concentrada, mantinha-se firme na sua opinião.

— Não sei porquê, Maria, mas tenho medo ... A terra dá mais garantias ...

Sentiu o retraimento da madrastra na frieza do olhar quase metálico. Os interesses de ambas eram antagónicos.

Sendo o sonho de D. Maria voltar para a Europa e quebrar todas as amarras que a prendiam a Angola, como poderia acatar de bom grado as ideias conservadoras de Lena, cada vez mais enraizada no solo africano? E esse enraizamento, que era profundo, afastou-as.

Por isso, a chegada do marido foi para Lena, além de uma alegria imensa, a redenção.

— Não, Luís, disse ao cair-lhe nos braços, nunca mais me separarei de ti! Nunca mais! Tenho sofrido muito ...

— Nunca mais, descança!

Porém, o seu desejo de voltar imediatamente para o Mato foi contrariado.

Era preciso montar a casa comercial com prudência e base segura. Dos primeiros passos, dependeria o futuro.

Entretanto, começaram a chegar as primeiras remessas de mercadorias metropolitanas.

Nem pensar em comprar milho para exportar.

Não valia a pena. Só para aqueles que recebiam de Hamburgo aos milhares de contos, podia interessar esse movimento, visto que a Alemanha no após-guerra de tudo precisava, quanto mais não fosse para criar gado.

O povo alemão abriu as suas portas de par em par e deu as maiores facilidades para a troca de milho por géneros que precisava vender.

Política racional.

Fatos e botas de papel, quinquilharias, panos, roupa surrada do exército, fardas de generais, objectos de arte roubados nos castelos, de tudo apareceu nas grandes casas benguelenses.

Luís Miguel, pacientemente, foi dando ordens e o seu comissário comprou, sem dizer para quem, cera e couros de bicho, mas principalmente feijão a rasto de barato.

Ninguém o queria e quando deram por ela, já havia em armazém mais de 600 toneladas.

Firmadas as vendas na Metrópole, onde já subira para 30\$00 a arroba, mesmo assim de mistura, logo foi embarcado.

O espanto em Benguela foi de tal ordem que vieram propostas para a venda no alto-mar com 30% de lucro.

Luís consultou Lisboa em código e de lá recusaram.

Nova proposta e desta vez com 50% de lucro e novamente Lisboa recusou.

As notícias telegráficas por código eram excelentes e tudo fazia prever uma sólida operação, base magnífica para o futuro.

De repente, porém, chegou telegrama aflitíssimo de Constantino:

«Assassinato na Fazenda, urgente sua presença».

E de um dia para o outro, Luís Miguel, Lena, o filhito e Chica partiram, entregando a direcção da casa e do Cubal a um gerente sob orientação de Dr. Brito.

\*

Só à chegada à Fazenda, souberam que tinha sido assassinado Irunga, bom homem e ótimo serviçal.

Constantino estava furioso e receava as reacções de Luís Miguel, porque, sendo responsável na ausência dos patrões, o Torres aproveitara aquela ocasião para se vingar do velho, comprometendo-o a ele.

Por isso, mandara aquele telegrama aflitivo...

—Que patife, meu senhor! E tudo se passou sem que ninguém desse conta!

—Como é que pôde ser isso? Deixaram correr como da primeira vez com Capusso, segundo me afirmou o Doutor?

—Isso sim! Capusso deu uma tarefa num larápio e foi bem feito... Agora o outro... Imagine que lhe fez uma espera no meio do milho, perto da poça!... Foi de madrugada e fazia muito escuro, dizem.

—Que iria ele fazer ao milharal? Roubar espigas? Sôzinho?! Não me parece.—afirmou Lena.

—Ninguém sabe! Claro que àquela distância não ouvimos nada... O desgraçado nem teve tempo de gritar e também os cães não deram por ela...

Olhavam horrorizados para o lado da nascente.

—Vamos lá ver! Custa-me a acreditar que ele matasse Irunga só por causa de meia-dúzia de espigas...

—É incrível—afirmou também Luís de Lemos.

Constantino não ousou dizer tudo à frente da patroa.

Encaminharam-se para a residência. O local da espera ficava lá perto, a duzentos metros à direita, se tanto.

—Olhe, meu Senhor, dizem pr'aí umas coisas... Mulheres... abusos... Não sei se será verdade...

—Então que é? Diga tudo!

—Umas coisas... Para esta gente tudo são feitiços, segredos e mistérios; um fumo a encobrir e o outro fumo a descobrir... O Torres nega. Mas ele negava também o crime e, se não o tivessem visto na manobra... ficava assim mesmo, Irunga tinha fugido com medo do Torres... pronto!

—Mas como é que a mulher dele soube?—quis saber Luís já intrigado.

—Não dizem! Que foi adivinhação do feitiçeiro... Que lhe deu um porco e panos... mais galinhas e conhaque... etc., etc.... E fazê-la sair disto? Eu não me convenço... Alguém acompanhava Irunga na ocasião. Como fazia escuro, mal viu o outro atacar, agachou-se cheio de medo e, assim, pôde assistir sem ser visto. Mas nem ele nem a mulher de Irunga desembucham. Que são manobras do Ganga—o feitiçeiro—e contra ele ninguém se atreve...

—Lá isso é verdade! E até afirmam que as suas mãos chegam ao cabo do Mundo...—disse Lena.—Não terá o companheiro de Irunga confessado tudo ao bruxo?

E, depois de um momento de reflexão, perguntou:

—Que tal se portou a mulher dele?

—Uma boa companheira, fiel e corajosa. A filha, moça espigadota, era um pedaço de cafeco<sup>1</sup>, e o Torres, atrevido como

<sup>1</sup> Cafeco — virgem.

é, adiantou-se. Propôs alambamento ao pai com medo do Sr., mas Irunga não aceitou. Que não. Faltara-lhe ao respeito, tirara o virgo à filha — a Sr.<sup>a</sup> desculpe — mesmo nas suas barbas e ainda tinha coragem de lhe falar, ali, naquele terreiro dos patrões, à frente de toda a gente? Que pouca vergonha era aquela? Ele, um reles mulato, Zé ninguém e pobretana que nem família tinha. Antes queria ver a moça morta do que na companhia dele. Já tinha dono, um branco fino da Caála. E, por aí fora, lançou-lhe na cara um chorriho de asneiras em quimbundo que nem cheguei a perceber bem. Havia de o denunciar ao patrão, mal ele chegasse, e à Senhora, para que o despedissem do serviço. Daí, veio-lhes um ódio de morte e as rixas eram constantes.

— A rapariga gostava do Torres?

— Sei lá, minha Senhora!

— Se cá estivesse, talvez evitasse o crime. Irunga, afinal, era bom e amigo da filha. Tudo se teria composto com um casamento.

— Intervim no caso várias vezes e andava sempre com os olhos em cima deles. Disse-lhes que tivessem juízo. O Torres pagaria tudo. Não tinha outro remédio. E, se a rapariga gostava do mulato, o melhor era casá-la. De uma das vezes, acrescentei mais: — Não me digas que, com aquele corpanzil, o Torres a forçou... Ninguém acredita. Ou queres tê-la fechada com um cadeado? Nem assim! Já vês que não tens razão e o melhor é chegares a um acordo com ele. Mais boi, menos boi, mais nota, menos nota, e tudo se arranja em paz... Depois de casada, se ela lhe tem amor, que te importa? Os filhos não são nossos!

Irunga, porém, estava teimoso que nem um burro. Não e não!

Enfim, fosse pela moça que tinha desaparecido da fazenda, ou por outra razão qualquer, o velho foi morto cruelmente.

— Que horror, Constantino! — exclamou Lena, comovida.

— Ainda os senhores não sabem da missa a metade. O assassino estava bêbado, com certeza. Abriu uma grande cova e enterrou o inimigo bem fundo com uma espiga na garganta e um punhal espetado nas costas, julgando-se assim a salvo de qualquer queixa.

Depressa chegaram ao local do crime.

Uma buraca escancarada e milho derrubado eram as únicas coisas a denunciarem a luta.

Nem pegadas, nem sangue.

— Poderiam tais indícios levar a fazer suposições, quando há aqui mais crateras em redor, das recentes derrubas? Porque os cães, muitas vezes, abrem clareiras no milharal, maiores do que esta — acrescentou o empregado.

— Como puderam desvendar tudo isto? — perguntou ainda Lena, cheia de ansiedade, enquanto o marido se conservava calado e de testa franzida.

— Não sei, minha Senhora! Dei por falta do velho e, ao segundo dia, comecei a fazer investigações por minha conta. Nada pude saber. Mas alguém, como já disse, deve ter espreitado o assalto, indo depois contá-lo à mulher dele ou ao ganga, que logo se pôs em campo. O segredo no mato é como o vento nas folhas, minha Senhora. Sopra daqui... sopra de acolá e chegou mesmo aos ouvidos do rapaz.

— Seria a própria filha de Irunga? São suposições...

— O certo é que o Torres mandou outro feiticeiro à viúva — dizem agora — prometendo-lhe mundos e fundos: bois, dinheiro, panos, conhaque — sei lá! — se ela se calasse. Não conseguiu demovê-la. Fiel ao seu homem, uma noite correu para o terreiro e rebolou-se no chão em altos brados, à frente do meu quarto. Depois, endireitou o corpo como um tronco e pôs-se aos barregos, de punhos fechados erguidos no ar.

Vi tudo do janelo. Foi assustador! E ninguém se atreveu a sair de casa... Ela cada vez gritava mais. Que não tinha medo nenhum de feiticices. O seu homem morreria assassi-

nado e pedia vingança. Sabia muito bem quem fora e conhecia o caminho para o mueneputo<sup>2</sup>. Ficassem todos sabendo! Ninguém a intrujava e a coisa não acabaria assim! Ali mesmo, no terreiro, havia de haver justiça grande.

— Vingança!

— Vingança!

— Vingança!

A sua voz no escuro, aos guinchos, metia impressão. E grande medo. Terrível! ... Creio que até foi ouvida nos quimbos. Confesso, meu senhor, fiquei todo a tremer e mais não era comigo. Abeirei-me dela. Levantei-a do chão e amparei-a até ao meu quarto. Disse-lhe que tivesse coragem. Ele havia de voltar. Quem lhe poderia ter feito mal? Era estimado por todos ... Mas, quanto mais eu tentava calmá-la, mais ela gritava com o desespero. Fugiu terreiro em fora, como louca, e toda a noite nos apavorou, amaldiçoando e praguejando às portas. Fazem lá ideia, meus senhores! Foi por demais e só ao nascer do dia se calou e desapareceu. Andávamos aterrados com a tragédia. Só o Torres parecia calmo. Confiante, mesmo. Perguntava a mim próprio o que iria acontecer ... e estive vai-não-vai para lhe telegrafar logo ... Mas a semana seguinte foi serena, o falatório abrandou e o trabalho continuava sem novidade. Ao que parece, a velha aconselhou-se no Huambo e apareceu, duas semanas mais tarde, muito cedo, com seis cipaíes que prenderam o Torres e vieram direitinhos aqui à cova, onde Irunga estava enterrado. Obrigaram o assassino a desenterrá-lo e a levá-lo às costas para o terreiro. Fiquei tão indignado ao ver o velho, já meio podre, com o punhal nas costas e a espiga na boca que lhe dei, lá mesmo, à frente dos cipaíes, um bom par de bofetadas.

— Miserável — disse Luís de Lemos, entre dentes, — Miserável!

<sup>2</sup> Mueneputo — Governo.

— É claro, os cipaíes tiveram todas as facilidades. — afirmou ainda Constantino — Ele que as armou que as desarme e sofra o castigo. Fiz bem?

— Certamente! Não devemos proteger criminosos. Por princípio algum!

— Pobre Irunga! Tão bom homem! — exclamou Lena, comovida.

Constantino, após uns momentos de silêncio, continuou:

— Confesso que, quando levaram o cadáver para o terreiro, às costas do Torres e arrastando-lhe os pés pelo chão, tive pena. Nem sei se do velho se do mulato. Um rapaz tão cultivado! E sempre seriam perto de trinta quilómetros a pé ... até ao Huambo. Muita gente veio ver Irunga e despedir-se dele. Queriam dar cabo do Torres. Não consenti e ainda perguntei bem alto quem queria ajudar a levar o corpo, que me merecia respeito. Receberia mata-bicho grande de dinheiro. Mas houve uma espécie de recuo e de pavor entre a multidão de gente que nos cercava. Ninguém avançou um passo em frente, nem os cipaíes deram mão. O cortejo macabro já ia a cinquenta metros ... e nós todos especados ... quando, de repente, saltou uma mulher para a estrada, chorando em altos gritos e passando as pernas inteiriçadas do velho pelos ombros. Era Sofia, a filha de Irunga, tão firme e gigante, que ficámos chumbados. Amor, remorso ou piedade? Ainda hoje estamos para saber. Já lá vão oito dias e a rapariga nunca mais apareceu nem veio ver a mãe ...

Pairava no ar certa neblina triste vinda da horta e fez-se silêncio pesado. O rio, lá longe, mal se via ...

Lena começou a afastar-se e os dois companheiros seguiram-na lentamente.

— Porque não levaram o cadáver numa carroça?

— Os cipaíes não deixaram. Foram a corta-mato.

— Talvez tivessem medo do cazumbi de Irunga — alvitrou

Constantino, ainda a pensar no recuo dos homens. — E ela foi o pomo da discórdia ... Não fez mais que o seu dever de filha. Luís perguntou com tristeza:

— Que paixões ou complexos a levariam a seguir o Torres e a ajudá-lo? O amor nunca devia levar ao crime ... Constantino encolheu os ombros.

— Olhe, meu senhor, toda a fazenda anda alvoroçada com isto. Reina certo terror aos feitiços, feiticeiros e cazumbis. Na Metrópole como aqui, os bruxos têm artes do diabo ...

— Isso nem parece seu!...

— Parece mas é que nos vai acontecer alguma coisa má, patrão!... Sei lá!! Não é medo, mas ando enervado!

— Deixe-se de tolices! Mande mas é chamar a velhota, quando acabar de chorar o morto. Tem direito à ração dele e ao pagamento de meia-carta todos os meses.

— Então, só daqui a oito ou dez dias. Até lá, não larga a esteira e os farrapos do companheiro ...

Depois de tamanha tragédia, pouco a pouco, a felicidade voltou ao Súmi e agora, com o menino a dar os primeiros passos e a despertar, mais alegres se tornavam os dias.

Lena olhava pelo filho, pela casa e pelo rancho. As criações continuavam a seu cargo, bem como a fabriqueta dos doces e a escrita.

A tarde, ainda achava tempo para tocar piano durante uma hora, enquanto o filhito, sentado sobre uma manta, brincava e sorria para os bonecos de trapos e chocalhos que Chica lhe arranjava no mato.

Era uma das horas mais felizes do dia, sem contar aquela, à tardinha, que lhe trazia Luís Miguel.

A música conseguia transportá-la para além da terra, num mundo de arte e de sonho, bem longe de todas as pequeninas misérias e aborrecimentos diários. Se era Liszt, então, com o seu Cântico de Amor, penetrava-a suavemente, levando-a depois até às culminâncias da evasão. Ela amava como o compositor, amava com exaltação a própria vida, os seres, as coisas ...

Pagava então no filhito, atirando-o ao alto e cobrindo-o de beijos: — Sou feliz, feliz, feliz!

Muitas vezes, ia ao encontro do marido com o pequenino ao colo ou pela mão da Chica e dela.

As colheitas faziam-se com lentidão e era justamente nessa altura que o terreiro tinha mais movimento.

Constantino agigantava-se no meio da barafunda dos carros transportando espigas e palhas, que logo eram enfaixadas nos cabaneiros. Trabalhavam as tararas por um lado com o seu zoar ensurdecador e característico, enquanto os descaroadores iam separando o grão dos carolos mais secos. Ao fundo, estendiam-se ao sol as maçarocas que vinham dos campos.

Naquela altura, o terreiro, apesar de enorme, parecia aca-nhado. Nem os animais por lá podiam passar e a forma era feita à frente da loja, quase sobre a estrada governamental.

O tempo aquecia. Seria preciso ter tudo recolhido antes que viessem as chuvas. Mas, quando os descaroladores chegavam ao outro extremo, já três quartos do terreiro estavam cobertos de maçarocas. Vinham dos campos já meio secas e bastavam dois dias de bom sol para se porem em estado de serem descamisadas e descaroladas.

Luís Miguel, Lopes e Manuel Capataz dirigiam as manobras no campo.

A fartura electrizava todos, homens e bichos. E até Constantino, sempre bilioso, desta vez tinha o semblante alegre e cheio de vaidade.

— Eu sempre disse... Vamos encher Benguela de milho e batata. Quanto calcula o senhor que poderemos carregar?

— Sei lá! Só no fim é que se vê ao certo, depois de contar os sacos! Não os há que chegue, lá isso já verifiquei, tanto mais que teremos de despachar primeiro a batata. Já está toda vendida.

— Toda vendida?!

— E a preço razoável.

— Boa coisa, meu Senhor! Boa coisa! E o milho?

— Ensila-se. Bem seco e com uma mecha de enxofre todos os oito dias, não há gorgulho que entre com ele.

Na semana seguinte, Dr. Brito chegou à Fazenda Súmi com vários amigos. Queria mostrar-lhes a faina das colheitas, época das mais animadas e interessantes do ano.

Luís Miguel, na manhã seguinte, preso no escritório com pagamentos, recomendou toda a prudência com o touro, pois era traíçoeiro.

— Não deixem sair o gado sem eu lá estar! — insistiu.

Mas dr. Brito não se conteve e, como o genro demorasse, os animais foram aparecendo, rês por rês.

O pior foi que não se contentaram em ver o toiro de longe, no meio das vacas. O Doutor adiantou-se e isolou-o.

Então, o mastodonte investiu, erguendo-o ao ar três ou quatro vezes. E, enquanto os companheiros, aterrados, fugiram estrada fora, Capusso, o guarda, com um pau curto, vergastou-lhe os olhos e fê-lo desembestar atrás da manada.

Salvara a vida a Dr. Brito, que jazia no chão sem sentidos. Veio a si lentamente e logo o meteram numa lona, transportando-o para a residência e amparando-o carinhosamente.

O choque moral de se ver inutilizado e o sofrimento causado pela fractura do fémur, bem como o péssimo tratamento do médico que lhe acabou por partir por completo a perna, fez com que Dr. Brito ficasse no Catenguenha mais de um mês.

Entretanto, vinte dias após o desastre, de novo veio um telegrama assustador. O barco que transportava o feijão avariara, arribando a Dakar, sem se saber quanto tempo demoraria.

Lena foi encontrar o marido no quarto, agarrado aos ferros da cama e torcendo-se com o desespero.

— Que tens? Que aconteceu?

Sem palavra, entregou-lhe o telegrama.

— Não vale a pena afligires-te assim. Lá por ter arribado a Dakar, não quer dizer que o feijão esteja perdido! Para quê, pois, dares cabo da saúde? Com nervos, nada se consegue!



E olha, tudo é periódico nestas terras: as chuvas, as secas e os ventos, o bem e o mal, a riqueza e a pobreza, mas atrás da tempestade vem sempre a bonança.

Ela bem sabia que, se perdessem aquele carregamento, a vida se modificaria terrivelmente para pior.

— Tenhamos coragem e aguardemos. É a única coisa que podemos fazer neste momento. Será melhor não dizeres nada ao pai por enquanto ...

Luís Miguel manteve-se sereno como de costume, mas só aparentemente.

O carregamento esteve um mês no alto-mar, três em Dakar e chegou a Lisboa com a greve marítima, que durou mais dois.

Os prejuízos foram enormes e os dirigentes metropolitanos não souberam tirar proveito das facilidades oferecidas nem procuravam vender a carga mesmo com prejuízo dos 10% que os intermediários pediam para gratificações, salvando assim o máximo do naufrágio.

Luís deu uma saltada a Benguela, onde a desorientação era ainda maior.

Conseguiu amparar o barco lançando na fogueira toda a colheita da fazenda, perto de cinquenta toneladas de milho, porque a batata, após dois meses de espera na Caála, teve que ser recolhida na Fazenda, para alimentação das pessoas e do gado. O comprador faltara à palavra.

«Que não havia quem comesse tanta batata!» dissera; e o contrato tinha sido verbal, porque, até ali, a palavra dada, em Angola, era sagrada.

Entretanto, Dr. Brito recolheu ao litoral, depois de presentear Capusso e de o abraçar comovidamente. Ia com o moral muito em baixo e de muletas.

Os prejuízos da batata, dois «vagões» de doze toneladas, foram desanimadores e, quando chegou a carta de Lisboa anunciando a derrota total com o desânimo dos dirigentes

metropolitanos, Luís de Lemos teve a sensação de que uma montanha lhe caíra em cima.

Lena encontrou-o com a cabeça entre as mãos, rangendo os dentes.

— Há uma esperança ainda, o Angola e Metrópole — escreveu Dr. Brito animando-os.

— Sim! O Angola e Metrópole!...

Haveria fazendeiro ou empresa que em Alves dos Reis não visse um novo Messias, espalhando por todo o território dinheiro suficiente, que viria tirar Angola da sua angústia, fazendo-a progredir?

Todos os corações pulsavam de gratidão por aquele homem extraordinário e com uma visão quase profética, ainda mais extraordinária: dar dinheiro aos fazendeiros para que eles o convertessem em ouro exportável: milho, óleo de palma, coconote, purgueira, fibras e tudo aquilo a que os povos aspiravam e não tinham. Diante de tanta terra boa inexplorada, ansiavam por trabalhá-la e desenvolvê-la.

S. Ex.<sup>a</sup> dava, então, uma volta à nossa África e Luís Miguel foi esperá-lo ao Lobito para, em conjunto com os seus confrades da comissão, ter uma conferência e combinar a maneira mais fácil de executar tão grandioso plano de fomento.

— Com as devidas cautelas, mas eficientemente, venceremos! — dissera-lhes o magnate.

Tudo ficou esclarecido ponto por ponto: nem de outra forma os fazendeiros desejariam meter mãos à obra.

Brevemente, viriam engenheiros e agrónomos avaliar as propriedades, para serem imediatamente financiadas e não atrasarem os trabalhos.

Voltaram para o Mato com alma nova.

Uma séria actividade iria tirar o sertão da modorra em que tinha caído; onde houvesse água, surgiriam fazendas.

Pois o homem, destruindo o mato e trabalhando a terra, não criaria o tal paraíso na Terra? E Luís Miguel tencionava



fazer dos homens do Catenguenha homens-pilotos, evoluídos charruando as suas lavras com os próprios bois e máquinas, sabendo ler e escrever pelo menos.

Toda a Província rejubilava como se, no seu corpo quase moribundo, já tivessem injectado uma transfusão de sangue vivo. Os projectos iam por aí fora, desde as coisas práticas às fantásticas mais arrojadas. E porque não? Porquê não dar exemplo de ideias novas e de novas actividades?

No Catenguenha, preparavam-se já os campos para vasta sementeira de ginguba e, em pouco tempo, debaixo de boa orientação, com maquinismos eficientes e a prática adquirida, a Fazenda Súmi seria um «Eldorado», uma das maiores fazendas do planalto onde patrões e empregados teriam interesses.

— Cada qual é para o que nasce! — Não nasci para comerciante. Gosto da terra! — disse Luís Miguel ao chegar a casa. Mas logo acrescentou certa desconfiança:

— Debaixo da máscara insondável do financeiro, deve existir certamente coisa bem diferente: ou inteligência rara ou aldrabice. Será profeta e génio ao mesmo tempo, Lena?

A dúvida assaltava o seu espírito, porque os valores por vezes, seguem caminhos fora do vulgar e errados. O bem pode descer à terra para equilibrar o mal dos que nada fazem, nem deixam fazer aos outros. Quem sabe? Talvez este homem salve a situação, salvando-se também a si próprio. Depois de uma alegria intensa, vem quase sempre a expectativa e, com ela, o medo... Confesso... receio que tantas facilidades se transformem em desilusão.

Dias depois, num domingo ameno e ao cair da tarde, em que Lena e o marido estavam na varanda e o menino brincava às escondidas com o filho do cozinheiro, rebentou a bomba.

Alves dos Reis tinha sido preso no Cabo como burlão. E, no entanto, o seu dinheiro era igual ao do Banco de Por-

tugal, feito pela mesma casa e com os mesmos selos e carimbos!

— É impossível! Impossível!

Luís Miguel andou toda a noite fora de casa. Manhã cedo voltou, mas parecia um sonâmbulo, envelhecido mais de dez anos, de ombros caídos e olhos encovados.

Lena nada lhe disse. Também se não tinha deitado. Com as lágrimas nos olhos e muda perante a grande tragédia que caía sobre o seu lar, pediu-lhe que se deitasse a descansar um pouco.

— Depois resolveremos o que há a fazer... Antes perder tudo do que cair no desespero!

Em silêncio, preparou-lhe café e, por fim, lançou-se-lhe nos braços com a voz embargada pela comoção.

— Meu amor, coragem! Há-de ser o que Deus quiser!

Não trocaram mais palavras. Para quê? De que serviria?

Ainda naquele momento, ela só pensava no marido, no filho que trazia no ventre e no pequenino que, indiferente, sorria agarrado às suas saias.

Estava pronta para todos os sacrifícios.

De novo chamado telegráficamente a Benguela, Luís preveniu Lena, entregando-lhe a mensagem.

— A situação é difícil, mas não desesperada, e entendo que deves ficar no Súmi ...

Ela encarou-o, abanando a cabeça negativamente, e ele insistiu com mais doçura.

— Lembra-te da criança que está para vir ao mundo. Tens dois filhos, deves poupar os nervos ...

— Bem sei ... Mas, justamente por isso, quero ir contigo. Não me julgues menos corajosa. Aqui era pior. Depois, sejam quais forem as soluções a tomar na nossa vida presente, devemos estar juntos ...

Falava devagar, silabando as palavras e ele encarou-a, pela primeira vez com os olhos rasos de água.

— É assim que me queres animar?

— Tem juízo!

Passou-lhe os braços em volta do pescoço com meiguice.

— Devemos manter o nosso moral coraçado contra todas as eventualidades. Sabe-se lá o que irá acontecer? Talvez nada!...

Calaram-se por momentos.

Depois, Luís reagiu e disse:

— Vamos, então ... É dia de comboio ...

A viagem foi triste. Parecia nunca mais acabar. Só o menino dormia serenamente e o companheiro fumava cigarros sobre cigarros. Lena pensava em todos.

Lembrava-se da carta que seu pai lhe havia escrito.

«Vocês são novos. Podereis refazer a vossa vida em qualquer parte, mas, para mim, a perda do Súmi é uma derrocada que me esmagará. Estou velho e já não terei forças, nem tempo, nem coragem para começar outra obra».

E eles? Que poderiam fazer com dois filhos nos braços?

Poucas horas depois da chegada a Benguela, foi pedida uma reunião com os Directores e Administradores do banco. Seria no dia seguinte à tarde.

Dr. Brito e o genro fecharam-se no escritório, reunindo documentos e organizando a exposição em volumoso «dossier».

Lena e D. Maria passeavam pelo jardim com o bebé pela mão. Juntas, mas cada qual mergulhada em seus pensamentos mais íntimos. Depois, sentaram-se à frente da sala de jantar, debaixo do toldo, enquanto o pequenino brincava, correndo às risadinhas em volta dos canteiros floridos e indiferente à tempestade que se avizinhava.

As flores tinham, àquela hora do entardecer, cores mais vivas e berrantes. Uma serenidade cheia de doçura parecia envolver as coisas e os seres...

— Que lindo está o teu jardim, Maria! E que perfume estonteante o daquelas umbelas cor-de-carne! Quem me dera ter paz!

D. Maria encolheu os ombros, alheada por completo dos problemas da sociedade, e Lena sentiu-se cada vez mais só.

Quando caiu a noite, envolvendo-as com o seu negrume de angústia, Lena pegou no filho e entrou em casa por causa dos mosquitos.

Aguentariam o barco? Soçobriariam?

Para D. Maria, que nunca gostara da Fazenda, seria a libertação.

Mas Dr. Brito? E Luís? E ela?

Sofriam.

Compreendia que a sua vida não era a vida dos pais. Cada qual, dali para o futuro, procuraria rumos diferentes.

Nem os interesses seriam os mesmos, mas antagónicos.

Lembrou-se da relutância do marido em formar sociedades...

E fora por culpa dela. Sim ... por culpa dela ...

Que noite de insónias, tão torturada e tão longa!

No dia seguinte, à tarde, primeiro que chegassem os do banco, foi um frenesim! Lena refugiou-se no quarto de D. Maria e ambas, em silêncio, esperaram que os seus destinos fossem traçados.

— Seja o que Deus quiser! — gemeu Lena.

D. Maria encolheu novamente os ombros.

— Que queres? A vida é assim mesmo. E não vale a pena armar ao trágico.

A dureza com que a madrastra disse aquilo confrangeu-a. Tinha os olhos secos, a garganta feita nó.

Calma? Que era dela? Só aparente. No peito, batia-lhe um coração apressado, quase louco.

Estavam ali duas mulheres, olhando uma para a outra como estranhas, pálidas, sem um gesto.

Depois, D. Maria pôs-se a folhear uma revista e Lena aproximou-se da porta, colando o ouvido à fechadura.

A voz de Luís Miguel distinguia-se perfeitamente:

— Se o Banco nos der três anos sem juros — não pedimos mais — pagaremos integralmente. Pode ser que liquide-mos antes, se as coisas nas fazendas continuarem como até aqui. Então se pensará nos juros, mas também a prazo ...

Os Directores mantinham-se calados e ele continuou:

— Não é uma transacção comercial com letras a trinta ou noventa dias ... claro! Mas um arranjo ou transacção agri-

cola ao ano. Creio ser uma proposta honesta — sublinhou — e a única que salvaguardará os interesses de ambas as partes. Repito: a única que salvaguardará os interesses de todos.

Em face do silêncio de Suas Ex.<sup>as</sup>, ainda acrescentou que, se rejeitassem aquelas propostas, entregariam as terras e casas ao Banco, credor único, pois nada mais existiria, depois dos empregados se pagarem por suas próprias mãos dos ordenados atrasados, como era de lei. Podiam crer que, duma resolução tomada apressadamente, só resultariam enormes prejuízos. Totais para o devedor, mas também incalculáveis para o credor. Isto além de destruírem uma obra grandiosa e humana. O banco nada, absolutamente nada lucrará com a rigidez costumada. Pelo contrário. E, como vosso advogado, Dr. Brito já é, por si só, uma sólida garantia... Não acham?

O Dr. ouviu Luís de Lemos impassível, mas os Directores do Banco hesitavam, e foi nesse momento que ele interveio.

— Estou plenamente de acordo com meu genro. O relatório que ele apresenta é claro, preciso e leal. Escusado será responder com evasivas. Consultem Lisboa, estudem os documentos e resolvam o mais rapidamente possível.

Entregou-lhes a pasta que tinha na mão.

Os directores do Banco olhavam uns para os outros.

— O Sr. Dr. bem sabe que nada podemos resolver sòzinhos. — respondeu um deles com ar de quem se quer ver livre de dificuldades e deseja aliviar a atmosfera — Se dependesse de nós, diríamos já que sim... Mas...

Lena, toda a tremer, nem ouviu o resto e voltou a sentar-se ao lado de D. Maria.

— Então?

— Nada por agora...

— Ah! Sim?!...

— Tenho a impressão que as coisas vão mal.

— Melhor para nós, Lena!

A enteada ficou impávida, pestanejando, com um tic nervoso na face.

De ombros curvados saiu para o jardim a ver o filho e pegou nele ao colo, apertando-o contra o peito e caminhando firme, como um autómato. Ao fundo da carreira, encostou-se ao portão, sem ver nada, sem reagir.

Quando voltou, tinha terminado a reunião.

Luís conversava com Dr. Brito e aparentava serenidade. Conseguiu mesmo rir-se das caras dos Bancários, para encobrir o que lhe ia na alma. Só Dr. Brito não perdera a esperança optimista de, apesar de tudo, vencer a borrasca.

Seguiram-se dias terríveis, de um sofrimento atroz. Cada qual procurava manter-se dentro de si próprio como num cofre fechado, sem esperança de alívio e sob pressão.

O carinho mútuo em nada modificava os pensamentos...

Já quase perdiam o equilíbrio dos nervos quando, três semanas após a conferência, veio telegrama de Lisboa negando o pedido.

Dr. Brito, principalmente, sentiu-se como que fulminado, pois julgava ter alguma influência na direcção do Banco. A perda do Súmi representava a derrocada de todos os sonhos e do trabalho gigantesco dele, do genro, e de todo o pessoal, em perto de dez anos!

— As más acções podem espiar-se, mas nunca se remediavam — disse o Dr. E quem sofre é sempre o povo.

Tinha remorsos de ter exigido a formação da empresa comercial. Se tivessem ficado só com as fazendas, como aconselhara o genro, nunca chegariam àquela situação.

Luís quis voltar imediatamente para a Fazenda. Tinha que expor a situação aos empregados e pediu de novo a Lena que ficasse com os pais. Precisava de se poupar...

Recusou.

— Ninguém como eu sabe o que nos pertence e, além disso, há pequeninos nadas que só uma mulher pode ver e

empacotar. Porque insistes? Se tens coragem, eu também a tenho. O amor sincero torna as dores menos agudas e a vontade mais forte.

Pela primeira vez, separou-se do filho.

Ao avistar a serra do Súmi, não escondeu a emoção.

Lágrimas caíam-lhe pela cara sem querer. Por mais que as limpasse, teimavam.

Grandes troços de terreno estavam destroncados e prontos a receberem as charruas. Estendiam-se por um lado e outro da estrada e o café rodeava até ao fim os dois morros, enquanto o laranjal seguia mesmo junto à poça.

Luís de Lemos nem reparou nos trabalhos e Constantino, um pouco desiludido, apontou-lhos quando chegaram à varanda da residência.

— Olhe, Constantino, disse com certa tristeza, encarrego-o de chamar todos os empregados ao escritório o mais depressa possível.

— Alguma coisa má?

— Depois lhe direi. Reúna-os!

Pela tarde, vieram à frente dos patrões, sorridentes e desbarretados. Luís expôs-lhes a situação.

Estava perdida a Fazenda e ele próprio tomaria novo rumo. Prevendo aquele desfecho, pedira um posto ao Governo e fora nomeado para Quilengues ...

Lena, que de nada sabia, fixou-o espantada e ele acrescentou:

— Nem minha mulher sabia do segredo. Agora, que fazer? Não tenho dinheiro para vos pagar os ordenados em atraso e os vossos créditos. Mas estejam descansados. Nada perderão. É de lei. Portanto, escolham o que quiserem antes de entregar a Fazenda ao Banco; gado, ferramentas, máquinas, etc ... Cobrai-vos por vossas próprias mãos.

Constantino, Lopes, o Pereira da loja, que substituíra

Torres, e os capatazes e mestres ouviram-no em silêncio e ficaram cabisbaixos.

— Temos pena, Patrão! — disse Constantino. Tudo corre mal. Até o boi de raça morreu de repente na sua ausência.

Luís apertou-lhes as mãos demoradamente, um a um, e agradeceu a boa colaboração que lhe tinham dado. Sentia-se comovido com a amizade daqueles homens rudes, muitas vezes violentos, mas bons, e, nesse momento, em que precisava de todas as forças para não cair no desespero, essa amizade reconfortou-o.

Foi quase preciso empurrá-los para que deixassem os donos da casa sòzinhos.

— Pensem até amanhã e venham cá pelas onze horas! — disse por fim.

Ambos, à porta da residência, pareciam duas estátuas; pálidos, com o corpo erecto, olhando aqueles leais servidores, que se afastavam curvados.

Lena e, sobretudo, Luís Miguel tinham trabalhado insana-mente desde a véspera.

Roupas, louças, copos, cristais e livros, tudo estava encaixotado e emalado.

Mas mesmo assim!

Faltava ainda muita coisa que tinham adquirido nos últimos anos, com as economias de Lena para, pouco a pouco, aconchegar melhor o lar.

Sentada sobre uma almofada, encostou-se a um cadeirão, descansando alguns momentos, mas o companheiro continuou a faina.

A volta, parecia uma feira: montes de palha, caixotes uns por cima dos outros, papéis, pastas, cadeiras amarradas ...

— Sabes, Luís, fui tão feliz contigo, aqui! Nada mais desejaria na vida do que ficar nesta terra!

— A felicidade não depende do lugar onde estamos. Está dentro de nós!

Lena calou-se. Sentia-se desesperada por dentro. E com tamanha dor! Mas não queria fazê-lo sofrer mais do que já sofria, sem se lamentar sequer. Precisava de ser forte e encarar as coisas com realidade.

De resto, sabia-se lá se não seria melhor ser independente? A vida oficial tinha muitas vantagens e, pelo menos,

posição mais elevada no mundo. Ali, tinha sido simplesmente uma cafusa.

Luís abriu-se:

— Lena, quando traçamos um caminho, já não há perigo de nos perdermos, porque todas as nossas forças morais nos impelem para um fim em vista. O perigo é quando, desesperados, hesitamos no rumo a tomar.

— Tens razão. O desespero é mau conselheiro e leva à fatalidade. Quem me dera não olhar para trás! A ideia de que o nosso trabalho está perdido, enche-me de tristeza.

— Não, não será tudo em vão. Alguma coisa do nosso esforço fica à face da terra. Outros virão atrás de nós continuar ou reconstruir a fazenda que deixamos no meio do mato. Quem vai sofrer mais são certamente os pretos, porque perdem a nossa ajuda.

Por momentos, silenciaram.

Para quê pensar? Para quê fazer projectos? Para quê? — pensou Lena.

— Sabes, Luís? Já não tenho esperança ... Vamos de mãos vazias para um futuro incerto? Que importa? Estarei perto de ti ... A esperança voltará mais tarde quando a dor abrandar, não é?

Não respondeu. Era mais animoso do que ela.

Depois, erguendo-se lentamente, recomeçou a empacotar. Como pesava o silêncio! Era chumbo.

— Leva tanto tempo a encher uma casa! — exclamou ela, por fim, sem se poder conter. — Mas para desfazê-la bastam poucos dias! ... E, deixa-me dizer-te, a casa é qualquer coisa que faz parte de nós próprios e onde se impregna toda a nossa sensibilidade. Um pouco da minha alma fica agarrada a estas paredes ...

Luís sorriu-se:

— Se deixas um pedaço de ti por todos os lugares onde passarmos ... desapareces. Mas compreendo-te ...

— Não, tu não compreendes bem ... És homem e para os homens o que conta é a luta pela vida, a mulher e os filhos. A casa é coisa secundária e os pequeninos nada que nos fazem felizes, vocês quase nem os vêem.

— Se uma se perde, faremos outra ainda mais bonita!

— Não poderei esquecer o Súmi. Tenho-o gravado cá dentro! Agora que já tínhamos experiência, é que nos tiram tudo! ...

Luís ergueu-a:

— Sê corajosa, Lena! Precisamos de todas as nossas energias para vencer ... Ou julgas que não soffro?

Depois do almoço, servido na varanda, ficaram-se a olhar para os campos abandonados e para o casario em volta do terreiro quase vazio.

— É enorme, o terreiro! — disse Lena. Enorme! Lembra um campo de batalha ... E que batalha!

O Cunhungâmua e o Curimahala continuavam correndo e coleando para o Cunene. Adivinhavam-se, que não se viam, de tal maneira os canaviais estavam altos. E todos verdes ... de um verde macio de prado ...

As águas tinham baixado muito e uma leve bruma erguia-se das lagoas ... tristonha e enigmática ...

Oh! Aquele silêncio dos campos! Parecia um pesadelo ...

— Não é que a felicidade não dura muito, Luís? A vida é negra e feroz ... e ataca-nos por todos os lados. Até tenho medo de te perder ...

Ele pegou-lhe nas mãos. Estremeceu. Sentia pular a criança dentro do ventre. Tantas lembranças naquela varanda! Tantas! E por toda a parte, em todos os cantos ... Pobre filhinho querido ... que nascia no meio das maiores angústias!

— É sempre assim. Possuímos qualquer coisa só para a perdermos. E o perder é que dói. Dói muito ... Lena! Mais vale não ter nada. Para quê? Nem a posse é eterna ...



O silêncio de Lena indicava a sua luta interior e Luís Miguel insistiu:

— Vais ver que tudo correrá bem! A vida de Chefe de Posto, que já levei com teu irmão, também me agrada. Em pouco tempo, estarei Secretário de Administração... E olha, eles ficam com a terra, mas a terra sem amor não se torna fecunda. Aí é que está! Não é só de dinheiro que precisa. Os que lhe não têm afeição fazem dela um negócio. Só negócio. Calculado, frio e cheio de ambições. Mesmo que esmague alguém ou faça correr sangue das veias... não se importam.

Havia agora multidão de gente no terreiro e Luís observava-os com estranheza.

— Não são só os empregados superiores... Que diabo estarão a fazer?

Encaminharam-se, depois, para a avenida que subia até à residência.

— Vamos esperá-los no escritório, queres? E se tu fosses descansar um pouco, diz?

— Não! Fico ao pé de ti. Seja o que for que eles exijam, nesta altura o meu lugar é sempre a teu lado.

Esperaram serenamente e o grupo não levou muito tempo a chegar. Era realmente multidão de gente. Constantino pediu licença para entrar.

Lena olhava-os um por um, àqueles nobres companheiros dos dias alegres. Constantino e Lopes, Águas e Pereira, o da loja, Capusso, Manuel e todos os carreiros, charruadores e chusma de homens lá fora...

A eles se juntaram João Cozinheiro, Barraca e Ventura.

Vinham também homens do quimbo, séculos e serviços, cabisbaixos, tristes. E Sacoíota, o chefe.

Falou primeiro Constantino, torcendo o chapéu nas mãos.

— Agradecemos muito a lealdade do Senhor em não nos querer prejudicar. Olhou para os outros meio atrapalhado, mas depois ergueu a cabeça e continuou:

Juntámo-nos todos, os homens e os pretos, e combinámos vir aqui dizer-lhe que pomos tudo o que temos à sua disposição para fazer outra Fazenda. Não queremos sair de ao pé de si e da sua senhora, que sempre foi boa para todos. Trabalharemos unidos e, de princípio, nós os brancos não queremos ordenado. Só comida.

— Pense bem, patrão — acrescentou Lopes — e, se o senhor souber que há uma terra livre, vamos para lá.

Lena chorava baixinho e Luís, mascando em seco e com a voz embargada, só lhes disse:

— Obrigado por tanta consideração! Obrigado, meus amigos!

Naquele momento, nem que quisesse não poderia expandir-se muito.

Continuou, após alguns momentos de silêncio:

— Preciso de me acalmar e ver o caminho a seguir em face da vossa proposta. Mas, seja qual for a decisão que tome, jamais esquecerei este gesto de grande dedicação. Além disso, quero consultar Dr. Brito...

Abraçou-os a todos, brancos e pretos.

Depois, ao ver avançar Sacoíota, ficou perplexo.

— Eu, sem ti, não fico a governar o meu povo, Luigi! Os ventos agora são maus; ninguém obedece... — disse em quimbundo.

Luís Miguel estendeu-lhe ambas as mãos.

— Tens sangue de soba. Não podes abandonar a tua gente. Que seria dela se te fosses embora? Ajuda-a e ensina-a. Essa é a tua missão.

Abraçou-o também.

— Uma boa amizade nunca se esquece, ouviste? E tens a felicidade aqui, na tua terra. Não podes ir comigo. Se fores, és covarde!

João Cozinheiro, Ventura e Barraca entraram depois. Lá

fora, estavam os trabalhadores vozeando. O velho passou por eles de cabeça baixa.

— Olha, patrão, nós vai com você!

— E as vossas mulheres, os vossos arimos e as vossas cubatas e animais?

— Vende tudo. Mulher fica si quéri. Não farta mulher no outro terra. Patrão Luigi, nós num fica, não!

— Está bem! Se eu for, quem quiser ir comigo, vai! Faltam alguns dias para a partida... Até lá, pensem e resolvam o que for melhor para vocês. Não quero prejudicar a vida de ninguém...

la-os empurrando para o jardim e, à porta, acenou aos outros.

Barraca e João Cozinheiro explicaram em altos berros:

— Vai todos com o patrão! Nós vai todos, hein?

Lena não se conteve. Atirou-se para a cadeira de braços soluçando e Luís Miguel saiu através do jardim para a frente da casa, caminhando em passadas largas até à poça.

Ali, parou, perto da campa coberta de pedrouços onde Januário estivera enterrado e que uma grande cruz assinalava, sem pensar, sem ver, sem mesmo sentir. Alguma coisa de grande esmagava o seu coração e se partia dentro dele... Era daquele fraternal testemunho de gratidão.

Dias agitados se seguiram.

Já ninguém discutia sobre o que ficava. Só falavam na futura fazenda... porque Luís Miguel, após consulta a Benguela, resolveu ir para umas terras abandonadas da Hanha.

Fizera dos empregados sócios e dos trabalhadores interessados, com ordenado.

O que mais afligia Lena era que ninguém já se importava de abandonar aquela linda propriedade... Havia até pressa de partir, como se quisessem alijar um fardo. E faziam-se projectos sobre projectos...

Como é que os homens se despegam assim tão facilmente das coisas?

E tinham ajudado a fazer a fazenda... Esqueceriam o que tinham trabalhado para a pôr bonita?...

Corria voz que vinha um Governo bom. Acabaria com todas as injustiças e dificuldades...

Seria verdade?

Quem acreditava?

Poderia a futura fazenda vir a ser mais rica e de melhor solo... Talvez... Mas jamais Lena sentiria por ela o mesmo apego e a mesma paixão como pelo Súmi.

Amava profundamente aquela argila. Enchera-lhe o coração e a alma de esperanças... Os homens eram bem diferentes!... Até seu marido. Na luta, calcavam tudo. Só queriam vencer.

Que lhe importava a ela, agora, o futuro? Uma indiferença enorme pelo que viesse a acontecer invadira-lhe a alma. Seria do individualismo que leva à revolta e da revolta à passividade? Sentia-se morta por dentro. Completamente morta.

Cada família foi partindo e levando o que era seu para a terra prometida. Parecia uma migração... Como a dos judeus para o Egito no tempo dos faraós e da fome; com rebanhos e manadas, bicuatas, mulheres, velhos e crianças... E teriam que andar duas centenas de quilómetros a pé ou de carro boer... Só Ventura quisera ficar. Ia cozer pão para a Caála e estava tristonho.

Alguns foram de comboio e despacharam os haveres.

Na manhã da última debandada, Lena levantou-se cedo e, ajudada pela Chica, arrumou a casa de ponta a ponta.

Sem cortinas, sem quadros, plantas ou flores e aliviada dos móveis particulares, a casa parecia nua. Nua, mesmo, como uma mulher velha mostrando as fealdades...

Depois, saiu até ao cafezal e ficou paralisada.

Pela primeira vez, os cafezeiros estavam cobertinhos de flores brancas, muito mimosas.

Parecia que tinha caído neve.

Diante daquele espectáculo maravilhoso, os seus olhos choraram.

Que lindas as bananeiras crescendo em tufos e abrindo!... Banana prata, banana ouro, banana maçã e roxa. E o renque de amoreiras, perto do muro do jardim? Tinha as folhas maiores, mais tenras e envernizadas! Os ramos vergavam cheios de frutos vermelhos e pássaros chilreando picavam-nos.

Tudo tão passivo! Tão belo!

Só no seu peito havia agitação.

— Há horas na vida de tão grande sofrimento que devem fazer com que Deus perdoe aos pecadores as maiores culpas. No desespero, só desejamos, muitas vezes, não pensar e até morrer... Afundamo-nos num mar escuro de sargaços e só uma maré viva cheia de cólera nos pode atirar para a praia da salvação.

Ficou parada diante das lindas florinhas brancas.

— Que pena, meu Deus! Que pena! Temos outro destino... Se o não tivéssemos, seria pior, não é? Um ser sem destino é como a folha que cai e o vento redemoinha, arrasta e leva pelo ar... Há outros que estão em muito piores circunstâncias!

Não quis mostrar o seu desespero ao companheiro e passou por trás dos galinheiros para o laranjal. Aí, foi outra surpresa. As primeiras laranjeiras também tinham florido para a despedida.

Agarrou-se ao tronco de uma delas, apalpando-a.

Ah! Jamais, jamais aquela imagem das flores perfumadas lhe sairia do cérebro! Jamais!

Depois, abaixou-se e arranhou a terra com as unhas. Terra do Súmi, do Catenguenha... terra bendita! Já não era

dor o que sentia, mas uma raiva surda contra os homens do dinheiro. Para que serve ele então a muita gente? Só para fazer mal e esmagar os outros? Porque não nos deixaram ficar? Porquê? Pensarão que ganham mais vendendo a propriedade, lágrimas e dores, do que os juros a longo prazo? Oh! o dinheiro. Maldito dinheiro!

Não podia chorar e ter alívio. A dor secara as lágrimas.

Em breve, o mato, deixado livre, galgaria e abafaria aquela beleza. Podia vingar-se à vontade dos violadores da selva... Vingar-se das enxadas e vingar-se dela, que a cavara com as próprias mãos. Quem de futuro passasse por ali saberia, por acaso, avaliar quanto custa fazer do mato um jardim? As ervas até as pegadas dos homens e os sulcos dos carros cobririam.

Oh! queremos dominar o solo e dele sermos reis e senhores, mas nem o solo se entrega, nem o vencemos. É uma luta titânica de toda a vida e através dos séculos. Sempre as criaturas a trabalharem com o enxadão e ele, ajudado por todos os elementos da Natureza, a desprender-se da sua vontade e a fazer negações. Quando chegam a dominá-lo, alindam-no e dão-lhe tudo quanto têm em dinheiro e sonho, mas — ai dos sonhadores, ai deles! — que serão vencidos na luta, porque a terra é eterna e as pessoas morrem.

Parecia-lhe que as árvores se riam, satisfeitas por ficarem em campo livre.

Luís Miguel encontrou-a de olhos enxutos e parados. Chorava por dentro, impassível, sem se mexer.

Então que é isso, Lena! Não chores! — disse-lhe a quebrar o silêncio.

— Vês lágrimas nas minhas faces? — fixou-o sorrindo — Olha as flores!

— Já vi... Mas faz-se tarde! Coragem!...

Passou-lhe o braço pelos ombros, amparando-a.

Desceram pela avenida até à estrada onde o carrito, uma

aranha puxada a quatro bois, os esperava. Havia rosas de um lado e do outro. Rosas brancas, amarelas, vermelhas ...

A vida não se reconstrói facilmente. Os sonhos sim ... — pensou Lena.

Vira, havia anos, uma criança a morrer e a pedir à mãe que a levasse para casa. Ainda sonhava. Sonhou até ao fim. «Vamos para casa! Vamos para casa!» — dizia ela. E atirava-se com toda a força do delírio para fora da cama. O sonho era o lar ... a felicidade completamente perdida ...

— Nós estamos bem vivos, somos novos, podemos continuar a caminhar ...

Saciotota e Ventura esperavam-nos na estrada. Alguns séculos também. Em silêncio, Luís Miguel sacudiu a mão de Saciotota e saltou para a boleia, ajudando Lena a subir. Constantino ia atrás com o menino e Chica; Lopes a cavalo.

— Os outros já foram?

— Já seguiu tudo ...

— As chaves da casa e das dependências? — perguntou Constantino.

— Tenho-as no bolso — respondeu Luís de Lemos.

Ventura trotava ao lado dos bois.

No alto do Atena, pôs-se a barregar: — Hanau<sup>1</sup> Hanau!

— Sim, pára só um bocadinho! — disse Lena — quero ainda ver a Fazenda! Uma última vez! Peço-te!

Lá estavam os dois morros do Catenguenha, dois guardiões; a residência no sopé; por trás, a serra do Súmi, a samba do jardim, a varanda, campos e campos amansados, o vasto terreiro, com as construções em volta e o céu risonho muito azul ...

Um halo derramado à flor da terra encobria a horta, o

riacho e o moinho. Sentiu uma sensação de ânsia, de aperto e de derrota ...

Como era grande o terreiro! ...

Lembrou-se da mulher de Irunga e de Cambilhete ... Onde estariam eles?

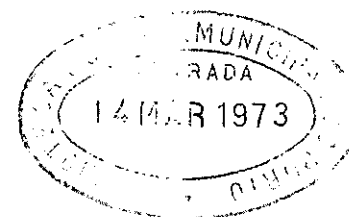
— Adeus! Nunca mais verei isto! Nunca mais! — disse baixinho.

Luís de Lemos virou-se bruscamente, estalidando o chicote.

— Toca os macoices mais depressa, rapaz.

Então, o Frente puxou pela soga e pôs-se a correr e Ventura, no meio da estrada, acenava com os dois braços, chorando e gritando: — Uendapi<sup>1</sup>? Uendapi? Uendapi, patrão Luigi?

E tudo desapareceu para sempre na volta da estrada ... Para sempre!...



<sup>1</sup> Uendapi — Onde vais?

<sup>1</sup> Hanau! — pára.

Acabou de se imprimir  
no dia 16 de Dezembro de 1972,  
nas oficinas gráficas  
da Livraria Editora Pax, Lda.,  
Rua do Souto, 73-77  
Braga (Portugal)

**Edição n.º 178**

nal, dum alto valor literário e  
dum raro valor humano.

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

Merece referência especial a  
bela evocação de Guilhermina de  
Azeredo, onde há períodos dignos  
de uma antologia africana. Os  
tipos indígenas bem focados reve-  
lam as qualidades de observação  
e de descrição da autora. Em todo  
o caso os nossos parabéns ao  
*«Mundo Português»* por ter tal  
colaboradora. Crítica aos contos  
de *« Pretos e Brancos »*.

Do *«Jornal Guardian»*  
Moçambique

OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

FEITIÇOS (Prémio da Agência  
Geral das Colónias).

PRETOS E BRANCOS (Prémio  
Fernão Mendes Pinto, da  
Agência Geral do Ultramar).

MULATA (romance inédito).

ESCRAVOS DO CALÇO (contos  
durienses).